ATALIBA T. DE CASTILHO

A PREDICAÇÃO ADVERBIAL NO PORTUGUES FALADO

Tese apresentada ao Concurso de Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO
1993

Para Carlos Franchi,
com um pedido de
leitura crítica, cor-
dialmente,
[illegible]
1994

À memória de meus pais,

Profa. Edith T. de Castilho (1912-1992)
Luiz Antônio de Castilho (1914-1992)

SUMÁRIO

Introdução ..... I-VII

Cap. I - Problemas de Descrição da Língua Falada..... 1

I.0 - A Língua como um conjunto de sistemas
I.1 - A Língua falada como objeto científico
I.2 - Características gerais da língua falada
I.3 - Língua falada como construção
I.4 - Língua falada como reconstrução
I.5 - Língua falada como descontinuação

Cap. II - A Predicação Adverbial..... 66

II.1 - O Problema: o advérbio como classe polifuncional
II.2 - O Ponto de Vista: a Sintaxe Funcional
II.3 - A Proposta: a predicação adverbial
II.4 - O Plano de pesquisas
II.5 - O Corpus de análise

Cap. III - A Predicação Adverbial Modalizadora 114

III.0 - A Modalização
III.1 - Modalizadores Epistêmicos
III.2 - Modalizadores Deônticos
III.3 - Modalizadores Pragmáticos

Cap. IV - A Predicação Adverbial Quantificadora..... 155

IV.0 - A Quantificação
IV.1 - Quantificadores Aspectualizadores
IV.2 - Quantificadores Delimitadores

Cap. V - A Predicação Adverbial Qualificadora..... 192

V.0 - A Qualificação
V.I - Qualificadores Quase-Argumentais
V.2 - Qualificadores Graduadores
V.3 - Qualificadores Aspectualizadores
V.4 - Qualificadores Aproximadores
V.5 - Qualificadores Confirmadores

Primeiras Conclusões 245

Referências Bibliográficas..... 253

INTRODUÇÃO

A partir de 1970, linguistas das Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Porto Alegre, e da Universidade de São Paulo, decidiram integrar-se num projeto hispano-americano, iniciado quatro anos antes sob a liderança do Prof. Juan M. Lope Blanch, do Colegio de México. O objetivo maior desse projeto era documentar e descrever a modalidade culta do espanhol e do português falado em cidades capitais, promovendo uma comparação entre as variedades regionais dessas línguas, no espaço da România Nova. Esse projeto viria a ser conhecido entre nós por "NURC/BR", isto é, Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta Falada no Brasil.

A partir de 1978, as equipes brasileiras deram início às análises fonológicas, gramaticais e lexicológicas dos dados recolhidos, valendo-se do instrumento de trabalho previsto pelo Projeto NURC, ou então seguindo trilhas próprias. Para a história desse projeto, o levantamento de sua produção e uma coletânea de alguns desses estudos, v. Castilho 1990 e Castilho Org. 1990.

Por volta de 1987, a intensa atividade de gravação de entrevistas, transcrição e publicação das amostras do Projeto NURC/SP, coordenado na Universidade de Sao Paulo pelos Profs. Isaac Nicolau Salum, Ataliba T. de Castilho e Dino Preti, e ainda a utilização dos acervos do projeto mais amplo nas cidades envolvidas, tinham suscitado duas direções de pesquisas sobre o português culto falado no Brasil: a Análise da Conversação e a Gramática do Português Falado.

As pesquisas em Análise da Conversação (e também em Linguística do Texto) surgiram graças aos esforços das equipes de Recife e de São Paulo, lideradas respectivamente por Luiz Antonio Marcuschi e Dino Preti: Marcuschi 1986, Preti-Urbano Orgs. 1990.

As pesquisas em Gramática, vale dizer, aquelas voltadas para a descrição da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e do Léxico do Português Culto, foram afetadas por um embaraço constante: o Guia-Questionário, que é o instrumento pactuado para essas

análises, não dispunha de uma hipótese sobre a língua falada, e abrigava diferentes teorias descritivas, muitas vezes conflitantes, o que punha em risco a consistência das análises e o objetivo comum de estabelecer comparações entre as variedades geográficas do espanhol e do português da América.

Comecei a discutir esse problema a partir de 1981, com particular atenção às análises já então produzidas sobre o verbo, e passei a buscar alternativas que preservassem com eficiência os objetivos originais do Projeto NURC. Considerei a natureza do riquíssimo material recolhido, e ensaiei algumas descrições alternativas, concentrando-me no estudo do artigo definido e das unidades discursivas, buscando sempre aproximações entre a análise conversacional e a análise gramatical: Castilho 1981, 1982, 1983, 1989a, 1989b.

Era necessário, de todo modo, acelerar as análises gramaticais a partir de outras perspectivas, e compartilhar com gente experimentada as possibilidades de buscar esse novo caminho. Aceitei então um convite formulado pela Profa. Maria Helena Moura Neves, que coordenava o Grupo de Trabalho "Descrição do Português", da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, e apresentei no II Encontro Nacional dessa entidade (Rio de Janeiro, UFRJ, 1987) uma proposta para a preparação coletiva de uma gramática de referência do português fala-

do, com base nos materiais do Projeto NURC/Brasil.

O novo projeto, denominado "Projeto de Gramática do Português Falado" (PGPF), teve uma forte acolhida, e já no ano seguinte, por ocasião de seu I Seminário, vinte e cinco reputados pesquisadores tinham aderido a ele. Hoje, seis seminários após aquele, somos trinta e sete esquisadores, filiados a doze universidades do país, e organizados pelos seguintes Grupos de Trabalho, sob minha coordenação geral:

Fonética e Fonologia: Maria Bernadete Abaurre (Coordenadora), João Antonio de Moraes, Luiz Carlos Cagliari, Leda Bisol, Dinah I. Callou e Yonne Leite.

Morfologia: Margarida Basílio (Coordenadora), Léa Gamarski, Odette G.L.A.S. Campos, Angela Rodrigues, Antonio José Sandmann e Paulo Galembeck.

Sintaxe I: as classes de palavras: Rodolfo Ilari (Coordenador), Maria Helena Moura Neves, Carlos Franchi, Ataliba T. de Castilho, Célia Maria Moraes de Castilho, Marco Antonio de Oliveira, Sírio Possenti, Erotilde Pizzati e Roberto Camacho.

Sintaxe II: Mary Kato (Coordenadora), Fernando Tarallo (falecido em 1992), Mílton do Nascimento, Maria Luiza Braga,

Charlotte Galves, Dercir Pedro de Oliveira, Célia T.G. de Oliveira, Giselle Machline de Oliveira e Michael Dillinger.

Organização Textual-Interativa: Ingedore G.V. Koch (Coordenadora), Luiz Antonio Marcuschi, Hudinílson Urbano, Leonor Lopes Fávero, Clélia Jubran, Mercedes S. Risso, Luiz Carlos Travaglia, José Gaston Hilgert e Maria Cecília Silva.

Cada Grupo de Trabalho organizou uma agenda de pesquisas, cujos resultados são discutidos nos seminários anuais. Para assegurar a continuidade do debate teórico e a manutenção do objetivo comum, foi escolhido o Prof. Mílton do Nascimento para Assessor Acadêmico. Os textos assim escritos são editados numa série própria, intitulada Gramática do Português Falado, publicada pela Editora da UNICAMP. Três volumes saíram até aqui: Castilho Org. 1990, Ilari Org. 1992, Basílio Org. 1993. Tanto os seminários quanto essa série vêm sendo financiados pela FAPESP. Os pesquisadores têm mantido contacto com grupos que no Exterior vêm trabalhando em teoria gramatical e/ou em projetos semelhantes: Claire Blanche-Benveniste (França), Randolph Quirk e Sidney Greenbaum (Inglaterra), Giampaolo Salvi (Itália), entre outros. Anuncia-se para este ano a instalação de projeto assemelhado em Portugal, graças à iniciativa da Profa. Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, do Centro de Estudos Linguísticos de Lisboa. Por fim, lembre-se que os pesquisadores vêm associando alunos da graduação

e da pós-graduação ao seu trabalho, contribuindo assim para uma forte ativação das pesquisas gramaticais em nossas universidades.

O plano prevê a preparação de estudos parcelares entre 1988 e 1994. Em 1995 uma comissão deverá consolidar esses estudos na gramática propriamente dita, cuja primeira versão tomará estudantes e professores universitários como seu público-alvo.

O Grupo de Trabalho em que me integrei discutiu entre 1988 e 1990 a classe dos Advérbios. Esta tese é uma retomada dessas discussões, beneficiando-se também do que se descobriu com respeito aos Adjetivos, classe ora sob estudo. Isto significa que seus eventuais méritos devem ser creditados à maneira coletiva de produzir conhecimento científico, ficando à minha responsabilidade os erros na execução desse plano.

No Cap. I discuto o problema da descrição da língua falada. No Cap. II trato do problema dos advérbios predicativos, discuto o ponto de vista teórico selecionado e apresento o plano de descrição que levarei em conta. Nos Caps. III, IV e V descrevo os Advérbios Modalizadores, os Quantificadores e os Qualificadores. As Primeiras Conclusões e as Referências Bibliográficas encerram o texto.

Quero agradecer a Rodolfo Ilari e a Giampaolo Salvi, que tiveram a benevolência de discutir versões anteriores de alguns dos capítulos desta tese, particularmente ao primeiro desses Colegas. Agradeço igualmente à FAPESP pelo continuado apoio ao Projeto NURC/SP e ao PGPF, e pela concessão de uma bolsa de pós-doutoramento em Aix-en-Provence, em 1990. Finalmente, agradeço ao CNPq pela concessão de uma bolsa de pesquisador (Proc. 306319/88-8), a qual assegurou as condições para a redação desta tese.

CAPÍTULO I - PROBLEMAS DE DESCRIÇÃO DA LINGUA FALADA

O OBJETO

Trato neste capítulo da língua como um conjunto de sistemas, e apresento em seguida algumas questões de interesse para um programa de descrição gramatical da língua falada: (1) a língua falada como objeto científico, (2) características gerais da língua falada, (3) a língua falada como construção, (4) a língua falada como reconstrução e (5) a língua falada como descontinuação. Cerram o capítulo algumas indagações ainda muito iniciais a respeito do impacto da descrição da língua falada sobre a teoria gramatical.

* temos os processos pragmáticos
de cultivo híbrido;
cf. pg. 122
147

I.0 - A LÍNGUA COMO UM CONJUNTO DE SISTEMAS

Pg. 87
Pg. 94
Pg 98

Vou admitir com Franchi 1976, 1991 que a língua se compõe de três sistemas, o sistema semântico, o sistema sintático, e o sistema discursivo, todos eles articulados pelo léxico.

O sistema semântico, conceitual ou nocional compreende dois sub-sistemas: o predicativo-descritivo e o dêitico-referencial.

O sistema sintático compreende os sub-sistemas categorial, argumental, o de relações gramaticais, o de processos e transformações, o de casos sintáticos, etc.

O sistema discursivo abriga as negociações intersubjetivas que fazem da língua um contrato social. Franchi insiste em que não há relações de determinação entre esses sistemas, que estão apenas associados, devendo ser concebidos de tal forma que se preserve a existência autônoma de cada um.

Dando ao sistema discursivo de Franchi a denominação vaga, ainda que cômoda, de Pragmática, pode-se reconhecer que a Semântica, a Sintaxe e a Pragmática refletem a enorme complexidade do fenômeno linguístico - retoma-se, com isto, a conhecida divisão proposta por Morris 1938. Através dessas grandes disciplinas, a Linguísti-

ca procura dar conta dessa complexidade. Por isso mesmo, elas se constituem nas áreas de atuação centrais do debate linguístico contemporâneo.

É habitual reconhecer a existência de duas fases constitutivas da linguagem: uma fase de planejamento, ou fase cognitiva, na qual o falante se serve dos sistemas semântico e pragmático, e uma fase de execução, na qual o falante se vale do sistema sintático e de sua interpretação fonológica.

Na fase do planejamento, o falante analisa as condições discursivas em que está envolvido e configura os atos de fala que serão verbalizados. Depois, ele "semanticiza" a mensagem assim constituída, especificando os sentidos e as significações requeridas, valendo-se de seu repertório lexical e acionando as regras de gramática implícita adquiridas na infância e desenvolvidas pela vida a fora. Neste ponto, estou fazendo uma leitura pessoal do sistema semântico proposto por Franchi, e afirmando que o sub-sistema dêitico-referencial, codificado na língua pelos itens lexicais isoladamente considerados, configura o problema do <u>significado</u>, ao passo que o sub-sistema predicativo-descritivo, codificado obviamente pelas combinações dos itens lexicais, configura o problema da <u>significação</u>. Em suma, ao planejar seus atos de fala, o locutor processa as possibilidades que lhe são dadas pela Pragmática (sistema discursivo) e pela Semântica (sistema conceitual) de sua língua, estabelecendo neste último caso os significados e as significações que serão veiculadas. Ele ingressa, assim, na fase de execução linguís-

tica, ou fase da codificação gramatical, selecionando e combinando os itens lexicais (sistema sintático), dando-lhes, finalmente, uma representação morfofonológica.

Esquematizando e simplificando um pouco as coisas, direi que a fase pragmática e semântica é privilegiada pelas teorias que partem de uma concepção social-funcional da língua, ao passo que a fase de execução léxico-sintática é enfatizada pelas teorias que partem de uma concepção estrutural da língua. Os sistemas das línguas naturais, suas fases de constituição e linhas de interpretação teórica poderiam então ser assim representados:

PLANEJAMENTO *EXECUçAO*

Pragmática -------> Semântica -----> Morfossintaxe--> Fonologia

Concepção da língua como uma atividade social

Concepção da língua como uma estrutura

Reconheço que um programa de estudos que levasse em conta unicamente os significados e as significações ficaria incompleto, se por significações entendêssemos apenas os conceitos resultantes da combinação de itens lexicais. Tal visão importaria numa separação muito forte entre Semântica e Pragmática, empresa difícil de sustentar-se, visto que estariam sendo descartadas as significações cria-

das nas situações de fala, isto é, as significações geradas no espaço que medeia entre o falante e os signos linguísticos.

A este respeito, as observações de Dascal 1986 serão da maior importância. Adaptando ligeiramente suas idéias, vou sustentar que, quando falamos, concentramos as nossas intenções comunicativas em três camadas diferentes: a camada proposiconal, a camada modal e a camada pragmática. E como essas camadas são sobrepostas, Dascal resolveu denominar sua proposta de "teoria da língua-cebola".

Na camada proposicional as significações são geradas pela relação sujeito-predicado. Conforme aponta Ilari 1986, tais significações decorrem de duas operações semânticas, representadas por ele através dos predicadores "falar de" (isto é, selecionar o Tema) e "falar que" (isto é, formular uma declaração a partir do Tema, produzindo o Rema). Desde logo se observa que na camada proposicional se agregam o significado do item que funciona como sujeito e a significado do item que funciona como predicado.

As significações concentradas na camada modal decorrem das avaliações que o falante promove a respeito do que ele fez constar na camada proposicional. Ele pode considerar a proposição como um conhecimento ou uma crença, como uma obrigação ou uma permissão, em face de que ele expressará suas emoções, as suas expectativas. Mas as avaliações podem também dizer respeito à forma escolhida para representar a significação proposicional. Como terei ocasião de demonstrar no Cap. III desta tese, as significações modais, mesmo

separadas pela tradição e por esta proposta de Dascal, representam na verdade uma predicação de segunda ordem, e não uma significação diferenciada. Se este raciocínio estiver correto, a cebola dascaliana terá uma camada a menos. Entretanto, há interesse em manter parte do esquema de Dascal por uma questão de ordem metodológica, visto que dessa forma se podem examinar as predicações que ocorrem no interior da sentença, e depois as predicações desencadeadas de fora da sentença.

Nas duas camadas interiores da "língua-cebola", as significações inscrevem-se nas formas linguísticas lexicais e sentenciais. Já na camada pragmática, as significações são engendradas no espaço que se abre entre os falantes e as formas linguísticas, isto é, no espaço do discurso - ou "no intervalo", como diria Vogt 1977. Esse espaço compreende as molduras dentro das quais os falantes se encaixam, as inferências e as pressuposições que percorrem a interlocução, as relações de simetria ou de assimetria entre locutor e interlocutor, etc. Ora, a Pragmática tem sido sempre descrita como um estudo dos usos da linguagem, e Dascal alerta para o fato de que por "uso" tem-se entendido invariavelmente a função comunicativa da língua. Ele argumenta que

> *"é necessário admitir que a linguagem, tanto quanto outros sistemas semióticos, têm outro tipo fundamental de uso, o qual poderia ser mais ou menos descrito como 'mental'": Dascal 1984: 1120.*

Com isto, há duas vertentes dos usos pragmáticos da língua, uma vertente social (donde a Sociopragmática) e uma vertente individual (donde a Psicopragmática). Estudos etnográficos e sociológicos das variedades linguísticas integram uma indagação sociopragmática da língua. Mas estudos sobre a linguagem nos sonhos, a linguagem do pensamento, respondem a questões sobre a psicopragmática da linguagem. Dascal reconhece que de tal modo estamos habituados a ver a lingua como um meio de comunicação que se torna difícil estabelecer uma línha clara entre esses dois domínios. De todo modo, na análise psicopragmática deixamos de ver a língua em sua dependência de contextos, pois ela terá o contexto em si mesma: Dascal 1987: 190. Alguns exemplos dessa abordagem podem ser encontrados em Dascal 1991. Indicarei mais adiante alguns processos gramaticais como fatos que têm um fundamento psicopragmático.

A metáfora da língua-cebola tem, ainda, o mérito de nos levar a conceber os processos semânticos numa forma configurada, nítida, *"razoavelmente bem estruturada"*: Dascal 1986: 200. Mais, sendo concêntricas, as camadas da significação sugerem uma hierarquia, em que os significados dêitico-referenciais e as significações predicativo-descritivas (a que Dascal chama "camada proposicional") ficam no centro, logo envolvidas pelas significações modais e em seguida pelas significações pragmáticas, que decorrem da contextualização.

Vejamos agora como se pôs, na Linguística contemporânea, o problema da língua falada, que constitui o objeto sobre que se apóiam as análises desta tese.

Pode-se dizer que a partir dos anos setenta a Linguística conheceu uma verdadeira revolução teórica, com a mudança da ênfase no entendimento da língua como um enunciado, como um produto, para o entendimento da língua como enunciação, como um conjunto de processos que importa esclarecer.

Por volta de 1917, Saussure tinha afirmado que a Linguística deveria ocupar-se da langue, deixando para outra disciplina o estudo da parole. Essa opção teve enorme importância na definição de um projeto teórico que firmou a Linguística como disciplina central entre as Ciências Humanas. Foi o recorte epistemológico então proposto que ensejou o surgimento da concepção da linguagem como um sistema constituído por unidades mínimas de análise, dispostas em níveis hierárquicos identificáveis numa forma controlada, não ingênua. Tais postulações foram muito importantes para o desenvolvimento da Fonologia e da Morfologia.

A deslocação dos interesses científicos para o domínio da parole, opção tomada já no tempo de Saussure por seu discípulo Bally, desencadeou um movimento de ampliação da reflexão linguística, surgindo um conjunto de disciplinas enfeixadas sob a denominação mais recente de "Pragmática".

As "duas Linguísticas", a da langue e a da parole, têm sido representadas respectivamente pelas expressões "Linguística do Enunciado" e "Linguística da Enunciação", ou, se se quiser, pelo embate atual entre "Gramática" e "Pragmática". A primeira volta-se pa-

ra as áreas centrais da Fonética e da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e da Semântica. A segunda tomou como programa considerar os contactos das áreas centrais com as outras Ciências Humanas, de que resultaram as diferentes disciplinas da Pragmática: a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Linguística do Texto. Como se sabe, as interdisciplinas linguísticas continuam em expansão, entroncando-se em vertentes da Filosofia da Linguagem (como a Teoria do Signo Linguístico, a Teoria dos Atos de Fala), ou buscando uma interface com a Biologia (como a Neurolinguística).

O estudo da língua falada é uma decorrência da Linguística da Enunciação, tendo sido desenvolvido mais particularmente pela Psicolinguística (= aquisição da língua falada), pela Sociolinguística (= estudo das comunidades de fala e da variação linguística) e pela Análise da Conversação (= estudo etnográfico do intercurso verbal).

A partir de meados dos anos 80, acentuou-se em nosso país o debate sobre a conveniência de se fazer uma gramática da língua falada (LF).

Num trabalho lido na 35a. Reunião Anual da SBPC (Belém do Pará, 1983), distingui a face contextual da face cotextual da conversação. O contexto é a situação em que se encontram os interlocutores, e o cotexto é o conjunto das *"estruturas gramaticais da conversação, ou melhor, [das] marcas formais deixadas pela especifici-*

dade do discurso oral": Castilho, 1983: 41. Mencionei em seguida as regras de determinação do SN, as construções de tópico, a função textual dos tempos e certos padrões oracionais como processos deriváveis diretamente da conversação. Retomei esse assunto posteriormente, em 1988, avaliando as perspectivas abertas nos estudos de Blanche-Benveniste 1987 e de Marcuschi 1988, argumentando que a Análise da Conversação oferece *"boas sugestões para a identificação dos processos constitutivos da língua falada"*.

Um bom programa de pesquisas consistiria em separar os argumentos discursivos ou conversacionais dos argumentos propriamente gramaticais, operação a que então denominei "filtragem". Propus como hipótese de trabalho que três processos discursivos constituem a conversação: a <u>construção</u>, a <u>reconstrução</u> e a <u>descontinuação</u>. A construção é o processo central de constituição da linguagem, seja falada, seja escrita, por meio da qual nos organizamos mentalmente, veiculamos a informação, agimos sobre o outro e exteriorizamos nossos sentimentos individuais. A construção não é um processo único, contínuo, unilinear, pois com frequência retomamos o tópico para refazê-lo ou para descontinuá-lo, mediante a intromissão de outros tópicos e a omissão de dados pragmaticamente considerados desnecessários. Essa constatação dá lugar aos dois outros processos discursivos, o da reconstrução e o da descontinuação. A reconstrução é uma sorte de "anáfora discursiva", por meio da qual repetimos ou parafraseamos o que foi dito. A descontinuação é o processo de ruptura na elaboração do texto falado, de que resultam as hesitações e as pausas. Esses processos vêm sendo estudados na Pragmática da LF,

recebendo ali diferentes denominações. Meu interesse aqui é o de integrá-los numa teoria unificada, que não extreme a LF da língua escrita (LE), mas cujo alcance heurístico ainda está por avaliar.

Isto feito, seriam então investigados os expedientes gramaticais que correspondem a esses processos discursivos. Admitirei que a estruturação dos sintagmas, das sentenças e das unidades discursivas (isto é, o equivalente ao parágrafo da LE), bem como sua representação fonológica, é o correlato gramatical da construção. O mesmo poderia dizer-se da repetição e da paráfrase, quanto à reconstrução, e dos fenômenos sintáticos (elipse, anacolutos), léxicos (hesitações e truncamentos de palavras) ou fonológicos (pausas), quanto à descontinuação: Castilho 1988.

Blanche-Benveniste 1987 discute o difícil relacionamento entre pragmaticistas e gramáticos, e defende um programa de pesquisas de caráter colaborativo, em que se procure identificar

> *"o lugar das análises gramaticais no estudo da língua falada, [procurando] depurar o estudo sintático, para fazer dele um instrumento de análise rigoroso, capaz de absorver os dados complexos dos corpus orais, cuja complementaridade com a análise pragmática será enriquecedora".*

Pouco antes e frequentemente depois, ela e seus parceiros do "Groupe Aixois de Recherche en Syntaxe" não cessaram de apresen-

tar instigantes explicações sobre o funcionamento da LF, alguns dos quais serão retomados adiante.

No ano seguinte, Marcuschi 1986 reconhece as diferenças de propósitos entre a análise gramatical e a análise conversacional, mas indica vários pontos de contacto entre uma indagaçao e a outra, desde que por "análise gramatical" se entenda uma análise funcionalista ou "na linha discursiva". Assim, as descontinuidades sintáticas da LF, a ordem das palavras, a questão da elipse, e outros fenômenos sintáticos deveriam ser analisadas a partir das estratégias interacionais que lhes deram origem. Mas é preciso reconhecer que uma abordagem formal como a de Tarallo-Kato et alii 1989 pode perfeitamente dar conta das relações discurso-sintaxe.

A descrição da LF representa um vasto projeto de pesquisas. Meu objetivo neste capítulo é focalizar de modo meramente ilustrativo alguns tópicos desse programa, apresentando algumas características gerais e enumerando em seguida algumas marcas formais dos três processos discursivos acima mencionados.

I.1 - A LINGUA FALADA COMO OBJETO CIENTIFICO

A Linguística Moderna sempre reconheceu a prioridade da LF sobre a LE, mas a verdade é que os estudos específicos tardaram um pouco. Harris 1951: 11, por exemplo, afirma que

> *"embora as diferenças de estilo [escrito e falado] possam ser descritas com os instrumentos da Linguística Descritiva, sua análise mais exata envolve estudos tão detalhados que eles em geral continuam desconhecidos".*

Gleason 1955, discorrendo sobre essas modalidades, diz que

> *"tudo isso justifica o estudo da língua escrita ao lado da língua oral, embora esta seja a realidade última do que se lê ou escreve".*

Creio que Hockett 1958 mostrou uma sensibilidade maior para o problema, ao lamentar que frequentemente se aplica ao estudo da língua falada uma terminologia mais adequada à descrição da escrita.

Apesar dessas afirmações, foi necessário que uma inovação tecnológica - a invenção do gravador magnetofônico portátil - transformasse a LF num objeto efetivo de indagações científicas. Pe-

la primeira vez os pesquisadores se defrontaram com a LF em sua integridade, dando-se conta da quantidade de características que são filtradas pelo ouvido humano no momento da interação, fato de que até então não se tinha um reconhecimento claro.

A própria Fonologia, supostamente mais infensa à pressão da LE sobre a constituição de seu aparato teórico, vem conhecendo em nossos dias uma mudança de rumo. Como demonstra Abaurre 1990, o fato de a Fonologia ter principiado pelo estudo dos segmentos denuncia essa influência. Na atualidade, é o estudo dos suprassegmentos que empolga a Fonologia, e assim se inverteram as prioridades nesse domínio.

Muitas incompreensões cercaram o estudo da LF nos primeiros tempos. Vou enumerá-las, aspeando suas formulações:

a) *"Para descrever a LF, deve-se tomar [implícita ou explicitamente] a LE como ponto de partida"*. Essa posição subjaz ao Guia-Questionário do Projeto NURC, conforme demonstrei em Castilho 1981, e aparece com frequência na argumentação do artigo-balanço de Akinnaso 1982.

b) *"LF é o mesmo que língua popular"*. Creio que essa identificação simplificadora apareceu primeiramente entre os romanistas, quando buscavam caracterizar o latim vulgar. Eles contrastavam o latim escrito literário com o latim falado, inferido a partir da comparação das línguas românicas, tendo batizado de "latim vul-

gar" ou popular essa variedade. Ora, a Teoria da Variação mostrou que tanto a LE quanto a LF têm variedades sócio-culturais, e por isso a identificação da modalidade falada com determinada variedade não faz muito sentido. Mas é tão grande o prestígio da LE, que só se entendia esta modalidade como uma forma padrão. Em consequência, tudo o que não fosse escrito seria não-padrão, ou "popular". Para uma discussão deste ponto de vista distorcido sobre a LF, v. Blanche-Benveniste e Jeanjean 1987.

c) *"A língua falada não tem sintaxe"*. Essa afirmação decorre do grande volume de rupturas, incompletudes e fragmentações que aí encontramos, e foi rebatida por Labov. Em 1966 esse sociolinguista argumentou que nessa modalidade ocorrem 75% de orações gramaticais, sendo que

> *"quando as regras de elipse são aplicadas, bem como certas regras universais de edição suficientes para tratar das hesitações e dos falsos começos, a proporção de orações verdadeiramente agramaticais e mal formadas cai para menos de 2%": Labov 1972: 203.*

d) O desconhecimento da LF tem criado algumas incompreensões quando se estuda a aquisição da linguagem e a afasia. Certos fenômenos aí identificados como desvios são, na verdade, características da LF. Assim, Ochs 1979 ao estudar o planejamento do discurso em crianças de 35 meses alude à preferência pelo tempo presen-

te e à base egocêntrica do discurso como traços da aquisição da linguagem. Ora, estudos fundamentados nos dados do Projeto NURC mostram que também o adulto, ao falar, dá preferência ao tempo presente (Castilho 1984), e que é abundante o uso de pronomes pessoais na primeira pessoa (Silva-Faccio 1978, Monteiro 1991).

Uma perspectiva mais conforme ao estado atual de nossos conhecimentos sustenta que LF e LE são modalidades de um mesmo sistema, com ênfases diferenciadas em determinados elementos desse sistema. É o que se vê nos textos de Givón 1979, Akinnnaso 1982 e Berruto 1985. Essa posição foi acolhida pelo Projeto de Gramática do Português Falado, e está exemplificada em graus diferentes nos trabalhos produzidos por esse Projeto e reunidos em Castilho Org. 1990, Ilari Org. 1992, Basílio Org. 1993 e Kato Org. em andamento.

Mas como, na prática das análises, constituir a LF como um objeto de estudos a partir dessa percepção ? Saussure 1917: 15 afirmou que *"bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto"*. Na LF, é o ponto de vista sobre a gravação e sobre a transcrição das fitas gravadas que constitui o objeto. Examinemos essas questões mais de perto.

I.1.1 - A gravação constitui o objeto

Quando se registra uma interação verbal, a seleção da modalidade interacional está instituindo um objeto de estudos. Temos aqui pelo menos dois tipos básicos de interação, o diálogo assimétrico e o simétrico. No diálogo simétrico ou espontâneo, os falantes negociam livremente o assunto e o controle dos turnos, falando em ambientes não necessariamente institucionais. No diálogo assimétrico um interlocutor tem ascendência sobre o outro, introduz ou muda o assunto, distribui a palavra - esta é a situação típica das entrevistas e dos diálogos desenvolvidos em ambientes institucionais como nas repartições públicas, na mídia, na igreja, etc. Esta é uma tipologia dos textos falados, devida a Hugo Steger. Nencioni, apud Berruto 1985: 123 chama o diálogo simétrico de *"falado falado"*, e o diálogo assimétrico de *"falado escrito"*.

Estas questões não escaparam aos grupos de pesquisa que constituíram os grandes acervos da língua falada que caracterizam o atual momento da Linguística. Entre os acervos do português falado, lembrem-se o Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta das Principais Capitais Brasileiras, iniciado em 1970 (Castilho 1990), o Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro (Naro et alii 1986), o Projeto de Aquisição da Linguagem (Lemos 1978) e, em Portugal, o Projeto do Português Fundamental (Nascimento et alii 1987). Esses projetos coletivos foram precedidos por iniciativas individuais de documentação do português brasileiro. Esse foi o caso

dos registros fonográficos organizados por Mário de Andrade (Pinto 1981, vol. II: XXI), bem como das conversas por rádio-amador gravadas em 1969 pelo professor americano R. Hutchins. Blanche-Benveniste-Jeanjean 1987 relacionam os acervos do francês.

I.1.2 - A transcrição constitui o objeto

Quando se transcreve uma fita estamos igualmente instituindo a LF como um objeto de análise. Se o projeto é fazer uma Análise Conversacional, temos os diferentes tipos de transcrição conversacional. Se o projeto é descrever a gramática da LF, temos os diferentes tipos de transcrição gramatical. Já se reconheceu que o corpus da LF utilizado nas análises não é aquele contido nas fitas, pura e simplesmente, e sim aquele que resulta das transcrições, elaboradas segundo pontos de vista próprios: Ochs 1979, Welke 1986. A transcrição é, assim, uma pré-análise dos dados, que transpõe o dado bruto recolhido nas fitas para o estado "semi-idealizado" dos dados constantes de uma transcrição.

A transcrição conversacional foi desenvolvida a partir dos anos 70 pelos pesquisadores ligados à Análise da Conversação: Levinson 1983, Marcuschi 1986. Ela foi adotada em Castilho-Preti Orgs. 1986, 1987 e Preti-Urbano Orgs. 1988, para a publicação de amostras do Projeto NURC/SP. São cuidadosamente indicados os diferentes turnos,a simultaneidade de vozes que assinalam os processos de toma-

da de turno, a interceptação de uma fala pela fala do interlocutor, as pausas, hesitações, alongamentos, truncamentos, entoação enfática, etc. Sem essas marcações é impossível fazer uma análise conversacional. Logo veremos que elas são igualmente importantes para a descrição gramatical. Eis aqui uma amostra da entrevista DID SP 18: 48-55, editada em Preti-Urbano Orgs. 1988: 18;

(1) Doc. *e de manutenção com o pessoal da fazenda não tem nada?*

Inf. bom e havia... aliás quando::... quando eu ia ainda bem pequeno... aí tinha café... bastante café... então a parte dos empregados da fazenda... quer dizer o número de empregados... era muito grande... porque a cultura do café exigia muitos braços... até no decorrer do tempo a fazenda foi... diminuindo essa parte do café... e em consequência também diminuiu o número de pessoas... que trabalhava na fazenda

A transcrição gramatical parte da concepção saussuriana sobre os eixos linguísticos, habilmente desenvolvida por Blanche-Benveniste 1979. Segundo Saussure 1917: 142 e ss, toda língua natural se desenvolve em dois eixos: o eixo sintagmático ou das sucessões, no qual se depositam os signos verbais, produzidos na sequência do tempo, e o eixo das associações (posteriormente denominado "paradigmático"), no qual podem ocorrer determinados signos em determinados pontos do eixo sintagmático. O eixo sintagmático é o eixo dos signos em presença, e o eixo paradigmático é o eixo dos signos em ausência. Blanche-Benveniste 1979 demonstrou que essa teoria

não tem tido ainda uma aplicação analítica mais forte, e aparentemente as pessoas continuam "recitando" a teoria dos eixos como uma espécie de catecismo em que se crê, mas cuja importância teórica não se percebeu direito. Ela propõe então um processo de transcrição bi-axial, por grades, que permitem visualizar os arranjos sintáticos de um modo bastante claro. As grades são formadas por segmentos horizontais, que representam o eixo sintagmático da língua, e por colunas verticais, que representam o eixo paradigmático da língua, em que ocorrem as hesitações e as repetições. Combinando esse processo com aquele que sugeri em Castilho 1987a, separando os elementos discursivos (isto é, os marcadores conversacionais e as construções de tópico) dos elementos sintáticos (isto é, as sentenças), obtêm-se transcrições como em (2), que é uma nova leitura de (1):

(2)
bom	*e*		*havia...*	
aliás	*quando*			
	quando	*eu*	*ia ainda bem pequeno*	
aí			*tinha*	*café*
			bastante	*café*
então		*a p.dos emp.da faz.*		
quer				
[dizer		*o n¢ de empreg.*	*era muito grande*	
	porque	*a cultura do café*	*exigia muitos braços*	
	até no dec.do t.	*a faz.*	*foi dim.essa parte do café*	
	e em conseq.	*também*	*diminuiu o número de pessoas*	
			[que trabalhava na fazenda	

Algumas lições podem ser tiradas dessa forma de transcrever os dados:

1) Nesses arranjos, ambos os eixos da língua estão presentes, e ambos são produzidos na linha do tempo. A transcrição mostra a necessidade de integrar na argumentação sintática a consideração da "sintaxe vertical", dada pelo eixo paradigmático, mais frequente na LF. Não estou afirmando que apenas a LF dispõe da "sintaxe vertical", e sim que nesta modalidade tal arranjo é constitutivo, e tem grande importância para o desvendamento de seu processamento linguístico. Outras vantagens analíticas desse procedimento de transcrição serão evidenciadas ao longo deste trabalho.

2) Esse tipo de transcrição permite reconhecer o sistema discursivo e o sistema sintático da língua. Expressões do sistema discursivo ocupam as margens extremas das grades. Na margem esquerda, localizam-se os marcadores conversacionais orientados para o texto, e os conectivos textuais, que organizam o enunciado em unidades do discurso. Na margem direita, não preenchida no exemplo (2), localizam-ses habitualmente os marcadores conversacionais orientados para o interlocutor, do tipo "né?", "viu?", "entende"?, etc. Expressões do sistema sintático ocupam a parte central da transcrição, compreendendo as sentenças, seus conectivos e sua estruturação sintagmática.

3) Particularmente com respeito ao sistema sintático, a transcrição permite identificar as sentenças esboçadas (como "e ha-

via...") e as sentenças canônicas, realizadas com dois argumentos (como "a cultura do café exigia muitos braços"), ou com um argumento, com verbo fronteado (como "tinha café").

Vejamos agora algumas características gerais da LF.

I.2 - CARACTERISTICAS GERAIS DA LINGUA FALADA

A literatura pertinente consigna uma grande variedade de convicções sobre o que é a LF, misturando-se argumentos pragmáticos aos argumentos gramaticais. Givón 1979: 223-31, por exemplo, destaca a dependência da LF em relação à situação de fala, afirmando que ela é o *"modo pragmático da linguagem"*, enquanto que a LE é o *"modo sintático"*. Evidentemente há um risco em alinhamentos automáticos desse tipo, visto que em qualquer dessas modalidades encontramos fenômenos pragmáticos e fenômenos sintáticos, e se alguma diferença houver, será matéria de ênfase. Para um elenco de conceituações, v. Akinnaso 1982, Berrutto 1985, Marcuschi 1992a.

De todo modo, há duas características gerais da LF que gostaria de destacar: o fato bastante óbvio que ela resulta de um diálogo em presença, e o fato de que ela documenta os dois momentos fundamentais da linguagem: o momento de planejamento e o momento de execução verbal.

I.2.1 - LF como diálogo em presença

A linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita. Mas na LF os actantes do discurso estão em

presença, e a construção do enunciado se ressente de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias consequências é que na LE é necessário explicitar as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na LF tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala. A LE, portanto, tem uma explicitude que é desnecessária na LF. Tanto assim que a leitura de transcrições de LF tem causado em alguns certa impressão de afasia, ou pelo menos de fragmentação.

Estas constatações banais apontam, entretanto, para processos dialógicos que geram consequências formais muito importantes, tais como a organização dos turnos e dos pares adjacentes, o sistema de reparação e correção, e a ampla utilização de diferentes classes gramaticais, denominadas coletivamente "marcadores conversacionais": Marcuschi 1988.

Fixando a atenção apenas nas estratégias de manutenção, passagem consentida e assalto ao turno, fica evidente o esforço dos interlocutores no acompanhamento e na avaliação constantes dos rumos da conversação. Decorre daqui a importância da modalização do enunciado, em que os interlocutores ora enfatizam, ora atenuam o que vai sendo dito. A modalização é, portanto, um processo gramatical de muita importância na LF, movimentando um conjunto de recursos, parte dos quais serão examinados no Cap. III desta tese.

A modalização na LF tem suscitado diversos estudos. Akinnaso 1982 destacou a frequência dos *"termos indicativos de opinião,*

do tipo "eu sei", "eu acho", "eu penso", "eu creio", etc. Em meu trabalho sobre as unidades discursivas, entendi que tais verbos ocupam a margem esquerda, e as sentenças que se lhes seguem têm autonomia semântica apesar da dependência sintática: Castilho 1987a.

I.2.2 - LF como planejamento e execução simultâneos

Conforme fiz constar em I.0, é habitual reconhecer a existência de duas fases constitutivas da linguagem: uma fase de planejamento, ou fase cognitiva, em que selecionamos o que vai ser dito e analisamos as condições da interação para a veiculação do que vai ser dito, e uma fase de execução, ou fase verbal, em que codificamos através do léxico e da gramática as idéias consideradas adequadas àquele ato de fala, dando-lhes uma representação fonológica. Uma vez engajada a conversação, procedemos constantemente a ajustes sociopragmáticos no planejamento anterior.

Ora, na LF essas fases de planejamento e execução ocorrem simultaneamente, no tempo real. Elas se dão numa situação discursiva plena, isto é, com todos os actantes em presença, o que interfere diretamente na organização e na execução dos atos de fala. Já na LE, a "audiência" tem uma atuação muito discreta, com pouca probabilidade de interferir nessa organização. Nessa modalidade, como observa Pécora 1980: 80, *"a primeira pessoa é obrigada a desdobrar-se na segunda"*. Em consequência, na LF tudo "vai para o ar", por assim di-

zer, fazendo dessa modalidade um excelente meio para refletir sobre os processos constitutivos da língua, ao passo que na LE o leitor não tem acesso nem controle sobre as estratégias de preparação do texto, tais como o plano geral, as diferentes versões, etc. Quer dizer, em contraste com a LE, na LF nada se apaga, nem mesmo a própria maquinaria da linguagem, permitindo uma inspeção privilegiada.

Uma das características da LF que denunciam a simultaneidade do planejamento e da execução é a grande quantidade de segmentos epilinguísticos que aí encontramos. Isso se deve à alta reflexão sobre a linguagem que vai sendo construída, o que dá lugar às negações "de dicto", às paráfrases lexicais e a determinados marcadores conversacionais.

I.2.2.1 - As negações "de dicto", raras na LE, apresentam-se de diferentes maneiras:

1) Nega-se o argumento do verbo, como em

(3) *ela está com três anos e pouco e ainda não fala...*
então ela faz reeduca/
reeducação não
exercícios (D2 SP 360)

2) Nega-se o verbo que foi selecionado:

(4) *eu soube*

que também *provocou uns certos ciúmes*

isso *eu soube* *não*

eu vi

lá *eu senti um certo ciúme (D2 SP 360: 757).*

3) Assim como se determina um N não verbalizado, nega-se um N não verbalizado, como neste exemplo de negação psicopragmática:

(5) L1 - *que te aconteceu ontem à noite ?*

L2 - bem... *não*

um ladrão me ameaçou com o revólver.

I.2.2.2 - As frequentes paráfrases lexicais ou definições por meio da estrutura "N é N" são outros tantos segmentos epilinguísticos por meio dos quais o falante, por assim dizer, abandona momentaneamente o universo do discurso e se concentra no universo da língua, fornecendo precisões ao seu interlocutor:

(6) *o terreiro (...) é:: um::*

como poderia chamar?

um chão

(DID SP 18: 177).

I.2.2.3 - No exemplo (6) aparece outro segmento epilinguístico, que é a interrogação *"como poderia chamar ?"* Expressões desse tipo, e ainda marcadores conversacionais tais como *"digamos*

assim", "vamos dizer", "por outras palavras", "ou melhor", "melhor dito", "aliás", de documentação abundante na LF, denunciam igualmente a confluência entre planejamento e execução:

(7) *já há um processo...*
seria melhor dito... já um processo de análise
já há um exame (EF POA 278: 268).

Neste item **I.2** enumerei algumas características do sistema discursivo da LF. Nos itens **I.3-4** concentro-me num programa de descrição do sistema semântico-sintático da LF. Tais sistemas, obviamente, não são excludentes, e assim tais características devem ser entendidas como "maiormente" discursivas, ou semânticas, ou sintáticas.

I.3 - LINGUA FALADA COMO CONSTRUçÃO

A construção é um processo discursivo central, mas sua codificação gramatical não é a mesma na LF e na LE. Através desse processo constituímos as unidades discursivas (e, portanto, o texto) e as sentenças em sua estruturação funcional e sintagmática. Da constituição das unidades discursivas ocupei-me em Castilho 1987a. Neste item, tratarei apenas da construção do Tema e do Rema sentenciais.

De um ponto de vista formal, a sentença organiza-se em duas estruturas na LF: a estrutura de "fundo" e a estrutura de "figura". O "fundo" é a estrutura argumental desencadeada pelo verbo. A "figura" são os adjuntos, as pausas e os elementos discursivos que descontinuam a estrutura argumental. Para uma elaboração sobre essa percepção da sentença na LF, v. Tarallo, Kato et alii 1989. Em trabalhos subsequentes, esses autores analisaram com controle quantitativo os lugares prediletos de inserção dos elementos descontinuadores, constatando uma frequência maior de ruptura da adjacência no segmento antes do sujeito, e entre este e o verbo: Tarallo, Kato et alii 1990.

De um ponto de vista funcional, a teoria da articulação tema-rema desenvolvida pela Escola Linguística de Praga vê na sentença uma estrutura informativa, postulando que

> *"todo ato de comunicação bem sucedido consiste em duas realizações: (i) destacar um objeto de predicação, (ii) predicar sobre esse objeto": Ilari 1986: 36.*

Dito de outra maneira,

> *"toda oração serve para realizar duas ações básicas e irredutíveis, que descrevemos na linguagem de todos os dias mediante os predicados "falar de" e "dizer que": o primeiro desses predicados capta o papel de tópico, e o segundo o papel de foco (= Rema). Toda sentença envolveria, em suma, dois "atos de fala", cada um dos quais obedece a condições específicas" (ibidem: 42).*

Continuando a rastrear a interpretação de Ilari, vê-se que

> *"conquanto, nessa análise de atos de fala, as duas expressões 'falar a respeito de' e 'dizer que' devam ser consideradas como primitivas (no sentido de que não se deixam definir por outras expressões mais básicas), cabe perguntar que tipo de ação verbal representam: trata-se num caso de uma 'ação de referência', e no outro, de uma 'ação de asserção ou informação'" (ibidem: 178).*

cf. pg. 104

tema / vs / background

A identificação desses dois momentos na construção da sentença se reveste da mais alta importância quando observamos as estratégias de seleção do tópico (ou Tema) e do comentário (ou Rema) na LF.

I.3.1 - A construção do Tema

Examinei a construção do Tema na entrevista D2 SP 333, publicada em Castilho-Preti Orgs. 1987: 239-242. Considerei, com Halliday 1967: 212 e 1985: 39-45, que o Tema sentencial é *"aquilo que vem primeiro"*, é *"o ponto de partida da mensagem"*. Analisando os dados acima a partir desse ponto de vista, constatei que no início das sentenças predominam os sintagmas nominais (52%, 76% dos quais nucleados por pronomes), anáforas zero (24%), sintagmas preposicionados (11%), sintagmas adverbiais (6%) e sintagmas verbais monoargumentais (7%). Esses constituintes assumem as funções sentenciais de Sujeito (74%), Adjunto Adverbial (17%), Verbos Apresentativos (7%) e Objetos Diretos (2%): Castilho, em andamento. Essa análise mostra, entre outras coisas, a assimetria entre o sistema discursivo e o sistema sintático, pois uma função sintática frágil como a da adjunção pode ser selecionada pelo sistema discursivo para encabeçar uma sentença.

A LF documenta os seguintes processos gramaticais de construção do Tema: (1) sondagem psicopragmática do Tema, (2) seleção do

Tema e sua codificação como tópico sentencial, (3) seleção do Tema e sua codificação como sujeito sentencial, o qual poderá ser anteposto ou posposto ao V. Passo a exemplificá-los.

I.3.1.1 - Sondagem psicopragmática do Tema.

Nos segmentos pouco planejados, encontram-se frequentemente Determinantes de um N não verbalizado, como em

(8) agora o::

o::

eu não sei bem

porque que chamavam colonos (DID SP 18: 65)

Em exemplos como (8) o falante está determinando um N não verbalizado. Esse fato levaria a modificar o conceito de determinação tal como definido, por exemplo, em Lyons 1977:454-455:

> *"os determinantes são modificadores que se combinam com os nomes para produzir expressões cuja referência é determinada em termos de identidade do referente".*

Seria necessário postular uma sorte de "determinação psicopragmática", aplicável a um tópico que se está buscando configurar, no quadro do programa de estudos que vem sendo desenvolvido por Dascal 1984, 1987. Bacelar do Nascimento 1987: 78 e ss. dá outros

exemplos de constituição "tentativa" do sintagma nominal.

I.3.1.2 - Seleção do Tema e sua codificação como tópico sentencial.

As contruções de tópico têm sido alvo de muito debate nas duas últimas décadas. Li & Thompson 1976 apud Pontes 1987 propuseram que as línguas do mundo integram quatro tipos: (i) Línguas de sujeito proeminente, cuja estrutura é de sujeito-predicado, como em *"o menino bateu no amigo"*; a tradição gramatical nos acostumou a dispor a língua portuguesa neste tipo. (ii) Línguas de tópico proeminente, cuja estrutura é descrita como de tópico-comentário, como em *"quanto a doces, eu prefiro goiabada"*; nas línguas de tópico, o falante fornece primeiramente um quadro de referência, a que se segue o comentário, composto pela estrutura sujeito-predicado, constituindo-se uma estrutura do tipo SN [SN SV], ou [SN SV] SN. (iii) Línguas tanto de tópico quanto de sujeito proeminente, cuja estrutura é de sujeito-predicado, em que há construções diferentes para cada estratégia. (iv) Línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico, em que os dois tipos se mesclaram.

Estudos sobre as construções de tópico no Português do Brasil tornaram-se muito frequentes, sobretudo após os trabalhos de Pontes 1987, que dispõe essa variedade entre as línguas tanto de tópico quanto de sujeito proeminente. Já a interpretação do tópico e do antitópico é matéria ainda a elaborar; Braga 1986 oferece uma série de explicações funcionais; Tarallo-Kato et alii 1990 preferem

definição de tema anterior.

e antitópico

uma explicação formal: o tópico seria o sujeito não-temático da S, e o antitópico, um predicador da S, então interpretada como "sentença-sujeito".

Nos materiais do Projeto NURC, o Tema se manifesta como uma construção de tópico, isto é, um sintagma nominal situado fora da sentença, mas retomado em seu interior por um pronome-cópia, co-referencial, situando-se antes da sentença, como em

(9) *a casa da fazenda*...
ela era... uma casa antiga...
tipo colonial brasileiro...
janelas largas... (DID SP 18: 8).

ou situando-se após a sentença, como um antitópico:

(10) já apronto o outro para ir à escola... o menorzinho (D2 SP 360: 140)

Transcrevendo-se de outro modo o segmento grifado de (10), nota-se que ele constitui com *"o outro"* um eixo paradigmático:

(10a) *já apronto o outro* *para ir...*
o menorzinho

A transcrição (10a) constitui "o menorzinho" como uma paráfrase do argumento interno de (10), sentença que, então, não pode-

ria ser representada pela estrutura [SN SV] SN. É bem evidente que esta manobra desloca o argumento da sintaxe para a semântica, visto que sintaticamente a cada função corresponde apenas um segmento, raciocínio que está na base da análise de *"o menorzinho"* como antitópico.

I.3.1.2 - Seleção do Tema e sua codificação como sujeito sentencial.

O sujeito nas sentenças da LF pode ocorrer como um único SN, ou como uma sequência de SNs, constituindo-se o "efeito-lista", em que o falante hesita:

(11) u::ma pessoa
um diretor lá da Folha certa feita me chamou
e me incumbiu de escrever
[sobre televisão
(D2 SP 333: 4)

Tal como na LE, o sujeito na LF pode antepor-se ou posporse ao V. Numa indagação-piloto, Castilho et alii 1986 encontraram nos materiais do Projeto NURC/SP 30% de sujeitos elípticos, 42% de sujeitos pronominais e 28% de sujeitos nominais. Destes, 60% figuraram na ordem SV e 40% na ordem VS. Procurando os fatores condicionadores da ordem apurada, e restringindo a observação aos sujeitos nominais, constatou-se que a ordem SV é favorecida pelo SN (i) foneticamente "leve", isto é, que contenha até 7 sílabas, (ii) sintatica-

mente construído com Especificadores dispostos à esquerda do núcleo, (iii) semanticamente não-específicos e agentivos, (iv) informacionalmente já conhecidos e (v) textualmente já mencionados. A ordem VS é favorecida pelo SN (i) foneticamente "pesado", isto é, que contenha mais de 7 sílabas, (ii) sintaticamente construído por Complementadores (SAdj, SP e relativas) dispostos à direita do núcleo, (iii) semanticamente específicos e não-agentivos, (iv) informacionalmente novos e (v) textualmente mencionados pela primeira vez.

I.3.2 - A construção do Rema

Parece haver alguns paralelismos entre a construção do SN Tema da sentença e a construção do SV Rema da sentença. Quer dizer, assim como "tateamos" o Tema através do determinante, podemos "tatear" o Rema, buscando o V mais adequado à situação discursiva e compondo em seguida o SV.

Quanto ao Verbo (ou Rema propriamente dito), constata-se nos materiais do Projeto NURC a predominância dos biargumentais (68,4 %), seguidos dos monoargumentais (24,5%, aqui incluídos os verbos apresentativos, atributivos, equativos, e intransitivos) e dos triargumentais (7,1%)

A LF exibe os seguintes processos gramaticais de construção do Rema" (1) escolha do V, operação correlacionada a certas ne-

seria predicativo,
1º ...
outra função

cessidades discursivas, (2) escolha da flexão do V e (3) constituição do SV mediante a subcategorização dos argumentos internos.

I.3.2.1 - Escolha do Verbo

Um fenômeno que as sentenças contextualizadas de nossas transcrições permite ver claramente é o da gênese do Rema. Vejamos o seguinte texto narrativo:

(12) *eu estive na... em Cumaná... é uma praia... é um lugar... um litoral muito bonito que aliás é muito parecido com o nosso litoral norte... sabe ? mas eu não conheço o nosso litoral norte..e:... fiquei lá durante três meses e nesse tempo todo eu conheci bastante (inaudivel) o povo de lá... que é bem diferente... e:... bem diferente de nós... (...) são por exemplo esses lá... é nessa praia que pertence à Universidade... como aqui na nossa Oceanografia também pertence à USP... e... toda a Universidade de- testa ir pra...(...) e todo o curso foi feito ali... inclusive nós saímos assim durante... fazer compras de material e tudo e... ah:: ... e conhecemos toda a região... sabe? (D2 SP 167: 7-30).*

A seleção dos Vs. numa narrativa como a de (12) correlaciona-se com as seguintes necessidades discursivas:

(?)

1) "Quem é X ?" Para responder a esse quesito, selecionam-se os Vs Apresentativos do tipo *"tem / existe / há N"*, como em *"é*

uma praia", "*é um lugar*", por meio dos quais se insere o Tema. Tem-se considerado nessas construções que o sujeito é um Expletivo 0, e que o N seguinte é o complemento não-preposicionado, ou termo inacusativo. Na gramática tradicional, esse N ora é considerado sujeito (com o verbo existir), ora objeto direto (com o verbo haver), o que é uma explicação contra-intuitiva. As explicações disponíveis parecem tomar as sentenças nominativo-acusativas, isto é, as biargumentais como fundamento de sua argumentação. Como evidentemente não é esse o caso, o melhor seria postular uma função "absolutiva" para designar o argumento nominal dessas sentenças.

2) "Como é X ?" Para satisfazer a esse quesito, são selecionados os Vs Equativos de estrutura "*N é N*", como em "*Cumaná é uma praia*", e os Vs Atributivos de estrutura "*N é Adj*", como em "*o povo de lá é bem diferente*", por meio dos quais o Tema é qualificado.

3) "O que X faz ?" Selecionam-se os Vs biargumentais de Ação do tipo "*X faz Y*", como em "*nós fizemos o curso ali*", que apresentam o Tema numa forma dinâmica.

4) "O que aconteceu a X ?" Selecionam-se os Vs de Estado e do tipo "*X está Y*", como em "*fiquei lá durante três meses*" e os Vs. de Evento, do tipo "*X sabe Y*", como em "*eu conheci bastante o povo de lá*", que apresentam o Tema como um estado resultante de uma operação anterior, do tipo "*X viu Y*", portanto "*X conhece Y*".

5) "Como ficou X após ter feito Y ?" Selecionam-se os Vs Transobjetivos, do tipo *"X faz Y e Y está Z"*, como no exemplo criado *"os pesquisadores encontraram o povo doente"*.

Os SVs assumem diversas estruturas, de que os cinco arranjos acima representam apenas uma generalização. De acordo com DuBois 1983: 227, os Remas aqui numerados como 1 e 2 integram o "modo descritivo", ao passo que 3 e 4 integram o "modo narrativo". Segundo esse mesmo Autor, cada vez que se introduzem novas personagens numa narrativa, volta-se ao esquema representado em 1 e 2. Desnecessário dizer que as narrativas não sequenciam os Vs. na forma indicada, ordenando-os de diversas maneiras.

I.3.2.2 - Escolha da flexão verbal

A escolha do tempo do Verbo exemplifica igualmente que na LF o planejamento e a execução ocorrem simultaneamente, fato que abre caminho a interessantes hipóteses descritivas e heurísticas. Em (13) o "tateamento" é patente:

(13) a fazenda *era*
tinha
teria duas partes (DID SP 18: 30).

Em (13) o pretérito imperfeito de "tinha" fou substituído pelo futuro do pretérito, que é uma forma verbal recessiva, segundo constatou Bezerra 1978. Será necessário averiguar até que ponto a

seleção das formas raras não é favorecida pelos esquemas de repetição, como no exemplo acima. Outra interessante investigação será apurar se a hesitação e a repetição na escolha do Tema pode figurar num mesmo enunciado ao lado de idênticos processos de reconstrução na escolha do Rema. Os exemplos vistos até aqui mostram que tais processos aparecem em distribuição complementar. O estudo sistemático da face gramatical da reconstrução poderá ser de interesse para que se possa entender melhor como se gera a sentença na fase cognitiva da língua.

I.3.2.3 - Constituição do Sintagma Verbal

Não é incomum que o falante comece sua sentença por um Tema, que depois é transferido para o Rema e codificado como argumento interno do verbo:

(14) não...
tu vês
por exemplo
peixe
peixe aqui no Rio Grande do Sul
eu tenho impressão
[que se come peixe
[exclusivamente na
[Semana Santa

Uma diferente transcrição de (14) mostra o caráter dinâmico das categorias "Tema" e "Rema". Assim, se dispusermos peixe num eixo paradigmático, poderemos demonstrar que "peixe, peixe aqui no Rio Grando do Sul" pode ser interpretado como parte integrante do Rema. Com isto, uma sentença não seria definível apenas como um V que subcategoriza seus argumentos, mas também como um argumento à procura de um V:

(14a) não..
tu vês
por exemplo *peixe*
peixe aqui no Rio Grande
[do Sul
eu tenho imp.que se c. *peixe exclusivamente na*
[Semana Santa.
(D2 POA 291: 25-26).

Estas questões serão discutidas no item seguinte.

I.4 - LÍNGUA FALADA COMO RECONSTRUÇÃO

Sendo a LF um "diálogo em presença", segue-se que diferentes iniciativas pragmáticas são tomadas para alimentar a interação, reconstruindo-a interminavelmente. Focalizo aqui dois recursos que correspondem ao processo discursivo da reconstrução: a repetição, que é a recorrência das formas gramaticais, e a paráfrase, que é a recorrência do conteúdo.

I.4.1 - A repetição

A repetição é a reiteração do mesmo item lexical. Esse processo dota a LF de uma sintaxe vertical, como já se viu.

Neste item, procurarei dar um tratamento gramatical ao problema da repetição, hipotetizando que esse fenômeno tem regularidade na LF. Sejam os seguintes exemplos, transcritos segundo os critérios gramaticais já mencionados, restritos porém à sentença, marcando-se com M a primeira ocorrência do item, e com R sua repetição:

(8) **M** *agora o::*

R *o:: eu não sei bem (DID SP 18: 65)*

(15) **M** *é um*

R1 *um*

R2 *uma peça*

R3 *um*

mas essa 0 tinha tanta molecada (DID SP 234: 125).

(16) **M** *no caso do::*

R *do::*

bom... sei lá... entende ?

(17) **M** *o trabalhador recebe aquilo*

R *aquilo a que ele tem direito*

(D2 SP 250: 89)

(18) **M** *aí você tira a gravata...*

R *tira isso (D2 SP 62::: 37)*

(19) *porque o trem é assim... tem uma filha de uma... e nós duas aqui... nessa de duas... ele ficou lá perdido... né... porque ele tava de lá...*

M *minha tia gritando e ele não respondia...*

minha tia já imaginou o pior e eu não dava vontade gritar nada... fiquei pastel lá... minha tia em cima de mim... eu não podia nem levantar...

R *minha tia gritava e ele não respondia...*

não fazia nada... e o desespero que a gente só olhava pros outro... todo mundo machucado... todo sujo de sangue (Ramos 1984: 16).

(20) L1 - *tem outro tipo de diversão que ultimamente agora em Recife... aqui tá bom...*

M *é passear de metrô...*

L2 - **R1** *passear de metrô ?*

L1 - **R2** *passear de metrô éh: é delicio::so*

(Marcuschi 1992a: 5).

(14) **M** *peixe*

R1 *peixe aqui no Rio Grande [do Sul*

R2 *eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa.*

(21) **M** *olha trem...*

R1 *eu sou fã de trem*

R2 *eu acho trem assim*

R3 *eu escolheria o trem*

R4 *no trem eu acho que há o repouso [integral*

R5 *o trem não tem mobilidade.*

R6 *o trem é mais estável*

R7 *o trem tem a vantagem sobre o avião*

.....

R8 *eu vou tomar* *o trem*

R9 *uma viagem por* *trem* *para mim sempre repousou*

sempre foi repousante

(D2 SP 255: 239-257)

(2) *quando eu ia ainda bem pequeno [à fazenda]*

M *aí tinha* *café*

R1 *bastante* *café* *(DID SP 18: 39)*

(22) M *a gente não enxerga por bloqueio*

R *e esse bloqueio tem de acabar*

(EF RJ 251: 67)

(23) M *só depende da temperatura*

R *mas* *a temperatura muda*

(EF RJ 251: 176)

(24) M *bom... a história é...é... começa com um camponês*

apanhando *peras*

R1 *eu acho que é pera mesmo*

R2 *pera é é verde*

R3 *apanhando* *peras e...*

R4 *então cai uma pera e...*

(Dutra 1990: 3)

(25) M *Já mora muita gente aqui na Cidade Universitária ?*

R *aqui na Cidade Universitária já mora*
[muita gente.

(26) M funciona mal aquele negócio de
R *aquele negócio de limite de idade funciona*
[muito mal.
(D2 SP 360: 980).

Em (8), (15) e (16) o falante hesita na construção do constituinte frasal, produzindo fragmentos sintáticos, "tateando" seja um SN, seja um SP. Casos de hesitação como estes serão descartados, visto que meu objetivo é a busca de regularidades gramaticais, que só emergem em estruturas acabadas. Casos em que há recorrência de estruturas morfológicas, mencionados, por exemplo, em Tannen 1989 e Marcuschi 1992a: 56, serão igualmente descartados. A recorrência estrutural é um fenômeno tão geral, que não vejo como integrá-lo numa argumentação que busque identificar regularidades na repetição, necessariamente de itens lexicais integrantes da estrutura sintática.

Em (17) e (18) os segmentos repetidos estão contíguos ao segmento-matriz, ao passo que em (19) houve um distanciamento entre esses segmentos. Conclui-se que há repetições contíguas e repetições distantes. Esses exemplos mostram também que há uma repetição idêntica, como nos dois primeiros casos, e uma repetição modificadora, como em (19), em que se alterou a flexão do verbo.

R1 em (14) e R1 em (21) atribuem uma categoria sintática a M ("peixe" e "trem", respectivamente), que passam de construção de tópico a objeto direto e a complemento nominal. Em (2) a operação foi inversa: o termo inacusativo "café" passa a antitópico, descategorizando-se sintaticamente. Temos aqui, portanto, repetições sintaticamente categorizadoras e repetições sintaticamente descategorizadoras. Por outro lado, em (22) e (23) os segmentos matriz e repetido já dispunham de uma categoria sintática, que foi alterada de oblíquo para sujeito. Direi que houve uma repetiçao recategorizadora.

Finalmente, em (25) e (26) repetiu-se a sentença toda, dando surgimento à construção em quiasmo.

Existe uma considerável literatura sobre a R na LF, a qual toma em consideração os sistemas discursivo, semântico e sintático, com particular concentração no sistema discursivo.

1.4.1.1 - R no sistema discursivo

Ramos 1984 estudou narrativas de escolares, sustentando que as R ocorrem quando o falante deseja explicitar o tópico de uma sequência nova, ou enfatizar elementos da oração, ou sintetizar elementos do conteúdo ou, ainda, recolocar no foco os detalhes de um evento, considerados úteis para a recomposição do fio central da narrativa. Tannen 1987 mostra que a R promove maior envolvimento e participação dos falantes. Travaglia 1989 distingue "macro-causas" e "micro-causas" da R no discurso, destacando suas propriedades de

coesão e de coerência no discurso falado. Koch 1990, 1992 identifica na R as funções coesiva, argumentativa e interacional do texto, agregando que

> "*em termos de coesão referencial, a estruturação das cadeias coesivas se faz justamente por meio de recursos reiteradores, como: proformas (pronominais, verbais, adverbiais, etc.), elipses, recursos lexicais (sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, nominalizações, expressões nominais definidas,etc), repetição vocabular (reiteração de itens lexicais). Por outro lado, em se tratando de coesão sequencial, em suas duas modalidades frástica e parafrástica, verifica-se que esta última se realiza sempre através de algum tipo de recorrência: repete-se o mesmo item lexical, o mesmo tempo verbal, a mesma estrutura sintática (paralelismo), conteúdos semânticos similares (paráfrase), elementos fonológicos segmentais e prosódicos () e, na coesão frástica, a continuidade de sentidos no texto é assegurada, em parte, pelos recursos de manutenção temática, entre os quais se destaca a recorrência de itens de um mesmo campo conceitual ou lexical, muitas vezes também morfologicamente relacionados*": *Koch 1992: 4-5.*

Dutra 1990 retoma de certa forma Ramos 1984 ao tratar do papel coesivo das R nas narrativas, dela se afastando por estudar a R entoacional. Marcuschi 1992a produziu o trabalho mais extenso sobre esse fenômeno. Ele começa por fixar os seguintes domínios para a análise da R: (i) o discursivo (auto e hétero-repetições), (ii) o segmental (repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais), (iii) o distribucional (R contíguas, próximas e distantes) e (iv) o configuracional (R literais e R com variação do segmento). Ele afirma que a R tem funções textuais (coesão e formulação) e discursivas (auxílio à compreeensão, organização do tópico discursivo, argumentação, promoção da interação). Quanto aos tipos de R discursiva, ele comprovou que em 81.5% dos casos ocorrem as auto-repetições, e as hétero em 18.5%, o que atenuaria o argumento discursivo na explicação do fenômeno. Quanto aos segmentos repetidos, sua análise mostrou que os valores são muito próximos: 35% de R-lexicais, 34% de R-sintagmáticas e 31% das R-oracionais, embora, como se pode perceber, suas categorias se sobreponham, o que afeta a segurança desses resultados. As R próximas são as mais produtivas (71%, contra 28% de R distantes), equilibrando-se também as R literais (55%) e as que encerram uma variação de segmento (45%).

1.4.1.2 - R no sistema semântico

As R com "variação de segmento" remetem, na verdade, ao fenômeno da paráfrase, que será examinado no item 1.4.2, a seguir.

1.4.1.3 - R no sistema sintático

Aqui os estudos são mais raros, e com isto muitas perguntas sobre o estatuto sintático da R continuam sem resposta. O primeiro deles se deve a Casteleiro 1975. Esse autor trata da "redundância sintática e expressividade", enumerando casos em que a repetição dá lugar ao quiasmo sintático, à iteração verbal exocêntrica, como em

(27) *vendem camas de roupa, vendem lençóis, vendem colchas, tapetes, vendem tudo.*

à iteração quantificadora e à topicalização do objeto verbal, como em

(28) *precisávamos cá dum liceu, o liceu não temos cá.*

Perini 1980 sustenta que as repetições ocorrem quando o falante deseja reconstruir as estruturas fragmentadas da LF, para repor a estrutura canônica. Essa afirmação implica em que a apresentação canônica da S seja um fato crucial na LF, o que é um pouco difícil de comprovar-se, sobretudo se se tratar de diálogos simétricos, mais espontâneos, em que é expressiva a recorrência de fragmentos sintáticos.

Depois de Perini, Naro e Scherre (com. pessoal) notaram que as matrizes da repetição têm mais marcação morfológica de concordância do que as formas repetidas. Braga 1992 hipotetizou que o estudo da R pode levar à identificação do "sotaque sintático" mencionado por Tarallo, Kato et alii 1990, visto que em seus materiais se pode constatar que

> *"embora todos os falantes repitam, alguns o fazem mais contantemente, especializando a repetição, e restringindo-a a funções e contextos particulares".*

Creio que há lugar para um programa de pesquisas em que a R seja entendida como um processo gramatical contitutivo da LF. Minha hipótese maior é que R é um fenômeno regular, provido de classes e funções próprias, ocorrendo em lugares previsíveis. Se essa hipótese for comprovada, poder-se-á por meio do estudo da R inspecionar as estratégias de constituição da sentença na LF, revelando processos gramaticais que até aqui têm sido apenas catalogados, sem que se adiante uma explicação de caráter geral.

Este não é o lugar para desenvolver tal programa. Entretanto, a título de mera ilustração, creio que podem ser formuladas as seguintes hipóteses de trabalho, que elaborei mais em Castilho 1993:

(1) A R é um processo linguístico pelo qual o falante passa do sistema discursivo para o sistema sintático, atribuindo pro-

priedades sintáticas a segmentos discursivos. A R categorizadora acima referida comprova esta hipótese. Nesse processo, uma construção de tópico assume um papel argumental na sentença repetida, como em (14) e em (21). A análise dos dados poderia mostrar se o percurso inverso também ocorre, como em (2), e tais observações contribuiriam para o debate atual sobre a centralidade da sintaxe (hipótese formalista) ou do discurso (hipótese funcionalista).

(2) A R privilegia determinadas classes sintáticas. Retomando a conhecida distinção entre "modus" e "dictum" sentencial, pode-se hipotetizar que o "modus" é menos suscetível de repetir-se que os constituintes do "dictum". Incluem-se no "modus" os advérbios sentenciais e os marcadores conversacionais. Se confirmada esta hipótese, teremos uma nova evidência sobre a hierarquia mais alta dos "hiperpredicadores": Kato-Castilho 1991.

(3) A R privilegia determinadas funções sintáticas, assegurando, ademais, uma movimentação previsível dos constituintes portadores dessas funções no interior da sentença. Temos, portanto, duas hipóteses auxiliares: (i) A margem direita da S favorece a R, e a margem esquerda a desfavorece. O fundamento desta hipótese é de caráter funcional: concentrando-se na margem direita da sentença sua maior densidade informativa, é de esperar-se que seus constituintes sejam repetidos, de forma a reforçar a veiculação da informação. Isso implicará, igualmente, na predominância da R contígua, já comprovada empiricamente por Marcuschi 1992. Se se comprovar que a R é mais frequente à direita da sentença, poder-se-á afirmar que ela é

inversamente proporcional às rupturas da adjacência, descritas por Tarallo-Kato 1990, esp. pág. 47. Esses autores comprovaram que há maior frequência de rupturas no espaço entre Suj. e Flex, e menor frequência no espaço entre o Verbo e C0 e C1. Não se pode deixar de reconhecer uma harmonia nessa proporcionalidade. (ii) A R heterocategorizadora decorre da recategorização dos constituintes em sua movimentação da sentença M para a sentença R. Parece que a R recategorizadora transcorre nos quadros da seguinte hierarquia: Argumento Interno [OD, OI, OBL] > Adjunto > Argumento Externo. De novo um fundamento funcional pode ser invocado para justificar essa hierarquia, caso os dados a comprovem: uma vez bem fixados no fluxo da consciência, os constituintes assumem progressivamente uma posição marginal na sentença, deixando seu "núcleo duro", dado pelo verbo e pelos argumentos que ele subcategoriza, e caminhando para sua periferia. O exemplo (21) documenta essa hierarquia.

(4) Deve haver uma harmonia entre R de constituintes da estrutura funcional da sentença e R de constituintes do sintagma. Se esta hipótese for verdadeira, os constituintes à direita do núcleo sintagmático favorecem a repetição. Este exemplo de constituição do SN máximo (termo tomado de empréstimo a Lemle 1983 e Perini 1989) parece comprovar a hipótese:

(29) **M** *não é mais aquela pessoa assim admirável*

R *aquelas pessoas calmas*

tranquilas

que dificilmente perdem a calma

perdem o contro-
[le
falam
falam pausada-
[mente

(D2 SP 360: 121-126).

I.4.2 - A paráfrase

A paráfrase é a recorrência de conteúdo sem a repetição do item, como (4), que de novo transcrevo, e em (6):

(4) M *eu soube que também provocou uns certos ciúmes...*
P isso eu soube
não
eu vi...
eu senti um certo ciúme (D2 SP 360: 757).

Desde logo, é preciso entender que não há recorrência absoluta de conteúdo. Como observa Fuchs 1982: 49-50, ao se transformar progressivamente o "mesmo" no "outro", cometemos o paradoxo de acabar por dizer outra coisa, *"no termo de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis"*. A paráfrase tem, com efeito, muitas caras. Como fenômeno pragmático ela é utilizada nos processos de auto e hétero-repetição, que alimentam o diálogo. Como

fenômeno textual, ela tem um papel coesivo aditivo (no caso das paráfrases não adjacentes, o primeiro dos quais estudado por Fávero-Urbano 1989: 29). Finalmente, como fenômeno semântico ela serve para especificar/generalizar, expadir/sintetizar, atenuar/enfatizar os argumentos do texto. Assim, em (4) o falante vai parafraseando o verbo epistêmico "saber", primeiramente através de "ver", mais enfático, depois através de "sentir", mais atenuado, deslocando o comentário do campo intelectual para o campo sensorial. Já em (30) ele prefere trocar o verbo "sair" por "pedir demissão", que subcategoriza um sujeito mais controlador que o de "sair", numa estratégia que tem um efeito de preservação da face bastante óbvio:

(30) M então eu saí do:: ah

P pedi demissão do meu serviço (D2 SP 360: 1207).

Sobre a paráfrase no português falado, Hilgert 1989 consagrau um trabalho bastante extenso.

I.5 - LF COMO DESCONTINUAçÃO

Na LF, locutor e interlocutor assumem a coautoria do texto, que vai sendo gerado numa forma interacional, obrigando ambos a uma sorte de coprocessamento sintático. Esse fato já foi observado por Blanche-Benveniste 1986: 91. Uma das consequências disso é que o texto da LF é rico em descontinuações, e o interlocutor deve a todo momento preencher vazios, se é verdade que, para ser descodificada, a linguagem tem de ter a apresentação canônica habitualmente postulada nas reflexões gramaticais.

Diversas consequências formais decorrem da descontinuação: as unidades discursivas de tópico não lexicalizado, as sentenças de dupla autoria, as elipses, a perda da adjacência estrita e a ocorrência dos fragmentos sintáticos.

I.5.1 - Unidades discursivas de tópico não lexicalizado

(31) L1 - *mas como tá demorando hoje...hein?*

L2 - *só:... e quando chega... ainda vem todo sujo... fedorento...*

L1 - *isso sem falar no preço... que sobe todo mês... sem nenhuma vantagem prá gente...*

Em (31), dois conhecidos conversam sobre o serviço de ônibus da cidade. Como estão no ponto de parada, não há necessidade de lexicalizar o tópico conversacional, pois a situação supre essa necessidade. Transcrita e descontextualizada, diferentes sentidos podem ser atribuídos a essa unidade.

Outra situação muito peculiar é aquela em que a "categoria vazia", artifício teórico para descrever a estrutura morfológica, a estrutura sintagmática e a estrutura funcional da sentença, ocorre também no interior das unidades discursivas, que estudei em Castilho 1987a. Digo ali que os textos falados podem ser analisados do ponto de vista da progressão temática em unidades maiores que a sentença, e menores que o texto, dotadas formalmente de margens esquerda e direita e de um núcleo. Ora, nas interações bastante espontâneas, e mais fortemente vinculadas à situação, o núcleo da UD é vazio, e o interlocutor o preenche por si só, numa forma colaborativa:

(32) é o tal negócio...sei lá... 0 0 0 entende ?
(DID RJ 18)

Em (32) a unidade discursiva se esgotou nos marcadores conversacionais, faltando a sentença ou as sentenças que desenvolveriam o tópico conversacional, gerando-se um segmento em que predominou a função interpessoal, descontinuando-se a função ideacional.

I.5.2 - Sentenças de dupla autoria

(33) L1 - e o... o grão é é::

L2 - é:: espalhado ali

(DID SP 18: 184).

Em (33), L2 agrega o predicativo, e não outro constituinte qualquer, que poderia igualmente ter lugar ali, mas que não daria continuidade à narração iniciada por L1, como

*(33a) L2 - * da Bahia*

** uma semente, etc.*

I.5.3 - Elipse de constituintes

As transcrições de nossas entrevistas mostram uma enorme quantidade de descontinuações sintáticas, tais como a omissão da preposição, do núcleo do SN, do sujeito e do objeto.

(34) bom... a cozinha também 0 estilo moderno (DID SP 5: 97).

(35) nesses dias... a não ser 0 ir a Maguiné... realmente eu saía do hotel para o congresso (DID SP 11: 100).

(36) *e então entram essas máquinas grandes que limpam a terra tiram essas...0 e 0 formam ei/leiras...leiras...são...é o seguinte... eles empurram 0 e vão empurrando toda esta...essas plantações que tem (DID SP 93: 89-94).*

Em (34) e (35) há elipse das preposições em e para, respectivamente, e em (36) se elidiu o núcleo do SN, o sujeito e o objeto direto.

Observando o Português nos quadros de uma comparação inter-sistêmica, alguns pesquisadores têm notado que essa língua se inclui entre as de parâmetro "pro drop", distinguindo-se de línguas que não "deixam cair" argumentos sentenciais. E mesmo comparando-se o Português do Brasil com o Português de Portugal, tem-se notado que a localização da categoria vazia não é a mesma nessas duas variedades: no Brasil preenche-se mais a posição do sujeito que a de objeto direto, enquanto que em Portugal a relação seria inversa.

Galves 1984, 1988 tem dado uma interpretação gerativista a esse fenômeno, enquanto que Tarallo 1986, Omena 1978 e Duarte 1989 a abordam de um ângulo variacionista. Segundo Tarallo, há um apagamento de 34.4% do sujeito, contra 81.8% do objeto direto e 59.2% do objeto indireto. Resultados muito semelhantes foram alcançados pelas outras autoras.

Num pequeno estudo sobre as condições de apagamento do Sujeito, mostrei que a agentividade do sujeito favorece sua elisão,

enquanto que a não-agentividade favorece sua retenção, numa proporção de 63% para 37%, respectivamente: Castilho 1987b.

Também o verbo pode ser elidido, maiormente quando auxiliado, como se vê em

(37) Doc - agora () a terra como é que era preparada ?

Ø manualmente

ou mecanicamente?

Loc - bom até o::

bom Ø manualmente sempre

quer dizer Ø com enxada

(DID SP 18: 71-76).

I.5.4 - Perda da adjacência estrita

O problema da adjacência dos constituintes na sentença do PB foi inicialmente levantado por Kato 1987, a partir de sugestões contidas em Stowell 1981. A hipótese levantada por Stowell é a de que em línguas como o inglês não é possível inserir itens lexicais entre o verbo e o termo que dele recebe o caso. Kato supôs a possibilidade de uma ruptura nesse espaço sentencial, o que motivou dois estudos: Tarallo-Kato et alii 1989 e Tarallo-Kato et alii 1990. O primeiro estudo mostrou que em apenas 10.2% das sentenças houve ruptura no espaço entre o argumento interno e o verbo, número que cres-

ce quando se examina o espaço sujeito-verbo. No segundo estudo procurou-se verificar que elementos preenchem os espaços interfuncionais, constatando-se o seguinte: (i) em 62.8% dos casos, a pausa que separa as fronteiras intersentenciais não é preenchida por elementos lexicais de qualquer espécie; para ter um quadro da estrutura sentencial optou-se pela seguinte representação:

[...Top (...Suj...V+Flex...Co...C1...) Antitop...];

(ii) há mais preenchimentos antes do tópico e do sujeito [portanto na margem mais à esquerda da sentença] do que após o verbo; (iii) os elementos discursivos [marcadores conversacionais] e os adjuntos são os principais preenchedores das fronteiras; (iv) mulheres lexicalizam mais que os homens as pausas intersentenciais, o que permite falar num "sotaque sintático".

I.5.5 - Fragmentos sintáticos

Blanche-Benveniste 1987 mostrou que com frequência o locutor vai deixando para trás elementos não sintaticizados, aos quais ela denominou <u>bribes</u>, ou "restos". Ela chega a duvidar que a sentença seja uma unidade gramatical na língua falada, e prefere utilizar o termo "configurações" para denominar sequências de palavras sem articulação sintática clara.

Os materiais do Projeto NURC exemplificam esses fragmentos:

(38) olha... o preparativo para pôr as coisas dentro do carro
-- o H. é muito metódico...né... --
então ele quer distribuir tudo uniformemente (D2 SP 167: 794).

(39) cada um já fica mais ou menos responsável por si pelo menos
... por si... fisicamente né ? de higiene
de... trocar roupa...
todo esse negócio
(D2 SP 360: 531).

(40) partindo do princípio... digamos... que tanto eu como minha esposa temos curso superior... somos obrigados... digamos... a enfrentar os problemas... para solucionar os problemas profissionais... temos que atualizar... digamos... livros... então eu iria procurar comprar uma biblioteca (DID SP 5: 111-115).

Em (38) há todo um SN anacolútico que fornece um quadro de referência para as sentenças que se seguem. Em (39) temos dois SPs não governados pelo verbo anterior e uma expressão quantificada que "resume o que não precisa ser dito", e em (40) temos um SN nas mesmas condições. Em ambas as situações, o interlocutor tem de processar tais fragmentos a partir de uma instrução pragmática do tipo "o locutor abandonou o restante a dizer e eu devo completar o enunciado a partir de parâmetros contextuais".

Finalizando este capítulo, gostaria de lembrar que uma das questões mais intrigantes entre os pesquisadores da LF é saber até que ponto as pesquisas em curso vão interferir nas teorias gramaticais disponíveis. Já sabemos que a LF se afasta em mais de um ponto das propriedades gramaticais que estamos habituados a reconhecer e a descrever na LE. Mas é claro que o encaminhamento de uma resposta vai depender da posição teórica adotada.

Aparentemente, uma teoria formal tenderia a apagar as chamadas especificidades do oral, pois aí o que se busca são os princípios de uma Gramática Universal. Consequentemente, não há necessidade de um corpus, seja escrito, seja falado, e os dados trazidos à consideração são de natureza introspectiva.

Uma abordagem sociopragmática desloca o foco das questões do polo gramatical para o polo social, com toda a sua gama de questões mais etnográficas que linguístico-estruturais: intenções do falante, fluxo da informação, sistemas de correção e monitoramento da fala, etc. Não seria igualmente correto cobrar desta inclinação científica uma resposta ao problema aqui levantado.

É provável que a Gramática Funcional possa oferecer respostas mais instigantes, mesmo reconhecendo que há neste momento uma "*relativa incapacidade dos linguistas em acreditar numa Linguística que integra o oral*", como argumenta Francard 1990: 10. Penso num Funcionalismo que vá dos jogos interacionais para a constituição das significações, e destas para a sintaxe, sem cair na ingenui-

dade de supor relações biunívocas entre os sentidos e as formas. Mas requer-se um Funcionalismo em que haja espaço para trazer debaixo do olho os achados formais, num movimento dialético que vá da interação para a significação, desta para as formas, e das formas de volta para a significação. Este talvez fosse um bom programa de pesquisa, que deverá explorar temas tais como:

1) O problema das áreas de atuação na LF: correlação entre a Sintaxe e Fonologia, de um lado, e entre a Sintaxe e a Semântica, a Sócio e a Psicopragmática, de outro, focalizando, neste caso, o estudo da gênese das predicações verbais, e da determinação e da negação de itens não verbalizados, para limitar-me aos tópicos atrás mencionados.

2) Como integrar na argumentação sintática a sintaxe vertical ou paradigmática, dada pela repetição de constituintes, ao lado da sintaxe horizontal ou sintagmática, dada pelo sequenciamento dos constituintes ? A chamada estrutura canônica da sentença sustenta-se na LF ? A repetição pode concorrer para a identificação de propriedades da língua e de sua gramática?

3) O problema das unidades além da sentença: pode-se sustentar que as unidades discursivas reproduzem mecanismos sintático-sentenciais, ou será necessário configurar uma sorte de "macro-sintaxe" para dar conta desses recortes do enunciado ?

Estas e outras questões vêm assaltando a curiosidade dos estudiosos da LF, parecendo patente que em algum momento a teoria da linguagem e a teoria da gramática serão afetadas pelas descobertas em curso.

CAPÍTULO II - A PREDICAcAO ADVERBIAL

O PROBLEMA, O PONTO DE VISTA E A PROPOSTA

Apresento neste capítulo o Advérbio como o problema de que trata esta tese, a Sintaxe Funcional como o ponto de vista teórico esposado para sua descrição, e a predicação adverbial como o processo semântico-sintático que investigarei nos dados. Finalmente, exponho o programa de pesquisas e o corpus utilizado.

II.1 - O ADVÉRBIO COMO CLASSE POLIFUNCIONAL

A Gramática Tradicional do Português considera o Adv como *"fundamentalmente, um modificador do verbo"*: Cunha-Cintra 1985: 529. São apresentadas sete espécies de advérbios, em conformidade com o que postula a Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira:

(1) de afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente;*

(2) de dúvida: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez;*

(3) de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão;*

(4) de lugar: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto;*

(5) de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior e a maioria dos terminados em -mente;*

(6) de negação: *não, nunca, jamais;*

(7) de tempo: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde.*

A estes, a Nomenclatura Gramatical Portuguesa acrescentou os

(8) de ordem: *primeiramente, ultimamente, depois.*

(9) de exclusão: *exceto, salvo.*

(10) de designação: *eis.*

Já Moraes Barbosa 1803 tinha alertado para o fato de que o Adv não é um modificador apenas do V, e sim do "verbum", isto é, de qualquer palavra. Por outro lado, é acertado identificar na modificação o traço forte dos Adv, mas dificuldades várias se levantam se tentarmos explicar por esse processo a totalidade dos tipos arrolados nessa classe.

Sejam os seguintes exemplos, nos quais consideramos tanto os Adv (isto é, itens que integram uma classe morfologicamente configurada) quanto os Adverbiais (isto é, as locuções adverbiais, constituídas por Sintagmas Nominais ou por Sintagmas Preposicionados que assumem as funções dos Adv):

(1) *Provavelmente hoje vai chover.*

(2) *Muitas vezes repeti que este assunto não era fácil.*

(3) *Discutiu francamente seu problema.*

(4) *Cheguei aqui anteontem.*

(5) *um médico era só médico o engenheiro era só engenheiro... pelo menos naquela altura (D2 SP 360: 1546).*

(6) *Expliquei, sim, que não aceitaria aquele encargo.*

(7) *não é bem restaurante... é lanchonete mesmo (DID RJ 328: 647).*

(8) *a coisa mais fácil é comprar qualquer coisa... agora... sustentar (...) é que são elas (D2 SSA 98: 1387).*

O caráter modificador dos advérbios só pode ser comprovado nas sentenças de (1) a (3), em que provavelmente, muitas vezes e francamente modificam, respectivamente, toda a sentença (tornando duvidoso seu conteúdo), o verbo (quantificando-o) e de novo o verbo (qualificando-o). Na lista acima, também os Adv de intensidade, os de modo e alguns em -mente incluídos entre os de afirmação e dúvida podem modificar a classe sobre que incidem. Pelo mesmo critério não passam os advérbios grifados nas sentenças de (4) a (7).

Em (4), os Adv de tempo e de lugar indicam as circunstâncias em que se deu o estado de coisas descrito pelo verbo; eles são decididamente dêiticos, e melhor se disporiam entre os pronomes. Em (5), só inclui os médicos e os engenheiros em determinado conjunto, sem que se altere o sentido desses itens. Em (6), sim afirma e não nega o conteúdo verbal, tornando uma sentença como *"expliquei que aceitaria aquele encargo"* totalmente inconsistente com (6). Em (7) bem focaliza o referente do N que se lhe segue. Finalmente, em (8) agora funciona como um conectivo textual, promovendo a ligação de dois subtópicos, retomando o anterior e anunciando o seguinte. Em nenhum desses casos se deu uma modificação da extensão ou das propriedades intensionais da classe-alvo. Bonfim 1988 e 1991 traz outras observações de interesse para uma avaliação crítica da descrição dos Adv na língua portuguesa.

As análises linguísticas sobre os advérbios são relativamente recentes. Farei uma breve menção a esses trabalhos, sem nenhuma preocupação de exaustividade.

Jackendoff 1972: 47-107 desenvolve uma abordagem semântica, propondo três classes de advérbios: (i) os de modo, que modificam a significação do verbo e funcionam como predicadores de um predicador, (ii) os advérbios orientados para o sujeito, que funcionam como predicadores de dois argumentos, e (iii) os advérbios orientados para o falante. Bellert 1977 faz um interessante comentário sobre o texto de Jackendoff, e propõe que os ad-

vérbios orientados para o falante sejam desdobrados em quatro subclasses: os advérbios de avaliação (como "felizmente, supreendentemente"), os modais (como "provavelmente, possivelmente, certamente") e os de domínio (como "logicamente, matematicamente").

Bartsch 1976 procedeu ao estudo mais rigoroso do ponto de vista lógico-semântico. Ela identificou quatro classes: advérbios sentenciais, relacionais, de modo e de grau.

Quirk et alii 1985 distinguem os advérbios disjuntos ou de sentença, os adjuntos ou de constituinte, e os conjuntos, estes tendo mais de um ponto de contacto com as preposições e as conjunções.

Este e outros estudos deram uma inegável contribuição ao estudo das propriedades sintáticas do Adv, deixando para um segundo plano suas contribuições semânticas à sentença. Assim, no interior de cada tipo sintático aparecem as diferentes classes semânticas, obscurecendo, a meu ver, o que há de mais importante nessa classe, que são essas contribuições.

Nesta tese, retomo Ilari et alii 1989, num trabalho preparado para o Projeto de Gramática do Português Falado.

Esse texto foi produzido coletivamente. Discutimos nele "*os limites imprecisos da classe dos advérbios*", examinando os critérios morfológico, sintático e nocional, concluindo pela

existência de vários itens que, sendo inequivocamente adverbiais, não atendem aos critérios tradicionais, mostrando-se bastante produtivos na língua falada:

(9) espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos assim ... um diálogo bem aberto... sabe? (D2 SP 360: 51).

(10) mas a cadeia de supermercados aqui é do Recife (D2 REC 05: 1180).

(11) [espero] ter exatamente nove ou dez filhos (D2 SP 360: 310).

Para dar conta desses e de outros casos, optamos por reconhecer nos Adv não uma classe homogênea, mas

> *"pelo menos [como um] conjunto de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante": Ilari et alii 1989: 78.*

De maneira bastante intuitiva, percebemos duas

> *"dimensões para a classificação das expressões tradicionalmente reconhecidas como advérbios: a primeira dimensão é a dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica (...) e a segunda dimen são é a das 'funções' que os chamados advérbios desempenham".*

O grupo desistiu, assim, de reunir todos os advérbios sob a função única da modificação.

A dimensão semântica implica em reconhecer que os Adv desempenham dois papéis semânticos, o da predicação (ou modificação), em que o Adv dá uma contribuição ao sentido da classe-alvo, e o da não-predicação, em que essa contribuição não ocorre. Foram propostos como advérbios predicativos os Qualitativos, os Intensificadores, os Modalizadores e os Aspectualizadores. Como não-predicativos, os de Verificação de re (Afirmação, Negação, Inclusão/Exclusão e Focalizadores), de dicto (Denegação, Afirmação, Focalização) e os Circunstanciais (de Lugar e de Tempo). Alguns exemplos:

(12) comer bem; buzinar brabamente [Qualitativos].

(13) fala muito; procurar bastante [Intensificadores].

(14) precisa realmente estar convencido; felizmente essa fase ainda não começou [Modalizadores].

(15) normalmente eles se divertem aos sábados [Aspectualizador].

(16) põe um ou mais tomates, não mais do que isso [Negação].

(17) [esse caminhão] sim passa... mas ocupa a estrada toda [Afirção de re].

(18) não passava mais ninguém; trabalhei só no início de casada [Inclusão]

(19) são autenticamente brasileiros; queria falar justamente a respeito disso [Focalizadores].

(20) os três primeiros... não... nos primiros meses daquele trimestre... [Denegação de dicto].

(21) acordar de manhã cedinho [Tempo].

A dimensão sintática implica em distinguir os Advérbios de Constituinte, que tomam por sujeito um constituinte sentencial, e por isso são passíveis de focalização por "é que", pela interrogação e pela clivagem, dos Advérbios de Sentença, que tomam por sujeito toda uma proposição, e por isso são passíveis de paráfrase por uma sentença com o verbo "ser" + o adjetivo que está na base do advérbio. Foram deixados de fora os Adv "de discurso", que funcionam como conectivos textuais.

Posteriormente a essa primeira investigação, sucederam-se estudos particularizados sobre os Circunstanciais de Tempo e Lugar (Neves 1990), os Focalizadores e os Aspectualizadores (Ilari 1990), os Modalizadores (Castilho e Moraes de Castilho 1990), os Delimitadores (Moraes de Castilho 1992), os Qualitativos (Oliveira 1990) e os de Inclusão e Exclusão (Possenti 1990). Logo depois, Mercedes S. Risso e Clélia Jubran descreveram os Adv tex-

tuais: v. Basílio Org. 1993.

Faltava um trabalho de conjunto sobre os Advs Predicadores, que fizesse avançar as reflexões desenvolvidas, apresentando dessa grande classe uma visão mais integrada. Esse é o objetivo desta tese. Para atingi-lo, apresentarei algumas idéias sobre o que é a predicação, e em seguida oferecerei um plano de pesquisas sobre a predicação adverbial.

II.2 - O PONTO DE VISTA: A SINTAXE FUNCIONAL

A polifuncionalidade e vagueza dos advérbios e as relações de gradiência que muitas vezes podem ser identificadas em suas diversas ocorrências recomenda selecionar um ponto de vista teórico capaz de operar com soluções categoriais intuitivas, híbridas.

[no discurso]

Requer-se um modelo gramatical concebido como um conjunto de regras em que se correlacionem as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas. Esse modelo deve ultrapassar o limite da sentença, valendo-se de sentenças contextualizadas em textos extensos, apanhadas em situações concretas de fala. Acredito que a Sintaxe Funcional seja esse modelo.

A Sintaxe Funcional entende a língua como uma atividade social, e nisto afasta-se da Sintaxe Gerativa, que interpreta a língua como uma atividade mental, e da Sintaxe Estrutural, que interpreta a língua como um sistema: Castilho (em andamento). Como reconheceu Halliday 1974: 98 e ss., a Sintaxe Funcional concentra a atenção nos usuários e nos usos da língua, mediante uma valorização do receptor, do emissor e da variação linguística no quadro da reflexão gramatical.

Ao contextualizar os fatos gramaticais na situação de fala que os gerou, a Sintaxe Funcional toma como ponto de partida os sentidos, os significados e as significações das expressões linguísticas, para em seguida indagar como elas se codificam gramaticalmente. Recorrendo de novo ao entendimento da língua como um conjunto de sistemas, pode-se reconhecer que a Sintaxe Funcional toma os sistemas semântico e discursivo como inputs de que o sistema sintático é um output. Por outras palavras, postula-se que a língua exista não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em vista da necessidade de cumprir certas funções. Ora, a correlação não-biunívoca entre funções e estruturas explica a natural heterogeneidade das línguas. Como decorrência disto, um estudo funcionalmente orientado prejudica a busca imediata de generalizações que se encontram na comparação das línguas entre si, privilegiando o estudo empírico de uma dada língua.

[gramaticalização]

A postulação funcionalista mais forte é a da gramática como um processamento das categorias pragmáticas e semânticas, de que resultam as estruturas sintáticas. A gramática, portanto, seria uma cristalização das formas discursivas mais produtivas, e a gramaticalização um dos processos mais interessantes para se observar.

Há pelo menos duas vertentes da Sintaxe Funcional assim entendida. O Funcionalismo radical, representado por Garcia 1979, enfatiza as pressões icônicas do discurso sobre a gramática, ne-

[Crítica da noção de gramaticalização]

gando a existência da sintaxe. O Funcionalismo moderado defende a confluência de fatores estruturais e discursivos sobre a sintaxe, conferindo a este modelo certo poder explanatório. Integram esta vertente Givón 1979, 1983, 1984; DuBois 1980, 1985, 1987; Hopper-Thompson 1980, 1984; Thompson Ed. 1988; Dik 1978; Halliday 1985.

[Naro] [Sherre] [Parkl]

Esta última vertente considera adequado identificar nas línguas naturais um campo de permanentes *"motivações em competição"*: DuBois 1985. Segundo esse autor, identificam-se aí, de um lado, as necessidades discursivas dos falantes, no quadro de um *"funcionalismo transparente"*, e de outro, as forças internas de um *"estruturalismo autônomo"*. Vistas as coisas desse ângulo, ganha corpo a caracterização do que seja a "gramaticalização", vale dizer, a passagem do discursivo para o estrutural.

Resulta do que ficou dito que uma gramática funcional se constitui de três componentes: o discursivo, o semântico e o sintático. Passo a enumerar sumariamente os tópicos ora em debate em cada um desses componentes, furtando-me a uma resenha minuciosa.

II.2.1 - O componente discursivo

Tem-se mostrado produtiva a análise dos seguintes processos discursivos, por apresentare, correlatos na sintaxe:

II.2.1.1 = Teoria dos atos de fala

São atos de fala as ações realizadas por um falante através de um enunciado, considerando-se suas intenções o os efeitos que ele buscar atingir em seu interlocutor. Austin 1962 postulou a existência de três atos de fala: o ato locutório, que é a produção de um enunciado, o ato ilocutório, que é uma ação realizada juntamente com o enunciado (como nas promessas e nas ordens) e o ato perlocutório, que é o efeito do ao ilocutório sobre o interlocutor. Searle 1969 reformulou as idéias de Austin, identificando quatro atos de fala: o ato de enunciação, o ato proposicional, o ato ilocutório e o ato perlocutóiro. Entre nós, Kanavillil Rajagopalan tem debatido o assunto: Rajagopalan 1992.

II.2.1.2 - O fluxo da informação e a organização tópica do texto

Chafe 1973: 210-233, Prince 1981 e Givón Ed. 1983 têm examinado as relações entre o fluxo da informação e a constituição do texto. No quadro do PGPF, Jubran et alii 1992 postularam que os *"tópicos discursivos"* são de natureza fundamentalmente interacional e não podem ser confundidos com os turnos conversacionais. Um tópico discursivo tem por propriedade primeira a "centração", que

> *"abrange os traços de a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados* -

implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem - pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida por seus elementos; c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem" (ibidem, pp. 361-362).

Diversas marcas formais delimitam os tópicos discursivos. Esses autores mostram que os tópicos discursivos exibem uma estrutura hierárquica.

II.2.1.3 - Definitude e indefinitude no discurso

DuBois 1980 e Lavandera 1984 mostraram que a representação das personagens numa narrativa se reflete na seleção do material linguístico. Esses conceitos são dinâmicos e se constroem no discurso, na dependência da fixação maior ou menor dos falantes em determinados participantes da ação. Assim, definido é o tema para o qual se *"abriu um arquivo"* no aparato cognitivo dos interlocutores, dada sua importância na interação. Os temas indefinidos não têm essa fixação.

*

Vai?

?

II.2.1.4 - Fundo e figura no discurso

Autores que se concentraram nas condições de produção do texto mostraram que duas situações básicas a motivam: a necessidade de compartilhar experiências, impressões e opiniões, ou o desejo de informar, de narrar algo supostamente desconhecido pelo interlocutor: Benveniste 1959 e Weinrich 1964. Essas situações foram denominadas respectivamente de *"discurso"* (Benveniste) ou *"comentário"* (Weinrich), e *"história"* (Benveniste) ou *"narração"* (Weinrich), tendo-se repertoriado as marcas formais que lhe correspondem, sobretudo a questão da seleção dos tempos verbais.

II.2.2 - O componente semântico

Partir da semântica para a sintaxe não é um caminho fácil, porque ainda não dispomos de teorias semânticas razoavelmente estáveis. Bierwisch 1970: 163 enumera os quesitos que deveriam compor uma teoria semântica, e à pág. 178 recomenda que

> *"a análise semântica deve, por essa razão, começar com subsistemas pequenos, claros, desenvolvendo desse modo os conceitos básicos necessários".*

Katz 1972 opina que se deveria operar como na Física,

> *"reduzindo uma questão grande e geral [como a do significado] a questões menores e mais específicas"*,

de que ele enumera quinze, págs. 49-50, às quais se agregariam mais quinze questões sobre os "tipos de fenômenos que uma teoria tem que explicar", págs. 50-53. A leitura de Leech 1974, Lyons 1977 e Kates 1980 permite identificar três campos de atuação dessa disciplina: a Semântica Léxica, a Semântica Sentencial e a Semântica-Pragmática.

Entre outros, os seguintes processos semânticos têm correlatos no enunciado:

II.2.2.1 - A referência e a pressuposição.

II.2.2.2 - A predicação.

II.2.2.3 - A quantificação.

II.2.2.4 - A dêixis.

II.2.2.5 - A foricidade.

Penso dar uma pequena contribuição a esse componente, discutindo o problema da predicação adverbial. Não sei se esse é um *"subsistema pequeno"*, como aquele recomendado por Bierwisch

1970, muito menos se meu trabalho será *"claro"*. De todo modo, procurarei nesta tese apresentar informalmente algumas observações sobre os significados e as significações gerados pela incidência dos Adv Predicadores sobre constituintes sintáticos e sobre instâncias do discurso.

II.2.3 - O componente sintático

O componente sintático é visto numa gramática funcional como uma resultante dos processos pragmáticos e semânticos.

Os seguintes fenômenos sintáticos têm sido considerados:

II.2.3.1 - A identificação das classes: a Teoria dos Protótipos tem sido debatida no que diz respeito ao modo de categorizar as línguas naturais. Farei uma referência a ela no Cap. V.

II.2.3.2 - A organização funcional da sentença e a articulação tema-rema. Mencionei no Cap. I o interesse dessa perspectiva, bem representada no Brasil pelo trabalho de Ilari 1986.

II.2.3.3 - A ordem do ponto de vista funcional: têm sido oferecidas explicações funcionalistas sobre a disposição dos

argumentos sentenciais e as pressões discursivas, controladas, evidentemente, por aspectos de natureza estrutural. Em nosso país, questões relativas às construções de tópico, ao sujeito de verbos intransitivos existenciais e apresentacionais, entre outros temas, têm sido examinadas de acordo com essa ótica: Braga 1987, Pontes 1987, Pezatti 1991.

II.2.3.4 - A concordância nominal e verbal em sua correlação com a questão da saliência morfológica são temas versados em Lemle e Naro 1977, Rodrigues 1987, Scherre 1988.

Apesar das enormes dificuldades envolvidas pela abordagem funcionalista, deve-se reconhecer que algumas descobertas permitem visualizar a Sintaxe Funcional como uma perspectiva teórica que tem levantado questões intrigantes. Impossível deixar de reconhecer, também que ela é um programa em rápido andamento. É bem verdade que em dado momento se cometeram alguns exageros como, por exemplo, decretar a morte da sintaxe, vitimada pelo discurso. Um sociolinguista como Labov, cuja metodologia de regras variáveis suscitou uma grande quantidade de estudos funcionalistas, sentiu-se no dever de alertar para os riscos de um enviesamento antiformalista. Ele mostra que há setores nas estruturas linguísticas irredutíveis a aproximações com o discurso: Labov 1987. No Brasil, têm debatido esse assunto Votre-Naro 1989, Nascimento 1990, Dillinger 1991 e Naro-Votre 1992. Foge ao escopo deste capítulo uma resenha minuciosa dos argumentos aí expendidos.

II.3 - A PROPOSTA: A PREDICAÇÃO ADVERBIAL

Discuto aqui o problema da predicação, tendo em mira estabelecer um programa de pesquisas sobre os advérbios predicadores no português falado do Brasil.

Gostaria de tomar como ponto de partida uma intuição fundamental, devida a Apolônio Díscolo, gramático alexandrino do séc. I d.C. Apolônio Díscolo integrava os estudos gramaticais em três pontos: o som e a sílaba, a classificação das partes da oração, e a própria oração: Bécares Botas 1987: 32. Ele entendia que a oração se realiza num nível duplo, o semântico (a oração tem uma significação auto-suficiente) e o funcional ("os casos oblíquos se conectam com os retos por meio de um verbo inserido entre ambos, a ação do qual passa do nominativo <reto> para o oblíquo"): Apolônio Díscolo séc. I d.C.: I 137.

É precisamente sua concepção sobre os casos que tem importância para minha argumentação aqui. Para ele, os casos não designam formas, e sim relações sintáticas. Assim, o caso reto é o que está *"ordenado"*, ou está em *"ordem coincidente"* com a pessoa verbal (IV 46), codificado na gramática pela concordância do verbo com seu sujeito, ao passo que o caso oblíquo é o *"desviado"*, o não coincidente com a pessoa do verbo (IV 18), e então não há concordância, em línguas indo-européias como o grego e o português.

Ora, esta percepção permite identificar duas relações sintáticas de base, a predicação, que é a relação marcada pela concordância, e a complementação, que é a relação não marcada pela concordância. Tanto a predicação quanto a complementação implicam na atribuição de casos: nominativo à esquerda do verbo, no caso da predicação, acusativo, dativo ou ablativo à sua direita, no caso da complementação. Tais casos podem ter uma representação morfológica, como no grego clássico, ou uma representação abstrata, no caso do português. Tratando-se de uma classe invariável como a dos Adv, é evidente que a concordância perde a relevância de que dispõe na predicação verbal e adjetiva.

A predicação, portanto, pode ser tentativamente definida como a relação entre um predicador e seu sujeito, ao passo que a complementação é a relação entre o predicador e seus argumentos internos.

A predicação é um fenômeno bastante complexo, que envolve processos semânticos, sintáticos e discursivos. Aqui, mais do que nunca, deve-se evitar o "either-or-thinking" condenado por Jacobson 1988: 61:

> *"The pair syntactic/semantic is itself an example of the inadequacy of rigid either-or-thinking. Linguistic discussions abound in pair of terms which on closer inspection turn out to have a middle ground on transitional zone where it is*

impossible to draw a clear line of demarcation".

Conforme deixei anotado no Cap. I, a língua se compõe dos sistemas semântico, sintático e discursivo, os quais não apresentam necessariamente relações de determinação entre si. Essa percepção tem um alcance metodológico evidente, e permite na análise separar aquilo que vem reunido nos atos de fala, praticando-se o conhecido paradoxo da ciência. Essa tripartição de domínios permite lançar alguma luz sobre o complexo fenômeno da predicação.

Não apresentarei aqui um relato exaustivo do "estado da arte" sobre a predicação. Isso constituiria outro projeto, de alcance mais vincadamente teórico, que me afastaria do objetivo maior de oferecer contribuições ao preparo coletivo de uma gramática de consulta sobre o português falado. Além do mais, interessa-me aqui unicamente a predicação adverbial. Para maior comodidade, enumerarei os diferentes "polos da argumentação" sobre a predicação, correlacionando-os com os três sistemas linguísticos.

II.3.1 - Predicação e semântica

Segundo a lógica aristotélica, a designação é um processo de predicação, e assim, cada item lexical pleno de significado é um predicador. Os Nomes predicam (isto é, designam) os se-

*

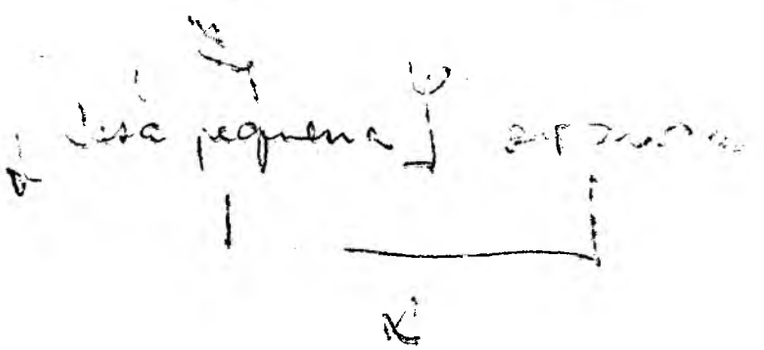
todo homem é mortal

$\forall x \left[\text{homem}(x) > \text{mortal}(x) \right]$

homem mortal

toda casa pequena é branca

$\forall x \left[\text{Casa}(x) \wedge \text{[illegible]}(x) \right.$ [illegible] $\left. (x) \right)$



casa pequena [illegible]

* noção um pouco estranha de sentido/significado

res e as coisas; os Adjetivos, os estados; os Verbos, as ações e os eventos; as Preposições, as relações, e assim por diante. Aristóteles, naturalmente, cercou esta afirmação dos devidos cuidados, quando mostra que "os nomes são símbolos das coisas, mas a relação entre o conceito (nóema) e o sinal (semeîon) ou entre a coisa (prâgma) e o nome (ónoma) não é sempre de congruência. Não se cobrem sempre inteiramente conceito e palavra. O que está no som é símbolo do que está na alma, mas não necessariamente o conceito que está no som, o significado, é congruente com o conceito que está na alma, embora só sob as formas de linguagem possam ser apreendidos os conteúdos mentais": Moura Neves 1987: 64-65.

A predicação por designação gera o sentido, que decorre da relação entre o item e seu referente. Por este ângulo, cada núcleo de sintagma é invariavelmente um predicador. Este modo de ver as coisas corresponde ao sub-sistema referencial do sistema semântico mencionado em **I.0**. Ele não será tomado em conta nesta tese, em que a predicação será entendida como modificação.

Outra percepção semântica postula que a predicação é um processo gerador de significados não contidos no sentido dos itens lexicais envolvidos, e depende crucialmente da relação entre um item-predicador e um item-sujeito. Aqui estou utilizando "sentido" como o conteúdo do item lexical (isto é, como o somatório de seus traços semânticos) e "significado" como a resultante da combinação dos sentidos de dois itens lexicais relacionados

*

ver pg. 95 atenção

Lembrar o velho Reichenbach.

Brutus matou César

β

a partida ao campeonato foi ganha

[Perspectiva]?

sintaticamente. Por outras palavras, o predicador atribui a seu sujeito uma propriedade semântica não inscrita no sub-sistema referencial da língua, modificando (i) o valor de verdade da classe-sujeito, (ii) a extensão dos indivíduos designados pela classe-sujeito, ou (iii) as propriedades intensionais da classe-sujeito. Estas são, ademais, outras diferenças entre predicação e complementação, visto que na complementação o significado do argumento não é afetado pelo predicador.

Seja o seguinte recorte de enunciado:

(22) Realmente, jogador alto ganha fácil a partida no campeonato.

--------> *S[* *]S*

Em (22) temos as seguintes relações de predicação:

(i) "alto" predica o argumento "jogador", atribuindo um traço de dimensão;

(ii) "fácil" predica o predicador "ganha", atribuindo um traço de qualificação;

(iii) "ganha fácil" predica o argumento "jogador alto", atribuindo o papel temático de agentividade;

* compatibilidade entre predicados

(iv) "realmente" predica toda a sentença, atribuindo o modo asseverativo.

Essas quatro predicações resultam da relação entre os predicadores "alto", "ganha", "fácil", "realmente" e seus sujeitos "jogador", "jogador alto", "ganha" e "S", respectivamente. O exemplo (22) mostra que o predicador pode tomar por sujeito uma classe referencial ("jogador"), outra classe predicadora ("ganha"), ou toda uma S ("jogador alto ganha fácil a partida do campeonato"). Mas a predicação pode incidir sobre mais de um sujeito, como veremos a seguir. Em todos esses casos é patente que a classe-sujeito recebe uma contribuição semântica que não estava inscrita nas suas propriedades intensionais, tanto é certo que os jogadores não são necessariamente altos, não ganham necessariamente as partidas, ganhar partidas não é uma tarefa necessariamente fácil, nem a S acima deve ser necessariamente asseverada (e não sujeita a dúvida, por exemplo). Pode-se dizer que a predicação adicionou propriedades novas sem, contudo, alterar as propriedades pré-existentes.

Por outro lado, observando-se as *"direções da predicação"* representadas pelas flechas que acompanham o enunciado (22), nota-se que o movimento da direita para a esquerda é o mais habitual, não se excluindo o movimento da esquerda para a direita, identificada em (iv).

Predicação propriamente dita

A Gramática Tradicional denominou de diferentes maneiras as predicações aí exemplificadas. Em (i) há qualificação (ou restrição, ou delimitação). Em (ii), modificação. Em (iii), predicação propriamente dita. Em (iv), modalização. Uma descrição mais econômica reuniria todas essas denominações numa só, a de predicação pura e simplesmente, para cujo estudo será necessário formular um plano de pesquisa, que será apresentado em II.3.

As hesitações da Gramática Tradicional evidenciam que é uma tarefa árdua teorizar sobre os significados gerados pela relação entre o predicador e seu sujeito. Neste particular, as indicações de Weinreich 1972 parecem-me de grande utilidade. Nas relações entre os signos, ele distingue dois processos básicos, o de encadeamento (= "linking"), e o de transferência (= "nesting"). Tal como nos casos anteriores, apresentarei uma leitura pessoal desse importante texto de Weinreich.

Acompanhando em parte esse Autor, direi que o encadeamento e a transferência representam distintas manifestações da predicação entendida como um fenômeno semântico. A estas acrescentarei a predicação por cancelamento.

No encadeamento há uma predicação composicional, em que o item-sujeito acrescenta às suas propriedades intensionais as que procedem do predicador. Os mecanismos descritos em (15) decorrem de uma adição.

* análise esquisita

Na transferência há uma predicação não-composicional, visto que o significado resultante não se encontra nos sentidos dos itens relacionados. Assim, em

(23) pôs-se a andar,

o primeiro verbo toma por sujeito o segundo, e a noção de inceptividade revelada pela paráfrase

(23a) começou a andar

não se encontra no estado de coisas descrito por "pôr" nem por "andar". Dizemos então que essa predicação gerou um significado novo. Segundo Ilari 1992, a não-composicionalidade gera as expressões idiomáticas. Assim, comparando "romance machadiano" com "elefante branco", ele argumenta que no primeiro sintagma há uma relação de intersecção entre as propriedades de "romance" e as de "machadiano", ao passo que no segundo "o sentido que atribuiríamos, no atual estágio da língua, a cada um dos constituintes, é irrecuperável".

Pode ser que a predicação composicional e a não composicional representem polos extremos no eixo da predicação, em que haveria graus intermediários de modificação do sujeito. Assim, em

(24) a casa está praticamente vendida,

Semântica componencial?

o advérbio grifado confirma alguns dos traços de "vender", apagando outros. Essa predicação por cancelamento parcial dos traços ficaria a meio caminho entre a composicionalidade e a não-composicionalidade.

No polo da composicionalidade estariam os Especificadores, a maior parte dos Adjetivos, Adv e Verbos absolutos e auxiliados. No polo intermediário do cancelamento estariam os Delimitadores. Finalmente, no polo da não-composicionalidade estariam alguns Verbos auxiliares e as expressões idiomáticas ou formas cristalizadas, constituídas pela associação de classes tais como V + N (por exemplo, em "dar-se conta", "ter tempo"), N + Adj (como em "elefante branco"), etc. Veremos mais além se estas formulações se sustentam.

É importante reter, de todo modo, que a S é uma espécie de "sopa predicativa", pois tanto entre os constituintes do dictum, quanto entre este e o modus, se desencadeiam diversos processos predicativos. Explicitando os ambientes em que eles ocorrem, teríamos:

II.3.1.1 - Predicação no espaço sintagmático da sentença, em que podem ser documentadas predicações por determinação, por quantificação, por delimitação e por atribuição, no caso do SN, e por modalização, no caso do SV. Detalhando um pouco:

* Aqui é que me separo completamente qdo distingo componente deítico-referencial do componente predicativo

** ñ falou nada da adjunção

*** - cf. pg. 106

(1) Os Especificadores tomam por sujeito o núcleo do SN. Com isto, os Artigos, os Demonstrativos, os Possessivos e os Quantificadores seriam entendidos como predicadores. A esses constituintes devem-se agregar os Delimitadores, analisados por Moraes de Castilho 1991.

(2) Os SAdj tomam por sujeito o núcleo do SN.

(3) Os SAdv tomam por sujeito os núcleos do SV, do SN, e do próprio SAdv.

II.3.1.2 - Predicação no espaço funcional da sentença: o V toma por sujeito o SN argumento externo; o Adj e o Adv tomam por adjuntos o SN, o SV e o SAdv.

II.3.1.3 - Predicação no texto: certos marcadores conversacionais tomam por sujeito o núcleo da unidade discursiva, constituído por um conjunto de sentenças centradas tematicamente: Castilho 1987a.

Quando o predicador toma por sujeito um item não predicador (como em "casa bonita"), temos uma predicação de primeira ordem. Quando o sujeito é outro predicador (como em "casa muito bonita"), temos uma predicação de segunda ordem. Para uma elaboração dessas relações, v. Jespersen 1924, cap. VII.

* T6. dos P. Temáticos

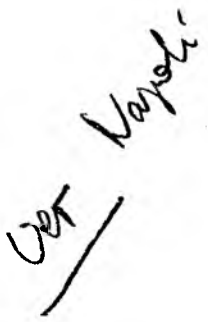
II:3:2 = Predicação e sintaxe

No item anterior considerei a predicação como um processo semântico. Na sintaxe considera-se a predicação como a articulação de dois ou mais argumentos pelo verbo. Assim, a predicação é o correlato semântico da sentença, e o predicado é o correlato semântico do verbo: Leech 1974: 135. Ou, em termos mais técnicos,

> *"a oração é a projeção sintática das propriedades de subcategorização de um Verbo, em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo": Galves 1987: 1.*

O estudo da predicação no sistema sintático das línguas naturais concentra-se nessa "projeção das propriedades de subcategorização do V".

A teoria sintática da predicação confere um papel central ao verbo, interpretando a sentença como FLEX + Radical verbal. FLEX atribui o caso nominativo ao argumento da esquerda, e o Radical atribui os casos acusativo, dativo ou ablativo aos argumentos da direita. Essa teoria integra as relações da predicação e de complementação separadas na abertura deste Capítulo, abrindo caminho a uma sorte de "predicação ampla", também conhecida na literatura sintática não gerativista como a teoria da va-


Ver Vapoli

lência: Busse e Vilela 1986.

Outros itens, além dos Verbos, têm a propriedade de estabelecer uma estrutura argumental, e no momento presente da sintaxe gerativa tem-se investigado esse aspecto. Dentre os Nomes, manifestam essa propriedade os deverbais (como "destruição", "descoberta") e os abstratos (como "saudade", "doença"), porém não os denominadores (como "casa", "sapato"). Dentre os Adjetivos, são argumentais os não-inacusativos (como "desejoso", "estudioso", "difícil", "simpático"): Guasti 1991: 326. Dentre os advérbios, os advérbios de sentença têm sido considerados como hiperpredicadores: Kato-Castilho 1991. Quanto às Preposições, Napoli 1989 separa igualmente as complementadoras, que atribuem um papel theta ao seu argumento, como

(25) Fulano está por dentro da política.
(26) Essas crianças estão na droga.
(27) Meu cunhado veio depois de minha esposa,

entre outras razões porque tais preposições podem funcionar como escopo de advérbios, como em

(25a) Fulano está muito / absolutamente / totalmente por dentro da política,

das não-complementadoras, que se reduzem a transmitir o papel temático já atribuído pelo Verbo, como em

(28) Cozinhou a carne para Fulano.

(29) Não confie em traduções.,

Finalmente, há Preposições que concorrem com o Verbo para a constituição do predicado, como em

(30) Borrifou a planta com água.
/Pac/ /Tema/

(31) Borrifou água na planta,
/Pac/ /Lugar/

pois ela arrazoa que (i) em "borrifar com X", com é um predicador, pois atribui papel theta a X, ao mesmo tempo que em "com água" essa preposição participa do estado de coisas descrito por "borrifar"; (ii) em "borrifar em X", em não é predicador, visto que "na planta" é mero adjunto, e não integra a grade temática de "borrifar": Napoli 1989: 51.

Verbos, Especificadores, Nomes, Adjetivos, Advérbios e Preposições constituem diferentes âmbitos da predicação, para os quais Lobato 1986 propõe as seguintes notações:

1) Relação Especificador - núcleo do sintagma, notada *"pi-X"*.

* También listo que separo —
comp. "discursivas"

2) Relação Verbo - SN, notada *"pi - SN"*. Incluem-se aqui os verbos predicadores de dois ou três lugares. Quanto aos verbos de um lugar, só poderiam ser considerados predicadores os intransitivos. Assim, há sentenças intransitivas que não são predicadoras, como as equativas, as apresentacionais, e as que se reduzem a expressões de tempo e de lugar. O que temos aí são sentenças do ponto de vista sintático, mas não sentenças do ponto de vista semântico: Napoli 1989.

3) Relação sentença matriz - sentença encaixada, como em

(32) É necessário que todos saiam,

notada *"pi - S"*.

*

Ultimamente, esforços têm sido feitos para a "sintaticização" de categorias discursivas como o tópico e o antitópico, no quadro da teoria estendida da predicação que venho tentando caracterizar. Tarallo-Kato et alii 1990 consideram que os tópicos tomam a S como seu sujeito (e nesse caso, o tópico é o predicador), enquanto que os antitópicos funcionam como sujeito de S (e nesse caso, a S é o predicador). Nos exemplos desses autores, em

(33) Fulano bebe cerveja,

há uma predicação, de "bebe" sobre "Fulano", ao passo que em

(34) Cerveja, Fulano bebe,

ou em

(35) Fulano bebe 0, cerveja,

há duas predicações, a primeira idêntica à de (33), e a segunda, gerada pela ocorrência do tópico em (34) e do antitópico em (35), conforme mencionei acima.

II.3.3 - Predicaçao e discurso

Há situações em que o predicador toma por sujeito um termo não codificado no enunciado, mas que integra o discurso como um de seus participantes. Nesses casos, direi que a predicação afetou o sistema discursivo da língua.

Sejam os seguintes exemplos:

(36) essa turma <u>seguramente</u> entrará em G3 a não ser que se faça um esforço (EF POA 278: 213),

(37) nas feiras hippies as pessoas <u>naturalmente</u> compram bugigangas.

Em (36), se o sujeito de seguramente é a proposição, teremos um caso de possibilidade epistêmica, causada pelo tempo futuro, como se observa pelas paráfrases

(36a) eu acho que P

(36b) talvez P

(36c) é provável que P.

Mas se entendermos que seguramente pode simultaneamente tomar por sujeito o locutor, veremos que (36) significará

(36d) eu estou seguro que o conteúdo de P não é seguro.

Em (36d), o autor da S assume perante seu interlocutor a asseveração contida no item "seguramente", mantendo incerto o conteúdo proposicional. Houve, portanto, uma predicação discursiva, gerando-se uma significação não contida nem no sentido lexical nem no significado decorrente do relacionamento entre o predicador e seu sujeito.

Em (37), nota-se que a predicação desencadeada por naturalmente pode gerar mais de um significado:

(i) Se o interlocutor processa tal S tomando por sujeito do advérbio toda a S, provavelmente ele a parafraseará como

(37a) é natural que as pessoas compram bugigangas nas feiras hippies,

e o advérbio estará modalizando asseverativamente a sentença.

(ii) Se ele considerar que o predicador adverbial está incidindo sobre o verbo, provavelmente interpretará o enunciado como

(37b) é hábito comprar bugigangas nas feiras hippies,

e o advérbio estará quantificando o verbo.

(iii) Finalmente, se o interlocutor estiver passando por uma feira hippie, e ouvir (37) de seu parceiro de conversação, ele poderá interpretar que o sujeito do advérbio, além dos acima indicados, pode ser ele próprio, identificando-se um efeito perlocutório, parafraseável mais ou menos assim:

(37c) visto que é verdadeiro que as pessoas compram bugigangas nas feiras hippies, e isso é até mesmo um hábito, L1 está achando natural que eu lhe compre algo.

Nessa interpretação, o advérbio estará concorrendo para o desencadeamento de uma inferência conversacional, vale dizer, de uma significação que, à semelhança de (36d), não se encontra nem no sentido nem no significado de (37).

Em exemplos como (36) e (37) explorou-se a força ilocucionária da predicação adverbial, caracterizando-se um caso de predicação discursiva, ou pragmática.

As observações feitas neste e no item anterior permitim que se estabeleça um plano de pesquisas para os Adv Predicadores.

II.4 - UM PLANO DE PESQUISAS

O conjunto das observações formuladas até aqui mostrou que o advérbio é uma classe eminentemente polifuncional. Neste trabalho, vou restringir minhas observações aos Advs Predicativos, abordando-os do ponto de vista de um Sintaxe Funcional.

A partir dos componentes da Sintaxe Funcional, mencionados no item anterior, várias questões podem ser formuladas: (1) A predicação adverbial e o sistema discursivo. (2) A predicação adverbial e o sistema semântico. (3) A predicação adverbial e o sistema sintático. Obviamente, cada questão dessas se desdobra em diversos itens. Não será possível, no estágio atual de nossos conhecimentos sobre o Adv, dar uma resposta cabal a perguntas tão ambiciosas. E na verdade, um plano tão ambicioso não passa, neste momento, de um "obscuro objeto de desejo". Um enorme conjunto de estudos monográficos terá de ser preparado para que possamos ter, um dia, uma verdadeira gramática referencial dos Advs. Encaminho nesta tese algumas respostas, e se algum mérito houver nisto será o de ter "colocado as idéias no lugar", abrindo caminho para os mencionados estudos monográficos.

II.4.1 - Predicação adverbial e sistema discursivo

Esse componente permite propor as seguintes questões:

(1) O fluxo da informação e os Advs Predicativos. Hopper 1979 hipotetiza, na linha dos já mencionados Benveniste e Weinrich, que uma narrativa se compõe da *figura* (foreground) e do *fundo* (background). A figura é o conjunto de sentenças que verbalizam os eventos dinâmicos, essenciais à narrativa, iconicamente sequenciados. Os verbos dessas sentenças exemplificam o Aspecto Pontual, seu sujeito é altamente tópico (isto é, pressuposicional), tem sempre o mesmo referente, e figura maiormente posposto ao verbo. O fundo, ao revés, é o conjunto de sentenças que verbalizam os estados e os eventos não-dinâmicos, não sequenciados. Seus verbos vêm no Aspecto Imperfectivo ou no Iterativo, o respectivo sujeito é novo (isto é, não-pressuposicional, não-tópico), assumindo diferentes referentes. Hopper destaca que esta é uma hipótese comprovada em algumas línguas, mas que merece, naturalmente, ser melhor explorada.

(2) Predicação adverbial definida e predicação indefinida. Esta questão se prende à articulação discursiva "definida / indefinida", ou "pessoal / impessoal", que vem sendo descrita por Dubois 1980 e Lavandera 1984, entre outros. Aparentemente, certos Advs se somam a outros dispositivos gramaticais para atribuir aos textos um tom de especificidade ou um tom de genericidade. Os Quantificadores Aspectualizadores e os Qualificadores Aspectuali-

zadores Pontuais parecem funcionar como tais dispositivos.

(3) A predicação dos participantes do enunciado e as significações aí criadas. Se o sujeito estiver na enunciação, teremos uma predicação do ato linguístico (ou predicação pragmática), gerando-se as significações examinadas em (36d) e (37c).

(4) O "controle" do locutor sobre seu interlocutor pode dar-se através de determinados Advs Predicativos, seja para que ele realize certas ações, seja para que ele entenda como descodificar a mensagem. Advs Aspectualizadores como "normalmente" e Aproximadores como "praticamente" desempenham esse papel.

(5) O papel coesivo dos Advs não-Predicativos. Estas questões ultrapassam o recorte praticado nesta tese. Um projeto interessado nesta interessante interface "Advs - Nexos" deveria descrever os "nexos textuais", como fez Risso 1992, Advs sequenciadores tais como (i) *agora... o processo nos Estados Unidos foi inicialmente lento (EF SP 153: 64)*; (ii) *um primeiro exame [dos filmes de longa metragem desse período] permite constatar () a linha literária... a linha religiosa... e a erótica respectivamente com Rosas de Nossa Senhora... e Messalina... (EF SP 153: 301)*; (iii) *então falarei primeiramente sobre X... num segundo momento sobre Y... e finalmente sobre Z.*

! atenção

* isto me parece equivocado

** um problema de escopo e não de ordem da mediação

II.4.2 - Predicação adverbial e sistema semântico.

Os quesitos devem concentrar-se aqui no sub-sistema predicativo, como é natural. As seguintes perguntas podem ser feitas:

(1) Estatuto semântico da classe predicada. Se a classe predicada é uma categoria lexical referencial, teremos uma predicação de primeira ordem. Isso ocorre quando o Adv incide sobre um N não deverbal. Se a classe predicada é uma categoria lexical predicadora (Adj, V, outro Adv), teremos uma predicação de segunda ordem. Se a classe predicada é uma sentença, teremos uma hiperpredicação, ou predicação de terceira ordem. 1ª e 3ª ordem

A hiperpredicação é entendida como a "predicação mais alta", o que a habilita a funcionar como "predicação mais baixa". Seja o seguinte exemplo:

(38) Realmente, o menino é alto.

Em (38) temos dois significados possíveis:

(38a) é real que o menino é alto,

e o Adv é um predicador de terceira ordem, pois tomou toda a sentença como sujeito.

(38b) o menino é muito alto,

e o Adv é um predicador de segunda ordem, tendo tomado alto por seu sujeito.

A recíproca não é verdadeira. Assim, um predicador de segunda ordem como muito, em

(39) aquele aluno é muito esperto,

não tem a mesma amplitude de ação. Não poderia, por exemplo, modificar toda a sentença, como um hiperpredicador:

*(39a) * Muito aquele aluno é esperto.*

O correlato sintático disso é que os predicadores de nível mais alto têm uma mobilidade sintática maior que os de nível mais baixo, como se pode comprovar movendo os Advs de (38) e (39).

(2) Número de classes predicadas. A quantidade de classes modificadas pelo Adv - e já observei que o mesmo Adv pode incidir sobre mais de uma classe - explica a natureza dos significados gerados. Se o advérbio predicar uma única classe, o significado gerado será unívoco, ou prototípico. É a partir dessa sorte de significado único derivado de um "sujeito único" que as gramáticas tradicionais e as descrições linguísticas propõem as diferentes designações para os Adv. Se o advérbio predicar mais

de um sujeito, o significado gerado será plurívoco, como em (38).

II.4.3 = Predicação adverbial e sistema sintático.

Os Advs Predicativos podem ser constituintes do sintagma ou constituintes da sentença. Os quesitos sintáticos levarão em conta a distribuição dos Advs e seu estatuto sintático.

(1) Se o sujeito do Adv é um constituinte sentencial, teremos o advérbio de constituinte (AdvC), que será identificado por ser focalizável por <u>é que</u> [estrutura "é (Adv) que"] ou por <u>inclusive</u>, <u>só</u> [estrutura "inclusive/só (Adv)"].

(2) Se o sujeito do Adv é toda a sentença, teremos o advérbio de sentença (AdvS), que será identificado pela admissibilidade de paráfrases do tipo "é um [N deadverbial] que P" / "é um [Adj deadverbial] que P" / "falanto [Adv] que P".

(3) Com respeito à sua distribuição, o Adv Predicativo pode inserir-se no interior do sintagma, com a seguinte distribuição:

P1: antes do núcleo do sintagma:

P2: depois do núcleo do sintagma.

ou pode inserir-se na estrutura funcional da sentença, com a seguinte distribuição:

P1: antes da S;

P2: depois da S;

P3: entre o sujeito e o V;

P4: entre o V e seu argumento interno.

As pré-análises apresentadas nesta secção, bem como a consideração dos quesitos enumerados, permitem a elaboração de um **quadro tentativo dos Adv Predicadores.**

Tomei como referência, até este ponto, o quadro proposto por Ilari et alii 1989, de que apresentei nos itens anteriores alguns exemplos. Estendendo entretanto a análise dos dados, e tomando em conta a teoria da predicação aqui perfilhada, convenci-me de que uma ordenação mais consoante com a teoria e com os dados aconselham o seguinte re-arranjo da grande classe dos Adv Predicadores:

(1) Predicação por avaliação da classe-sujeito: Advérbios Modalizadores.

(2) Predicação por quantificação da classe-sujeito: Advérbios Quantificadores.

(3) Predicação por qualificação da classe sujeito: Advérbios Qualificadores.

Nunca será demais insistir em que as designações acima não remetem a itens adverbiais únicos e distintos, e sim a processos semânticos não excludentes, não opositivos, não negativos. Conforme deve ter ficado claro, um mesmo item pode desencadear mais de uma significação, gerando outras tantas ambiguidades que tipificam as línguas naturais como produtos de situações sociais. Assim, o valor semântico apurado representa aquilo que para o autor representou uma significação mais saliente, mais relevante para a interação em curso. Apenas isso. O estudo de realmente é, a esse respeito, exemplar, pois esse item tanto pode modalizar quando qualificar. Lakoff 1982: 176 e tantos outros já lembraram que os conceitos humanos são multifacetados.

Esses processos serão descritos nos Capítulos III, IV e V, respectivamente.

III.5 - O CORPUS DE ANÁLISE

Conforme indiquei na Introdução, o presente trabalho se insere na agenda do Projeto de Gramática do Português Falado, o qual se serve do chamado "corpus mínimo" do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (Projeto NURC).

O corpus mínimo foi organizado em estrita adesão aos princípios que nortearam o levantamento do acervo do Projeto NURC, conforme tive a ocasião de detalhar em histórico desse projeto: Castilho 1990.

Vê-se ali que foram gravadas entrevistas de três tipos: elocuções em atitude formal (EF), diálogos entre o informante e o documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). Os registros foram recolhidos nas cidades de Recife (REC), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA).

Os dados em que se fundamenta esta tese provêm do mencionado corpus mínimo, assim organizado:

	POA	*SP*	*RJ*	*SSA*	*REC*
EF	*278*	*405*	*379*	*49*	*337*
DID	*45*	*234*	*328*	*231*	*131*
D2	*291*	*360*	*355*	*98*	*5*

Procedi ao levantamento mais exaustivo possível, fichando as ocorrências dos Advérbios Predicadores nas transcrições dos materiais acima. Os dados de São Paulo foram publicados por Castilho-Preti Orgs. 1986 [EF] e 1987 [D2] e por Preti-Urbano Orgs. 1988 [DID]. Os do Rio estão em curso de publicação: Callou Org. 1992, Callou-Marques Orgs. 1993. As demais transcrições, em cópias datilografadas, estão recolhidas no arquivo da disciplina de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. As Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul dispõem de arquivos semelhantes.

A análise será maiormente qualitativa, não havendo preocupação com índices de frequência ou cálculos probabilísticos. Indicações estatísticas ocorrerão incidentalmente, sempre que isso for de interesse para a argumentação em desenvolvimento.

As citações levam em conta o tipo de entrevista, a cidade em que foi recolhida, o número da entrevista e o número da linha da transcrição em que ocorreu o fato abonado. Exemplo:"EF SP 405: 340" quer dizer, elocução formal número 405, gravada em São Paulo, linha 340.

CAPÍTULO III - A PREDICAcAO ADVERBIAL MODALIZADORA

Analiso neste capítulo os Advérbios Modalizadores, começando por algumas considerações sobre o que é a modalização, seguidas de uma pré-análise dessa classe de predicadores. Dessa pré-análise resultou a identificação das seguintes classes de Modalizadores: (1) Epistêmicos (Asseverativos e Quase-Asseverativos), (2) Deônticos e (3) Pragmáticos (Subjetivos e Intersubjetivos). Finalmente, analiso as ocorrências dessas classes no corpus, procurando responder aos quesitos formulados no Capítulo anterior.

Pensar isto duas possibilidades

~~porisso~~ excluir? os modalizadores dos estritamente "predicativos"?

Isto é:

a) Se predicação e uma relação entre dois predicados compatíveis

b) nessa forma de predicação o modalizador estabelece uma relação entre a sentença/proposição e o falante

incluir - esclarecer a natureza desta predicação

provavelmente [X]

É verdade [X]

(proposição)

sentido?

referência?

III.0 - A MODALIZAÇÃO

Diferentes indagações de interesse para uma teoria da linguagem têm destacado a importância do Modo na estruturação sintática e na interpretação semântica das sentenças.

Mencionei anteriormente que a Gramática Tradicional distinguia dois grandes componentes da sentença: o componente proposicional, constituído de sujeito + predicado, que é o dictum, e o componente modal, que é uma avaliação sobre o conteúdo e sobre a forma do dictum, que é o modus.

A avaliação sobre o conteúdo e a forma da proposição expressa-se de dois modos: (1) o falante apresenta o conteúdo de P numa forma assevertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade, ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo.

Designa-se habitualmente o processo (1) por modalidade, e o processo (2) por modalização. Do ponto de vista semântico, essa distinção não parece sustentar-se, pois de todo modo há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar,

interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo, etc. Já do ponto de vista sintático há um fundamento em tal distinção, visto que a partir das modalidades se pode estipular uma tipologia sentencial e até mesmo eleger uma delas como ponto de partida para a reflexão. Este tem sido, aliás, o caso das sentenças assertivas afirmativas, consideradas as menos marcadas sintaticamente. Ora, como neste trabalho o ponto de partida predominante é o semântico, não perfilharei tal distinção.

Ultimamente, diversos estudos sobre a modalização sentencial têm sido publicados. Não vou resenhá-los, tarefa aliás já realizada em Danon-Boileau Org. 1976, Lyons 1977: Cap. 17, Koch 1984: 74-88, etc. Estou pondo de parte as reflexões que tomam como ponto de partida as postulações lógico-formais num sentido estrito, dadas as conhecidas assimetrias entre a linguagem formal e as linguagens naturais, e dada a posição teórica aqui assumida.

A modalização movimenta recursos linguísticos provenientes dos diferentes níveis hierárquicos da língua.

1) Na Fonologia Suprassegmental, os alongamentos vocálicos e a mudança de tessitura. O Projeto NURC/SP tomou como critério transcrever os alongamentos por meio de dois pontos, e a mudança de tessitura por meio de letras maiúsculas, nos casos de ênfase, como em

(1) *trabalhei mui::to... mas muito MESmo...*

* cf. pg. 158

Seriam predicações? no sentido estrito?

2) Na Morfologia Flexional, os modos verbais indicativo, subjuntivo e imperativo. ok.

3) Entre as Classes de Palavras, (i) os Verbos Auxiliares modais dever, poder, querer, e os verbos de opinião como achar, crer, acreditar, que constituem sentenças parentéticas, como em

(2) ele vem logo, eu acho, mas em todo o caso você pode passar amanhã,

ou mesmo subcategorizam sentenças encaixadas, estudadas por Kovacci 1972, Vogt-Figueira, em Vogt 1989: 165-210; (ii) os Adjetivos, em expressões como

(3) é possível / é claro / é desejável que P,

e (iii) os Advérbios de Predicação Modalizadora estudados neste Capítulo.

4) Na Sintaxe, (i) os Sintagmas Preposicionados, como

(4) na verdade / em realidade / por certo P,

aqui denominados "adverbiais", e (ii) as Sentenças subordinadas modais.

Vejamos inicialmente algumas ocorrências de advérbios e de expressões adverbiais suscetíveis de verbalizar a avaliação do falante sobre as significações contidas na proposição:

(5) *realmente... [os filmes] eram muito ruins (EF SP 153: 580).*

(6) *provavelmente esse [cara] de dez mil [cruzeiros] vai fazer mais diferença (EF SP 388: 288).*

(7) *toda e qualquer cirurgia... no campo médico... (...) implica obrigatoriamente em despesas (DID REC 131: 29).*

(8) *infelizmente Recife é uma cidade de mais de um milhão de habitantes (D2 REC 5: 1067.*

(9) *sinceramente... não consegui... não consegui entender (D2 SP 62: 1369).*

As sentenças (5) e (6) têm em comum o fato de que os advérbios em -mente aí utilizados explicitam a apreciação do falante com respeito à natureza epistêmica da proposição.

Em (5), realmente apresenta o conteúdo de S como um conhecimento, isto é, o falante sabe que os filmes eram ruins, e por isso lança mão desse advérbio para predicá-lo, assim como poderia ter-se valido de outros predicadores semelhantes, o que se constata por meio das paráfrases

(5a) eu sei que os filmes eram muito ruins

(5b) é certo que os filmes eram muito ruins

(5c) é claro que os filmes eram muito ruins

(5d) na verdade, os filmes eram muito ruins

(5e) os filmes eram muito ruins mesmo.

Estamos diante, portanto, de uma necessidade epistêmica, e o caráter modalizador de advérbios desse tipo gera sobre seu sujeito sentencial a significação de enfatização do conteúdo proposicional (captado pela paráfrase 5e), revelando um alto grau de adesão do falante em relação a P (donde as paráfrases 5a-d).

Em (6), provavelmente predica o conteúdo de S apresentando-o apenas como uma crença, isto é, o falante acredita na veracidade de que o salário de dez mil cruzeiros vai fazer diferença para o cara, mas não pode comprometer-se com isso, expressando sua dúvida. Trata-se de uma possibilidade epistêmica, como se verifica através das paráfrases

(6a) eu acho que esse de dez mil...

(6b) eu penso que esse de dez mil...

(6c) eu acredito que esse de dez mil...

(6d) é provável que esse de dez mil...

(6e) talvez esse de dez mil...

Vou chamar os advérbios de (5) e (6) de Modalizadores Epistêmicos, admitindo que eles se organizam em duas subclasses, a

dos Asseverativos (como 5) e a dos Quase-Asseverativos (como 6). A distinção dessas subclasses fundamenta-se na significação prototípica que se queira gerar, situação em que podem co-ocorrer itens da mesma subclasse, como se vê em

(5f) *realmente... os filmes eram ruins mesmo / sem dúvida / efetivamente.*

(6f) *provavelmente esse cara vai fazer falta... eu acho / eu acredito / eu suponho.*

Em (7) o advérbio predica o conteúdo de S gerando a significação de que o estado de coisas ali descrito é uma obrigação, tem de necessariamente acontecer, donde as paráfrases

(7a) *toda cirurgia tem de implicar em despesas*
(7b) *é obrigatório que toda cirurgia implique em despesas.*

Vou chamar os Adv assemelhados a (7) de Modalizadores Deônticos. A significação gerada por eles corresponde à função desiderativa da linguagem, donde a noção de futuridade que a acompanha, como se vê em

(7c) *toda e qualquer cirurgia implicará obrigatoriamente em despesas,*

fato já destacado por Lyons 1977: II, 750.

Finalmente, em (8) o sujeito do advérbio se alarga, de forma a incluir o próprio locutor, sem prejuízo de continuar "acertando" o conteúdo de S. A predicação do locutor pode comprovar-se através da paráfrase

(8a) eu fico infeliz por constatar que Recife é uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

e a predicação do estado de coisas descrito por essa S se evidencia por meio da paráfrase

(8b) é uma infelicidade Recife ser uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

Segue-se que em (8) infelizmente é simultaneamente um predicador discursivo e um predicador sintático, isto é, um predicador que toma por sujeitos um participante da enunciação e um constituinte do enunciado. Essa ocorrência confirma a hipótese anotada em II.4.2 O fato da dupla incidência desse advérbio não afeta a significação prototípica por ele gerada, como se constata através das paráfrases acima. É muito provável que a significação plurívoca só se dê quando os dois sujeitos do advérbio predicador estiverem no enunciado.

Vejamos agora a sentença (9). Comparando-a com (8), constata-se que infelizmente e sinceramente têm em comum tomarem por sujeito o locutor, como se vê, para o caso de (9), através de

* Pragmatics

(9a) eu estou sendo sincero [em reconhecer] que não consegui entender.

mas distinguem-se pelo fato de que o advérbio de (9) não pode tomar o conteúdo de S como sujeito, donde

*(9b) * é uma sinceridade [reconhecer] que não consegui entender.*

Vou valorizar o fato de que (8) e (9) sejam predicadores de participantes da enunciação para dispô-los numa só subclasse dos Modalizadores, aqui chamada de Modalizadores Pragmáticos. Não ignoro o risco de usar um termo de significado tão amplo como "pragmático" para designar um tipo de Modalizador. Afinal, não adotei termos tais como "semântico" ou mesmo "sintático" para etiquetar os demais advérbios. E como deixei implícito na **Introdução**, reconheço que "sintático", "semântico" e "pragmático" (ou discursivo) são descritores utilizados para representar toda a maquinaria linguística. Tanto assim que, em trabalho preliminar, adotei o termo "Afetivos" para designar os advérbios de (8) e (9). Este termo também não é feliz, pois pode induzir o leitor a supor que os Modalizadores Epistêmicos e os Deônticos nada encerrem de afetivo, vale dizer, de subjetivo, o que é igualmente difícil de sustentar-se. Entre um risco e outro, prefiro o de selecionar a "mega-etiqueta" Advérbios Modalizadores Pragmáticos, visto que os Epistêmicos e os Deônticos parecem codificar melhor as funções referencial e conativa da língua, enquanto que estes retratam com vivacidade maior a função interpessoal. Se isto serve de consolo, ao menos não estou só na escolha de "pragmá-

tico" como etiqueta. Como se pode ver em II.1, outros Autores se viram na mesma contingência.

Por outro lado, os adjetivos que estão na base dos advérbios aqui examinados integram classes semânticas diversas. Infeliz (e feliz) são referenciados ao locutor, ao passo que sincero (e franco) põem em relevo a relação entre o locutor e o interlocutor, pois enquanto alguém pode assumir individualmente a qualidade de ser feliz ou infeliz, a qualidade de ser sincero ou franco só pode ser assumida em relação a outrem. Tais restrições seletivas justificam a impossibilidade de (9b), em face de (8b). Com base nessa observação, subdividirei os Modalizadores Pragmáticos em Subjetivos (advérbios de 8) e Intersubjetivos (advérbios de 9).

Do exposto conclui-se que é possível formular o seguinte quadro para a descrição dos Advérbios Modalizadores no português falado:

1. Modalizadores Epistêmicos

1.1 - Asseverativos

1.2 - Quase-Asseverativos

2. Modalizadores Deônticos

3. Modalizadores Pragmáticos

3.1 - Subjetivos

3.2 - Intersubjetivos

Enquanto os Modalizadores Epistêmicos e Deônticos são orientados para o sistema semântico da língua, os Modalizadores Pragmáticos são orientados para o sistema discursivo.

III.1 - MODALIZADORES EPISTEMICOS

Os Modalizadores Epistêmicos, como a própria designação deixa ver, expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.

Os Epistêmicos Asseverativos indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo de P, apresentada por ele como uma afimração ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica. Desse tipo de predicação decorre um efeito colateral, que é manifestar o falante um alto grau de adesão ao conteúdo sentencial, donde a significação enfática que igualmente aí se identifica. Este aspecto particular da modalização epistêmica asseverativa foi descrito por Hare 1970, apud Lyons 1977: II, 749.

Os Epistêmicos Quase-Asseverativos indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por iso mesmo ele se furta "a toda responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade [da proposição]": Barrenechea 1969: 320. Através dos Quase-Asseverativos, avalia-se P como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo que está sendo verbalizado.

III.1.1 = Modalizadores Epistêmicos Asseverativos

Os Asseverativos podem ser representados pelo predicador "eu sei com certeza que P". A asseveração pode ser afirmativa ou negativa. Foram encontrados os seguintes advérbios e adverbiais Asseverativos:

III.1.1.1 - Asseverativos Afirmativos: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, obviamente, reconhecidamente, logicamente, seguramente, verdadeiramente, certamente, absolutamente, forçosamente, fatalmente, incontestavelmente, inegavelmente, indiscutivelmente, indubitavelmente, exato, claro, certo, lógico, pronto, na realidade, sem dúvida, mesmo.* Alguns exemplos:

(10) *eu tenho vontade de ir lá (...) porque realmente é um espetáculo bonito (D2 SSA 98: 811)*

(11) *evidentemente a ele caberá tomar a decisão (DID REC 131: 260).*

(12) *bem... naturalmente havia festa de formatura (DID SP 242: 253).*

(13) *e portanto... todos os serviços... que ele presta... aos seus associados são efetivamente de um valor... inestimável (DID REC 131: 85).*

(14) *logicamente eu gostaria de fazer (D1 RJ 355: 109).*

(15) *nosso produto nacional é... eu acho... sem dúvida nenhuma a mulata (D2 POA 291: 680.*

(16) *aí vieram três pajés e ficaram duas horas suando ali em cima... mas fazendo os maiores estardalhaços e tal... acabaram tirando uma pena de passarinho... uma galinha... um negócio assim... pronto sarou (D2 SP 343: 768).*

III.1.1.2 - Asseverativos Negativos: *de jeito nenhum, de maneira nenhuma, coisa nenhuma.*

Como se pode inferir dos exemplos (10) a (16), os Asseverativos Afirmativos não são os responsáveis exclusivos pela criação do sentido de asseveração. Outros meios linguísticos concorrem para tal, entre eles a entoação e o modo verbal empregado. Os Asseverativos reforçam esse sentido, de que resultam sentenças mais enfáticas quanto a esse particular.

Borillo 1976: 80 diz que a asseveração está associada à evidência (donde evidentemente), à ordem natural das coisas (donde naturalmente), à necessidade (donde forçosamente) e à irrefutabilidade (donde incontestavelmente). Esse mesmo Autor mostra que alguns Asseverativos Afirmativos trazem uma marca negativa: são os que expressam a dúvida (sem dúvida, indubitavelmente), o refutável (incontestavelmente, indiscutivelmente) e o inescapável (inevitavelmente).

Foram identificados 254 Asseveradores em nossos dados, sendo 95% Afirmativos (242 ocorrências), e 5% Negativos (12 ocorrências). Dentre os Afirmativos, realmente toma a dianteira, distribuindo-se os itens da seguinte forma:

realmente:	*123/242 - 50%*
exato, claro, certo, pronto, lógico:	*50/242 - 20%*
outros em -mente:	*37/242 - 15%*
evidentemente:	*24/242 - 10%*
sem dúvida, na realidade, mesmo:	*8/242 - 5%*

A seguir, detalho algumas características do uso de realmente, de acordo com o plano previamente traçado.

O lugar de figuração predileto de realmente é a estrutura funcional da S. Encontrei apenas 15 ocorrências no interior do sintagma (12,3%), contra 108 ocorrências na estrutura funcional (87,7%).

Com relação às posições sentenciais, era de esperar-se a predominância de P1 ou de P2, isto é, antes ou depois da S, mas os valores aí apurados são quase idênticos aos da distribuição intra-sentencial: 50 ocorrências em P1 e em P2 (46,2%), contra 58 em P3 e P4, isto é, entre o sujeito e o V, e entre o V e seu argumento (53,8%). Vejamos alguns exemplos das ocorrências "sentenciais":

Em P1 na sentença:

(17) realmente você vê que aqui você passa melhor (D2 SSA 98: 452).

(18) e agora realmente ele não gasta muito (D2 SP 360: 387).

(19) realmente eu nunca havia visto frutas assim.

Em P2 na sentença:

(20) [indústrias] aonde é capacidade de realizar a mão né? sem a máquina realmente (EF RJ 379: 54).

(21) porque eles comem bastante coisa realmente (D2 SP 360: 326).

Entretanto, fixando a atenção nas ocorrências em P1 e em P2, constata-se uma forte preferência pela posição antes de S, em que há 46 casos (92%) contra 4 em P2 (8%). Isto faz desse Adv um hiperpredicador, atuando como um AdvS, como se comprova por

(17a) é uma realidade P
(17b) é real que P

Em Kato-Castilho 1991 aparece uma argumentação distinta da que acabo de fazer; parte-se ali da hipótese da harmonia trans-sintagmática, que Kato 1982/1988 vem sustentando. Segunda essa hipóte-

se, que toma em conta a estrutura argumental do Adv, é possível encontrar propriedades comuns nos verbos, nos adjetivos e nos advérbios modais. Assim, os Adv Modalizadores seriam ergativos, e tomam a S como seu argumento interno único.

Por outro lado, a posição periférica desse Adv em relação à S permite a modalização de outros modalizadores já aí contidos, ocorrendo uma predicação de segunda ordem, como em

(22) realmente... deve ser uma delícia ter uma família gran/ (D2 SP 360: 63)

(23) então eu acho realmente 0 (DID RJ 328: 338)

(24) se ele não for eu não sei realmente (D2 SP 360: 359).

As sentenças (22) e (23) mostram a combinatória de Asseveração com a não-Asseveração, isto é, afirma-se que se tem certeza sobre a impossibilidade de ter certeza.

Internando-se esse Adv pela sentença, nas posições 3 e 4, produz-se uma significação agregada à significação prototípica de asseveração afirmativa, obtendo-se um valor plurívoco:

Em P3 na sentença:

(25) e o molho realmente tem usos (D2 POA 291: 303).

(26) chega a Grande Guerra com o Japão realmente sendo uma das grandes potências (EF RJ 379: 98.

Em P4 na sentença:

(27) eu tenho realmente muito cuidado (DID RJ 328: 308).

(28) uma definição... na qual mostra realmente 0 (EF REC 337: 280.

(29) os associados tratam... realmente como já disse das vantagens salariais (DID REC 131: 183).

Em (29) o Adv assume uma significação plurívoca. Pode ser interpretado como Asseverador:

(29a) é real que os associados tratam das vantagens salariais,

e como Focalizador:

(29b) os associados tratam exatamente / inclusive das vantagens...

Ilari 1989 trata a significação contida em (29b) como um caso de "verificação de coincidência com um protótipo".

A mesma plurivocidade ocorre quando esse Adv figura antes do núcleo (P1) dos seguintes sintagmas:

* parece que a "classe" sintática do sintagma "modifi-
cado" é irrelevante.

A) Sintagma Adjetivo:

(30) *é realmente parecido (DID RJ 328: 202).*

(31) *entrega um instrumento realmente científico (EF REC 337: 343).*

(32) *é o prolongamento realmente mais acentuado (EF SSA 49: 176).*

(33) *com toda sua população realmente excessiva (EF RJ 379: 170).*

B) Sintagma Preposicionado

(34) *com uma preocupação realmente de homem de ciência (EF REC 337: 352).*

C) Sintagma Verbal Composto, considerando-se como seu núcleo o V auxiliado:

(35) *espera-se que em algum tempo possa-se realmente reformularem (D2 POA 291: 1261).*

(36) *aquele que vai realmente prestar (DID REC 131: 240).*

(37) *eu não estou realmente familiarizado (DID REC 131: 157).*

(38) *a situação está realmente preocupando.*

Em (30) à significação asseverativa afirmativa agrega-se a significação graduadora intensificadora:

(30a) é real que é parecido,
(30b) é muito parecido.

O mesmo se pode dizer de (31) a (33), observando-se que em (32) co-ocorre com outro Graduador, mais.

Em (34) o valor agregado, tanto quanto em (29), é o de focalização:

(34a) com uma preocupação na verdade de homem de ciência,
(34b) com uma preocupação exatamente de homem de ciência.

Nas perífrases contidas nas sentenças de (35) a (38), o Adv afeta mais diretamente o V principal, desempenhando o papel de AdvC, como se vê em:

(35a) possa-se é realmente reformularem
(35b) possa-se somente reformularem,

desencadeando uma predicação de segunda ordem, e mantendo seu valor prototípico de asseveração:

(35c) possa-se na verdade reformularem.

Entretanto, comparando (36) com

(36a) aquele que realmente vai prestar

(36b) aquele que vai prestar realmente,

observa-se que a contiguidade do Adv com o V principal concentra a asseveração sobre o estado de coisas descrito por esse V, desviando-a da futuridade de (36), da possibilidade de (35), da resultatividade de (37) e da imperfectividade de (38), desencadeadas, respectivamente, pelos V auxiliares ir, poder, e estar. Isso quer dizer que em (36) se assevera a predicação expressa pelo V principal, ao passo que em (36a) e em (36b) assevera-se a futuridade do estado de coisas expresso por prestar, e assim por diante.

Nem sempre é possível identificar com segurança a posição ocupada por realmente. Em diversos enunciados ele parece flutuar entre duas Ss, funcionando como uma espécie de conector. Para fazer ressaltar esse duplo estatuto, adotarei um procedimento de transcrição distinto, como em

(39) *aquela tinta é uma tinta especial... quer dizer...*

realmente...

a...a...a fosforescência dela é muito intensa

(D2 SSA 98: 489).

Em (39) o Adv vem intercalado por pausas. Ele assevera que "aquela tinta é especial", e ao mesmo tempo abre caminho para uma

explicação mais detalhada sobre sua propriedade de fosforescência. Tal Adv, por assim dizer, "olha para trás" e "aponta para frente", numa dupla articulação, o que faz dele um Marcador Conversacional. Conforme aponta Marcuschi 1987, essa é uma das propriedades dos Marcadores, que entre outras funções servem para organizar o texto.

O polifuncionalismo dos Adv assume, assim, uma nova fisionomia, estendendo-se para o domínio do discurso e, por via de conseqüência, para o texto. Ele pode, por exemplo, reforçar a intenção de manter a interação, como se vê em

(40) L1 - (...) a nossa conversa está em torno de dinheiro... de inflação... de desvalorização da moeda... e eu acho que primeiro por incapacidade minha... despreparo em relação a mercado de capitais...e...a outros...

L2 - daí vamos fazer um curso...

L1 - <u>exatamente</u>... em outros campos de aplicação de dinheiro... eu acho... todo o dinheiro que eu ganhar... eu primeiro aplicaria sempre em obra de arte... (D2 RJ 355: 213).

Nota-se que em (40) o poder predicador de <u>exatamente</u> produz as seguintes significações:

(40a) concordo com Você em que o melhor será fazer um curso, visto que não estou sabendo encaminhar a conversa sobre dinheiro,

em que exatamente é um Asseverador da P de L2, e

(40b) quero continuar a conversa com Você e aceito sua correção,

em que exatamente assevera a intenção de L1 em manter a conversa.

Outros Asseverativos como exato, claro, certo, lógico e pronto têm enquanto Marcadores Conversacionais uma taxa de ocorrência significativa. Eles são construídos sobre uma base adjetiva, e Basílio 1989 caracterizou o estatuto gramatical desses itens, indubitavelmente adverbiais. Eles modalizam asseverativamente a fala do outro, frequentemente em situações de heterocorreção, e assinalam a intenção de manter o diálogo. No primeiro caso, desempenham o papel de predicadores do enunciado, e no segundo, desempenham o papel de predicadores do discurso:

(41) L1 - é a qualidade...

L2 - naturalmente...exato... qualidade... eu acho que a qualidade é um negócio sensacional (D2 POA 291: 78).

Uma significação aditiva é a fática, pois Asseverativos como certo sinalizam que se entendeu a estratégia discursiva do interlocutor, como neste exemplo, em que o Inf assegura ter entendido o alcance da pergunta que lhe foi formulada pelo Doc:

(42) *Doc - a senhora chega no cinema a senhora faz o quê ?*

Inf - *certo* *eu*

acho que antigamente o cinema (...) (DID SP 234: 542).

As propriedades semântico-pragmáticas desses Asseveradores permitem sua utilização como demarcadores das Unidades Discursivas, fato que assinalei em trabalho anterior: Castilho 1987. Secundariamente, evidencia-se que os Marcadores Conversacionais não são uma classe gramatical, acolhendo-se aí diferentes classes lexicais e mesmo não lexicais, conforme argumento no trabalho acima.

Algumas indagações, não contempladas nos quesitos enumerados em **II.4**, dizem respeito a uma possível correlação entre a presença dos Epistêmicos Asseverativos e a estratégia discursiva adotada, e consequente tipo de texto que está sendo produzido.

Chamou-me a atenção a desigual concentração desses Adv nas entrevistas. Assim, eles se ausentam por completo nas receitas de comida (D2 POA 291: 163-195, DID RJ 328: 385-455), nos relatos da vida familiar (DID POA 45) e nos momentos de "armação do raciocínio" (como no EF POA 278: 88-109). Percebe-se que os conteúdos não objetáveis dessas passagens dispensam o Adv. Em contrapartida, eles são altamente frequentes nos trechos em que se tiram consequências de um raciocínio (EF POA 278: 109-125), e nas entrevistas gnômicas, em que o nível de informatividade é baixo,como neste trecho:

(42) *normalmente... quando existe um presidente [de sindicato]... que: procure defender... os interesses da classe... que seja realmente dinâmico... no sentido amplo da palavra... o sindicato realmente sofre um processo... evolutivo... nós verificamos por exemplo que determinados sindicados realmente tomam... um passo... adiante (DID REC 131: 57-61).*

Nesta entrevista, ocorreram 107 advérbios em 429 linhas de transcrição, dos quais 48 são modalizadores. Pode-se reconhecer aqui mais uma evidência do "sotaque sintático" de que falam Tarallo et alii 1989. Constata-se ademais que ao primeiro realmente sucedem-se vários outros, num trecho escassamente informativo, em que o falante se entrega a uma estratégia de argumentação altamente previsível. É mais uma manifestação do "efeito-gatilho", que gera textos paralelísticos, já bem estudados no Português do Brasil, como se vê no balanço de Scherre 1988: 408-415. Confinados à camada proposicional da língua-cebola dascalina, será melhor não *"superestimar a eficiência"* significativa desses Adv, para parodiar Labov 1987: 329. Entretanto, se nos movermos para a camada pragmática, e ficarmos atentos à importância dos Asseveradores como operadores argumentativos, tais Adv ganharão outra importância. Parece que para acrescentar relevo a informações irrelevantes o locutor esforça-se por conferir um tom de autoridade à sua fala, recheando-a de Asseveradores.

Em outras situações, como destacou Rodolfo Ilari em comunicação pessoal, o Adv realmente presta-se a uma sorte de manobra do locutor, que se antecipa uma reação do interlocutor. Assim, num re-

lato de visita ao Norte do país em que se destaca a multiplicidade de frutas desconhecidas dos sulistas, o locutor detecta um momento de desconfiança por parte do interlocutor, em face de tanto exotismo junto. Para abortar uma intervenção, ou para preservar sua face, ele se sai com esta modalização:

(43) mas frutas realmente que eu nunca havia visto (DID RJ 328: 77).

Tanto em (42) quanto em (43) o que se assevera não é apenas o conteúdo de P, e sim a disposição do falante em sustentá-lo, associando-se a predicação pragmática à predicação sintática. De novo o Adv é um predicador de dois lugares, fenômeno já examinado anteriormente.

III.1.2 - Modalizadores Epistêmicos Quase-Asseverativos

Os Modalizadores Epistêmicos Quase-Asseverativos podem ser representados pelos predicadores "eu acho", "eu suponho", "é provavel que P". Foram identificados os seguintes itens com esse papel: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente*. Alguns exemplos:

(44) eufemismo besta... que se usa apenas... por assim um negócio histórico... afetivo (D2 REC 5: 1034).

(45) *agora outro tipo de escola que talvez não tenha esse objetivo (DID SSA 231: 110).*

(46) *mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de de Recife ... provavelmente é superior a qualquer uma do país (D2 REC 5: 302).*

(47) *eventualmente eventualmente as linhas eróticas... e a religiosa se cruzam (EF SP 153: 302).*

(48) *e possivelmente passe essa fase (D2 SP 360: 226).*

Foram encontrados 183 Quase-Asseverativos no corpus, com a seguinte frequência de uso:

assim	*132/183 - 72%*
talvez	*29/183 - 16%*
provavelmente	*10/183 - 5,5%*
eventualmente	*9/183 - 4,5%*
possivelmente	*3/183 - 2%*

A Gramática Tradicional considera assim um advérbio de modo, isto é, um Qualitativo, na classificação de Ilari et alii 1989: 21, nas construções em que esse Adv é Qualitativo Quase-Argumental, como em

(49) *agindo assim você ainda acaba se dando mal.*

Trato desse tipo de ocorrência no Cap. V. Não é evidentemente ao assim Qualificador que me refiro aqui. Trata-se de um Adv muito frequente na LF, o qual anuncia uma categoria sintática, seja um constituinte sintagmático, seja um constituinte funcional da S. No estudo citado acima, Ilari propõe a designação tentativa de "flag" para captar a função desse Quase-Asseverativo. Ele tem uma distribuição bastante regular, sempre após o núcleo sentencial (57% das ocorrências), ou antes ou depois do núcleo sintagmático (43% das ocorrências):

Em P4 na sentença, além de (44):

(50) vez por outra... vocês terão assim... um pouco ... da Sociologia... (EF REC 337: 250).

(51) a gente precisa...assim... de diversão.

Em P1, nos Sintagmas Adjetivo e Adverbial:

(52) hoje parece assim meio... incrível (EF SP 405: 360).

(53) eu não lembro mais... assim muito... (DID RJ 328: 197).

Em P2, no Sintagma Nominal:

(54) um olhar assim um tanto voltado à realidade (EF REC 337: 359)

(55) um potezinho assim com flores (DID POA 45: 36).

Sustento que em todos os exemplos acima esse Adv modaliza o conteúdo do constituinte à sua direita, prevenindo o interlocutor de que não há o compromisso de uma afirmação peremptória sobre "ter Sociologia" e "precisar de diversão", em (50) e (51), "ser incrível", em (52), "lembrar muito", em (53), e assim por diante. Note-se sua co-ocorrência com Qualificadores Graduadores e Aproximadores nesses exemplos, aos quais assim agrega um caráter quase-asseverativo.

A Análise da Conversação tem descrito esse Adv como um preenchedor de silêncio: por não saber o que dizer, o locutor "recheia" o vazio conversacional com esse item, evitando a perda do turno. Em primeiro lugar, é complicado sustentar que o locutor perde às vezes o domínio sobre sua fala. Por outro lado, a verdadeira questão será explicar por que, nessa situação, ele seleciona o item assim e não outro qualquer. Retomando a intuição de Ilari, podia-se identificar nas propriedades fóricas de assim seu licenciamento para os usos acima reunidos. Ele retoma o conteúdo do item anterior e anuncia alguma especificação que será verbalizada posterioremente, seja através do argumento do V, seja através do complemento do N, do Adj ou do Adv. Trata-se, portanto de uma classe simultaneamente fórica, algo como, em (55)

(55a) um potezinho... um potezinho com flores,

e predicativa, isto é

(55b) estou falando de um potezinho, acho que ele tem flores.

Essas paráfrases permitem avançar que do ponto de vista predicativo o Adv que vimos analisando tem um significado unívoco, atuando como predicador de primeira ordem. Não posso deixar de reconhecer, entretanto, que ao lado disso, o Adv assim afeta igualmente a fala, como uma sorte de operador metalinguístico, o que vem atestar uma vez mais o caráter polifuncional da classe.

III.2 - MODALIZADORES DEÔNTICOS

Os Modalizadores Deônticos predicam o conteúdo de P que passa a ser entendido como um estado de coisas que precisa ocorrer obrigatoriamente. Não é mais o valor de verdade de P que está em jogo, como na classe anterior.

Considerada amplamente, a modalização deôntica compreende a obrigação, a proibição, a permissão e a volição. Quirk et alii 1985 consideram-na como uma modalidade intrínseca (= há um controle humano sobre os eventos), ao passo que a modalização epistêmica é extrínseca (= não há esse controle).

Dada a natureza dos materiais do Projeto NURC, constituídos por entrevistas tematicamente orientadas, em que prevalece a função referencial da linguagem, não se criam as condições discursivas para uma larga emergência dos Deônticos. Afinal, são escassíssimas as situações de interação espontânea, em que o locutor precisasse atuar fortemente sobre o interlocutor. Disso decorrem resultados muito modestos, na verdade 8 ocorrências, sendo 7 de "necessariamente" e 1 de "obrigatoriamente". Exemplos:

(56) *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar <u>necessariamente</u> ligada a esta preocupação vital (EF SP 405: 101).*

(7) toda e qualquer cirurgia... no campo médico... (...) implica <u>obrigatoriamente</u> em despesas.

A posição preferida dos Deônticos foi a P1 sentencial:

(57) não que <u>necessariamente</u> ele precise saber que... (EF POA 278: 690.

(58) agora... para ele chegar à análise ele tem que ter passado pelo conhecimento... pela compreensão... mas não <u>necessariamente</u> 0 precisa aplicar (EF POA 268: 348),

mas os exemplos anteriores mostram uma distribuição sentencial P4 em (7) e uma distribuição sintagmática P2 em (56), neste caso co-ocorrendo com um V também deôntico.

Em qualquer uma dessas distribuições é patente que se trata de um AdvS:

(56a) é necessário que toda e qualquer manifestação (...) vai ter que estar ligada a esta preocupação vital.
(56b) é uma necessidade que P.

(7a) é obrigatório que toda e qualquer cirurgia implique em despesas.

Em todas essas posições, esses Adv preservaram seu valor semântico prototípico.

III.3 - MODALIZADORES PRAGMATICOS

Vimos nos subcapítulos anteriores que os Modalizadores Epistêmicos enquadram a proposição do ângulo de seu valor de verdade, enquanto que os Modalizadores Deônticos o fazem do ângulo da obrigatoriedade de sua ocorrência.

Os Modalizadores Pragmáticos deixam P num discreto segundo plano. Vou sustentar que eles predicam basicamente os participantes do discurso, verbalizando as reações do locutor (ou do locutor em face do interlocutor) diante do conteúdo proposicional. Em suma, eles são decididamente orientados para o discurso.

Eles exemplificam a função emotiva da linguagem e podem ser representados pelo predicador "eu sinto X (diante de Y) em face de P". Há dois tipos de Modalizadores Pragmáticos: os Subjetivos e a dos Intersubjetivos, mas os limites entre eles são muito frouxos.

III.3.1 - Modalizadores Pragmáticos Subjetivos

Os Pragmáticos Subjetivos põem em relevo os sentimentos que são despertados no locutor pelo conteúdo proposicional, e por isso podem ser parafraseados por "eu fico [Adj] que P" / "eu V

[deadverbial] por P"/ "é (um) N [adverbial] que P". Trata-se, portanto, de um predicador de segunda ordem. Ocorreram os seguintes itens dessa subclasse: *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, estranhamente.* Alguns exemplos:

(59) *felizmente ainda não começaram [aquela fase mais difícil] (D2 SP 360: 49).*

(60) *não existe preocupação no Brasil... ainda... lamentavelmente (D2 POA 291: 125).*

(61) *curiosamente... é nesse ano que os mineiros conseguem depois de anos de esforço... completar "O Calvário de Dolores" (EF SP 153: 580).*

Esses Adv são biorientados: eles predicam o locutor e o conteúdo da P, como ressalta destas paráfrases:

(59a) *eu fiquei feliz porque P*
(59b) *é uma felicidade que P*

(60a) *eu lamento que P*
(6ab) *é lamentável que P*

(61a) *eu fico curioso [ao constatar] que P*
(61b) *é uma curiosidade que P.*

As distribuições sentenciais P1 e P2 são quase categóricas (90%), mesmo nas incisas, como em:

(62) *o nosso con/ concurso felizmente para o nosso caso estendeu-se mais (D2 SP 360: 585),*

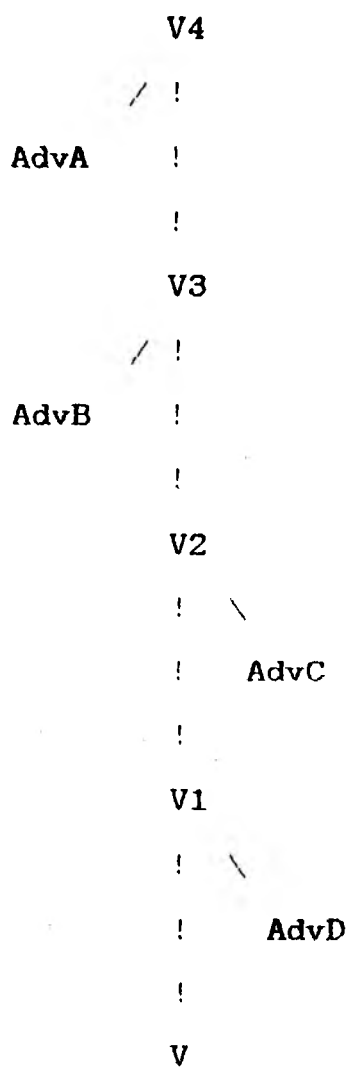
e não há dúvida que se trata de um AdvS. Aliás, o estatuto sintático desses Adv tem sido abundantemente examinado na literatura.

Jackendoff 1972 sustenta que estes Adv integram uma classe sintaticamente mais alta que a de todos os Modalizadores examinados até aqui. Para isso, ele argumenta que a S, sendo uma projeção da categoria lexical V, corresponde a um V3, que domina estes AdvS, as sentenças parentéticas e as relativas, o SN sujeito e o Auxiliar.

Nakajima 1982 retoma essas idéias, propondo antes uma classificação dos Adv segundo diferentes classes de dominância: Grupo A (*fortunately, happily, sadly, surprisingly, astonishingly*, que correspondem aos nossos Predicadores Pragmáticos); Grupo B (*probably, possibly, maybe, certainly, evidently, clairly*, que correspondem aos nossos Predicadores Modalizadores); Grupo C (advérbios restritivos de Lugar e de Tempo, Frequência e Instrumento, os dois primeiros dos quais correspondem aos Não-Predicadores Circunstanciais, segundo Ilari et alii 1989: 95, e o terceiro, aos nossos Predicadores Quantificadores Aspectualizadores); Grupo D, integrado pelos nossos Predicadores Qualificadores Quase-Argumentais. Como a cada classe corresponde um tipo de subcategorização, na ordem "de cima para baixo", isto é, de A para D, ele conclui ser necessário acres-

* Estudar ist.

centar mais uma camada à proposta de Jackendoff, entendendo S como um V4, de acordo com a seguinte representação:



Os Adv dos Grupos C e D podem ocorrer sozinhos na posição de foco, e portanto são AdvC nos termos adotados em nossa análise sintática. Já os Adv dos Grupos A e B não podem ser focalizados, como se pode ver em

*(59c) * foi felizmente que ainda não começaram*

*(59d) * inclusive / só felizmente ainda não começaram.*

*(6g) * é provavelmente que esse cara vai fazer mais diferença.*

*(6h) * inclusive / só provavelmente esse cara vai fazer mais diferença.*

O Modalizador Quase-Asseverativo de (6) só se torna focalizável quando se toma por escopo também um argumento de S, como em:

(6i) é provavelmente esse cara que vai fazer mais diferença

(6j) inclusive provavelmente esse cara vai fazer mais diferença,

mas nesse caso (i) é o argumento de S que está sendo focalizado, e (ii) o Adv assume o valor agregado de Focalizador.

III.3.2 - Modalizadores Pragmáticos Intersubjetivos

Os Pragmáticos Intersubjetivos põem em relevo os sentimentos do locutor diante do interlocutor, em face do conteúdo de P, e por isso podem ser parafraseados por "eu sinto X diante de Você devido a P". Trata-se de um predicador de segunda ordem (sendo que, como predicador pragmático, ele toma por sujeito a primeira e a segunda pessoas), com escassa representação no corpus: identifiquei apenas "sinceramente" e "francamente"; "ingratamente" parece ser um

caso à parte. Exemplos:

(9) sinceramente... não consegui... não consegui entender.

(63) francamente ... os advérbios me desconcertam.

(64) não me recordo... não me recordo também... ingratamente não me recordo do apresentador do programa (DID SP 161: 481).

Esses Adv predicam o locutor, o interlocutor e o conteúdo de P, como se vê por estas paráfrases:

(9a) sou sincero com Você a propósito de P
(63a) sou franco com Você... os advérbios me desconcertam,

e a tríplice seleção de seu sujeito impede paráfrases do tipo

*(9b) * é uma sinceridade que P*
*(63a) * é uma franqueza que P.*

Sua distribuição é nitidamente periférica, embora pudessem figurar como P3 sentencial:

(9c) eu sinceramente não consegui entender
(63b) os advérbios francamente me desconcertam.

Na figuração P4 sentencial eles podem mudar de classe, tomando como sujeito apenas o V, e atuando como Qualificadores Quase-Argumentais, como em

(64) falei francamente sobre a dificuldade que os advérbios levantam,

isto é,

(64a) falei com franqueza sobre...

De todo modo, não ocorrem no interior dos espaços sintagmáticos, salvo se se tratar de SV.

Não é fácil identificar o estatuto sintático desses Adv, creio que devido à complexidade de sua propriedade predicadora. O teste (9b) mostra que não se trata de um AdvS - e o mesmo se pode dizer de "francamente". Seriam então AdvC ? Também não:

*(9c) * é sinceramente que não consigo entender.*
*(9d) * só sinceramente não consigo entender*

O caso de "ingratamente" é ainda mais ingrato, pois aparentemente ele "passa" por todos os testes, o que é igualmente despistador:

(64a) é uma ingratidão que P,

logo, AdvS.

(64b) ? só ingratamente não me recordo

(64c) ? é ingratamente que não me recordo

logo, AdvC.

Talvez seja necessário retomar o princípio da harmonia trans-sintagmática, desenvolver análises dos adjetivos que estão na base desses Adv para retomar esta busca de seu estatuto sintático.

CAP. IV - A PREDICAÇÃO ADVERBIAL QUANTIFICADORA

Descrevo neste capítulo os Advérbios Quantificadores, começando por uma caracterização do que é a quantificação, seguida de uma pré-análise dos dados apurados no corpus. Dessa pré-análise resultou a identificação de duas classes de Quantificadores: (1) Aspectualizadores Quantitativos e (2) Delimitadores. As diferentes ocorrências são então analisadas, de acordo com o plano apresentado no Cap. II.

IV.0 - A QUANTIFICAçÃO

A Predicação Quantificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificado sua extensão, isto é, sua propriedade de designar um conjunto de indivíduos.

O termo quantificacão é relativamente novo na Linguística, na qual veio a substituir o termo extensão, de largo curso entre lógicos e matemáticos: Pinto 1977: 42. Extensão aparece, por exemplo, na Lógica de Port Royal, por contraste com compreensão, hoje substituída por intensão:

> *"J´appelle compréhension de l´idée les attributs qu´elle enferme en soi, et qu´on ne peut lui ôter sans la détruire, comme la compréhension de l´idée d´un triangle enferme extension, figure, trois lignes, trois angles, et l´égalité de ces trois angles à deux droits, etc. J´appelle étendue de l´idée les sujets à qui cette idée convient, ce qu´on appelle aussi les inférieurs d´un terme général, qui à leur égard est appellé supérieur, comme l´idée du triangle en général s´étend à toute les diverses espèces de triangles": Arnauld et Nicole 1662: 166, apud Touratier 1989: 42.*

O par "compreensão/extensão" aparece, por conseguinte, numa gramática racionalista como a de Soares Barbosa, particularmente quando esse gramático trata dos adjetivos, que descreve em termos de "qualidades individuais" (= intensão) e de "quantidade de indivíduos" (= extensão):

> *"Os adjetivos determinativos aplicam aos nomes comuns e os determinam a um sentido individual de dois modos: ou caracterizando-os por certas qualidades individuais, ou contando-os e aplicando-os a certo número e quantidade de indivíduos". Moraes Barbosa 1803: 98.*

Para bem demarcar essas propriedades, alguns autores têm sugerido que os termos "extensionalidade" e "intensionalidade" sejam reservados à Lógica, e "extensão" e "intensão", à Linguística. A diferente sufixação desses termos é justificada por Touratier 1989: 43, que argumenta que a Linguística trata de entidades reais, ao passo que a Lógica trata de entidades virtuais, fora do enunciado. De todo modo, vou servir-me aqui desse par de conceitos para distinguir Advérbios Quantificadores, operadores da extensão, de Advérbios Qualificadores, operadores da intensão.

Ao codificar a quantificação, a língua movimenta diferentes níveis hierárquicos:

1) Na Morfologia Flexional, os morfemas de número, e na Morfologia Derivacional sufixos tais como -itar, -ejar e poucos mais.

2) Na Sintaxe, Sintagmas Nominais e Preposicionais cujo N dispõnha de certas propriedades intensionais caracterizadas adiante, e/ou sejam especificados por Quantificadores (Numerais, Pronomes Indefinidos, Expressões Partitivas); Sintagmas Adjetivais cujo núcleo seja um Adj Quantificador: Castilho e Moraes de Castilho 1993; Sintagmas Adverbiais, como aqueles examinados neste capítulo.

Ao conceituar a quantificação, não é incomum que a atenção se fixe numa dessas classes, particularmente na dos Nomes, como se pode ver nesta definição de Lyons, em que o conhecido semanticista procura distinguir "determinação" de "quantificação":

> *"The distinction between determiners and quantifiers may be drawn, informally but well enough for the purpose, as follows: determiners are modifiers wich combine with nouns to produce expressions whose reference is thereby determined in terms of the identity of the referent; quantifiers are modifiers which combine with nouns to produce expressions whose reference is thereby determined in terms of the size of the set of individuals or in terms of the amount of substance that is being referred to". Lyons 1977: 454-455.*

Neste Capítulo, pretendo demonstrar que além dos Nomes, também os Verbos, os Adjetivos e as Sentenças podem ser quantificados. Isto significa que um Quantificador será entendido como um predicador, fato reconhecido por Leech 1974: 171.

Sendo um predicador, e não um argumento, os Quantificadores (1) não podem ser graduados e (2) podem ser negados.

Sejam os seguintes exemplos:

(1) *uma vez por semana eu me dou o luxo de comer do::ces... sabe? (DID RJ 328: 47).*

(1a) *nenhuma vez por semana eu me dou o luxo de...*

(2) *agora... como muitas vezes o brasileiro tem a mania de se receitar... (D2 POA 291: 646).*

(2a) *não muitas vezes o brasileiro.../ raras vezes o brasileiro...*

(3) *no entanto não se usa [chapéu]... um ou outro que usa normalmente (D2 POA 291: 800).*

(3a) *? não normalmente um ou outro usa chapéu / excepcionalmente um ou outro usa chapéu*

(4) *está sempre emperrado aquilo lá (DID POA 45: 4).*

(4a) *nem sempre está emperrado aquilo lá*

(5) *você encontra fruta-de-conde a cada passo (DID RJ 328: 103).*

(5a) você encontra fruta-de-conde não a cada passo

(6) então eles seguido estão aqui (DID POA 45: 148).

(6a) eles não seguido estão aqui

(7) estamos pensando não ofi/ oficialmente não está encerrado [ter mais filhos] D2 SP 360: 79).

(8) geologicamente, a Serra do Mar é uma falha na crosta terrestre, não uma cadeia de montanhas.

(8a) a Serra do Mar é uma cadeia de montanhas de acordo com a percepção popular, não geologicamente.

(9) alguém mais quer dar palpites aí ? (EF POA 278: 248).

*(9a) * alguém não mais quer dar palpites ?*

(10) todo mundo vai ao cinema, menos você.

*(10a) * todo mundo vai ao cinema, não menos você.*

Nos exemplos acima, os Adv e Adverbiais grifados interferem na extensão das classes a que se aplicam.

Em (1) uma vez por semana modifica "dar-se o luxo de" para indicar que o estado de coisas descrito por essa expressão tem uma ocorrência singular, em contraste com (2) a (6), em que o estado de coisas descrito pelos respectivos predicados verbais têm uma ocorrência pluralizada. Pode-se reconhecer que a quantificação implicou

numa "restrição ou ampliação de extensão". Denominarei Aspectualizadores os Adv aí assinalados.

Em (7) e (8) a operação foi distinta. Circunscre-se agora a extensão de "estar pensando" aos limites dados pelo Adv oficialmente e geograficamente. Há uma "limitação de extensão", e assim o predicado verbal não ultrapassa o campo especificado por esse Adv. Chamarei Delimitadores de Domínio os Adv que desencadeiam esse tipo de modificação.

Caberia discutir se (9) e (10) exemplificam outros processos de predicação quantificadora. Parece que não, pois as expressões aí grifadas adicionam ou subtraem conjuntos. A diferença dos Aspectualizadores e dos Delimitadores, que trazem uma contribuição ao sentido da classe-sujeito, aspectualizando-a ou delimitando-a, em (9) e (10) o que temos são operadores de conjuntos inteiros, que são meramente adicionados ou subtraídos, sem qualquer contribuição semântica ao seu escopo. Essas expressões ilustram o processo não-predicativo de verificação de inclusão / exclusão, e por isso não podem ser negados.

As duas subclasses acima têm em comum, portanto, funcionarem como operadores de quantificação. A quantificação não parece interferir nos traços constitutivos do sentido das classes-sujeito. Ampliar a extensão (via Aspectualizadores) ou circunscrevê-la (via Delimitadores de Domínio), não implica em alterar o sentido lexical de base dos itens afetados.

A seguir, procurarei descrever cada um dos Adv de Quantificação identificados nesta pré-análise.

IV.1 - QUANTIFICADORES ASPECTUALIZADORES

Vou interpretar o Aspecto neste trabalho como uma categoria semântica por meio da qual (i) qualificamos o estado de coisas descrito por um predicador (= V, Adj, Adv ou N deverbal), retratando os graus de seu desenvolvimento ou os estados daí decorrentes e (ii) quantificamos o estado de coisas descrito por esse predicador, especificando o número de vezes em que ele ocorre.

O Aspecto é símbolo e representação, e portanto não depende do contexto enunciativo para ser depreendido. Ele adere às ações, aos eventos e aos estados por meio dos quais representamos a realidade. Para isso, o aspecto dispõe de um referente fixo, estável, dado pelo sentido contido no radical do item predicador (conhecido como o "modo da ação" [al. Aktionsart], no caso dos Vs), o qual interage com as flexões do tempo, os argumentos verbais, as propriedades dos Vs auxiliares, os adjuntos adverbiais e o padrão sentencial. Ao longo dessa interação, o sentido lexical de base pode ser mantido, ou pode ser alterado. Em suma, não dispondo de morfologia própria, o Aspecto tem um forte caráter composicional, ponto que venho sustentando há tempos: Castilho 1968, 1984c.

Algumas ocorrências permitem perceber como o Aspecto se organizou na língua portuguesa:

(11) *você primeiro arruma as malas... você já está na rua... a mala já está arrumada (D2 SSA 98: 1644).*

(12) *fecha os olhos e concentra-se: por que os vizinhos vivem dizendo tantas coisas sobre sua família ?*

(13) *pôs-se a citar de memória as dívidas de cada um de nós, calou-se por um momento e acabou de fumar o seu charuto.*

Cada um desses exemplos pode ser encarado de diferentes ângulos quanto à expressão de Aspecto.

Confrontando a totalidade dos predicados verbais dessas sentenças com "está arrumada" de (11), constata-se que aqueles representam a realização da ação em si, ao passo que este destaca o resultado da ação. Há portanto uma distinção entre "operação da ação" e "resultado da ação", o que permite identificar o Aspecto Operativo e o Aspecto Resultativo, como macrocategorias que ordenarão o quadro aspectual.

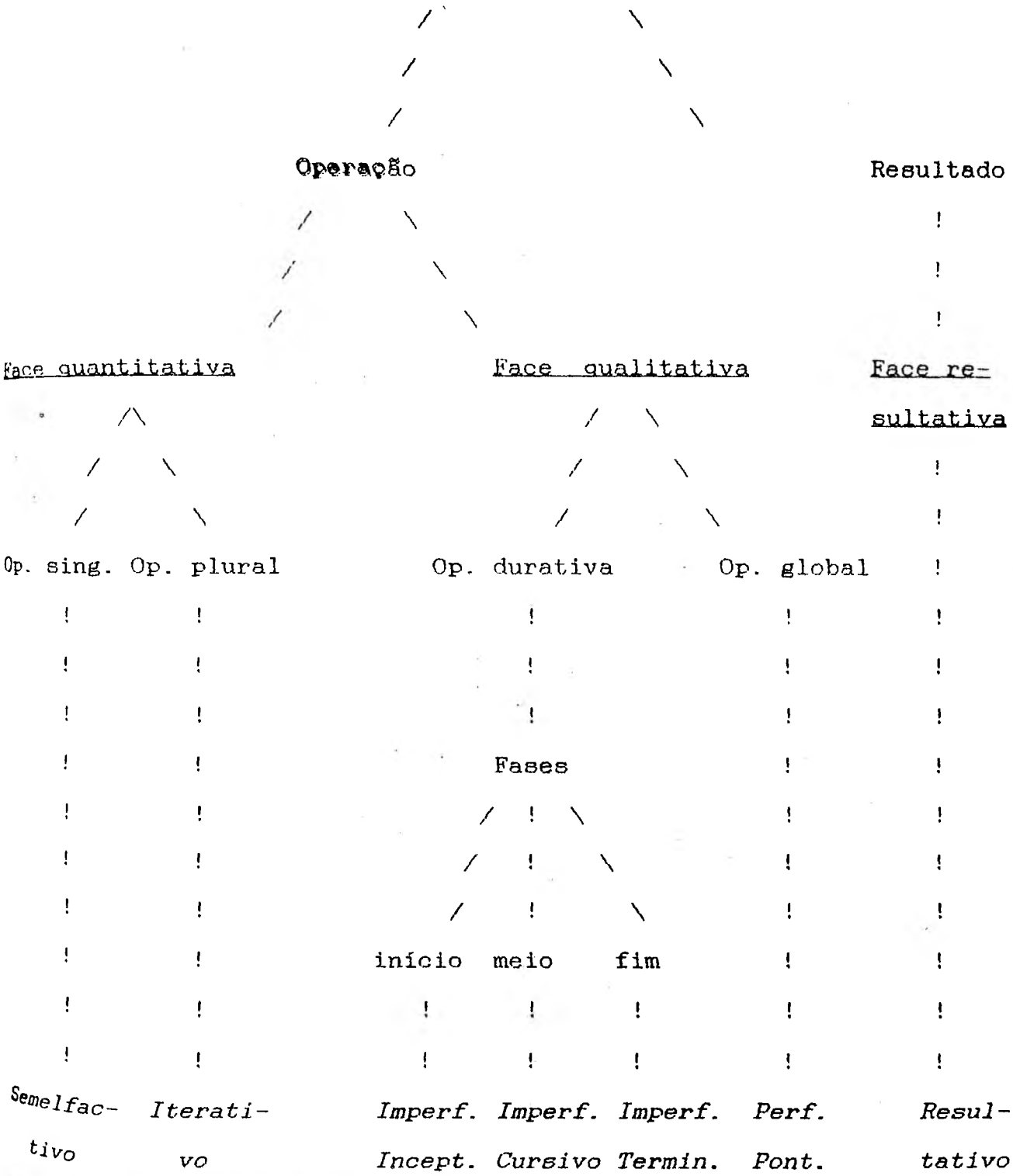
Em "fecha", "calou-se" representa-se uma ação télica, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, sem uma duração relevante. A ação télica ou global é aquela que tende inexoravelmente a um fim [gr. télos], sem o qual não se pode dizer que a ação foi operada. Este é o Aspecto Perfectivo. Em "calou-se + por um instante", o Adverbial compromete o traço de telicidade de "calar-se", e a resultante é durativa. Já em "arruma", "vivem dizendo", "pôs-se a

citar" e "acabou de fumar" representa-se uma ação atélica, isto é, uma ação que tem existência tão logo iniciada, sem necessidade de um desfecho. Este é o Aspecto Imperfectivo, no qual é possível reconhecer-se diferentes fases de processamento: uma fase inicial, dada por "pôs-se a citar" (Imperfectivo Inceptivo), uma fase medial, retratada em pleno curso de seu desenvolvimento, dada por "arruma", "vivem dizendo", "calou-se por um momento" (Imperfectivo Cursivo) e uma fase final, dada por "acabou de fumar" (Imperfectivo Terminativo). Constata-se que o Aspecto Operativo tem uma face qualitativa.

Em "arruma", "está arrumada", "fecha", "pôs-se a citar", "calou-se", "acabou de fumar", a operação da ação ocorreu uma única vez, ao passo que em "vivem dizendo" a ação de "dizer" ocorreu mais de uma vez. Constata-se que o Aspecto Operativo tem uma face quantitativa, distinguindo-se a ocorrência singular ou reiterada (Aspecto Semelfactivo) da ocorrência múltipla ou habitual (Aspecto Iterativo).

Seria um erro exercer, a respeito do Aspecto, o *"either-or thinking"*, pois cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face, combinando-se os planos que separei acima. A variedade dos estados de coisas representados pela predicação verbal requer um quadro pluridimensional, e assim as subclasses de Aspecto não operam numa forma estanque, o que seria antifuncional. Mas como analisar é separar o que vem ligado, proponho a seguinte matriz do Aspecto, na tentativa de apreender essa variedade:

Modelo semântico do Aspecto



Buhler 1934 propôs a divisão dos campos linguísticos em símbolo e dêixis. Continuo sustentando que Aspecto e Tempo são categorias distintas. O Aspecto se inscreve no campo simbólico, e Tempo, no campo dêitico. Reconheço as dificuldades de explicitação dessa diferença numa língua como a portuguesa, em que o Aspecto não foi codificado pela Morfologia. Entretando, os argumentos favoráveis à diferenciação me parecem mais fortes. Vou elaborar um pouco esta matéria, antes de descrever os Aspectos Aspectualizadores.

O Tempo, como categoria dêitica, não tem referente fixo, e sua interpretação tem sempre de ser mediada pela Pessoa, que fornece um quadro de referências no qual se localiza o estado de coisas descrito pelo Verbo numa perspectiva anterior, simultânea ou posterior ao ato de fala. Entre as diversas teorias sobre o Tempo, vou concentrar-me na de Bull 1960, dada a influência que esse linguista exerceu nos que se lhe seguiram.

Bull começa por separar o "tempo público", que é uma consideração do tempo como uma realidade objetiva (que lembra, ademais, o "tempo cronológico" de outras vertentes teóricas), do "tempo pessoal", que é a interpretação humana dessa realidade (vale dizer, o "tempo linguístico"). Ele prefere partir do tempo público, que provê uma perspectiva mais rigorosa para a abordagem da matéria.

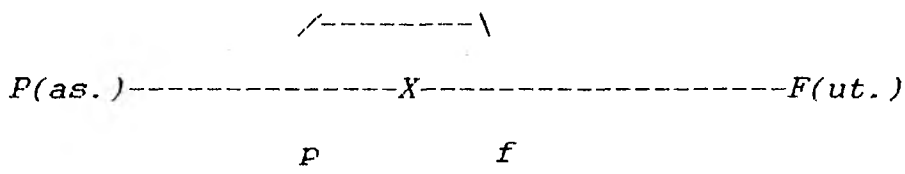
O tempo público se reveste de dois atributos básicos: (i) o tempo como <u>ordem</u>, isto é, como uma sequência de eventos dispostos num eixo de orientação, e o tempo como <u>intervalo</u>, isto é, como um

espaço que medeia entre um evento e outro no eixo de orientação.

Para desenvolver o conceito de ordem, Bull apresenta os seguintes argumentos: (1) O tempo é habitualmente concebido como uma linha reta, bidirecional e infinita *A<--->B*. Ela é bidirecional por que tanto podemos considerar os eventos de A para B, numa relação de posterioridade, como de B para A, numa relação de anterioridade. (2) Nessa representação gráfica do Tempo, os eventos deverão ser dispostos nessa linha, para o que precisaremos de pontos de referência. O presente, ou seja, o ato de fala, pode servir como um ponto primário de referência. Como o presente existe em função do passado e do futuro, e representa um ponto X no movimento do passado para o futuro, sua inserção na linha vai transformá-la num "eixo de orientação", isto é, a linha do tempo vai ser animada de uma direção, assimilando-se a um vetor. Representação gráfica: *A<---X--->B*. (3) Ao dispor os eventos no eixo de orientação, teremos de considerar a relação entre eles, visto que haverá eventos sequenciais, como nas narrativas cronológicas *(E1 + E2 E3...Ex)*, ou eventos simultâneos, quando ocorrem duas diferentes sequências de eventos, como, por exemplo, o evento em si e o "evento-ato-de-fala". Ao incluir em sua argumentação o ato de fala como um evento, Bull parece estar deixando o "tempo público" e ingressando no "tempo pessoal".

O conceito de ordem não é suficiente para dar conta dos atributos do tempo. Se o tempo é linear, e se os eventos se dispõem numa série na linha do tempo, isso implica em que há uma forma de relacionamento dos eventos entre si, isto é, há um intervalo entre

um evento e o outro. A própria concepção do presente como um "ponto primário" na linha do tempo já traz embutida em si a noção de intervalo. Afinal, o presente segundo Bull não é um mero limite entre o passado e o futuro; sendo um ponto nessa linha, e como o ponto não tem dimensão, como casá-lo com a linearidade típica do tempo ? O presente é, na verdade, um intervalo de tempo, pois é constituído de uma parte do passado e de uma parte do futuro, percepção que aparece em autores que antecederam Bull. Em princípio, o presente jamais seria apreensível, pois ao dizermos, por exemplo, "neste momento Fulano chega", o evento simultâneo ao ato de fala já se escoou, integrando-se no passado. Na esteira de Bull, Klum 1961: 59 elaborará mais esta teoria do presente, a qual não poderei reproduzir aqui. De todo modo, o último gráfico terá de ser re-elaborado para dar conta dessas reflexões:



X = ponto matemático presente, separando P e F

p-f = intervalo presente, constituído de uma amostra arbitrária de P e F: Klum 1961: 59.

Ordem e intervalo são, portanto, dois atributos básicos do tempo. Que consequências teóricas podem ser tiradas disso, e qual é sua importância no estudo dos adjuntos adverbiais?

Como já disse, o conceito de ordem dos eventos implica no de direção. Isto é, se os eventos podem dispor-se bidirecionalmente na linha do tempo, segue-se que qualquer ato de observação tem também ele uma orientação com respeito aos eventos observados. O observador *P* pode focalizar um evento simultâneo, que ele observa como se fosse um fenômeno "visto de dentro". Esse ponto de vista sobre o evento exclui a direção. Representando a direção dos eventos por meio do vetor *V*, diríamos que nesse caso o vetor é zero, *oV*. Se o evento é anterior a *P*, a direção é negativa, e o vetor é negativo, *-V*. Se o evento é posterior a P, a direção é positiva, e o vetor é positivo, *+V*. Isso quer dizer que qualquer direção de observação fixa pode ser considerada como um vetor, e todas as direções de observação possíveis a partir de *P* podem então ser expressas pelas fórmulas

E(P -V) *E (P oV)* *E (P +V)*

Estas são "fórmulas vetoriais" para a representação do tempo: Bull 1960: 14.

O conceito de intervalo leva ao de distância, isto é:

> *"entre dois eventos não simultâneos quaisquer há certa distância definível, que é um intervalo de tempo descobrível* ***x****, que será chamado* ***escalar****, isto é, uma quantidade que não tem direção e que, em termos de quaisquer séries, é bidirecional":*

Bull 190: 14.

A distinção entre vetor e escalar permite analisar diferente os advérbios de tempo - e, como veremos, também os Advs Aspectualizadores -. Assim, em *"cheguei aqui muito tempo antes de você"*, "antes" dá uma indicação vetorial, pois mostra que se focalizou um evento anterior ao ponto primário, ao passo que "muito tempo" dá uma indicação escalar, pois mostra que se focalizou a distância entre um evento e o outro. Analogamente, em *"cheguei aqui duas horas após"*, a função escalar está preenchida por "duas horas" (= intervalo sem direção), e a função vetorial está preenchida por "após".

Bull continua sua argumentação, propondo um construto que representa o sistema máximo das possibilidades temporais. Trata-se de um conjunto de fórmulas a que correspondem conjuntos de morfemas nas línguas naturais. Como é óbvio, nenhuma língua esgota as possibilidades abertas pela matriz de Bull, o que abriu à pesquisa que se seguiu um interessante veio para as comparações entre as línguas. Mas suspendo aqui a resenha, pois já disponho dos elementos para minha argumentação em favor de uma distinção entre Tempo e Aspecto.

Parece-me que toda a questão está em que a concepção do Tempo depende crucialmente do entendimento de que há um intervalo entre um evento e outro. Os calendários criados pelas diferentes culturas valem-se da noção de intervalo de tempo, calcando-se na observação de fenômenos naturais. Um dia é o intervalo entre a manhã e a noite. Uma semana, o intervalo entre a segunda-feira e o domingo,

e assim por diante. Ora, o intervalo é um conceito fundamentalmente simbólico, visto que por essa categoria representamos o estado de coisas em sua dimensão espacial, em seu desdobramento, em sua sucessão.

O Aspecto, em contrapartida, não depende, como o Tempo, da postulação de conceitos híbridos, procedentes, uns, do campo simbólico, como o intervalo, outros, do campo dêitico, como a inserção do ponto primário na linha do tempo. Bull deixa claro que o Presente é o tempo simultâneo ao tempo do falante, ao tempo da primeira pessoa do discurso. Quer dizer que o conceito de Aspecto é primordial, vale dizer, o Aspecto - mesmo tendo um inegável caráter composicional - tem a autonomia que lhe é dada pelo léxico da língua, em sua função de representar o mundo. Não é razoável nem necessário conceber o Aspecto como uma sorte de "tempo interno". Insisto em que Aspecto é símbolo, é um conceito auto-sustentado, independente da enunciação. Nas palavras de Hopper 1982, *"aspect depends on an absolute, observer-independent shaping of a state or action"*. Os estados de coisa duram ou não duram, e a pespectiva temporal em que isso se dá é irrelevante. Já o Tempo é dêixis, e depende da Pessoa do discurso, que fornece os parâmetros para que se entenda o que é anterior, simultâneo ou posterior, tanto quanto depende da noção de intervalo ou duração entre um ponto e outro. O Tempo pressupõe o Aspecto, mas este não pressupõe aquele. Não admira que na fase de aquisiçao da linguagem primeiro venha o Aspecto, como categoria primitiva, e depois o Tempo, como categoria derivada: Lemos 1987. Estes argumentos, que assentam num trabalho que escrevi em 1966 (Castilho 1968), vol-

tariam a ser debatidos em Comrie 1976: 5 e em Lyons 1977: II, 705. Mas parece que foi Jakobson 1957: 134-135 quem primeiro formulou com clareza as diferenças entre uma categoria e outra:

> *"Aspect characterizes the narrated event itself without involving its participants and without reference to the speech event. () aspects quantify the narrated event. Tense characterizes the narrated event with reference to the speech event. Thus the preterit informs us that the narrated event is anterior to the speech event".*

Que interesse tem essa discussão para a descrição dos Advs? É que há Advs escalares, que remetem à duração, e Advs vetoriais, que especificam os pontos no eixo do tempo. Esses Advs entretêm diferentes relações com o tipo semântico do predicador, compondo-se de diferentes maneiras. Aparentemente, Advs escalares + Vs atélicos confirmam a imperfectividade destes (como em *"andaram durante três horas"*); combinados com Vs. télicos, suscitam a iteratividade (como em *"caíram durante três horas"*). De outro lado, Advs. vetoriais + Vs atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva (como em *"andaram às três horas"*, isto é, *"começaram a andar às três horas"*); combinados com Vs télicos, confirmam a perfectividade destes (cmo em *"caíram às três horas"*). Esta formulação precisaria ser amplamente testada, pois há incompatibilidades entre determinados Vs télicos e adverbiais escalares, como em *"* achei seu anel durante três minutos"*, que é uma sentença bloqueada, talvez, pelo tipo de

argumento interno.

Nesta parte do Capítulo IV, tratarei da face quantitativa do Aspecto, de acordo com o modelo semântico proposto acima.

Os Adv Quantificadores podem selecionar um único indivíduo do conjunto descrito pela classe-sujeito, ou mais de um indivíduo. Vamos chamar "Semelfactivos" aos Adv Quantificadores do primeiro tipo, e "Iterativos" aos do segundo.

Os dados exemplificam esses dois tipos de predicação aspectualizadora, com acentuada variedade de formas para a expressão dos Adv Quantificadores Aspectualizadores Iterativos.

IV.1.1 - Aspectualizadores Semelfactivos

Os Semelfactivos predicam quantitativamente um indivíduo:

(14) *[P1] e uma vez por semana eu me dou o luxo de comer do::ces... sabe ? (DID RJ 328: 47).*

(15) *[P2] quando chega em cima você espera... pega o trem novamente e desce (D2 SSA 98: 637).*

Em (14) e (15) selecionou-se apenas um indivíduo dos conjuntos "dar-se o luxo de comer" e "pegar o trem", isto é, o estado de coisas aí descritos foram apresentados como tendo ocorrido apenas uma vez.

IV.1.2 - Aspectualizadores Iterativos

Os Iterativos predicam mais de um indivíduo do conjunto. Pode-se observar que esses indivíduos vêm apresentados de uma forma indeterminada, não especificada, quando o Adv termina em -mente, ou são apresentados de uma forma determinada, especificada, quando o Adv, ou mais propriamente, o adverbial, (i) inclui a palavra "vez", (ii) é um SP quantificado de que se omitiu o núcleo. Finalmente, o Quantificador "sempre" é um pouco mais complicado, pois acrescenta à quantificação o conteúdo de permanência, ficando a meio termo entre os Quantificadores e os Qualificadores.

IV.1.2.1 - Advérbios em -mente

Expressam a Quantificação Aspectualizadora Iterativa os advérbios em -mente construídos a partir de Adjs em cujas propriedades intensionais se encontre o traço de frequência. Os exemplos apontam para uma posição sentencial P1 preferida, mas há ocorrências também no interior do sintagma:

A) Na estrutura sintagmática

(16) *[P2 no SN] então... quando tem ( ) uma jantinha... então se entra nos mínimos detalhes... um negócio <u>geralmente</u> com requinte... claro*
(D2 POA 191: 125)

(17) *[P2 num SN com vários complementadores] e.. eu mesmo... aqui...agora no gabinete de fotografia... <u>constantemente</u> de terno... não é... não dá! (D2 POA 291: 924)*

Os exemplos (16) e (17) levantam a questão da classe predicada pelos Quantificadores grifados. Seria contra-intuitivo admitir que os Advs grifados afetam apenas as classes manifestadas na superfície. A admissibilidade dessa análise nos levaria a restringir a quantificação adverbial ao constituinte que se segue: "geralmente com requinte", "constantemente de terno", o que seria, no mínimo, estranho. Uma interpretação mais adequada leva a postular que tais Adv predicam um Verbo elíptico:

(16a) *um negócio que geralmente se organiza com requinte*

(17a) *eu vivo constantemente de terno aqui no gabinete*

A escalaridade de "geralmente" e "constantemente" é indefinida, isto é, não se especifica o intervalo entre a organização de um negócio e a organização do próximo negócio. É necessário consta-

tar, ainda, que por meio desses Advs se quantifica o estado de coisas descrito pelos Vs respectivos, sem que se anule a face qualitativa de cada um deles. Estou tentando dizer que em (16a) e em (17a) temos a iteração de estados durativos. A iteração é dada pelos Advs escalares em questão, e a duração, pela atelicidade dos Vs.

B) Na estrutura funcional de S

(18) [P1] o meu problema é doce... raramente eu como doce... (D2 POA 291: 551)

(19) [P1] geralmente essas ocasiões são muito breves... quando elas...se elas existirem (D2 POA 291: 1159)

(20) [P1] normalmente a gente tira exatamente o pedaço do livro (EF POA 278: 332)

(21) [P1] é... normalmente a gente tem que esperar (D2 POA 291:346)

(22) [P3] porque o que acontece mensalmente ou trimestralmente... né... é mais subdividido (D2 RJ 355: 160)

(23) [P2] bom... eu exijo sempre a salada... ahn... verdura... isso ... diariamente (D2 POA 291: 401)

Os exemplos (18) a (21) quantificam seus sujeitos numa forma indeterminada, isto é, não se especifica o número de vezes em

que se dá o estado de coisas descrito pelo verbo. Isso decorre da escalaridade dos Advs utilizados. Já em (22) e (23) o tipo de Adjetivo que está na base desses Adv. implica numa quantificação determinada, especificada pelas regularidades do calendário. Temos aqui Advs vetoriais.

Outros exemplos de Aspectualizadores Iterativos em -mente: *ela sistematicamente não corresponde (D2 SP 255: 150); eu leio jornal habitualmente (D2 SP 255: 1172); [esses técnicos] são freqüentemente aventureiros (EF SP 153: 254); esporadicamente há concertos de grandes orquestras (D2 SP 333: 333); [andava] constantemente de fraque (D2 SP 396: 29); repetitivamente predomina o mercado [de filmes] que eu chamo de lixo americano (D2 SP 333: 397); incluí aquele que nós comumente chamamos de verbo (EF SP 124: 372).*

IV.1.2.2 - Adverbial constituído de um SN tendo por núcleo vezes.

Sejam os seguintes exemplos:

(24) *[P1] tu viajas deixa o apartamento e muitas vezes essa segurança também pifa (D2 POA 291: 1382).*

(25) *[P1] ao rever os seus objetivos muitas vezes o professor se dá conta de que (...) (EF POA 278: 60).*

(26) *[P2] também nós ouvimos... muitas vezes (EF POA 278: 361).*

(27) *[P3] a tradução literal... palavra por palavra... muitas vezes não permite... (EF POA 278: 167).*

(28) *[P3] então uma mesma questão muitas vezes pode exigir... ãh... diferentes processos mentais (EF POA 278: 108).*

(29) *[P3] se usa muito o termo extrapolação (EF POA 278: 221].*

Outras combinações de "vezes":

(30) *[P2 no SN] a temperatura às vezes de 40 graus à sombra... o pessoal de gravata e calça comprida (D2 POA 291: 788).*

(31) *[P1] inúmeras vezes já vi professores [sem paletó e gravata] e eu mesmo já fui... (D2 POA 291: 894).*

(32) *[P1] o brasileiro come muito mal (...) às vezes... muitas vezes talvez seja o... o aspecto do... do poder aquisitivo de cada um...né ? (D2 POA 291: 19)*

(33) *[P3] não... não come [peixe cru] já se fez várias vezes... na tua casa mesmo (D2 POA 291: 50).*

(34) *[P1] algumas vezes já vi [essas danças] até já enjoei (DID POA 45: 478).*

(35) *[P2] mandavam a gente copiar a mesma lição uma porção de vezes (DID POA 45: 344).*

Os dados acima encerram um conjunto de fenômenos que poderiam ser assim examinados: (i) o sentido de vezes, (ii) a omissão desse item, e (iii) o tipo de quantificação desencadeada pelos adverbiais formados a partir dessa base.

IV.1.2.2.1 - Com respeito ao item vezes, Ilari 1992 discrimina vez 1, que expressa "a reiteração cíclica de eventos", construindo expressões que respondem à pergunta "quantas vezes ?", de vez 2, "ensejo", "ocasião", "oportunidade", que "intervém nas expressões "certa vez", "uma vez", "normalmente utilizadas para introduzir desenvolvimentos narrativos bastante amplos". Naturalmente é de vez 1, vetorial, que estou tratando aqui. Os exemplos mostram vetoriais indeterminados, mas poderíamos ter tido vetoriais determinados, como "trinta vezes", "milhões de vezes", etc.

IV.1.2.2.2 - É comum omitir o núcleo do SN constituído por vezes, restando apenas o Especificador Quantificador preenchido por muito, pouco, bastante, numa forma aparentemente neutra, preservada a noção de iteratividade:

(36) *esta comida se faz muito na China,*

isto é,

(36a) *esta comida se faz muitas vezes / habitualmente na China.*

(37) *eu que saio bastante (DID POA 45: 103).*

(37a) eu que saio bastantes vezes

(38) nós visitamos muito pouco (DID POA 45: 129).
(38a) nós visitamos muito poucas vezes

(39) se usa muito o termo extrapolação (EF POA 279: 221)
(39a) se usa muitas vezes o termo extrapolação
(40) a gente visita tão pouco (DID POA 45: 120)
(40a) a gente visita tão poucas vezes.

Esse processo de adverbialização dos Quantificadores Indefinidos (= Pronomes Indefinidos, na terminologia adotada pela NGB) lembra a adverbialização de Adj estudada por Basílio 1990.

Também um adjetivo participial pode sofrer o mesmo processo de omissão de vezes e recategorização da classe remanescente:

(41) então eles seguido estão aqui (DID POA 45: 148)
(41a) então eles seguidas vezes estao aqui.

IV.1.2.2.3 - A iteratividade representada pelos adverbiais que vimos examinando pode ser universal, partitiva ou distributiva.

(1) Na Iteratividade Universal, o Adv seleciona a totalidade dos indivíduos que compõem o conjunto descrito pela classe-sujeito:

(42) *síntese é toda vez que for produzida uma nova comunicação (EF POA 278: 360)*

(43) *chove em São Paulo todas as vezes que saio sem guarda-chuva.*

(2) Na Iteratividade Partitiva, o Adv seleciona uma parte dos indivíduos que compõem o conjunto descrito pela classe-sujeito, como em muitas vezes [exemplos (24) a (29)], poucas vezes, às vezes [exemplos (30) e (32)], inúmeras vezes [exemplo (31)], várias vezes [exemplo (33)], algumas vezes [exemplo (34)], uma porção de vezes [exemplo (35)]. A quantificação partitiva se acentua naqueles casos em que antes de vezes aparece a Prep de, como em a maior parte das vezes, a menor parte das vezes.

(3) Finalmente, na Iteratividade Distributiva o Adv seleciona alguns desses indivíduos, omitindo outros:

(44) *cada vez que chego à Universidade, lá está ele plantado na porta.*

(45) *esse meu orientando me procura umas vezes sim, outras vezes não, já estou ficando maluco por causa dos prazos.*

A tipologia de Adv Aspectualizadores que acabo de propor tem a vantagem de fundamentar-se nas estratégias de codificação da Quantificação. Creio que, por isso mesmo, é superior à tipologia de Molinier 1982, que alude a (i) Adv de frequência nula ("jamais"),

(ii) Advs de frequência fraca ("acidentalmente, episodicamente, excepcionalmente", etc.), (iii) Advs de frequência elevada ("frequentemente, muitas vezes, constantemente") e (iv) Advs de frequência neutra ("anualmente, semanalmente, semestralmente", etc.).

V.1.2.3 - A quantificação Aspectualizadora Iterativa é também expressa por adverbiais vetoriais formados por um SP quantificado, cujo núcleo preposicional foi omitido, sendo que o N tem por referente intervalos de tempo:

(46) *todo mês nós temos um jantar de diretoria (DID POA 45: 10)*

(47) *cada três meses também tem um jantar dançante (DID POA 45: 12)*

(48) *quase todos os anos tem aqui no Rio Grande do Sul (DID POA 45: 89)*

(49) *porque toda a hora é chá da Igreja aqui... chá do colégio ali (DID POA 45: 115)*

(50) *a gente todo o dia pegava com uma amiguinha (DID POA 45: 271)*

(51) *você encontra fruta-de-conde a cada passo que você dá (DID RJ 328: 103)*

(52) *confesso que fiz isso com muito mais frequência quando diretor do Instituto (D2 POA 291: 896)*

Não é difícil reconhecer nos exemplos acima os mesmos processos de quantificação universal, partitiva e distributiva mencionados em IV.1.2.2.3.

IV.1.2.4 - Sempre

Esse Quantificador Aspectualizador Iterativo ocorre no interior da estrutura sintagmática, separando o verbo auxiliar do auxiliado, ou na estrutura funcional da S, em P3 e P4. Talvez mais acentuadamente que os anteriores, ele quantifica sua classe-sujeito, sem apagar seu modo de ação imperfectivo ou perfectivo.

A) Na sintagma verbal, em P1

(53) *é a nossa opinião... é que as pessoas... ao... ao comerem ou ao saborearem um prato fiquem sempre perguntando como é... como foi feito. (D2 POA 291: 145)*

(54) *está sempre emperrado aquilo lá (DID POA 45: 4)*

(55) *ele vai sempre querer mais*

B) Na estrutura funcional da S

(56) *[P3] eu sempre vou a Caxias (DID POA 45: 107)*

(57) *[P3] todo o pessoal sempre faz... sorteio... alguma coisa*

(DID POA 45: 161)

(58) *[P3] eu aqui na minha família nós <u>sempre</u> nos tratamos todos por tu (DID POA 45: 505)*

(59) *[P4] alguns anos atrás uma professsora recém () ingressa na escola usava <u>sempre</u> () esse tipo de vestimenta (D2 POA 291: 936)*

(60) *[P4] a gente se encontra <u>sempre</u> todos os meses nesse jantar (DID POA 45: 124)*

Há usos mais acentuadamente durativos de <u>sempre</u>:

(61) *<u>sempre</u> é em função dessa sociedade que meu marido está (DID POA 45: 75)*

isto é,

(61a) *é permanentemente em função dessa sociedade...*

Teremos, aqui, deixado a órbita da Quantificação Aspectualizadora Iterativa e ingressado na da Qualificação Aspectualizadora Imperfectiva, de que tratarei no capítulo seguinte.

Tomados em seu conjunto, os Quantificadores Aspectualizadores confirmam em parte a hipótese de Hopper 1979, segundo a qual

os Iterativos ajudam a compor a "figura" nas narrativas. Ora, ele individualiza os Iterativos em face dos Imperfectivos, argumentando que estes concorrem para a caracterização do "fundo" narrativo - hipótese que não foi confirmada por meus dados: **v. V.3.** Creio que a correlação entre Aspecto e Discurso ficaria melhor examinada se deslocássemos o argumento das categorias discursivas de Hopper para aquelas de Dubois 1980 e Lavandera 1984. Isto é, há, sim, uma correlação entre Imperfectividade e Iteratividade e discurso genérico, não específico, impessoalizado, de um lado, e Perfectividade e discurso específico, pessoalizado, de outro. Os dados acima comprovam essa correlação.

IV.2 - QUANTIFICADORES DELIMITADORES

Sejam os seguintes exemplos:

(62) *economicamente o negócio... economicamente aquilo atingiu... (D2 POA 291: 977)*

(63) *porque a abelha biologicamente vive numa colméia... como a formiga num formigueiro... (D2 SP 255: 1519)*

(64) *oito mil anos... um período muito maior do que... o que nós conhecemos historicamente (EF SP 405: 22)*

(65) *tive oportunidade de fazer pesquisas sobre a maneira de falar do gaúcho... a maneira de falar do cearense... do baiano ()... a maneira de falar do amazonense... isto geograficamente tem uma importância muito grande... (D2 SP 255: 627)*

(66) *Oduvaldo Viana... partiu para a América... a fim de se documentar tecnicamente sobre o cinema falado (EF SP 153: 542)*

(67) *a gente ... teoricamente ... não tem controle rígico [sobre o computador] (D2 SP 343: 827)*

(68) *embora eu pessoalmente não gosto do nome Shangri-lá*

(D2 SP 255: 1144)

(69) então eu... particularmente eu aprecio muito o cinema nacional
(D2 SP 62: 1521)

(70) uma ceia de Natal é tradicionalmente composta com um peru, né?
(DID SP 235: 288).

Os exemplos (62) a (65) foram colhidos em Moraes de Castilho 1991: 50-55.

Não é pacífica a interpretação da contribuição semântica desses Adv à classe-sujeito.

Bellert 1977 toma como ponto de partida "logically", "mathematically", "morally", "aesthetically", argumentando que

> *"the speaker claims here that the proposition holds true in a given domain; he does not commit himself to the truth of the proposition in any other domain" (pág. 347).*

Essa análise destaca a feição modalizadora dos Adv mencionados, uma lição tacitamente acolhida em Ilari et alii 1989: 82 e 95, em que os "Hedges" aparecem como um tipo de Modalizadores, e em Moraes de Castilho 1991, que investigou mais a fundo a representatividade dos Hedges no corpus do Projeto NURC.

A posição de Casteleiro 1982 é bastante assemelhada à de Bellert. Mencionando itens como "psicologicamente", "literariamente", "politicamente", "esteticamente", etc., ele os denomina "advérbios setoriais", reconhecendo que eles

> *"restringem o valor de verdade da proposição contida na oração adjacente a um dado domínio ou setor das artes, da ciência, da técnica, etc., ou da vida em geral" (pág. 107).*

Casteleiro mostra que esses Adv podem vir acompanhados da forma gerundial "falando", anteposta ou posposta, podendo ser parafraseados por "do ponto de vista + Adj", "em termos + Adj".

Kovacci 1986 descreve-os como "advérbios limitadores de domínio nocional", com o papel de "delimitar el contenido semémico del dictum de una oración estableciendo el alcance con que deben ser considerados" (pág. 301). Finalmente, Carneiro 1989, na esteira de Quirk 1972, denomina-os "Advérbios Disjuntos de Concernência", com o papel de "delimitar o âmbito a que concerne o fato enunciado, restringindo sua abrangência" (pág. 135).

Como se vê por esta brevíssima resenha, teríamos uma enorme dificuldade em separar a face modalizadora destes Advs, de sua face quantificadora, caso estivéssemos raciocinando em termos do "*either-or-thinking*". A vagueza natural das expressões linguísticas a que não fogem os Advs, com sua polifuncionalidade nunca demais proclamada, nao recomendam, portanto, esse caminho analítico.

Assim, ao destacar neste trabalho o fato de que a operação delimitadora desses Advs afeta a extensão da classe-sujeito, estou apenas selecionando uma de suas caras. Argumentarei que, nos exemplos de (62) a (65), os indivíduos contidos nos estados de coisas afetados pelo Adv ficaram restritos à extensão dada pela moldura do conhecimento científico descrito pelo Adj que está na base dos Advs mencionados. Esses domínios do conhecimento são convencionados pela comunidade, que os organizou segundo o saber enciclopédico.

Já nos exemplos (66) e (67), a moldura se desloca do domínio científico para as formas de abordagem científica, estabelecendo uma sorte de classificação das operações necessárias à abordagem dos campos científicos. De (68) e (70), temos uma nova mudança do ponto de vista, que se desloca para a abordagem individual, para a perspectiva dada pelo falante, fora dos arranjos "oficiais" do conhecimento.

Por outro lado, gostaria de enfatizar que os Quantificadores de Domínio representam uma sorte de "tópico predicador"; como tópicos, pode-se aplicar a tais Adv a definição de Chafe 1976:

> *"what topics appear to be is to limit the applicability of the main predication to a certain restricted domain (...). Typically, it woul seem, the topics set a spatial, temporal or individual framework whithin which the main predication holds".*

Confrontamo-nos, assim, e uma vez mais, com o caráter hiperpredicador dos AdvS, já estudado no capítulo anterior, e novamente documentado pelos Adv Predicadores Quantificadores.

Uma última observação: a LF parece rejeitar as expressões nominais excessivamente sobrecarregadas de modificadores, procedimento comum na LE veicular, em que um Delimitador pode aplicar-se a um Adj, como em

(71) *Mantém-se seu propósito original de proceder, com a possível celeridade, a uma socialmente equitativa modernização da sociedade e do Estado. Hélio Jaguaribe, Folha de São Paulo, 19 de agosto de 1992.*

CAPÍTULO V - A PREDICAcÃO ADVERBIAL QUALIFICADORA

Descrevo neste capítulo os Advérbios Qualificadores, eçando por uma caracterização do que é a qualificação, seguida uma pré-análise dos dados apurados no corpus. Dessa pré-análi- resultou a identificação das seguintes classes de Qualificado- : (1) Qualitativos Quase-Argumentais, (2) Graduadores, (3) As- tualizadores Qualitativos, (4) Aproximadores e (5) Confirmado-

V.0 - A QUALIFICAçÃO

A Predicação Qualificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificando ou confirmando sua intensão, isto é, suas propriedades específicas, ou traços semânticos, ou "semas", na terminologia da Semântica Estrutural.

A qualificação é codificada gramaticalmente através dos Adj e Adv Predicativos, e dos adverbiais, geralmente um Sintagma Nominal ou um Sintagma Preposicionado. Os Adv Qualificadores operam sobre outros predicadores, tais como os Adjs, os Vs e os próprios Advs.

Sejam os seguintes exemplos:

(1) *eu posso representar graficamente uma comunicação...*
(EF POA 278: 198)

(2) *o brasileiro em princípio eu acho que come muito mal*
(D2 POA 291: 18)

(3) *vocês escolheram um péssimo entrevistado... porque eu sou um sujeito que gosto muito de falar muito pouco*
(D2 SSA 98: 87).

(4) *eles colocam melancia... pra mim eu acho um pouquinho indigesto (DID RJ 328: 315).*

(5) *no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo (DID POA 45: 232)*

(6) *então surgiu () um movimento de vanguarda jovem () e claro () foi absorvido imediatamente (D2 POA 291: 740)*

(7) *os preços caíram lentamente demais para o gosto do ministro*

(8) *uma comida praticamente indiana... tipicamente indiana (D2 POA 291: 244).*

(9) *começa que quase nem comparecem [às assembléias] (D2 SP 360: 694)*

Nos exemplos de (1) a (6), constata-se que os Adv e os adverbiais grifados adicionaram à classe-sujeito um traço semântico não contido previamente nela. Em (7), o Adv substituiu o traço de telicidade de "cair" por traços atélicos. Em (8) e (9), os Advs cancelaram alguns traços, preservando outros. O segundo Adv de (8) confirmou os traços da classe-sujeito. Vejamos com detalhe cada caso.

Em (1) e (2) acrescentou-se uma qualidade. O comportamento dessas expressões adverbiais aproxima-se bastante do comportamento dos Adjs, como se pode ver pela correspondência entre essas expressões e os Sintagmas Nominais:

(1a) representação gráfica
(2a) comida má.

Restrições seletivas nem sempre perceptíveis nos demais casos parecem associar mais fortemente esses Advs às suas classes-sujeito, tanto assim que seria inaceitável transferir o Adv de (1) para (2):

*(2b) * o brasileiro em princípio eu acho que come graficamente,*

embora a recíproca seja possível, o que mostra que certos Advs Qualificadores têm uma combinatória maior, como se vê em:

(1b) eu posso representar mal uma comunicação.

Dada essa ligação mais forte entre os Advs e a classe que predicam, vou chamá-los Qualitativos Quase-Argumentais.

Em (3) e (4), acrescentou-se uma graduação a "gostar", "falar" e "achar". Essa graduação pode ser "para mais", em "gostar muito" e "para menos" em "falar pouco", "um pouquinho indigesto". Vou chamá-los Graduadores.

Em (5), os adverbiais acrescentaram uma duração maior a "jogar", e em (6) o estado de coisas descrito por "foi absorvido" é apresentado como pontual. Nos dois casos os adverbiais não afetaram o "modo da ação" dos verbos respectivos, apenas os reforçaram. Em (7), ao contrário, houve uma mudança de categoria semântica, pois "cair", que é um verbo télico, tornou-se atélico, graças ao Adv "lentamente". Vou chamá-los Aspectualizadores Qualitativos.

Nos exemplos (8) e (9), identifica-se um comportamento oposto ao dos casos anteriores. Em (8), o Adv "praticamente" cancela alguns traços do Adj "indiana", passando a significação de que nem todos os atributos de uma comida indiana estavam presentes. Em (9), "quase" funciona como "praticamente", abalando as propriedades intensionais de "não comparecer". Vou chamá-los Aproximadores, numa tradução tentativa do ingl. Hedges.

Finalmente, em (8) aparece "tipicamente", que opera no sentido oposto ao dos Aproximadores, confirmando os traços intensionais de "indiana", e reformulando, assim, o juízo do falante quanto à "indianidade" da comida. Vou chamar Confirmadores os Advs que desempenham esse papel.

Os processos de qualificação adverbial aqui identificados foram intuídos em nossas gramáticas, recebendo ali diferentes designações, tais como "modificação", "restrição" e "determinação". Este não é o lugar para se fazer uma "arqueologia" das

idéias gramaticais, entretanto não deixa de ser interessante constatar que a percepção do fenômeno deu-se lentamente até que, clareado o objeto, ocorreu seu "batismo" terminológico.

Nas primeiras gramáticas do castelhano e do português o termo "modificação" não vem expresso, embora seja patente sua percepção, como se pode ver por estas citações:

> *"llama se adverbio, por que común mente se junta y arrima al verbo para determinar alguna qualidad en él assi como el nombre adjectivo determina alguna qualidad en el nombre substantivo".*
>
> *"[el adverbio] es una de las diez partes de la oración, la cual, añadida al verbo, hinche, o mengua, o muda la significación de aquél, como diziendo bien lee, mal lee, no lee, bien hinche, mal mengua, no muda la significación deste verbo lee": Nebrija 1492: 197.*

A lição de Nebrija, que é acolhida aqui quando distingo Adv Quantificadores de Adv Qualificadores, reaparece nos dois primeiros gramáticos portugueses:

> *"e ele [o advérbio] é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo": Barros 1536: 345.*

> *"avérbio é ua das nóve pártes da òraçám que sempre anda conjunta e coseita com o vérbo () per éla se denota a eficáçia ou remissán do verbo, porque, quando digo: Eu amo a verdáde, demóstro que simplesmente fáço ésta óbra de amár; mas dizendo: Eu amo muito a verdáde, p[er] este avérbio muito denóto a cantidade do amor que tenho à cousa; e se dissér: Amo pouco a verdáde, com este pouco se diminui o muito de çima; e: Nam amo a verdáde, desfáço toda a óbra de amár; () assi que tem o avérbio este poder: acresçenta. deminuie e totalmente destruie a óbra do vérbo a que se ajunta, e ele é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo": Barros, 1536: 345.*

Aparentemente, os termos "modificação" e "determinação" começam a figurar a partir do século seguinte, mais particularmente nesta passagem da Gramática de Port-Royal:

> *"mais parce que ces particules se joignent d´ordinaire au Verbe pour en modifier et déterminer l´action, comme generosè pugnavit, il a combattu vaillament; c´est ce qui a fait qu´on les a appellez Adverbes": Arnault et Lancelot 1671: 94.*

Deste texto, deve o termo ter migrado para as gramáticas românicas mais sensíveis à postulação das línguas como uma

atividade mental, como se pode constatar em Jerônimo Soares Barbosa:

> *"O advérbio, pois, não modifica só os verbos () mas qualquer palavra susceptível de determinação, quais são também os appelativos, os adjectivos e os mesmos advérbios": Barbosa 1803: 235.*

As duas últimas citações parecem indicar que esses gramáticos viam na determinação um tipo particular de modificação. Flutuava assim o argumento entre as propriedades adverbiais de alterar a extensão (= determinação / delimitação / restrição) e alterar a intensão (= modificação, qualificação, explicação). Entretanto, não é possível assegurar-se disto, pois os exemplos aduzidos raramente são comentados, e assim não sabemos com precisão a que processo o gramático se refere. O fato é que na tradição gramatical esses termos viriam a conhecer certa especialização. "Modificação" emprega-se mais para captar o papel do Adv; "qualificação", "restrição" e "restrição", para o Adj (veja-se, por exemplo, Barbosa 1803); "determinação", para os Especificadores do Sintagma Nominal, como em:

> *"o determinativo ou limitativo relaciona-se diretamente com a extensão do substantivo, indicando alguma circumstancia externa, que determina ou limita os indivíduos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. este homem, alguns homens,*

dois homens, dois paizes, meu livro, etc.: Pereira 1933: 135.

Conclui-se que, de todo modo, estavam esses gramáticos tratanto da predicação, fenômeno bastante amplo que a tudo isso engloba, conforme espero ter deixado claro no Cap. II.

A seguir, tratarei de cada um dos subtipos identificados nesta introdução.

V.1 - QUALIFICADORES QUASE-ARGUMENTAIS

Poderá parecer contraditório abrir este capítulo sobre os Advs Predicativos Qualificadores com a descrição de uns Advs "quase-argumentais". Afinal, no Cap. II distingui os Advs Não-Predicativos dos Predicativos, entre outras propriedades porque aqueles podem ser argumentais, e estes não.

Sucede que determinados Advs Predicativos são redutíveis a uma expressão nominal, como já se demonstrou em Ilari et alii 1989, e essa propriedade tem de ser levada em conta. Pretendo neste item detalhar mais esta matéria.

Os Advs Qualitativos Quase-Argumentais são descritos na Gramática Tradicional como "advérbios de modo". Gary-Prieur 1982 mostra a inadequação dessa etiqueta, fundando-se na análise de gramáticas francesas. Segundo ela, é o termo mesmo "manière" que é ambíguo, pois ele tanto remete a *"circunstâncias ou modalidades ligadas a uma ação"* (e nesse caso os advérbios de modo serim distribuídos pelos Predicativos Modalizadores e pelos Não-Predicativos Circunstanciais, se se acolher a nomenclatura sustentada nesta tese), ou a *"qualidades específicas de um processo"* (conceituação suficientemente ampla para abrigar todos os nossos Qualificadores). Achei melhor designá-los por Qualitativos Quase-Argumentais, dadas as razões especificadas abaixo.

Os Qualitativos Quase-Argumentais encontrados no corpus compreendem certos Advs em -mente, os itens bem (e melhor), mal (e pior), assim e os adverbiais constituídos por determinados Sintagmas Preposicionados ou por Adjs recategorizados. Passo à exemplificação.

V.1.1 - Advs em -mente

(10) *ou a mulher se dedica inteiramente à carreira... () exclusivamente à carreira... ou () (D2 SP 360: 669)*

(11) *depois de estabelecido causa aí vai ser::... automaticamente necessário... uma atitude mais rápida (D2 SP 360: 567)*

(12) *ela está assumindo tarefas assim... muito precocemente... não é ? (D2 SP 360: 225)*

(13) *se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá (D2 SP 360: 134)*

(14) *a tendência sempre... consciente ou inconscientemente é copiar (D2 POA 291: 1011)*

(15) *afrouxa a gravata e abre o colarinho então ele está vestido adequadamente (D2 POA 291: 817)*

(16) *se a gente analisa objetivamente é que vê que vai se*

constituir numa análise... (EF POA 278: 296)

(17) se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse para co/ viver condignamente (D2 RJ 355: 105)

(18) o comer... sempre quando eu falo em comer... é um negócio que me atinge diretamente (D2 POA 291: 96)

Outros Quase-Argumentais em -mente: *atender rapidamente (D2 SP 62: 361), permanecer globalmente no campo (EF SP 153: 212), ele pode concretamente ver no animal (EF SP 405: 320), mudou completamente o clima de São Paulo (D2 SP 390: 619), ser regiamente tratado (D2 SP 255: 66).*

V.1.2 - Advs bem, mal, assim

(19) a expressão habilidades mentais cabe muito bem (EF POA 278: 117)

(20) mas correu tudo bem (DID POA 45: 72)

(21) eu acho que essa turma vai bem nessa disciplina (EF POA 278: 208)

(22) comer bem não é comer demais (D2 POA 291: 61)

(23) com bonito cenário gastronômico... [comer é] melhor

ainda ! (D2 POA 291: 95)

(24) cada qual quer fazer melhor que o outro (DID POA 45: 20)

(25) não faz mal o professor pode ficar confuso (EF POA 278: 306)

(26) esse jantar dançante é assim: () (DID POA 45: 15)

(27) vocês nem têm tantas [disciplinas] assim (EF POA 278: 200)

Em Ilari et alii 1989 identificamos um uso de assim bastante frequente na LF, em que esse item anuncia um constituinte da sentença: v. exemplo (9) do Cap. II, aqui reproduzido por comodidade:

(9) espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos assim... um diálogo bem aberto... sabe ?

O assim de (9) foi tentativamente denominado "flag", e distingue-se dos de (26) e (27) acima por não trazer uma contribuição semântica à classe-sujeito, e por não ser redutível a uma expressão nominal. Deve haver um correlato prosódico dessa diferença semântico-sintática: os flags são produzidos em "tom suspensivo", emparelhando-se à tessitura das expressões que o antecedem e o seguem, ao passo que o assim Quase-Argumental é produzido num tom descendente.

V.1.3 - Sintagmas Preposicionados

(28) *você deve de uma certa maneira também fiscalizar aquilo que entra na sua casa (D2 REC 5: 93)*

(29) *justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: [os filhos] vieram ao acaso (D2 SP 360: 14)*

(30 *uma boa casa () envolve exatamente essas coisas () calefação etc. e tal () que é pra tu ficar perfeitamente à vontade (D2 POA 291: 1584)*

(31) *nós usamos aí... é... mais ou menos... de maneira imprecisa () me faz um resumo de tal situação (EF POA 278: 365)*

V.1.4 - Expressões nominais adverbializadas

(32) *a Kombi dá pra fazer isso de modo que vou tranquilo (D2 SSA 98: 265)*

(33) *eu aproveito e vou junto (DID POA 45: 104)*

(34) *eu fiz o [registro] macrobiótico... cinco meses... mas não deu muito... vim ligeiro pra carne (D2 POA 291: 575)*

(35) *ontem eu estava esporte (D2 POA 291: 929)*

Voltemos à afirmação acima, segundo a qual esses Advs e adverbiais são redutíveis a expressões nominais, e por isso se

tornam fortes candidatos a operar como argumentos do V ou de outra classe predicativa.

De fato, tomados em seu conjunto, os Advs e os adverbiais exemplificados mostram as seguintes propriedades: (1) podem ser substituídos por um Adj, (2) podem ser substituídos por "de modo + o Adj" que está na base do Adv, e (3) podem ser substituídos por um Sintagma Preposicionado. Obviamente, tais testes são desnecessários se o adverbial já conta com uma base nominal:

(10a) dedicação inteira
(10b) dedicação de modo inteiro / integral
(10c) dedicação por inteiro

(11a) uma atitude automática e necessária
(11b) uma atitude necessária
(11c) uma atitude necessária por automatismo

(12a) assumindo tarefas precoces
(12b) assumindo tarefas de modo precoce
(12c) assumindo tarefas com precocidade

(13a) coisas calmas
(13b) de modo calmo
(13c) com calma

(19a) bom cabimento

(19b) de modo bom

(19c) ----------

(22a) comida boa

(22b) comer de modo bom

(22c) ----------

(26a) ----------

(26b) ----------

(26c) esse jantar é desse modo

(29a) vinda ocasional

(29b) vieram de modo ocasional

(32a) ida tranquila

(32b) ida de modo tranquilo

(32c) ida com tranquilidade.

Esses testes são às vezes perturbados por certas restrições seletivas ainda mal descritas, ou então pelo fato de que o Adv formou uma lexia complexa com sua classe-sujeito, como em:

(20a) correr bem

(21a) ir bem

(25a) fazer mal.

Interessante

Oliveira 1990 mostra que estes Advs comportam-se como clíticos verbais. A possibilidade de se interromper o espaço entre a expressão "Predicador bem / mal" + seu argumento interno é tarefa que fica por descrever adequadamente. Em alguns casos isso parece impossível, ao passo que em outros o resultado é pelo menos duvidoso:

*(21b) * o aluno vai nessa disciplina bem.*

mas,

(24a) cada qual quer fazer a tarefa melhor que o outro

(36) ? o aluno faz a lição mal

(37) ? a criança comia o lanche bem

De todo modo, os testes de conversão em N + Adj evidenciam que o Adj que está na base do Adv Quase-Argumental preservou suas restrições seletivas. Ilari et alii 1989 argumentam que se admite "falar pausadamente", "proibir terminantemente", porém não "* falar terminantemente", nem "* proibir pausadamente". A observação desse fato evidencia o diferente comportamento dos Predicativos Quase-Argumentais em face dos Não-Predicativos Focalizadores, nos casos em que o mesmo item está sendo utilizado ora num, ora noutro processo. Assim, em:

(38) agi <u>justamente</u> com ele

temos um Qualificador, dada a admissibilidade de

(38a) ação justa,

(38b) agi com justiça

(38c) agi de modo justo,

em que o sentido lexical do Adj foi preservado. Já em:

(39) comi <u>justamente</u> três pratos

temos um Focalizador, dada a impossibilidade das paráfrases:

*(39a) * três pratos justos,*

*(39b) * comi três pratos com justiça*

*(39c) * comi três pratos de modo justo,*

Por outras palavras, os Quase-Argumentais são especificados pela classe que modificam. No Cap. II propus que se reconhecessem na sentença dois grandes processos sintáticos, o da predicação e o da complementação. Se essa hipótese for verdadeira, os Quase-Argumentais terão a esse respeito um desempenho anfibológico, pois ao mesmo tempo em que predicam uma determinada classe, são por ela subcategorizados. Com isto, os processos de predicação e complementação, que habitualmente envolvem três termos sentenciais, estariam sendo desenvolvidos por apenas dois termos.

A possibilidade de incidência dupla dos Advs, já discutida anteriormente, explica por que certas expressões podem dar margem a uma interpretação ambígua. Assim,

(40) peixe aqui no Rio Grande do Sul eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa

permite uma interpretação Qualificadora Quase-Argumental, se se entender que o Adv incide sobre "comer":

(40a) peixe é uma comida exclusiva da Semana Santa
(40b) se come peixe de modo exclusivo na Semana Santa
(40c) se come peixe com exclusividade na Semana Santa,

tanto quando uma interpretação Focalizadora, se se entender que o Adv incide sobre "Semana Santa":

(40c) se come peixe apenas na Semana Santa

Em suma, os testes apontam para uma dependência sintática do Adv em relação à classe predicadora, criando-se entre ambos uma ligação mais forte que nos outros casos. Esta constação leva a especificar o grau dessa dependência apurado, para então identificar sua função sentencial. Vou elaborar um pouco esta questão.

Embora redutíveis a expressões nominais, os Qualitativos Quase-Argumentais não comutam com pronomes, e isto dificulta a identificação de sua categoria funcional na sentença.

Tem-se reconhecido a dificuldade de abordar a transitividade de Vs e Ns deverbais e abstratos, Adjs e Advs, quando seus argumentos internos são expressos nominalmente. Com efeito, a descrição do Predicador + N traz para dentro da análise todas as complicações inerentes à significação do N e às restrições seletivas que se estabelecem entre ele e seu Predicador.

Creio que o primeiro linguista a expor com clareza essas dificuldades foi Alarcos Llorach 1968: 110, que preferiu descrever as relações entre o V e seus termos adjacentes à luz das possibilidades de pronominalização desses termos. Ele aproveitou, assim, a grande variedade de pronomes pessoais, que preservaram a expressão morfológica dos casos, permitindo uma identificação mais segura dessas relações. Ele postula que há cinco processos de transitividade: (1) Implementação: o termo adjacente é comutável por o. (2) Complementação: o termo adjacente é comutável por lhe. (3) Suplementação: o termo adjacente é comutável por preposição + pronome pessoal do caso reto. (4) Aditamento: o termo adjacente não é pronominalizável, vem normalmente preposicionado por a, de, com por, em, e mostra uma mobilidade maior em sua posição relativa ao V do que os implementos e os complementos. (5) Atribuição: o núcleo verbal tem uma comutação bastante limitada, constando apenas de Vs de ligação, concentrando-se a predicação

nos termos adjacentes, preenchidos por Sintagmas Adjetivos ou por Sintagmas Preposicionados.

Os Qualitativos Quase-Argumentais integrariam a categoria funcional de Aditamento.

O raciocínio de Alarcos Llorach parte do pressuposto de que os Pronomes são classes primitivas, e não classes de substituição. Blanche-Benveniste, van den Eynde et alii 1984 discutiram mais longamente a relação entre Ns e Pros, tendo em vista sua "abordagem pronominal da sintaxe". Eles sustentam que os Ns são verdadeiros "Propronomes", lembrando que com frequência tem-se insistido em que

> *"o elemento pronominal seria o resultado, explícito ou implícito, de um processo de pronominalização, fundado frequentemente numa argumentação pragmática. Apenas recentemente os inconvenientes dessa abordagem foram denunciados por diversos autores (). Nós deduzimos uma teoria inversa da teoria herdada: é o pronome - ou a unidade subjacente induzida a partir do pronome - que constitui a base linguística do enunciado. Os outros elementos podem ser apresentados como sendo o resultado do processo de lexicalização" (pág. 26).*

Em consequência dessa posição, há entre Pros e Ns uma relação de proporcionalidade, e não de substituição. Vistas as coisas deste ângulo, podem-se postular três graus de relação sintática entre o predicador e seu argumento:

1) Relação argumental forte: o termo adjacente é selecionado pelo predicador e é proporcional a um clítico. Identificamos um argumento interno.

2) Relação argumental fraca: o termo adjacente é selecionado pelo predicador, mas não é proporcional a um clítico, podendo ser parafraseado por um Sintagma Preposicionado ou por um Sintagma Adverbial. Identificamos um quase-argumento. Aqui se encontra o tipo de Qualificadores que venho descrevendo neste item.

3) Relação argumental nula: o termo adjacente não é selecionado pelo predicador, não é proporcional a um clítico, e raramente admite as paráfrases acima indicadas. Identificamos um Adjunto.

Finalmente, quanto à distribuição dos Qualitativos Quase-Argumentais, nota-se que eles são predicadores de segunda ordem, modificando o V e seus argumentos como um todo, seja quando se posicionam entre o V e seu argumento, como em (1), (5) e (10), seja quando figuram pospostos ao conjunto V + argumento, como em (12), (13), (16) e (18), seja, finalmente, quando figuram pospos-

tos ao V não-argumental, como na maioria dos casos: (2), (6), (7), (17), etc. É inexpressiva a distribuição no espaço entre o sujeito e o V, como em (14).

A distribuição intrassintagmática mostra que esses Advs podem separar o V auxiliar do auxiliado, como em (3) e (28), ou em:

(41) foi mal servido

Constata-se aqui outro paralelismo entre esses Advs e os Adjs, e que é colocarem-se após o núcleo sintático que modificam. Pode-se hipotetizar que a ordem de base é *X + Adv*, que se harmoniza com *N + Adj*. As anteposições correm à conta da necessidade expressiva de destacar o Adv, como observou Oliveira 1990. Comparem-se:

(42) falo mal / ando depressa / cheguei logo

a

(43) bem falo, melhor faço / a criança mal fala

tendo-se em vista:

(44) movimento rápido

(45) rápido movimento.

Este é mais um aspecto a ser cuidadosamente descrito numa forma comparativa, tomando-se os Advs e os Adjs Predicativos.

V.2 - QUALIFICADORES GRADUADORES

Os Qualificadores Graduadores são habitualmente denominados "Intensificadores" na literatura gramatical. O problema dessa designação é que ela supõe apenas uma "graduação para mais", ao passo que os dados apontam igualmente para uma "graduação para menos". Neste trabalho, reúno esses dois processos sob a denominação mais geral de Graduação, com dois subtipos: os Intensificadores e os Atenuadores.

Outra questão diz respeito ao estatuto semântico dos Graduadores. Gramáticas modernas como a de Luft 1976: 137 dispõem os Advs de Intensidade entre os "advérbios quantificativos". Preferi acompanhar as gramáticas dos sécs. XVI a XVIII, nas quais se distingue qualificação de quantificação. Minha contribuição está em desenvolver a argumentação aí implícita, investigando as diferentes possibilidades que se abrem ao falante, segundo interfira na extensão ou na intensão da classe modificada.

A Graduação codifica-se gramaticalmente através de sufixos derivacionais (prefixos como super-, sufixos como -íssimo), classes de palavras tais como certos Adjs e Advs, além de expressões preposicionadas tais como "de lascar" (em *"uma ingratidão de lascar"*), "de morrer" (em *"lindo de morrer"*), "pra chuchu" (em *"caro pra chuchu"*), etc, mencionadas por Matos 1982. Os Graduado-

res têm propriedades que os aproximariam dos Quantificadores Indefinidos, tanto que em alguns estudos, como Koch 1984, eles são alinhados nessa classe. De acordo com minha proposta, entretanto, os itens "muito", "pouco", "bastante", "bem", "mais" desencadeiam processos semânticos distintos. Em:

(46) falou muito / pouco, é muito / pouco loquaz

(47) falou bastante

(48) falou bem

(49) ela é mais elegante

os Advs grifados afetam as propriedades intensionais das classes sobre que se aplicam, acrescentando-lhes uma noção de graduação, ao passo que em:

(50) chegou muito / pouco povo

(51) chegou bastante / mais gente

(52) eram bem umas quinhentas pessoas

os Advs agem sobre a extensão, adicionando indivíduos aos conjuntos "povo" e "gente" em (50) e (51) e focalizando o conjunto quantificado "quinhentas pessoas" em (52). Isso quer dizer que

entendo como Predicativos os Advs de (46) a (49), e como Não-Predicativos Inclusivos os de (50) e (51), e Não-Predicativo Focalizador o de (52).

A combinatória rica desses itens pode gerar ambiguidade, sobretudo quando aplicados a Ns, como em:

(53) ele é muito homem

(54) ele é mais gente,

predicados

em que os Advs parecem suscitar as propriedades intensionais de "homem":

(53a) ele é muito viril

e de "gente":

(54a) ele é mais humano,

conforme Ilari et alii 1989.

O processo desencadeado pelos Graduadores é o de agregar um traço de grau inexistente nas propriedades intensionais de sua classe-sujeito. Ao utilizar um Graduador, o falante subsume que essas propriedades se dispõem numa escala socialmente estabelecida. Será necessário, então, selecionar um Graduador que

indique se a intensão está num ponto "normal" dessa escala (= Graduador "Normalizador"), se ela está acima da normalidade (= Graduador Intensificador), ou se está abaixo da normalidade (=Graduador Atenuador). É evidente que a escolha de determinado ponto nessa escala é de natureza pragmática, e vai depender de cada situação da enunciação, muito mais do que de valores absolutos da classe graduada. Esta observação elementar aponta para a vagueza natural das expressões linguísticas, questão que vem sendo elaborada por Ilari et alii 1993, no interior do Projeto de Gramática do Português Falado.

As classes preferidas pelos Graduadores são os Vs e os Adjs, que obviamente deverão exibir o traço /+graduável/. Há uma grande regularidade na ordem de figuração dos Graduadores: depois do V, ou antes do Adj / do Adv / do Sintagma Preposicionado que modificam.

Eles podem, ainda, funcionar como proforma:

55) *L1 - Ela é pontual ?*
L2 - <u>Muito</u> !

Encapsulados na estrutura sintagmática da sentença, esses Advs vêm frequentemente repetidos, o que é uma situação incomum entre os Advs Predicativos. Por outro lado, os Graduadores se aplicam sobre uma grande variedade de Advs:

1) Graduação dos Quase-Argumentais:

(56) *saiu muito silenciosamente / comeu muito bem*

2) Graduação dos Aspectualizadores:

(57) *saiu muito frequentemente, mas*

(58) * *saiu muito sempre.*

3) Graduação dos Modalizadores:

(59) *muito provavelmente chove hoje*

4) Graduação dos Não-Predicativos Circunstanciais:

(60) *saiu muito cedo*

(61) *faça isso mais do que agora, faça já !*

5) Graduação dos Não-Predicativos Focalizadores:

(62) *está aí bem exatamente a diferença (EF POA 278: 217)*

Graduadores Intensificadores, Atenuadores e "Normalizadores" ocorrem no corpus. Passo a descrevê-los.

V.2.1 - Graduadores Intensificadores

Os seguintes itens graduam "para mais" a intensão da classe-sujeito: certos Advs em -mente, muito, mais, demais, bastante, bem.

V.2.1.1 - Intensificadores em -mente

A) Em posição pós-verbal:

(63) *na maioria das vezes [as riscas no chão] estão todas apagadas... o que dificulta terrivelmente dirigir (D2 SSA 98: 476)*

B) Em posição pré-nominal:

(64) *depois o que eu li de Gabriel Garcia Marques achei extremamente fraco (D2 REC 5: 534)*

(65) *você traçando ali uma moqueca de... de peixe com uma cervejinha e tal... um negócio altamente boêmio... ouviu ? altamente boêmio (D2 SSA 98: 1346)*

(66) *outras taxonomias que () colocam em níveis completamente diferentes (EF POA 278: 259, também em D2 RJ 355: 51)*

(67) calefação... que é pra tu ficar perfeitamente à vontade (D2 POA 291: 1582)

(68) pode estar esporte... tremendamente esporte... simplesmente uma blusa e uma calça (D2 POA 291: 773)

(69) numa cidadezinha totalmente desconhecida (D2 POA 291: 1276)

(70) a divisão tem que ser absolutamente exata (D2 SP 360: 315)

Outros Intensificadores em -mente: *igreja extraordinariamente moderna (DID SP 242: 671), filmes incomparavelmente melhores (EF SP 153: 824), a televisão era infinitamente pior (D2 SP 333: 392), Carmem Miranda era imensamente popular (EF SP 153: 758), o que me revolta profundamente é o programa Cinderela (D2 SP 333: 1117).*

Observando-se esses exemplos, vê-se que a graduação procede da base lexical dos Advs, que retratam o mais alto grau de uma qualidade (extremo, alto, etc.), a completude dessa qualidade (completo, perfeito, total, absoluto, etc.) ou o impacto que o alto grau pode causar sobre o interlocutor (terrível, tremendo, etc.).

V.2.1.2 - Intensificadores muito / mais, demais / bastante / bem

A) Em posição pós-verbal:

(71) *eu gosto muito de verdura... gosto também muito de de carne (D2 POA 291: 584)*

(72) *olha... de folclore eu não estou muito a par (DID POA 45: 475)*

(73) *gostaria demais de ter tido... mais irmãos (D2 SP 360: 66)*

(74) *normalmente o que se come mais é sanduíche (DID RJ 328: 655)*

(75) *[os homens] penam... penam bastante (D2 SP 360: 722)*

(76) *então tira aquilo ali... limpa bem o camarão (D2 POA 291: 172)*

(77) *ele joga bem... sabe ? (D2 SP 360: 1339)*

(78) *ele falava tanto tanto tanto e eu o admirava muito (D2 SP 360: 1519)*

B) Em posição pré-nominal:

(79) *geralmente essas ocasiões são muito breves (D2 POA 291: 1159)*

(80) *ficamos todos muito sem jeito (D2 POA 291: 269)*

(81) olha... nós visitamos muito pouco (DID POA 45: 128)

(82) em contrapartida se torna cada vez mais rara a grande cultura (D2 REC 5: 84)

(83) [o motor diesel] não é mais simples... ele é menos complicado (D2 SSA 98: 951)

(84) tem umas pessoas que a gente tem mais intimidade (DID POA 45: 515)

(85) isso é bastante difícil (D2 POA 291: 673)

(86) [as pessoas] estão morrendo ali ao lado... aos pés da... duma vaca ou dum boi... inanição... bem complicado... bem complicado (D2 POA 291: 1663)

(87) ele tem um terreno bem... bem razoável... (D2 POA 291: 1397)

(88) aí nesse caso deixa de ser tão importante o fator idade (D2 SP 360: 1023)

(89) eu era tão pequenina sabe que eu já não me lembro (DID POA 45: 329)

V.2.2 - Graduadores Atenuadores

Os seguintes itens graduam "para menos" a intensão: ligeiramente, pouco, um pouco/pouquinho, mal.

A) Em posição pós-verbal

(90) *o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos (D2 RJ 355: 199)*

Em posição pré-verbal:

(91) *sobre essa parte de preços... eu pouco posso dizer (DID RJ 328: 50)*

B) Em posição pré-nominal

(92) *então tinha que dormir com a cama ligeiramente inclinada (DID SP 208: 468)*

(93) *um quindim por quinze cruzeiros é... um pouco caro... (DID RJ 328: 270)*

(94) *eles colocam melancia... pra mim eu acho um pouquinho indigesto (DID RJ 328: 315)*

(95) *[eu como] só carne... impressionante... e mal passada*

(D2 POA 291: 36)

A expressão de todo funciona como Intensificador numa sentença afirmativa:

(85a) isso é de todo difícil,

e como Atenuador numa sentença negativa:

(94a) melancia eu não acho de todo indigesto.

V.2.3 - Graduadores "Normalizadores"

São raros os Graduadores que identificam a normalidade na escala da intensão. Compare-se

(96) Temos uma justiça desanimadoramente morosa e assustadoramente cara

a

(97) Temos uma justiça normalmente cara,

em que, a par de uma "graduação zero", (97) promove também um efeito de Quantificação Aspectualizadora Iterativa.

Concluindo, vale a pena reconhecer que os Qualificadores Graduadores não são redutíveis a expressões nominais, e nisto eles se distinguem dos Qualitativos Quase-Argumentais. Bastará testar alguns dos exemplos acima:

*(64a) * fraco extremo,*
*(64b) * fraco de modo extremo,*

apesar de

(64c) fraco em extremo.

*(65a) * boêmia alta,*
*(65b) * boêmia com altura,*
*(65c) * boêmia de modo alto.*

V.3 - QUALIFICADORES ASPECTUALIZADORES

No capítulo anterior, item IV.1, tratei da face quantitativa da categoria de Aspecto. Neste item, vou discutir sua face qualitativa.

O Aspecto é uma categoria que depende crucialmente do tipo semântico do V, ou da classe modificada por um Adv ou um Adj aspectualizador. E como os Advs Qualificadores Aspectualizadores incidem sobre o V, é por aqui que iniciarei estas observações, não sem antes relembrar que o significado aspectual é de natureza composicional, pois resulta da interação do sentido lexical do V com (i) o tempo em que foi conjugado, (ii) seus argumentos, (iii) os adjuntos adverbiais e (iv) o padrão sintático em que o V está encaixado: Castilho 1968.

Com respeito às classes semânticas do V, consideremos inicialmente as sentenças:

(98) *A criança brinca no jardim.*

(99) *A criança caiu do balanço.*

Uma análise intuitiva do sentido dos Vs aí contidos mostra que em (98) não se requer o término da ação de "brincar"

para que ela tenha existência, sendo este um requisito obrigatório para a interpretação de (99). Por outras palavras, basta que uma criança comece a brincar para que exista o estado de coisas descrito por esse verbo, ao passo que, para existir, a ação de "cair" tem que ter um começo e um fim quase simultâneos.

Essas duas classes semânticas foram reconhecidas por muitos autores, os quais escolheram diferentes termos para sua designação: *verbos imperfectivos / verbos perfectivos* (Diez 1876: III, 186-187), *verbos permanentes* ["aqueles cujo atributo subsiste durando"] / *verbos desinentes* ["aqueles cujo atributo chegou à sua perfeição"] (Bello 1883), *verbos não-conclusivos / verbos conclusivos* (Jespersen 1924), *verbos cíclicos / verbos não-cíclicos* (Bull 1960: 45-46), etc.

O que unifica os Vs *imperfectivos / permanentes / não-conclusivos / não-cíclicos* é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. É razoável supor que em "brincar" haja um começo da ação, sua continuação e seu término. Não se pode dizer o mesmo de "cair", em que o começo e o fim da ação coincidem. Vistas as coisas por esse ângulo, entende-se por que Sten 1952: 25 se valeu dos termos *verbos de fase / verbos de ação global* para designá-los. O linguista dinamarquês agrega que os valores semânticos apanhados por tais classes são genéricos, visto que a língua pode deixá-los de lado em determinadas circunstâncias. Exemplificando seu raciocínio a partir dos Vs "jouer" e "se noyer", ele diz que diante de uma ocorrência

como:

(100) X se afogava, estava a ponto de afogar-se, mas felizmente uma pessoa o socorreu, de sorte que não se afogou,

qualquer falante, indagado sobre se se pode dizer que "X se afogava" responderá afirmativamente. Isto significa que um verbo habitualmente perfectivo como "afogar-se" pode receber na sentença uma interpretação imperfectiva.

Garey 1957 objetou que a matéria é mais complexa, pois a resposta à pergunta suposta por Sten dependerá do tempo verbal em que a pergunta foi formulada. Se se perguntar "X afogou-se?", a resposta será "não !", o que mostra que além das propriedades semânticas próprias aos Vs "em estado de dicionário", é preciso levar em conta as propriedades semânticas das diferentes flexões gramaticais. Assim, para pôr as idéias no lugar, ele propôs a realização do seguinte teste:

(101) Se alguém estava -ndo, mas foi interrompido quando -va/-ia, pode-se dizer que -ou ?

Se a resposta for afirmativa, o V examinado não precisa de um desfecho para ter existência, e por isso integrará a classe dos Vs atélicos, isto é, dos Vs que não tendem a um fim. Se a resposta for negativa, o V será télico. Portanto,

(102) Se alguém estava brincando, mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou ?

Sim, ainda que por pouco tempo - e o Tempo é irrelevante aqui, como atrás demonstrado -, logo "brincar" é atélico.

(103) Se alguém estava se afogando, mas foi interrompido quando se afogava, pode-se dizer que se afogou ?

Não, logo "afogar-se" é télico.

Uma forma abreviada de aplicar esse teste é restringir-se ao esquema adversativo contido nas sentenças acima. Se o teste construir uma sentença semanticamente aceitável, teremos um V télico, se não, um V atélico:

*(102a) * Ele brincava mas não brincou*

(103a) Ele se afogava mas não se afogou.

Em suma, não se pode fazer uma descrição semântica dos Vs se não se tomar em conta o tempo em que eles vêm flexionados. Parece que o pretérito perfeito simples não altera o tipo semântico do V, como se vê em:

(102b) Ele brincou
(103b) Ele se afogou,

em que ambos os Vs continuam, respectivamente, atélico e télico. Já o pretérito imperfeito e o gerúndio recategorizam o V, transpondo-o de télico para atélico:

(103c) Ele se afogava

(103d) Vi um menino se afogando.

Para os objetivos desta tese, importa investigar o papel dos Adv nessas relações de telicidade / atelicidade. Em nossos dados encontramos ocorrências de Advs que, à semelhança das flexões de tempo, ora confirmam o sentido de base dos Vs, os os alteram. Desde logo, vou separar os Aspectualizadores Imperfectivos dos Perfectivos.

V.3.1 - Aspectualizadores Imperfectivos

Alguns Advs em -mente, sempre e adverbiais constituídos por Sintagmas Preposicionados com ou sem o núcleo atuam como Aspectualizadores Imperfectivos:

(104) [fazer] uma dieta vegetariana () eu acho válido, mas não permanentemente (D2 POA 291: 598)

(105) porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer ... morre de vez... eu não gosto de morrer aos pedacinhos ... aos poucos (D2 SSA 98: 1569)

(106) ela teve escritórios durante... oito anos:: mais ou menos (D2 SP 360: 1163).

(107) essas coisas vêm apo... vêm vindo aos poucos (D2 POA 291: 1312).

(107a) essas coisas vêm vindo pouco à pouco / paulatinamente.

(109) observe um momentinho isso (EF RJ 251: 128)

(110) eu trabalho a maior parte do tempo sentada (DID RJ 328:40)

(111) eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora (D2 SP 360: 486)

(112) a gente vive de motorista o dia inteiro (D2 SP 360: 94)

(113) no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo (DID POA 45: 232)

(114) que ficava todo o dia jogando (DID POA 45: 179)

Observa-se nos exemplos acima a presença maciça de Advs e adverbiais escalares. Na maior parte das vezes, tais expressões apenas confirmam o "modo da ação" durativo dos Vs a que se aplicam, com exceção de (105), em que a telicidade de "morrer" foi comprometida por "aos pedacinhos... aos poucos".

Examinarei, a partir do exemplo (106), a hipótese de Hopper 1979 sobre a correlação "imperfectividade - figura", mencionada em II.4. Transcrevo para isso o texto maior de onde procede esse exemplo:

(106) Doc. *o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora ?*

L1 *não ele teve escritório no início da carreira... teve escritório durante... oito anos:: mais ou menos... depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a:: a profi/ o a advocacia do Estado né ?... e:... depois... é que ele começou a lecionar quando houve... a necessidade do regime de dedicação exclusiva... pela posição de DENtro da carreira... ele precisava optar pela:: dedicação // exclusiva () sabe ? então:... ele:::... começou a lecionar*

A pergunta do documentador desencadeia uma sequência narrativa, cujo fundo é dado pelos Vs *"teve escritório" / "começou a lecionar"*, e a figura, por *"tinha liberdade de advogar"/ "exercia a advocacia do Estado"/ "houve a necessidade do regime de dedicação exclusiva" / "ele precisava optar"*, predicados verbais irrelevantes para o avanço da narrativa. O que se nota é que as ações imperfectivas se espalham por toda a narrativa, seja no fundo, seja na figura (com a exceção de "houve a necessidade"), e assim, a correlação entre Aspecto e Discurso perde sua nitidez,

pelo menos no que toca ao Imperfectivo, se nos ativermos à hipótese de Hopper. Muito provavelmente, a Aktionsart de cada V tem aí um papel mais importante que o Aspecto. O locutor escolheu Vs atélicos para expressar os eventos centrais, e alguns télicos para os eventos marginais, o que contraria a predição de Hopper.

V.3.2 - Aspectualizadores Perfectivos

Os adverbiais perfectivizadores atribuem aos Vs a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação, que se torna, assim, pontual, não-durativa. Por assim dizer, a face pontual desses adverbiais neutraliza qualquer duração acaso contida no "modo de ação" do V, a menos que ele já integrasse a classe dos télicos.

Há, portanto, duas situações: (i) o V já é télico, e o adverbial apenas reforça sua perfectividade: este é o caso de (115), (116), (119) e (120); (ii) o V é atélico, mas o Aspectualizador transforma-o num perfectivo pontual: (117) e (118).

Vejam-se os seguintes exemplos:

(115) e claro... pronto... quer dizer... [o cabelo comprido] foi absorvido imediatamente (D2 POA 291: 740)

(116) e põe o camarão naquele refogado... rapidamente... só mexe o camarão (D2 POA 291: 169)

(117) ajeitou os cabelos de um golpe

(118) corre de repente a notícia de que o dólar ia subir

(119) você acha que ele ainda vai fixar essa idéia ? já fixou !
[resultativo]

(120) você chegou tarde... agora eu já autorizei a saída.

Os Aspectualizadores Perfectivos se mostraram mais raros no corpus do que os Imperfectivos. Ambos têm em comum apresentar a narrativa numa forma "pessoalizada", altamente específica. Quero com isso retomar o que deixei anotado em IV.1, a saber: a face quantitativa do Aspecto dá um sabor de genericidade ao discurso, ao passo que sua face qualitativa, aqui examinada, especifica-o, pessoaliza-o. Acredito que esta hipótese tem um poder de generalização superior à de Hopper 1979, resgatando uma importante correlação entre Aspecto e Discurso.

V.4 - QUALIFICADORES APROXIMADORES

Em seu tratamento das classes de palavras, a Sintaxe Funcional deixou de lado a teoria clássica, segundo a qual as classes são discretas e dotadas de propriedades inerentes, substituindo-a pela teoria da categorização natural (ou teoria dos protótipos), segundo a qual as classes têm limites imprecisos ("fuzzy edges") e os itens que abrigam possuem diferentes graus de integração. No nosso caso, será necessário reconhecer (i) que alguns Advs são operadores da imprecisão (vou chamá-los de "Aproximadores"), e (ii) que haverá Advs "mais adverbiais" e Advs "menos adverbiais".

Lakoff 1975 propôs o termo "hedges" para designar determinadas palavras e expressões

> *"whose job is to make thinks fuzzier or less fuzzy" (pág. 234).*

Ele lista como tais as expressões "kind of", "sort of", "more or less", "relatively", entre outras.

Em outro texto, Lakoff 1982 disserta longamente sobre as duas fontes da categorização linguística: a categorização clássica, elaborada por Aristóteles e retomada pela Semântica de

Frege e pela Gramática Gerativa, e a categorização natural, elaborada por Wittgenstein e elaborada a partir dos anos 80 pela Psicologia, pela Antropologia e pela Linguística Cognitiva.

Givón 1986 confronta o ponto de vista platônico, segundo o qual as "categorias de expressão são discretas, absolutas e pristinas, sejam elas

> *"God-given as Plato or Descartes would have it, neuro-genetically wired in as Chomsky or Bickerton would have it, representing the stable features of The Real World as Russell, Carnap and other positivists would have it, or made out of atomic unit of perception as the classical empiricists would have it" (pág. 77).*

Ele confronta essa tradição com as observações de Wittgenstein 1953, que sustentava que as categorias não são discretas e absolutas, mas, no lugar disso, são incertas e mal delimitadas, sendo que muitas relações podem ser reconhecidas entre os membros das diferentes categorias. Entre esses extremos, Givón propõe uma solução híbrida, uma solução de compromisso, a que denomina Teoria do Protótipo.

A Teoria do Protótipo postula que alguns membros de uma categoria compartilham todos os traços ou propriedades dessa categoria. Esses membros seriam seu protótipo. Outros, compartilham

apenas alguns traços, exemplificando diferentes graus de prototipicidade.

Os Aproximadores são operadores de não-prototipicidade, bastando examinar os seguintes exemplos para dar-se conta disso:

(121) a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque quase sempre ela é procurada pelos alunos (D2 SP 360: 1242).

(122) e nós fazemos um tipo de frequência... né? () a frequência isso é relatório (DID SSA 231: 450).

(123) mas o exame de mestre era muito mais complicado () o de arrais é uma espécie de exame de curso infantil (D2 SSA 98: 1084).

(124) o público assim em geral eu acho que vai ao cinema mesmo (DID SP 234: 469).

(125) basicamente ele está pensando na condução amanhã... no táxi... na gasolina... amanhã (EF SP 388: 324).

(126) "Coisas Nossas" passou praticamente em todas as grandes cidades brasileiras (EF SP 153: 530).

Os Aproximadores afetam as propriedades intensionais da classe-sujeito, apagando algumas e mantendo outras. Em (121), a iteratividade de "ser sempre procurada" ficou comprometida. Em (122), o falante está inseguro sobre se o item "frequência" representa adequadamente o documento que ele está procurando denominar. Em (123) se diz que o exame de arrais não é precisamente um exame com o que se pode entender por essa palavra. E assim por diante.

Ao comprometer a prototipicidade da classe-sujeito, os Aproximadores desempenham na esfera do discurso o importante papel de "controlar" a descodificação da mensagem. Por meio deles, passamos ao nosso interlocutor instruções sobre como ele deve acionar os mecanismos linguísticos da significação. E como as instruções que eles passam implicam numa ação sobre o interlocutor relativamente ao entendimento desejado do "dictum", esses Advs foram denominamos "metacomunicativos" por Bartsch 1976 e "pragmáticos" por Bellert 1977. No caso mais particular das conversações, Fraser 1980 mostrou que tais "palavras evasivas" podem contribuir para um abrandamento do que está sendo dito.

Os inquéritos do Projeto NURC/BR elegeram "quase" como o Aproximador mais frequente. Ele pode ocorrer no interior do SN e do SV duplo, como se vê em:

(127) minhas filhas conhecem o Brasil <u>quase</u> todo (D2 REC 5: 947).

(128) sei lá... não tenho quase assistido filmes né ? (DID SP 234: 429).

Com respeito à sentença, quase ocorre em P1, como em (121), em P3:

(129) eu... quase não vou ao cinema (DID SP 234: 4),

e em P4:

(130) eu estudei mas não me apresentei quase nada (DID SP 234: 296).

Trata-se de um AdvC, que pode incidir, para além das classes constantes, também sobre os Circunstanciais:

(131) a manga do casaco dava quase aqui (D2 POA 291: 860)

sobre Quantificadores Definidos, ou Numerais:

(132) homem que tinha... já quase quarenta anos de rádio (DID SP 208: 401)

e até mesmo sobre outros Aproximadores

(133) então eu vivo assim quase que praticamente em constante regime (DID RJ 328: 7).

O Aproximador "quase" promove um mecanismo semântico oposto ao dos Focalizadores, pois enquanto estes destacam o conteúdo da classe-sujeito, os Aproximadores o diluem, esbatendo seus contornos. Os Aproximadores em -mente não funcionam como um hiperpredicador da sentença, repelindo paráfrase como:

*(126a) * é prático que "Coisas Nossas" passou em todos os cinemas.*

Uma última observação com respeito a tipo. Postulo que há um tipo 1, cujo alcance é quantificar a classe-sujeito, restringindo-a a determinada classificação, como em (134):

(134) Rhesus é um tipo de macaco.

Em (134), o núcleo do SN é "tipo", ao passo que "de macaco" é seu complementador.

Já em

(135) entrei no mato e vi um bicho assim... tipo macaco,

temos tipo 2, que é um Aproximador. Em (135), o último SN tem por núcleo "macaco", e "tipo" é seu Especificador.

Em suma, tipo 1 age sobre a extensão, e tipo 2, sobre a intensão.

V.5 - QUALIFICADORES CONFIRMADORES

Os Qualificadores Confirmadores desempenham na produção dos significados um papel oposto ao dos Aproximadores.

Enquanto aqueles generalizam o sentido de sua classe-sujeito, apresentando-o como não-prototípico, os Confirmadores especificam o sentido, selecionando todas as propriedades intensionais da classe sobre que se aplicam. Em consequência, os Confirmadores são operadores de protipicidade.

Sejam os seguintes exemplos:

(136) me convidou para esse negócio... comendo uma comida <u>tipicamente</u> indiana... mas que foi adotada na China (D2 POA 291: 244).

(137) nós aqui ficamos mais <u>autenticamente</u> brasileiros (D2 REC 5: 1238).

(138) são derivados de conceitos... que... radicam vamos dizer que... saem... se não se se não são <u>totalmente</u> determinados são em grande parte determinados... por... hábitos linguísticos (EF SP 124: 122).

(139) *rigorosamente seria provavelmente um negócio desse jeitão aqui... certo ? (EF SP 338: 191).*

(140) *minhas viagens de avião eram mesmo por negócio... estritamente (D2 SP 255: 88).*

(141) *ele simplemente nunca viu aquilo... certo? (EF SP 377: 40).*

(142) *quer dizer..., cenário é puramente secundário... o principal é a interpretação... é o valor do artista (DID SP 161: 605)*

(143) *se [a firma] não puder fazer isso ela vai à falência... pura e simplemente (DID SP 250: 341)*

(144) *a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... (D2 SP 360).*

(145) *não vai se guiar a rigor... só acompanha-se a moda (D2 SP 291: 311).*

Alguns desses Advs são claramente Quase-Argumentais: (137), (138), (140) e (141). Os demais não têm as mesmas propriedades dos Quase-Argumentais. Tomados em seu conjunto, provocam um efeito de sentido confirmador tão evidente, que achei melhor dispô-los numa classe semântica própria.

A "vocação sintática" dos Confirmadores é maiormente pré-nominal, aderindo em geral a um Adj. Certos itens, como "totalmente", mostram uma mobilidade maior, funcionando também após o V:

(146) [o teatro] atingia totalmente as massas... em Roma... na Grécia (DID SP 161: 601).

Essa mobilidade maior talvez se explique pela dupla incidência desse Adv: tomando por sujeito o V, como um predicador qualificador de segunda ordem, ele confirma as propriedades de *"atingir"*; tomando por sujeito o N *"massas"*, como um quantificador de primeira ordem, ele seleciona todos os sujeitos contidos no conjunto *"massas"*.

Outros confirmadores, como (139), (140) e (143) são hiperpredicadores, e qualificam toda a proposição. Também estes Advs merecem uma análise monográfica, para que se possa identificar sua potencialidade de gerar significados.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Este trabalho se inscreve na agenda de pesquisas do Projeto de Gramática do Português Falado, mais particularmente em seu Grupo de Trabalho de Sintaxe das Classes Gramaticais e Lexicais. O Projeto prevê a discussão coletiva do ponto de vista que norteia as atividades e da agenda a desenvolver, e do trabalho individual de seus pesquisadores na execução das tarefas assim acordadas.

Achei conveniente começar a tese explicitando minhas percepções sobre a LF como um objeto científico. Antecipo, dessa forma, questões em que certamente se envolverão os pesquisadores do PGPF, uma vez vencida sua trabalhosa agenda, prevista para esgotar-se em 1995. Após situar o estado da questão, hipotetizei que as propriedades discursivas, semânticas e sintáticas da LF se organizam em três processos constitutivos: a construção, a reconstrução e a descontinuação. Examinei, a título meramente ilustrativo, algumas questões envolvidas por esse amplíssimo projeto de indagações.

No Cap. II, tratei brevemente do Adv como uma classe polifuncional e explicitei meu entendimento sobre a predicação como um processo semântico-sintático, selecionando os Advs Predi-

cativos como objeto empírico desta tese. Como objeto teórico, expus meu entendimento sobre a Sintaxe Funcional, formulando um plano descritivo, centrado nos seguintes quesitos:

(1) Os Advs Predicativos no sistema discursivo: (i) Adv e organização da informação; (ii) Adv e articulação definida / indefinida do texto; (iii) Adv e predicação dos participantes da enunciação; (iv) Adv e força ilocucionária; (v) Papel coesivo dos Advs.

(2) Os Advs Predicativos no sistema semântico: (i) Advs de primeira, segunda e terceira ordem; (ii) Número de classes predicadas e produção do significao unívoco ou prototípico, e do significado plurívoco ou derivado.

(3) Os Advs Predicativos no sistema sintático: (i) Advs de Constituinte; (ii) Advs de Sentença; (iii) Distribuição dos Advs no enunciado.

Procedi então a uma pré-análise dos dados, testando diferentes estratégias descritivas, até fixar-me naquela que, reconhecidamente, permitisse apresentar os Advs Predicativos num plano ordenado e abrangente. Surgiu daqui a tripartição "Advs Modalizadores", "Advs Quantificadores" e "Advs Qualificadores". Com esses objetivos em mente, não pude, como é óbvio, realizar uma descrição de detalhe, que esgotasse todas as perspectivas abertas pelo plano acima. Estou convencido, entretanto, que estudos mo-

nográficos mais verticalizados poderão ser agora realizados, pois já se dispõe de uma percepção mais clara dessa classe difícil. Em suma, reconheço que no estágio atual de nossos conhecimentos sobre o português falado não temos ainda uma grande gramática dos Advs, embora suas bases estejam lançadas.

A seguir, darei um balanço nas observações feitas nos Caps. III, IV e V desta tese. Começo por reunir num quadro matricial os itens estudados, distribuídos pelas classes dos Modalizadores (Md), Quantificadores (Qt) e Qualificadores (Ql), segundo tenham figurado no corpus como advérbios de sentença (AdvS) ou como advérbios de constituinte (AdvC).

1. Advs não-derivados	*Md*	*Qt*	*Ql*	*AdvS*	*AdvC*
assim	+	–	+	–	+
mesmo	+	–	–	–	+
talvez	+	–	–	–	+
sempre	–	+	–	–	+
mal / pior	–	–	+	–	+
bem / melhor	–	–	+	–	+
quase	–	–	+	–	+
mais	–	–	+	–	+
demais	–	–	+	–	+
menos	–	–	+	–	+
já	–	–	+	–	+
2. Advs derivados em -mente					
absolutamente	+	–	+	+	+
certamente	+	–	–	+	+
efetivamente	+	–	–	+	+
evidentemente	+	–	–	+	+
fatalmente	+	–	–	+	+
incontestavelm.	+	–	–	+	+
indiscutivelmente	+	–	–	+	+
indubitavelmente	+	–	–	+	+
inegavelmente	+	–	–	+	+
logicamente	+	–	–	+	+
naturalmente	+	–	–	+	+
obviamente	+	–	–	+	+

realmente	+	–	+	+	+
reconhecidamente	+	–	–	+	+
seguramente	+	–	–	+	+
verdadeiramente	+	–	–	+	+
provavelmente	+	–	–	+	–
possivelmente	+	–	–	+	–
eventualmente	+	–	–	+	–
necessariamente	+	–	–	+	–
obrigatoriamente	+	–	–	+	–
(in)felizmente	+	–	–	+	–
lamentavelmente	+	–	–	+	–
curiosamente	+	–	–	+	–
surpreendentem.	+	–	+	+	–
espantosamente	+	–	+	+	–
estranhamente	+	–	+	+	–
diariamente	–	+	–	–	+
sistematicam.	–	+	–	+	+
habitualmente	–	+	–	+	+
frequentemente	–	+	–	+	+
esporadicamente	–	+	–	+	+
constantemente	–	+	–	+	+
repetitivamente	–	+	–	+	+
comumente	–	+	–	+	+
sinceramente	+	–	–	–	+ *(?)*
ingratamente	+	–	–	+*(?)*	+ *(?)*
francamente	+	–	+	+	+
novamente	–	+	–	–	+
geralmente	–	+	–	+	+
constantemente	–	+	–	+	+
raramente	–	+	–	+	+
normalmente	–	+	+	+	+
mensalmente	–	+	–	–	+
trimestralmente	–	+	–	–	+
economicamente	–	+	–	–	+
biologicamenete	–	+	–	–	+
historicamente	–	+	–	–	+
tecnicamente	–	+	–	–	+
teoricamente	–	+	–	–	+
pessoalmente	–	+	–	–	+
tecnicamente	–	+	–	–	+
particularmente	–	+	–	–	+
tradicionalmente	–	+	–	+	+
graficamente	–	–	+	–	+
inteiramente	–	–	+	–	+
automaticamente	–	–	+	–	+
exclusivamente	–	–	+	–	+
precocemente	–	–	+	–	+
calmamente	–	–	+	–	+
(in)conscientem.	–	–	+	–	+
adequadamente	–	–	+	–	+
objetivamente	–	–	+	–	+
condignamente	–	–	+	–	+
diretamente	–	–	+	–	+
rapidamente	–	–	+	+	+

globalmente	–	–	+	–	+
concretamente	–	–	+	–	+
completamente	–	–	+	–	+
plenamente	–	–	+	–	+
regiamente	–	–	+	–	+
imediatamente	–	–	+	–	+
lentamente	–	–	+	–	+
tipicamente	–	–	+	–	+
terrivelmente	–	–	+	–	+
extremamente	–	–	+	–	+
altamente	–	–	+	–	+
completamente	–	–	+	–	+
perfeitamente	–	–	+	–	+
tremendamente	–	–	+	–	+
totalmente	–	–	+	–	+
absolutamente	–	–	+	–	+
extraordinariam.	–	–	+	–	+
incomparavelmente	–	–	+	–	+
infinitamente	–	–	+	–	+
ligeiramente	–	–	+	–	+
desanimadoramente	–	–	+	–	+
paulatinamente	–	–	+	–	+
imediatamente	–	–	+	–	+
basicamente	–	–	+	–	+
praticamente	–	–	+	–	+
autenticamente	–	–	+	–	+
rigorosamente	–	–	+	–	+
estritamente	–	–	+	–	+
simplesmente	–	–	+	–	+
puramente	–	–	+	–	+

3. Expressões nominais adverbializadas

certo	+	–	–	+	–
claro	+	–	–	+	–
exato	+	–	–	+	–
coisa nenhuma	+	–	–	–	+
lógico	+	–	–	+	–
pronto	+	–	–	+(?)	–
(X) vez (X)	–	+	–	–	+
muito	–	+	+	–	+
(X) pouco/-inho	–	+	–	–	+
bastante	–	+	+	–	+
(X) hora/dia/mês ano...	–	+	+	–	+
tranquilo	–	–	+	–	+
junto	–	–	+	–	+
ligeiro	–	–	+	–	+
esporte	–	–	+	–	+
(um)(pouco)(a maior parte do) tempo	–	–	+	–	+
tanto, tão	–	–	+	–	+
pouco a pouco	–	–	+	–	+

um momentinho	-	-	+	-	+
(um) tipo (de)	-	-	+	-	+
(uma) espécie(de)	-	-	+	-	+

4. Sintagmas Preposicionados em função adverbial

sem dúvida	+	-	-	-	+
de jeito nenhum	+	-	-	-	+
de maneira nenh.	+	-	-	-	+
de certa maneira/ de maneira (X)	-	-	+	-	+
a cada passo	-	+	-	-	+
com (X)frequência	-	+	-	-	+
na realidade	+	-	+	+	-
ao acaso	-	-	+	-	+
à vontade	-	-	+	-	+
aos pedacinhos	-	-	+	-	+
aos poucos	-	-	+	-	+
durante (X) horas/ dias/meses...	-	-	+	-	+
em geral	-	-	+	-	+
no fundo	-	-	+	-	+
a rigor	-	-	+	-	+

==========

O quadro acima dá lugar a algumas observações:

1) Os Advs Predicativos compreendem ocorrências muito diferenciadas, do ponto de vista de sua estrutura morfossintática. Os Advs em *-mente* ocupam 67% dessas ocorrências, as expressões nominais adverbializadas 14%, os sintagmas preposicionados 11% e os Advs não-derivados apenas 8%.

2) A tabela mostra que vários itens podem distribuir-se por mais de uma classe semântica. Estudando-se sua distribuição por essas classes, constata-se a preponderância dos Qualificadores, que totalizam 52% das ocorrências, contra 28% de Modalizadores e 20% de Quantificadores. Esses resultados apontam para o significado qualificador como o que mais caracteriza os Advs Pre-

dicativos, o que os aproxima bastante dos Adjs. Eles mostram, igualmente, que a LF dá preferência menor aos Advs para codificar a modalização e a quantificação das classes-alvo. De novo saem na frente os Advs em *-mente*, 49,5% dos quais atuam como Qualificadores.

3) Os itens Modalizadores podem atuar também como Qualificadores, mas o inverso não ocorre. Os Quantificadores são, a esse respeito, os mais individualizados, pois com exceção de *normalmente*, não encontramos no corpus um Quantificador que também atuasse nos demais processos de predicação adverbial. Essa constatação permite postular uma hiperclasse associando os Modalizadores e os Qualificadores.

4) Nessa linha de raciocínio, observa-se que os Modalizadores mostram uma mobilidade maior no enunciado. A grande maioria dos Modalizadores pode atuar como AdvS ou como AdvC, ao passo que os Qualificadores (tanto quanto os Quantificadores) exibem uma mobilidade menor, limitando-se a gravitar ao redor do núcleo verbal, ou do núcleo nominal, como AdvC. Isso dá razão a Dascal, quando hipotetiza que a camada modal envolve a camada proposicional, numa hierarquia mais alta.

5) A menor mobilidade de Qualificadores e Quantificadores parece neutralizar-se quando se trata de Advs em *-mente*. Se esse fato for verdadeiro - e uma quantificação mais cuidadosa poderia verificá-lo - o sufixo *-mente* assume de fato um estatuto

gramatical diferenciado, conforme Kato-Castilho 1992.

À margem dos comentários à matriz acima, gostaria agora de encerrar estas Primeiras Conclusões com uma crítica ao meu trabalho.

Considero-o ainda bastante exploratório, e concordo em que nem todas as questões levantadas em II.4 tiveram aqui uma resposta cabal.

Fiz uma análise qualitativa, sem uma exigência permanente de exaustividade, ao longo da qual identifiquei os tipos mais produtivos de Adv Predicativos, concentrando-me maiormente nos aspectos semântico-sintáticos, com uma atenção desigual aos aspectos discursivos envolvidos, e sem nenhuma incursão no campo da prosódia. Creio que outras hipóteses poderiam ser agora formuladas, refinando-se os quesitos iniciais.

Sem dúvida, muita coisa deve ainda ser feita:

1. Quanto às relações entre o Adv e as características da LF, notei que o papel maior dos Advs Predicativos concentra-se no componente de Construção. Seu papel é o de qualificar, modalizar e quantificar o enunciado, agindo numa linha auxiliar aos Vs e aos Adjs. Aparentemente eles são inexpressivos no que toca à Reconstrução e à Descontinuação da LF, mas estes componentes foram apenas aflorados.

2. Papel discursivo dos Advs. Toquei nessa perspectiva apenas incidentalmente, dando prioridade maior à esfera semântica de sua atuação. Não me arrependo da estratégia. Creio que a análise semântica deve preceder a discursiva, mormente numa classe tão rica quanto a dos Advs.

De todo modo, constatei que os textos altamente informativos, em que se trata de matéria não sujeita a objeções, inibem a emergência dos Advs. Ao revés, textos de baixa informatividade e alta previsibilidade favorecem sua emergência, pois através dos Advs o locutor procura conferir certo relevo às suas afirmações. Deve ser por isso que a literatura específica registra para os Advs propriedades tão vagas quanto "expressividade", "ênfase", etc.

A hipótese de Hopper sobre a correlação entre Aspecto e fundo e figura nas narrativas não foi confirmada. Em lugar disso, hipotetizo que a especificidade ou a genericidade dos textos é que suscitam a emergência dos Advs Aspectualizadores, Perfectivos e Imperfectivos no primeiro caso, e Iterativos no segundo. A matéria merece um exame mais acurado, que encontra ressonância no estudo dos Adjs. DuBois 1980 mostrou que a adjetivação é mais abundante nas descrições do que nas narrativas. Ora, as descrições são em geral assinaladas por um tom de genericidade, visto que as propriedades dos objetos são mais estáveis, a-históricas. As narrações são mais específicas, por tratarem de eventos únicos em si, dotados de historicidade. Isto reforça, igualmente, a

questão da harmonia categorial entre Advs e Adjs, hipótese tematizada em Castilho-Moraes de Castilho 1993. Outro paralelo é o uso do presente do indicativo, mais frequente nos textos baixamente informativos: Castilho 1984e. Finalmente, há a questão dos Advs mais decididamente orientados para o discurso, como os Modalizadores Pragmáticos. Menciono essa questão no item a seguir, por estar relacionada com a questão da incidência de umas classes sobre outras.

3. Papel semântico dos Advs. Defrontei-me com uma questão delicada, que é a da incidência do Adv sobre sua classe-sujeito. A questão da incidência espera ainda por uma teorização adequada, o que tem sido reconhecido pelos tratadistas. Ao indagar sobre as classes em que os Advs incidem, penso que dei uma resposta à questão dos significados gerados por eles. Os que tomam por sujeito apenas uma classe, engendram os significados unívocos, de base, e isto ocorre na maior parte das vezes. Aqueles que tomam por sujeito mais de uma classe dada no enunciado, engendram os significados plurívocos, o que implica em seu arranjo em mais de uma das grandes classes predicadoras aqui propostas. Tal é o caso de *realmente*, que pode ser Modalizador Epistêmico Asseverativo ou Qualificador Graduador. *Justamente* pode ser Qualificador Quase-Asseverativo ou Focalizador. O mesmo se dá com *exclusivamente* e *bem*. Estudos monográficos sobre outros itens poderiam agregar novas evidências a este tipo de explicação. Finalmente, os Advs que incidem sobre os participantes do discurso (isto é, os predicadores de dois lugares) ultrapassam o sistema

semântico e ingressam no sistema discursivo, liberando a força ilocucionária dessa classe, e complicando a análise mais propriamente sintática. Foi o que se viu no caso dos Modalizadores Intersubjetivos, que resistem à argumentação sintática disponível. Ainda com respeito à incidência, deve-se levar em conta o estatuto semântico da classe-sujeito, e suas consequências sobre o estatuto semântico dos Advs. Notei que a incidência sobre classes referenciais gera uma predicação de primeira ordem, ao passo que a incidência sobre classes predicativas gera predicações de segunda e de terceira ordem. Sobre isto se assenta a diferença entre Modalizadores, de largo espectro predicador, quanto comparados aos Qualificadores e aos Quantificadores, de alcance predicador mais pobre.

Outra questão semântica é a da composicionalidade entre os Advs e sua classe-sujeito. Os dados mostraram uma relação maiormente composicional (ou de "linking", na terminologia de Weinreich 1972). Pode-se, com segurança, afirmar que a contribuição semântica maior dos Advs Predicadores é a de adição de traços intensionais. Mas registraram-se também relações não-composicionais, seja nos casos de apagamento parcial de traços (os Qualificadores Aproximadores), seja nos casos de apagamento radical de traços (os Qualificadores Aspectualizadores).

Particularmente quanto ao Aspecto, a tese oferece elementos ao continuado debate que o assunto tem suscitado. Como se sabe, os estudos de Aspecto percorreram três momentos: (i) um mo-

mento semântico-lexical, quando se identificaram as "Aktionsarten" como um conceito distinto do "Aspekt"; esse momento ocorreu no século passado e começo deste, quando essa categoria foi identificada; (ii) um momento semântico-sintático, quando se buscou identificar o Aspecto nas relações composicionais desencadeadas pelo sentido lexical codificado no radical do verbo e os "acidentes" sentenciais, tais como flexão temporal, pluralização dos sintagmas nominais argumentais, ocorrência de adjuntos adverbiais, padrão sentencial em que ocorria o verbo; (iii) um momento textual, que ora estamos vivendo, no qual se tenta correlacionar a articulação discursiva com a emergência de determinados Aspectos. Ainda que com ênfase diferenciada, todos esses momentos foram considerados nesta tese, na descrição dos Advs Aspectualizadores.

4. Papel sintático dos Advs. A tese demonstrou que a predicação adverbial de primeira ordem se codifica sintaticamente através dos AdvC, ao passo que a predicação de segunda e de terceira ordens se codifica através dos AdvS. A distinção entre uns e outros nem sempre é demonstrável por meio de testes sintáticos,

> *"o que só pode ser feito, em última instância, com o uso da intuição do falante sobre os escopos semânticos destes advérbios"*,

como acertadamente observa Oliveira 1993: 105, que dedicou à questão um oportuno ensaio-crítico.

Quando à relação argumental entre os Advs e sua classe-sujeito, constatei a existência de (i) relação de hiperpredicação, maiormente desempenhada pelos Modalizadores, (ii) relação de adjunção, ocorrente na maior parte dos casos, quando não se identificam especificações sobre o Adv, e (iii) relação de quase-argumentalidade, entre alguns tipos de Qualificadores. Essas relações são assimétricas: o Adv subordina a classe-sujeito em (i), não desenvolve relações de dependência em (ii) e é dependente dela em (iii). Comparem-se o N e o Adv neste particular, e de novo se comprovará a enorme complexidade desta classe

Muitos mistérios guardam os Advs! Mas é chegada a hora de convidar mais pesquisadores, pois há muito ainda por fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS (*)

Akinnaso, F.N. 1982. On the differences between spoken and written language, Language and Speech 25: 97-125.

Alarcos Llorach, E. 1968. Estudios de Gramática Funcional del Español. Madrid, Gredos, 1970.

Apolonio Díscolo séc. I d.C. Sintaxis. Introdución, traducción y notas por Vicente Bécares Botas. Madrid, Gredos, 1987.

Arnauld e Lancelot 1671. Grammaire générale et raisonnée. Preface de Michel Foucault, nouvelle édition. Paris, Republications Paulet, 1969.

Austin, J.L. 1962. How to do things with words. Oxford, Oxford University Press.

Barbosa, J. S. 1803. Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, 7a. ed. Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências, 1881.

Barrenechea, A.M. 1969. Operadores pragmáticos de actitud oracional: los adverbios en -mente, in Juan M. Lope Blanch Org. Estudios sobre el Español Hablado. México, UNAM, 1982, pp. 313-332.

Barros, J. de 1536. Gramática da Língua Portuguesa, 4a. ed. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

Bartsch, R. 1976. The Grammar of Adverbials. Amsterdam, North Holland.

Basílio, M. 1990. Flutuação categorial de base adjetiva no Português Falado, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 81-98.

--- 1991. Conversão adjetivo/advérbio em Português: um estudo de classes de palavras, Boletim da ABRALIN 11: 143-152.

--- Org. 1993. Gramática do Português Falado, vol. III. Campinas, Editora da UNICAMP.

Bécares Botas, V. 1987. Introducción, in Apolonio Díscolo séc. I d.C., pp. 9-70.

Bellert, O. 1977. On semantic and distributional properties of sentencial adverbs, Linguistic Inquiry 8 (2) 337-350.

Bello, A. 1883. Gramática de la Lengua Castellana. Santiago, Universidad de Chile.

Benveniste, E. 1959. Les rélations de temps dans le verbe français, Problèmes de langage. Paris, Gallimard, 1966, pp. 237-250.

Berruto, G. 1985. Per una caratterizzazione del parlato: l´italiano parlato ha un´altra grammatica?, in G. Holtus e E. Radtke (Eds.) - Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart. Tubingen, Narr, pp. 120-153.

Bezerra, A. M. C. 1978. A Forma Verbal em -ria no Português Culto de São Paulo. Mogi das Cruzes, UMC, Diss. de Mestrado.

Bierwisch, M. 1970. Semântica, em Lyons Org. 1970, pp. 161-178.

Blanche-Benveniste, C. et alii 1979. Des grilles pour le français parlé, Recherches sur le français parlé 2: 163-205.
--- 1986. L´oralité, Boletim de Filologia 31: 87-95.
--- 1987. Place des analyses grammaticales dans le français parlé, com. ao Romanistentag, Freiburg, mimeo.
---, Deulofeu, J., Stefanini, J. et van den Eynde, K.1984. Pronom et syntaxe. L´Approche pronominale et son application à la langue française. Paris, SELAF.
--- et Jeanjean, C. 1987. Le Français parlé. Paris, Didier.
--- Org. 1990. Le Francais parlé: études grammaticales. Paris, CNRS.

Bonfim, E.R.M. 1988. Advérbios. São Paulo, Atica.
--- 1991. Advérbios e pseudo-advérbios: aspectos relativos à sua posição na frase, Boletim da ABRALIN 11: 153-164.

Borillo, A. 1976. Les adverbes et la modalisation de l´assertion, Langue Francaise 30: 74-89.

Braga, M.L. 1986. Construções de tópico do discurso, in Naro Org. 1986, pp. 393-446.
--- 1990. A repetição na língua falada, comunicação ao Seminário sobre a Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.
--- 1992 - Sentenças clivadas e reiteração, comunicação ao Encontro Anual da ABRALIN, São Paulo, julho de 1992, ms.

Buhler, K. 1934. Teoria del Lenguaje. Madrid, trad. esp. de Julián Marías, 2a. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1961.

Bull, W. 1960. Time, tense and verb. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.

Busse, B. e Vilela, M. 1986. Gramática de Valências. Coimbra, Almedina.

Callou, D.M. I. Org. 1991. A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/FUJB, vol. I, Elocuções

Formais.
--- e Marques 1993. A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/CAPES.

Carneiro, I. 1989. Um Recorte dos Advérbios em -mente. Contribuição para o estudo dos modalizadores sentenciais em Português. Assis, ILPHA/UNESP, Diss. Mestrado, mimeo.

Casteleiro, J.J. 1975. Aspectos da Sintaxe do Português Falado no interior do país, Boletim de Filologia 14 (1-4): 57-74.
--- 1982 - Análise gramatical dos advérbios de frase, Biblos 58: 99-110.

Castilho, A.T. 1968. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. Marília, FFCL, coleção de Teses.
--- 1978. A dimensão textual do verbo, Estudos Linguísticos [Anais do GEL] 2: 125-140.
--- 1981. O Projeto NURC e a sintaxe do verbo, in Estudos de Filologia e Linguística. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo, TAQ/EDUSP, pp. 269-288.
--- 1983. Variedades Conversacionais, Boletim da ABRALIN 5: 40-53.
--- 1984a. O presente do indicativo na oração e no texto, Actas del VII Congreso Internacional de ALFAL (Santo Domingo, Rep. Dominicana, 1984). Santo Domingo, Universidad Nacional Pedro Henríquez Ureña, 1987, vol. I, pp. 389-404.
--- 1984b. Ainda o Aspecto Verbal, Estudos Portugueses e Africanos 4: 9-36.
--- 1987a. Para o estudo das unidades discursivas no Português Falado, in Ataliba T. de Castilho Org. 1989, pp. 249-280.
--- 1987b. A elipse do sujeito no Português Culto Falado em São Paulo, Estudos Linguísticos 14: 32-40.
--- 1988. Para uma gramática do Português Falado, Revista Internacional de Língua Portuguesa 1: 1989, 37-48.
--- Org. 1989. Português Culto Falado no Brasil. Campinas, Editora da UNICAMP.
--- 1990. O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil, em D. Preti e H. Urbano Orgs. 1990, pp. 141-202.
--- 1993. Abordagem gramatical da repetição. X Congresso Internacional da ALFAL, Vera Cruz, México, ms. inédito.
--- Org. 1990. Gramática do Português Falado, vol. I, A Ordem. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990; 2a. ed., 1991.
--- (em preparação). Linguística Portuguesa.
--- (em andamento). Língua Falada e Ensino da Gramática.
--- et alii 1986. A Ordem do Sujeito Nominal no Português Falado de São Paulo. Campinas, ms. inédito.
--- e Preti, D. Orgs. 1986. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. I, Elocuções Formais. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.
--- e Preti, D. Orgs. 1987. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. II, Diálogos entre dois Informantes.

São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1990. Advérbios Modalizadores, em R. Ilari Org. 1992, pp. 213-260.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1993a. Adjetivos Predicativos. Letras 5: 122-141.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1993b. Adjectival Hedges in Brazilian Spoken Portuguese, em I.G.V. Koch und B. Schlieben-Lange Eds. - Linguistik in Brasilien, no prelo.

Chafe, W. 1970. Meaning and the Structure of Language. Chicago, The Chicago University Press.
--- 1976. Giveness, contrastiveness, definitiness, subjects and points of view, in C. Li Ed. 1976, pp. 25-55.
--- Ed. 1980. The Pear Stories. Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects of Narrative Production. Norwood, Ablex.

Chomsky, N. 1986. Knowledge of Language. Its nature, origins and use. New York, Praeger.

Cole, P. Ed. 1981. Radical Pragmatics. New York, Academic Press.

Comrie, B. 1976. Aspect. Cambridge, CUP.

Craig, C. Ed. 1986. Noun Classes and Categorization. Amterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.

Cunha, C. e Cintra, L.-F. 1985. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Danjou-Flaux, N. & Gary-Prieur, M.-N. Orgs. 1982. Adverbes en -ment, manière, discours. Lille, Presses Universitaires de Lille.

Danon-Boilaeu, L. Org. 1976. Langages 43 [Modalités].

Dascal, M. Org. 1982. Fundamentos Metodológicos da Linguística. Campinas, edição do organizador, vol. III, Semântica; vol. IV, Pragmática.
--- 1984. Towards Psycho-Pragmatics, Investigaciones Semioticas 4: 145-159.
--- 1986. A relevância do mal-entendido, Cadernos de Estudos Linguísticos 11: 199-217.
--- 1987. Language and reasoning: sorting out socio-pragmatic and psychopragmatic factors, in J.C.Boudreaux, B.W. Hamil and R. Jernigan (Editors) - The Role of Language in Problem Solving 2. Amsterdam, Elsevier, pp.183-196.
--- 1991. Language use in jokes and dreams: sociopragmatics vs. psychopragmatics, mimeo.

Diez, F. 1876. Grammaire des langues romanes, 3ème. éd., trad. française. Paris, F. Vieweg Libraire-Éditeur.

Dik, S. 1978. Gramática Funcional. Madrid, Soc.Gen. Española de Librería SA, 1986.

Dillinger, M. 1991. Forma e função na Linguística, DELTA 7 (1): 395-407.

Dirven, R. and V. Fried Eds. 1987. Functionalism in Linguistics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

Duarte, M.E.C. 1989. Clíticos acusativos, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil, in F. Tarallo Org. 1989, pp. 19-34.

DuBois, J. W. 1980. Beyond definitiness: the trace of identity in discourse, W. Chafe Ed. 1980, pp. 203-274.
--- 1985. Competing Motivations, em J. Haiman Ed. 1985, pp. 343-365.
--- 1987. The discourse basis of Ergativity, Language 64 (4): 805-855.

Ducrot, O. 1980. Princípios de Semântica Linguística. São Paulo, Cultrix.

Dutra, R. 1990. A repetição oracional como elemento de coesão nas narrativas orais: estrutura e entoação, com. ao Seminário sobre Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.

Enkvist, N. 1982. Notes on valency, semantic scope and thematic perpective as parameters of adverbial placement in English, in N. Enkvist and V. Kohonen Eds. 1982 - Approaches to Word Order. Abo, Abo Academi, pp. 51-74.

Fávero, L. e Urbano, H. 1989. Perguntas e respostas na conversação à luz dos materiais do NURC/SP, Estudos Linguísticos 20: 1991, 438-445.

Francard, M. 1990. Le français parlé des corpus oraux, com. ao Colóquio "Données orales et théorie linguistique", Gand, 17-18 de maio de 1990, mimeo.

Franchi, C. 1976. Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. Campinas, UNICAMP, Tese de Doutoramento, mimeo.
--- 1981. Relatório de Atividades de Pós-Doutoramento na Universidade da Califórnia em Berkeley. Mimeo.
--- 1991. Concepção de E-Gramática, conferência pronunciada no Dep. de Linguística da UNICAMP, 26.9.1991.

Fraser, B. 1980. Conversational mitigation, Journal of Pragmatics 4: 341-350.

Fuchs, C. 1982. La Paraphrase. Paris, PUF.

Galves, C. 1984. Pronomes e categorias vazias em Português do Brasil, Cadernos de Estudos Linguísticos 7: 107-136.
--- 1988. Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do Português do Brasil, DELTA 4 (2): 273-290.

Garcia, E. 1979. Discourse without syntax, em Givón Ed. 1979, pp. 23-49.

Garey, H. B. 1957. Verbal aspect in French, Language 33: 91-110.

Gary-Prieur, M.-N. 1982. Adverbes de manière: que signifie cette étiquette ?, em Danjou-Flaux & Gary-Prieur Orgs. 1982, pp. 13-24.

Givon, T. 1979. On Understanding Grammar. New York, Academic Press.
--- Ed. 1979. Discourse and Syntax, Syntax and Semantics, vol. 12, New York, Academic Press.
--- 1981. Logic vs. Pragmatics, with natural language as reference, Journal of Pragmatics 6: 81-133.
--- Ed. 1983. Topic Continuity in Discourse: a qualitative cross-language study. Amsterdam, John Benjamins.
--- 1984. Syntax: a functional-typology introduction. Amsterdam, John Benjamins, vol. I.
--- 1986. Prototypes: between Plato and Wittgenstein, Colette Craig Ed. 1986, pp. 77-102.

Gleason, H.A. 1955. Introduction à la linguistique, trad. francesa de F. Dubois-Charlier. Paris, Larousse, 1969.

Guasti, M.T. 1991. La struttura interna del sintagma aggetivale, em L. Renzi e G. Salvi Org. 1991, pp. 321-340.

Grimes, J. 1975. The Thread of Discourse. The Hague, Mouton.

Haiman, J. Ed. 1985. Iconicity in Syntax. Amsterdam, John Benjamin.

Halliday, M.A.K. 1966-1967. Notes on transitivity and theme in English, Journal of Linguistics 2: 1966, 37-81; 3: 1967, 199-244; 3: 1968, 179-215.
--- 1974. Os usuários e os usos da língua, em M. A.K. Halliday, A. MacIntosh e P. Strevens - As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas. Petrópolis, Vozes, pp. 98-135.
--- 1985. An Introduction to Functional Grammar. London, Edward Arnold.
--- and Hasan, R. 1976 Cohesion in English. London, Longmans.

Harris, Z.S. 1951. Structural Linguistics. Chicago, The University of Chicago Press, 1969.

Hilgert, J.G. 1989. A Paráfrase. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento, mimeo.

Hockett, C.F. 1958. - Curso de Linguística Moderna, trad. esp. de Emma Gregores y Jorge Alberto Suárez. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

Hopper, P.J. 1979. Aspect and foregrounding in discourse, Syntax and Semantics 12: 213-241.

--- Ed. 1982. Tense-Aspect: Between Semantics & Pragmatics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

Hopper, P.J. and Thompson, S.A. 1980. Transitivity in grammar and discourse, Language 56: 251-299.

--- 1984. The discourse basis for lexical categories in Universal Grammar, Language 60 (4): 703-752.

Ilari, R. 1986. Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa. Campinas, Editora da UNICAMP; 2a. ed., 1992.

--- et alii 1989. Considerações sobre a posição dos advérbios, in A.T. de Castilho Org. 1990, pp. 63-142.

--- 1990a. Sobre os advérbios focalizadores, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 151-192.

--- 1990b. Sobre os advérbios aspectuais, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 193-212.

--- Org. 1992. Gramática do Português Falado, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP.

--- 1992. Propriedades extensionais e intensionais dos adjetivos, VI Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, mimeo.

--- et alii 1993. Adjetivos e substantivos: uma ou duas classes ? Com. apresentada ao VII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, mimeo.

Jacobsson, B. 1977. Adverbs, prepositions and conjunctions in English: a study in gradience, Studia Linguistica 31 (1): 38-64.

Jakobson, R. 1957. Shifters, verbal categories and the Russian verb, Selected Writings. The Hague, Mouton, vol. II, 1971, pp. 130-147.

Jackendoff, R. 1972. Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, MIT Press.

--- 1990. Semantic Structures. Cambridge, The MIT Press.

Jespersen, O. 1924. La Philosophie de la grammaire. Paris, Les Éditions de Minuit, 1971.

Jubran, C.C.A.S. et alii 1992. Organização tópica da conversação, em Ilari Org. 1992, pp. 359-439.

Kates, C.A. 1980. Pragmatics and Semantics. Ithaca, Cornell University.

Kato, M. 1982. A ordem Adj+N e a harmonia transcategorial. Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, PUCRJ, publicado em Letras e Letras 4, 1/2: 205-214.

--- 1987. A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em Português, Estudos Linguísticos 15: 213-221.

--- 1989. Mini-orações em português. Comunicação apresentada ao III Encontro da ANPOLL, São Paulo.

--- e Castilho, A.T. 1991. Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador ?, DELTA 7 (1): 409-424.

--- Org. em andamento. Gramática do Português Falado, vol. IV.

Katz, J. 1972. O Escopo da Semântica, em Dascal Org. 1982, vol. III, pp. 43-61.

Kay, P. 1983. Linguistic competence and folk theories of language: two English Hedges, em Proceedings of the Ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley, pp. 128-137.

Klum. A. 1961. Verbe et adverbe. Stockholm, Almqvist & Wiksell.

Koch, I.G.V. 1984. Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez Editora.

--- 1990. Reflexões sobre a repetição, com. ao Seminário sobre Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.

--- 1992. A repetição como mecanismo estruturador do texto falado. Campinas, Dep. de Linguística da UNICAMP, ms. inédito.

Kovacci, O. 1972. Modificadores de modalidad, Romanica 2: 177-190, republicado em Estudios de Gramática Española. Buenos Aires, Hachette, 1986, pp. 89-102.

Labov, W. 1972. Sociolinguistics Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

--- 1987. The overestimation of Functionalism, in R. Dirven and V. Fried Eds. 1987, pp. 311-332.

Lakoff, G. 1975. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts, in Papers from the Eigth Regional Meeting. Chicago, Chicago Linguistic Society, pp. 183-227.

--- 1982. Categories: an essay in Cognitive Linguistics, em Linguistics in the Morning Calm. Selected Papers from SICOL-1981. Seoul, Hanshin Publishing Co., pp. 139-209.

Lavandera, B. 1984. Tensión entre el personal y el impersonal en la organización del discurso, em Variación y Significado.

Buenos Aires, Hachette, pp. 101-124..

Leech, G. 1974. Semantics. Harmondsworth, Penguin Books.

Lemle, M. 1984. Análise Sintática. São Paulo, Atica.
--- e Naro, A.J. 1977. Competências Básicas do Português. Rio de Janeiro, MOBRAL.

Lemos, C.T.G. 1987. Ser and estar in Brazilian Portuguese with particular reference to child language acquisition. Tubingen, Gunter Narr.

Levinson, S. 1983. Pragmatics. Cambridge, CUP.

Li, C.N. Ed. 1976. Subject and Topic. New York, Academic Press.

Lobato, L.M.P. 1986. Sintaxe Gerativa do Português. Belo Horizonte, Vigília.

Lobato, L.M.P Org. 1977. A Semântica na Linguística Moderna. O Léxico, seleção, introdução e revisão técnica. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.
--- 1989. Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, DELTA 5 (1), 101-120.

Luft, C.P. 1976. Moderna Gramática Portuguesa. Porto Alegre, Editora Globo.

Lyons, J. Org. 1970. Novos Horizontes em Linguística. São Paulo, Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
--- 1977. Semantics. London, Longmans, 2 vols.

MacLennan, L.F. 1962. El Problema del Aspecto Verbal. Madrid, Gredos.

Marcuschi, L.A. 1986. Análise da Conversação. São Paulo, Atica.
--- 1987. Marcadores conversacionais do português brasileiro, in Ataliba T. de Castilho Org. 1989, pp.281-321.
--- 1988. Análise da Conversação e análise gramatical, Boletim da ABRALIN 10: 1991, 11-34.
--- 1992a. A Repetição na Língua Falada. Formas e Funções. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Tese para Concurso de Professor Titular.
--- 1992b. O tratamento da oralidade no ensino de língua, comunicação ao Encontro Anual da ABRALIN, São Paulo, ms. inédito.

Matos, F.G. de 1982. A Descrição e o uso de intensificadores no ensino de Português, ms. a sair em Hispania.

Mira Mateus, M.H. et alii 1983. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina; 2a. ed. rev. e aum., Lisboa, Caminho, 1989.

Molinier, C. 1982. Les adverbes de fréquence en français, em Danjou-Flaux & Gray-Prieur Orgs. 1982, pp.91-104.

Monteiro, J.L 1991. - O Pronome Pessoal no Português Falado. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutoramento, mimeo.

Moraes de Castilho, C.M. 1991. Os Delimitadores no Português Falado no Brasil. Campinas, UNICAMP, Dissertação de Mestrado, mimeo.

Morris, C.W. 1938. Foundations of the Theory of Signs. Chicago, The University of Chicago Press.

Nakajima, H. 1982. The V4 system and bounding category, Linguistic Analysis 9 (4), 341-378.

Napoli, D.J. 1989. Predication Theory. A case study for indexing theory. Cambridge, CUP.

Naro, A. J. Org. 1986. Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Censo à Educação. Relatório final à FINEP. Rio de Janeiro, UFRJ, 3 vols., mimeo.
--- e Votre, J.S. 1992. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma, DELTA 8 (2) 285-290.

Nascimento, M.F.B. do 1987. Contribuição para um Dicionário de Verbos do Português. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
--- et alii 1984-1987. Português Fundamental. Lisboa, INIC, Vol. I, Tomo 1 [Vocabulário], 1984; vol. II, Métodos e Documentos, Tomo 1 [Inquéritos de Frequência], 1987, Tomo 2 [Inquéritos de Disponibilidade], 1987.

Nascimento, M. do 1990. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua, DELTA 6 (1): 83-98.

Nebrija. A. de 1492. Gramática de la Lengua Castellana. Edición preparada por Antonio Quilis. Madrid, Editora Nacional, 1980.

Neves, M. H. M. 1987. A Vertente Grega da Gramática Tradicional. São Paulo, Hucitec/Editora da Universidade de Brasília.
--- 1990. Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo, in Rodolfo Ilari Org. 1992. pp. 261-296.

Nolke, H. 1983. Les adverbes paradigmatisants: fonction et analyse. Copenhague, Etudes Romanes de l'Université de Copenhage.

Ochs, E. 1979. Planned and unplanned discourse, Syntax and Semantics 12: 51-80.

Oliveira, F. D' 1536. A "Grammatica" de Fernão D'Oliveira. Texto reproduzido do da 1a. ed. por Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro, s/ed., 1954.

Oliveira, G. J. 1993. Os Advérbios sentenciais e os testes sintáticos, Letras 5: 101-121.

Oliveira, M.A. 1990. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no Português Falado, in Rodolfo Ilari (Org. 1992), pp. 297-304.

Omena, N. 1978. - Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: formas variantes na função acusativa. Rio de Janeiro, PUC-RJ, Diss. de Mestrado, mimeo.

Pécora, A.A.F. 1980. Problemas de Redação na Universidade. Campinas, Editora da UNICAMP

Pereira, E.C. 1933. Grammatica Historica, 8a. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Perini, M. 1980. O papel da repetição no reconhecimento de sentenças, Ensaios de Linguística 3: 111-123.
--- 1989. Sintaxe Portuguesa. São Paulo, Atica.

Pezatti, E. G. 1992. A Ordem de Palavras em Português: aspectos tipológicos e funcionais. Araraquara, UNESP, Tese de Doutoramento, mimeo.

Pinto, E.P. Org. 1978. O Português do Brasil: Textos Críticos e Teóricos. São Paulo, EDUSP, vol. I: 1920-1930.
--- Org. 1981. O Português do Brasil: Textos Críticos e Teóricos. São Paulo, EDUSP, vol. II: 1930-1945.

Pinto, M.J. 1977. Análise Semântica de Línguas Naturais: Caminhos e Obstáculos. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Pontes, E. 1987. O Tópico no Português do Brasil. Campinas, Pontes.

Possenti, S. 1988. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo, Martins Fontes.
--- 1990. Ordem e interpretação de alguns advérbios do Português, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 305-314.

Preti, D. e Urbano, H. Orgs. 1988. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. III, Diálogos entre o informante e o documentador. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.
--- Orgs. 1990. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. IV, Estudos. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.

Prince, E. 1981. Toward a taxonomy of given-new information, em P. Cole Ed. 1981, pp. 223-256.

Quirk, R., Greembaum, S, Svartvik, J. and Leech, G. 1985. A Comprehensive Grammar of the English Language. London, Longman.

Rajagopalan, K. 1992. A insustentável seriedade da leveza: uma análise desconstrutivista de J.L.Austin, DELTA 8 (2): 291-302.

Ramos, J. 1984. Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições do Estilo Falado. Belo Horizonte, UFMG, Diss. de Mestrado, mimeo.

Renzi, L Org. 1988. Grande grammatica italiana di consultazione. Bologna, Il Mulino, vol. I.

Renzi, L. e Salvi, G. Org. 1991. Grande grammatica italiana di consultazione. Bologna, Il Mulino, vol. II.

Rodrigues, A.C.S. 1987. A Concordância Verbal no Português Popular de São Paulo. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento, mimeo.

Saussure, F. 1917. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 1972.

Scherre, M.M.P 1988. Reanálise da Concordância Nominal em Português. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutoramento, mimeo.

Searle, J.J. 1969. Speech Acts: an essay in the Philosophy of Language. Cambridge, CUP.

Silva, W.A. e Faccio, L. 1978. O pronome pessoal no português culto de São Paulo, Estudos Linguísticos 4: 198-221.

Souza, C.N.R. 1990. Reiteração e paráfrase em estruturas paralelas. Belo Horizonte, Seminário do GT de Análise da Conversação da ANPOLL, ms. inédito.

Sten, H. 1953. Les temps du verbe fini (Indicatif) en francais moderne. Kobenhavn, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab.

Tannen, D. 1987. Repetition in Conversation: toward a poetics of talk, Language 63: 574-605.

--- 1989. Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in conversational Discourse. Cambridge, CUP.

Tarallo, F. 1983. - Relativization Strategies in Portuguese. Philadelphia, University of Pennsylvania, Ph.D. Thesis.

--- Org. 1989. Fotografias Sociolinguísticas. Campinas, Pontes.

--- , Kato, M. et alii 1989. Rupturas na ordem de adjacência canônica no português falado, in Ataliba T. de Castilho Org. 1990, pp. 29-62.

--- , Kato, M. et alii 1990. Preenchedores em fronteiras de constituintes, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 315-356.

Touratier, C. 1989. Signification et structure du SN, Travaux [Cercle Linguistique d´Aix-en-Provence] 7: 39-56.

Travaglia, L.C. 1989. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação, Letras & Letras 5 (1 e 2): 5-61.

Vogt, C. 1977. O Intervalo Semântico. São Paulo, Atica.

--- 1989. Linguagem, Pragmática e Ideologia, 2a. ed. São Paulo, Hucitec.

Weinreich, U. 1972. Pesquisas em teoria semântica, in L.M.P. Lobato Org. 1977, pp. 165-273.

Weinrich, H. 1964. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. Madrid, Gredos, 1967.

Welke, D. 1986. La semi-interpretativité dans les transcriptions en Analyse Conversationnelle et Pragmatique Linguistique: travaux américains et allemands", DRLAV 34/35: 195-213.

(*) As entradas tomam em conta a data de redação do documento, sempre que foi possível identificá-la. Nesse caso, a data da entrada pode diferir da data de imprenta.

Macaulay – grammatical Relations, 1984 (π ind. compls)
cf Wolfe-Scheider

ATALIBA T. DE CASTILHO

A PREDICAÇÃO ADVERBIAL NO PORTUGUES FALADO

Tese apresentada ao Concurso de Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO
1993

Para Carlos Francisco,
com um pedido de
leitura crítica, or-
dialmente,
[illegible]
1994

À memória de meus pais,

Profa. Edith T. de Castilho (1912-1992)
Luiz Antônio de Castilho (1914-1992)

SUMÁRIO

Introdução ..... I-VII

Cap. I - Problemas de Descrição da Língua Falada..... 1

I.0 - A Língua como um conjunto de sistemas
I.1 - A Língua falada como objeto científico
I.2 - Características gerais da língua falada
I.3 - Língua falada como construção
I.4 - Língua falada como reconstrução
I.5 - Língua falada como descontinuação

Cap. II - A Predicação Adverbial..... 66

II.1 - O Problema: o advérbio como classe polifuncional
II.2 - O Ponto de Vista: a Sintaxe Funcional
II.3 - A Proposta: a predicação adverbial
II.4 - O Plano de pesquisas
II.5 - O Corpus de análise

Cap. III - A Predicação Adverbial Modalizadora 114

III.0 - A Modalização
III.1 - Modalizadores Epistêmicos
III.2 - Modalizadores Deônticos
III.3 - Modalizadores Pragmáticos

Cap. IV - A Predicação Adverbial Quantificadora..... 155

IV.0 - A Quantificação
IV.1 - Quantificadores Aspectualizadores
IV.2 - Quantificadores Delimitadores

Cap. V - A Predicação Adverbial Qualificadora..... 192

V.0 - A Qualificação
V.I - Qualificadores Quase-Argumentais
V.2 - Qualificadores Graduadores
V.3 - Qualificadores Aspectualizadores
V.4 - Qualificadores Aproximadores
V.5 - Qualificadores Confirmadores

Primeiras Conclusões 245

Referências Bibliográficas..... 253

INTRODUÇÃO

A partir de 1970, linguistas das Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Porto Alegre, e da Universidade de São Paulo, decidiram integrar-se num projeto hispano-americano, iniciado quatro anos antes sob a liderança do Prof. Juan M. Lope Blanch, do Colegio de México. O objetivo maior desse projeto era documentar e descrever a modalidade culta do espanhol e do português falado em cidades capitais, promovendo uma comparação entre as variedades regionais dessas línguas, no espaço da România Nova. Esse projeto viria a ser conhecido entre nós por "NURC/BR", isto é, Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta Falada no Brasil.

A partir de 1978, as equipes brasileiras deram início às análises fonológicas, gramaticais e lexicológicas dos dados recolhidos, valendo-se do instrumento de trabalho previsto pelo Projeto NURC, ou então seguindo trilhas próprias. Para a história desse projeto, o levantamento de sua produção e uma coletânea de alguns desses estudos, v. Castilho 1990 e Castilho Org. 1990.

Por volta de 1987, a intensa atividade de gravação de entrevistas, transcrição e publicação das amostras do Projeto NURC/SP, coordenado na Universidade de Sao Paulo pelos Profs. Isaac Nicolau Salum, Ataliba T. de Castilho e Dino Preti, e ainda a utilização dos acervos do projeto mais amplo nas cidades envolvidas, tinham suscitado duas direções de pesquisas sobre o português culto falado no Brasil: a Análise da Conversação e a Gramática do Português Falado.

As pesquisas em Análise da Conversação (e também em Linguística do Texto) surgiram graças aos esforços das equipes de Recife e de São Paulo, lideradas respectivamente por Luiz Antonio Marcuschi e Dino Preti: Marcuschi 1986, Preti-Urbano Orgs. 1990.

As pesquisas em Gramática, vale dizer, aquelas voltadas para a descrição da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e do Léxico do Português Culto, foram afetadas por um embaraço constante: o Guia-Questionário, que é o instrumento pactuado para essas

análises, não dispunha de uma hipótese sobre a língua falada, e abrigava diferentes teorias descritivas, muitas vezes conflitantes, o que punha em risco a consistência das análises e o objetivo comum de estabelecer comparações entre as variedades geográficas do espanhol e do português da América.

Comecei a discutir esse problema a partir de 1981, com particular atenção às análises já então produzidas sobre o verbo, e passei a buscar alternativas que preservassem com eficiência os objetivos originais do Projeto NURC. Considerei a natureza do riquíssimo material recolhido, e ensaiei algumas descrições alternativas, concentrando-me no estudo do artigo definido e das unidades discursivas, buscando sempre aproximações entre a análise conversacional e a análise gramatical: Castilho 1981, 1982, 1983, 1989a, 1989b.

Era necessário, de todo modo, acelerar as análises gramaticais a partir de outras perspectivas, e compartilhar com gente experimentada as possibilidades de buscar esse novo caminho. Aceitei então um convite formulado pela Profa. Maria Helena Moura Neves, que coordenava o Grupo de Trabalho "Descrição do Português", da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, e apresentei no II Encontro Nacional dessa entidade (Rio de Janeiro, UFRJ, 1987) uma proposta para a preparação coletiva de uma gramática de referência do português fala-

do, com base nos materiais do Projeto NURC/Brasil.

O novo projeto, denominado "Projeto de Gramática do Português Falado" (PGPF), teve uma forte acolhida, e já no ano seguinte, por ocasião de seu I Seminário, vinte e cinco reputados pesquisadores tinham aderido a ele. Hoje, seis seminários após aquele, somos trinta e sete esquisadores, filiados a doze universidades do país, e organizados pelos seguintes Grupos de Trabalho, sob minha coordenação geral:

Fonética e Fonologia: Maria Bernadete Abaurre (Coordenadora), João Antonio de Moraes, Luiz Carlos Cagliari, Leda Bisol, Dinah I. Callou e Yonne Leite.

Morfologia: Margarida Basílio (Coordenadora), Léa Gamarski, Odette G.L.A.S. Campos, Angela Rodrigues, Antonio José Sandmann e Paulo Galembeck.

Sintaxe I: as classes de palavras: Rodolfo Ilari (Coordenador), Maria Helena Moura Neves, Carlos Franchi, Ataliba T. de Castilho, Célia Maria Moraes de Castilho, Marco Antonio de Oliveira, Sírio Possenti, Erotilde Pizzati e Roberto Camacho.

Sintaxe II: Mary Kato (Coordenadora), Fernando Tarallo (falecido em 1992), Mílton do Nascimento, Maria Luiza Braga,

Charlotte Galves, Dercir Pedro de Oliveira, Célia T.G. de Oliveira, Giselle Machline de Oliveira e Michael Dillinger.

Organização Textual-Interativa: Ingedore G.V. Koch (Coordenadora), Luiz Antonio Marcuschi, Hudinílson Urbano, Leonor Lopes Fávero, Clélia Jubran, Mercedes S. Risso, Luiz Carlos Travaglia, José Gaston Hilgert e Maria Cecília Silva.

Cada Grupo de Trabalho organizou uma agenda de pesquisas, cujos resultados são discutidos nos seminários anuais. Para assegurar a continuidade do debate teórico e a manutenção do objetivo comum, foi escolhido o Prof. Mílton do Nascimento para Assessor Acadêmico. Os textos assim escritos são editados numa série própria, intitulada Gramática do Português Falado. publicada pela Editora da UNICAMP. Três volumes saíram até aqui: Castilho Org. 1990, Ilari Org. 1992, Basílio Org. 1993. Tanto os seminários quanto essa série vêm sendo financiados pela FAPESP. Os pesquisadores têm mantido contacto com grupos que no Exterior vêm trabalhando em teoria gramatical e/ou em projetos semelhantes: Claire Blanche-Benveniste (França), Randolph Quirk e Sidney Greenbaum (Inglaterra), Giampaolo Salvi (Itália), entre outros. Anuncia-se para este ano a instalação de projeto assemelhado em Portugal, graças à iniciativa da Profa. Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, do Centro de Estudos Linguísticos de Lisboa. Por fim, lembre-se que os pesquisadores vêm associando alunos da graduação

e da pós-graduação ao seu trabalho, contribuindo assim para uma forte ativação das pesquisas gramaticais em nossas universidades.

O plano prevê a preparação de estudos parcelares entre 1988 e 1994. Em 1995 uma comissão deverá consolidar esses estudos na gramática propriamente dita, cuja primeira versão tomará estudantes e professores universitários como seu público-alvo.

O Grupo de Trabalho em que me integrei discutiu entre 1988 e 1990 a classe dos Advérbios. Esta tese é uma retomada dessas discussões, beneficiando-se também do que se descobriu com respeito aos Adjetivos, classe ora sob estudo. Isto significa que seus eventuais méritos devem ser creditados à maneira coletiva de produzir conhecimento científico, ficando à minha responsabilidade os erros na execução desse plano.

No Cap. I discuto o problema da descrição da língua falada. No Cap. II trato do problema dos advérbios predicativos, discuto o ponto de vista teórico selecionado e apresento o plano de descrição que levarei em conta. Nos Caps. III, IV e V descrevo os Advérbios Modalizadores, os Quantificadores e os Qualificadores. As Primeiras Conclusões e as Referências Bibliográficas encerram o texto.

Quero agradecer a Rodolfo Ilari e a Giampaolo Salvi, que tiveram a benevolência de discutir versões anteriores de alguns dos capítulos desta tese, particularmente ao primeiro desses Colegas. Agradeço igualmente à FAPESP pelo continuado apoio ao Projeto NURC/SP e ao PGPF, e pela concessão de uma bolsa de pós-doutoramento em Aix-en-Provence, em 1990. Finalmente, agradeço ao CNPq pela concessão de uma bolsa de pesquisador (Proc. 306319/88-8), a qual assegurou as condições para a redação desta tese.

CAPÍTULO I - PROBLEMAS DE DESCRIÇÃO DA LINGUA FALADA

O OBJETO

Trato neste capítulo da língua como um conjunto de sistemas, e apresento em seguida algumas questões de interesse para um programa de descrição gramatical da língua falada: (1) a língua falada como objeto científico, (2) características gerais da língua falada, (3) a língua falada como construção, (4) a língua falada como reconstrução e (5) a língua falada como descontinuação. Cerram o capítulo algumas indagações ainda muito iniciais a respeito do impacto da descrição da língua falada sobre a teoria gramatical.

* temos os preceitos pragmáticos
do contratado.
cf. pág. 122
147

I.0 - A LÍNGUA COMO UM CONJUNTO DE SISTEMAS

Pg. 87
Pg. 94
Pg 98

Vou admitir com Franchi 1976, 1991 que a língua se compõe de três sistemas, o sistema semântico, o sistema sintático, e o sistema discursivo, todos eles articulados pelo léxico.

O sistema semântico, conceitual ou nocional compreende dois sub-sistemas: o predicativo-descritivo e o dêitico-referencial.

O sistema sintático compreende os sub-sistemas categorial, argumental, o de relações gramaticais, o de processos e transformações, o de casos sintáticos, etc.

O sistema discursivo abriga as negociações intersubjetivas que fazem da língua um contrato social. Franchi insiste em que não há relações de determinação entre esses sistemas, que estão apenas associados, devendo ser concebidos de tal forma que se preserve a existência autônoma de cada um.

Dando ao sistema discursivo de Franchi a denominação vaga, ainda que cômoda, de Pragmática, pode-se reconhecer que a Semântica, a Sintaxe e a Pragmática refletem a enorme complexidade do fenômeno linguístico - retoma-se, com isto, a conhecida divisão proposta por Morris 1938. Através dessas grandes disciplinas, a Linguísti-

ca procura dar conta dessa complexidade. Por isso mesmo, elas se constituem nas áreas de atuação centrais do debate linguístico contemporâneo.

É habitual reconhecer a existência de duas fases constitutivas da linguagem: uma fase de planejamento, ou fase cognitiva, na qual o falante se serve dos sistemas semântico e pragmático, e uma fase de execução, na qual o falante se vale do sistema sintático e de sua interpretação fonológica.

Na fase do planejamento, o falante analisa as condições discursivas em que está envolvido e configura os atos de fala que serão verbalizados. Depois, ele "semanticiza" a mensagem assim constituída, especificando os sentidos e as significações requeridas, valendo-se de seu repertório lexical e acionando as regras de gramática implícita adquiridas na infância e desenvolvidas pela vida a fora. Neste ponto, estou fazendo uma leitura pessoal do sistema semântico proposto por Franchi, e afirmando que o sub-sistema dêitico-referencial, codificado na língua pelos itens lexicais isoladamente considerados, configura o problema do <u>significado</u>, ao passo que o sub-sistema predicativo-descritivo, codificado obviamente pelas combinações dos itens lexicais, configura o problema da <u>significação</u>. Em suma, ao planejar seus atos de fala, o locutor processa as possibilidades que lhe são dadas pela Pragmática (sistema discursivo) e pela Semântica (sistema conceitual) de sua língua, estabelecendo neste último caso os significados e as significações que serão veiculadas. Ele ingressa, assim, na fase de execução linguís-

tica, ou fase da codificação gramatical, selecionando e combinando os itens lexicais (sistema sintático), dando-lhes, finalmente, uma representação morfofonológica.

Esquematizando e simplificando um pouco as coisas, direi que a fase pragmática e semântica é privilegiada pelas teorias que partem de uma concepção social-funcional da língua, ao passo que a fase de execução léxico-sintática é enfatizada pelas teorias que partem de uma concepção estrutural da língua. Os sistemas das línguas naturais, suas fases de constituição e linhas de interpretação teórica poderiam então ser assim representados:

PLANEJAMENTO *EXECUçAO*

Pragmática -------> Semântica -----> Morfossintaxe--> Fonologia

Concepção da língua como uma atividade social

Concepção da língua como uma estrutura

Reconheço que um programa de estudos que levasse em conta unicamente os significados e as significações ficaria incompleto, se por significações entendêssemos apenas os conceitos resultantes da combinação de itens lexicais. Tal visão importaria numa separação muito forte entre Semântica e Pragmática, empresa difícil de sustentar-se, visto que estariam sendo descartadas as significações cria-

das nas situações de fala, isto é, as significações geradas no espaço que medeia entre o falante e os signos linguísticos.

A este respeito, as observações de Dascal 1986 serão da maior importância. Adaptando ligeiramente suas idéias, vou sustentar que, quando falamos, concentramos as nossas intenções comunicativas em três camadas diferentes: a camada proposiconal, a camada modal e a camada pragmática. E como essas camadas são sobrepostas, Dascal resolveu denominar sua proposta de "teoria da língua-cebola".

Na camada proposicional as significações são geradas pela relação sujeito-predicado. Conforme aponta Ilari 1986, tais significações decorrem de duas operações semânticas, representadas por ele através dos predicadores "falar de" (isto é, selecionar o Tema) e "falar que" (isto é, formular uma declaração a partir do Tema, produzindo o Rema). Desde logo se observa que na camada proposicional se agregam o significado do item que funciona como sujeito e a significado do item que funciona como predicado.

As significações concentradas na camada modal decorrem das avaliações que o falante promove a respeito do que ele fez constar na camada proposicional. Ele pode considerar a proposição como um conhecimento ou uma crença, como uma obrigação ou uma permissão, em face de que ele expressará suas emoções, as suas expectativas. Mas as avaliações podem também dizer respeito à forma escolhida para representar a significação proposicional. Como terei ocasião de demonstrar no Cap. III desta tese, as significações modais, mesmo

separadas pela tradição e por esta proposta de Dascal, representam na verdade uma predicação de segunda ordem, e não uma significação diferenciada. Se este raciocínio estiver correto, a cebola dascaliana terá uma camada a menos. Entretanto, há interesse em manter parte do esquema de Dascal por uma questão de ordem metodológica, visto que dessa forma se podem examinar as predicações que ocorrem no interior da sentença, e depois as predicações desencadeadas de fora da sentença.

Nas duas camadas interiores da "língua-cebola", as significações inscrevem-se nas formas linguísticas lexicais e sentenciais. Já na camada pragmática, as significações são engendradas no espaço que se abre entre os falantes e as formas linguísticas, isto é, no espaço do discurso - ou "no intervalo", como diria Vogt 1977. Esse espaço compreende as molduras dentro das quais os falantes se encaixam, as inferências e as pressuposições que percorrem a interlocução, as relações de simetria ou de assimetria entre locutor e interlocutor, etc. Ora, a Pragmática tem sido sempre descrita como um estudo dos usos da linguagem, e Dascal alerta para o fato de que por "uso" tem-se entendido invariavelmente a função comunicativa da língua. Ele argumenta que

> *"é necessário admitir que a linguagem, tanto quanto outros sistemas semióticos, têm outro tipo fundamental de uso, o qual poderia ser mais ou menos descrito como 'mental'": Dascal 1984: 1120.*

Com isto, há duas vertentes dos usos pragmáticos da língua, uma vertente social (donde a Sociopragmática) e uma vertente individual (donde a Psicopragmática). Estudos etnográficos e sociológicos das variedades linguísticas integram uma indagação sociopragmática da língua. Mas estudos sobre a linguagem nos sonhos, a linguagem do pensamento, respondem a questões sobre a psicopragmática da linguagem. Dascal reconhece que de tal modo estamos habituados a ver a lingua como um meio de comunicação que se torna difícil estabelecer uma línha clara entre esses dois domínios. De todo modo, na análise psicopragmática deixamos de ver a língua em sua dependência de contextos, pois ela terá o contexto em si mesma: Dascal 1987: 190. Alguns exemplos dessa abordagem podem ser encontrados em Dascal 1991. Indicarei mais adiante alguns processos gramaticais como fatos que têm um fundamento psicopragmático.

A metáfora da língua-cebola tem, ainda, o mérito de nos levar a conceber os processos semânticos numa forma configurada, nítida, *"razoavelmente bem estruturada"*: Dascal 1986: 200. Mais, sendo concêntricas, as camadas da significação sugerem uma hierarquia, em que os significados dêitico-referenciais e as significações predicativo-descritivas (a que Dascal chama "camada proposicional") ficam no centro, logo envolvidas pelas significações modais e em seguida pelas significações pragmáticas, que decorrem da contextualização.

Vejamos agora como se pôs, na Linguística contemporânea, o problema da língua falada, que constitui o objeto sobre que se apóiam as análises desta tese.

Pode-se dizer que a partir dos anos setenta a Linguística conheceu uma verdadeira revolução teórica, com a mudança da ênfase no entendimento da língua como um enunciado, como um produto, para o entendimento da língua como enunciação, como um conjunto de processos que importa esclarecer.

Por volta de 1917, Saussure tinha afirmado que a Linguística deveria ocupar-se da langue, deixando para outra disciplina o estudo da parole. Essa opção teve enorme importância na definição de um projeto teórico que firmou a Linguística como disciplina central entre as Ciências Humanas. Foi o recorte epistemológico então proposto que ensejou o surgimento da concepção da linguagem como um sistema constituído por unidades mínimas de análise, dispostas em níveis hierárquicos identificáveis numa forma controlada, não ingênua. Tais postulações foram muito importantes para o desenvolvimento da Fonologia e da Morfologia.

A deslocação dos interesses científicos para o domínio da parole, opção tomada já no tempo de Saussure por seu discípulo Bally, desencadeou um movimento de ampliação da reflexão linguística, surgindo um conjunto de disciplinas enfeixadas sob a denominação mais recente de "Pragmática".

As "duas Linguísticas", a da langue e a da parole, têm sido representadas respectivamente pelas expressões "Linguística do Enunciado" e "Linguística da Enunciação", ou, se se quiser, pelo embate atual entre "Gramática" e "Pragmática". A primeira volta-se pa-

ra as áreas centrais da Fonética e da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe e da Semântica. A segunda tomou como programa considerar os contactos das áreas centrais com as outras Ciências Humanas, de que resultaram as diferentes disciplinas da Pragmática: a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação, a Linguística do Texto. Como se sabe, as interdisciplinas linguísticas continuam em expansão, entroncando-se em vertentes da Filosofia da Linguagem (como a Teoria do Signo Linguístico, a Teoria dos Atos de Fala), ou buscando uma interface com a Biologia (como a Neurolinguística).

O estudo da língua falada é uma decorrência da Linguística da Enunciação, tendo sido desenvolvido mais particularmente pela Psicolinguística (= aquisição da língua falada), pela Sociolinguística (= estudo das comunidades de fala e da variação linguística) e pela Análise da Conversação (= estudo etnográfico do intercurso verbal).

A partir de meados dos anos 80, acentuou-se em nosso país o debate sobre a conveniência de se fazer uma gramática da língua falada (LF).

Num trabalho lido na 35a. Reunião Anual da SBPC (Belém do Pará, 1983), distingui a face contextual da face cotextual da conversação. O contexto é a situação em que se encontram os interlocutores, e o cotexto é o conjunto das *"estruturas gramaticais da conversação, ou melhor, [das] marcas formais deixadas pela especifici-*

dade do discurso oral": Castilho, 1983: 41. Mencionei em seguida as regras de determinação do SN, as construções de tópico, a função textual dos tempos e certos padrões oracionais como processos deriváveis diretamente da conversação. Retomei esse assunto posteriormente, em 1988, avaliando as perspectivas abertas nos estudos de Blanche-Benveniste 1987 e de Marcuschi 1988, argumentando que a Análise da Conversação oferece *"boas sugestões para a identificação dos processos constitutivos da língua falada"*.

Um bom programa de pesquisas consistiria em separar os argumentos discursivos ou conversacionais dos argumentos propriamente gramaticais, operação a que então denominei "filtragem". Propus como hipótese de trabalho que três processos discursivos constituem a conversação: a <u>construção</u>, a <u>reconstrução</u> e a <u>descontinuação</u>. A construção é o processo central de constituição da linguagem, seja falada, seja escrita, por meio da qual nos organizamos mentalmente, veiculamos a informação, agimos sobre o outro e exteriorizamos nossos sentimentos individuais. A construção não é um processo único, contínuo, unilinear, pois com frequência retomamos o tópico para refazê-lo ou para descontinuá-lo, mediante a intromissão de outros tópicos e a omissão de dados pragmaticamente considerados desnecessários. Essa constatação dá lugar aos dois outros processos discursivos, o da reconstrução e o da descontinuação. A reconstrução é uma sorte de "anáfora discursiva", por meio da qual repetimos ou parafraseamos o que foi dito. A descontinuação é o processo de ruptura na elaboração do texto falado, de que resultam as hesitações e as pausas. Esses processos vêm sendo estudados na Pragmática da LF,

recebendo ali diferentes denominações. Meu interesse aqui é o de integrá-los numa teoria unificada, que não extreme a LF da língua escrita (LE), mas cujo alcance heurístico ainda está por avaliar.

Isto feito, seriam então investigados os expedientes gramaticais que correspondem a esses processos discursivos. Admitirei que a estruturação dos sintagmas, das sentenças e das unidades discursivas (isto é, o equivalente ao parágrafo da LE), bem como sua representação fonológica, é o correlato gramatical da construção. O mesmo poderia dizer-se da repetição e da paráfrase, quanto à reconstrução, e dos fenômenos sintáticos (elipse, anacolutos), léxicos (hesitações e truncamentos de palavras) ou fonológicos (pausas), quanto à descontinuação: Castilho 1988.

Blanche-Benveniste 1987 discute o difícil relacionamento entre pragmaticistas e gramáticos, e defende um programa de pesquisas de caráter colaborativo, em que se procure identificar

> *"o lugar das análises gramaticais no estudo da língua falada, [procurando] depurar o estudo sintático, para fazer dele um instrumento de análise rigoroso, capaz de absorver os dados complexos dos corpus orais, cuja complementaridade com a análise pragmática será enriquecedora"*.

Pouco antes e frequentemente depois, ela e seus parceiros do "Groupe Aixois de Recherche en Syntaxe" não cessaram de apresen-

tar instigantes explicações sobre o funcionamento da LF, alguns dos quais serão retomados adiante.

No ano seguinte, Marcuschi 1986 reconhece as diferenças de propósitos entre a análise gramatical e a análise conversacional, mas indica vários pontos de contacto entre uma indagaçao e a outra, desde que por "análise gramatical" se entenda uma análise funcionalista ou "na linha discursiva". Assim, as descontinuidades sintáticas da LF, a ordem das palavras, a questão da elipse, e outros fenômenos sintáticos deveriam ser analisadas a partir das estratégias interacionais que lhes deram origem. Mas é preciso reconhecer que uma abordagem formal como a de Tarallo-Kato et alii 1989 pode perfeitamente dar conta das relações discurso-sintaxe.

A descrição da LF representa um vasto projeto de pesquisas. Meu objetivo neste capítulo é focalizar de modo meramente ilustrativo alguns tópicos desse programa, apresentando algumas características gerais e enumerando em seguida algumas marcas formais dos três processos discursivos acima mencionados.

I.1 - A LINGUA FALADA COMO OBJETO CIENTIFICO

A Linguística Moderna sempre reconheceu a prioridade da LF sobre a LE, mas a verdade é que os estudos específicos tardaram um pouco. Harris 1951: 11, por exemplo, afirma que

> *"embora as diferenças de estilo [escrito e falado] possam ser descritas com os instrumentos da Linguística Descritiva, sua análise mais exata envolve estudos tão detalhados que eles em geral continuam desconhecidos".*

Gleason 1955, discorrendo sobre essas modalidades, diz que

> *"tudo isso justifica o estudo da língua escrita ao lado da língua oral, embora esta seja a realidade última do que se lê ou escreve".*

Creio que Hockett 1958 mostrou uma sensibilidade maior para o problema, ao lamentar que frequentemente se aplica ao estudo da língua falada uma terminologia mais adequada à descrição da escrita.

Apesar dessas afirmações, foi necessário que uma inovação tecnológica - a invenção do gravador magnetofônico portátil - transformasse a LF num objeto efetivo de indagações científicas. Pe-

la primeira vez os pesquisadores se defrontaram com a LF em sua integridade, dando-se conta da quantidade de características que são filtradas pelo ouvido humano no momento da interação, fato de que até então não se tinha um reconhecimento claro.

A própria Fonologia, supostamente mais infensa à pressão da LE sobre a constituição de seu aparato teórico, vem conhecendo em nossos dias uma mudança de rumo. Como demonstra Abaurre 1990, o fato de a Fonologia ter principiado pelo estudo dos segmentos denuncia essa influência. Na atualidade, é o estudo dos suprassegmentos que empolga a Fonologia, e assim se inverteram as prioridades nesse domínio.

Muitas incompreensões cercaram o estudo da LF nos primeiros tempos. Vou enumerá-las, aspeando suas formulações:

a) *"Para descrever a LF, deve-se tomar [implícita ou explicitamente] a LE como ponto de partida"*. Essa posição subjaz ao Guia-Questionário do Projeto NURC, conforme demonstrei em Castilho 1981, e aparece com frequência na argumentação do artigo-balanço de Akinnaso 1982.

b) *"LF é o mesmo que língua popular"*. Creio que essa identificação simplificadora apareceu primeiramente entre os romanistas, quando buscavam caracterizar o latim vulgar. Eles contrastavam o latim escrito literário com o latim falado, inferido a partir da comparação das línguas românicas, tendo batizado de "latim vul-

gar" ou popular essa variedade. Ora, a Teoria da Variação mostrou que tanto a LE quanto a LF têm variedades sócio-culturais, e por isso a identificação da modalidade falada com determinada variedade não faz muito sentido. Mas é tão grande o prestígio da LE, que só se entendia esta modalidade como uma forma padrão. Em consequência, tudo o que não fosse escrito seria não-padrão, ou "popular". Para uma discussão deste ponto de vista distorcido sobre a LF, v. Blanche-Benveniste e Jeanjean 1987.

c) *"A língua falada não tem sintaxe"*. Essa afirmação decorre do grande volume de rupturas, incompletudes e fragmentações que aí encontramos, e foi rebatida por Labov. Em 1966 esse sociolinguista argumentou que nessa modalidade ocorrem 75% de orações gramaticais, sendo que

> *"quando as regras de elipse são aplicadas, bem como certas regras universais de edição suficientes para tratar das hesitações e dos falsos começos, a proporção de orações verdadeiramente agramaticais e mal formadas cai para menos de 2%": Labov 1972: 203.*

d) O desconhecimento da LF tem criado algumas incompreensões quando se estuda a aquisição da linguagem e a afasia. Certos fenômenos aí identificados como desvios são, na verdade, características da LF. Assim, Ochs 1979 ao estudar o planejamento do discurso em crianças de 35 meses alude à preferência pelo tempo presen-

te e à base egocêntrica do discurso como traços da aquisição da linguagem. Ora, estudos fundamentados nos dados do Projeto NURC mostram que também o adulto, ao falar, dá preferência ao tempo presente (Castilho 1984), e que é abundante o uso de pronomes pessoais na primeira pessoa (Silva-Faccio 1978, Monteiro 1991).

Uma perspectiva mais conforme ao estado atual de nossos conhecimentos sustenta que LF e LE são modalidades de um mesmo sistema, com ênfases diferenciadas em determinados elementos desse sistema. É o que se vê nos textos de Givón 1979, Akinnnaso 1982 e Berruto 1985. Essa posição foi acolhida pelo Projeto de Gramática do Português Falado, e está exemplificada em graus diferentes nos trabalhos produzidos por esse Projeto e reunidos em Castilho Org. 1990, Ilari Org. 1992, Basílio Org. 1993 e Kato Org. em andamento.

Mas como, na prática das análises, constituir a LF como um objeto de estudos a partir dessa percepção ? Saussure 1917: 15 afirmou que *"bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto"*. Na LF, é o ponto de vista sobre a gravação e sobre a transcrição das fitas gravadas que constitui o objeto. Examinemos essas questões mais de perto.

I.1.1 - A gravação constitui o objeto

Quando se registra uma interação verbal, a seleção da modalidade interacional está instituindo um objeto de estudos. Temos aqui pelo menos dois tipos básicos de interação, o diálogo assimétrico e o simétrico. No diálogo simétrico ou espontâneo, os falantes negociam livremente o assunto e o controle dos turnos, falando em ambientes não necessariamente institucionais. No diálogo assimétrico um interlocutor tem ascendência sobre o outro, introduz ou muda o assunto, distribui a palavra - esta é a situação típica das entrevistas e dos diálogos desenvolvidos em ambientes institucionais como nas repartições públicas, na mídia, na igreja, etc. Esta é uma tipologia dos textos falados, devida a Hugo Steger. Nencioni, apud Berruto 1985: 123 chama o diálogo simétrico de *"falado falado"*, e o diálogo assimétrico de *"falado escrito"*.

Estas questões não escaparam aos grupos de pesquisa que constituíram os grandes acervos da língua falada que caracterizam o atual momento da Linguística. Entre os acervos do português falado, lembrem-se o Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta das Principais Capitais Brasileiras, iniciado em 1970 (Castilho 1990), o Projeto Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro (Naro et alii 1986), o Projeto de Aquisição da Linguagem (Lemos 1978) e, em Portugal, o Projeto do Português Fundamental (Nascimento et alii 1987). Esses projetos coletivos foram precedidos por iniciativas individuais de documentação do português brasileiro. Esse foi o caso

dos registros fonográficos organizados por Mário de Andrade (Pinto 1981, vol. II: XXI), bem como das conversas por rádio-amador gravadas em 1969 pelo professor americano R. Hutchins. Blanche-Benveniste-Jeanjean 1987 relacionam os acervos do francês.

I.1.2 - A transcrição constitui o objeto

Quando se transcreve uma fita estamos igualmente instituindo a LF como um objeto de análise. Se o projeto é fazer uma Análise Conversacional, temos os diferentes tipos de transcrição conversacional. Se o projeto é descrever a gramática da LF, temos os diferentes tipos de transcrição gramatical. Já se reconheceu que o corpus da LF utilizado nas análises não é aquele contido nas fitas, pura e simplesmente, e sim aquele que resulta das transcrições, elaboradas segundo pontos de vista próprios: Ochs 1979, Welke 1986. A transcrição é, assim, uma pré-análise dos dados, que transpõe o dado bruto recolhido nas fitas para o estado "semi-idealizado" dos dados constantes de uma transcrição.

A transcrição conversacional foi desenvolvida a partir dos anos 70 pelos pesquisadores ligados à Análise da Conversação: Levinson 1983, Marcuschi 1986. Ela foi adotada em Castilho-Preti Orgs. 1986, 1987 e Preti-Urbano Orgs. 1988, para a publicação de amostras do Projeto NURC/SP. São cuidadosamente indicados os diferentes turnos,a simultaneidade de vozes que assinalam os processos de toma-

da de turno, a interceptação de uma fala pela fala do interlocutor, as pausas, hesitações, alongamentos, truncamentos, entoação enfática, etc. Sem essas marcações é impossível fazer uma análise conversacional. Logo veremos que elas são igualmente importantes para a descrição gramatical. Eis aqui uma amostra da entrevista DID SP 18: 48-55, editada em Preti-Urbano Orgs. 1988: 18;

(1) *Doc. e de manutenção com o pessoal da fazenda não tem nada?*

Inf. bom e havia... aliás quando:... quando eu ia ainda bem pequeno... aí tinha café... bastante café... então a parte dos empregados da fazenda... quer dizer o número de empregados... era muito grande... porque a cultura do café exigia muitos braços... até no decorrer do tempo a fazenda foi... diminuindo essa parte do café... e em consequência também diminuiu o número de pessoas... que trabalhava na fazenda

A transcrição gramatical parte da concepção saussuriana sobre os eixos linguísticos, habilmente desenvolvida por Blanche-Benveniste 1979. Segundo Saussure 1917: 142 e ss, toda língua natural se desenvolve em dois eixos: o eixo sintagmático ou das sucessões, no qual se depositam os signos verbais, produzidos na sequência do tempo, e o eixo das associações (posteriormente denominado "paradigmático"), no qual podem ocorrer determinados signos em determinados pontos do eixo sintagmático. O eixo sintagmático é o eixo dos signos em presença, e o eixo paradigmático é o eixo dos signos em ausência. Blanche-Benveniste 1979 demonstrou que essa teoria

não tem tido ainda uma aplicação analítica mais forte, e aparentemente as pessoas continuam "recitando" a teoria dos eixos como uma espécie de catecismo em que se crê, mas cuja importância teórica não se percebeu direito. Ela propõe então um processo de transcrição bi-axial, por grades, que permitem visualizar os arranjos sintáticos de um modo bastante claro. As grades são formadas por segmentos horizontais, que representam o eixo sintagmático da língua, e por colunas verticais, que representam o eixo paradigmático da língua, em que ocorrem as hesitações e as repetições. Combinando esse processo com aquele que sugeri em Castilho 1987a, separando os elementos discursivos (isto é, os marcadores conversacionais e as construções de tópico) dos elementos sintáticos (isto é, as sentenças), obtêm-se transcrições como em (2), que é uma nova leitura de (1):

(2)
bom	*e*			*havia...*	
aliás	*quando*				
	quando	*eu*		*ia ainda bem pequeno*	
aí				*tinha*	*café*
				bastante	*café*
então		*a p.dos emp.da faz.*			
quer					
[dizer		*o n¢ de empreg.*		*era muito grande*	
	porque	*a cultura do café*		*exigia muitos braços*	
	até no dec.do t. a faz.			*foi dim.essa parte do café*	
	e em conseq. também			*diminuiu o número de pessoas*	
				[que trabalhava na fazenda	

Algumas lições podem ser tiradas dessa forma de transcrever os dados:

1) Nesses arranjos, ambos os eixos da língua estão presentes, e ambos são produzidos na linha do tempo. A transcrição mostra a necessidade de integrar na argumentação sintática a consideração da "sintaxe vertical", dada pelo eixo paradigmático, mais frequente na LF. Não estou afirmando que apenas a LF dispõe da "sintaxe vertical", e sim que nesta modalidade tal arranjo é constitutivo, e tem grande importância para o desvendamento de seu processamento linguístico. Outras vantagens analíticas desse procedimento de transcrição serão evidenciadas ao longo deste trabalho.

2) Esse tipo de transcrição permite reconhecer o sistema discursivo e o sistema sintático da língua. Expressões do sistema discursivo ocupam as margens extremas das grades. Na margem esquerda, localizam-se os marcadores conversacionais orientados para o texto, e os conectivos textuais, que organizam o enunciado em unidades do discurso. Na margem direita, não preenchida no exemplo (2), localizam-ses habitualmente os marcadores conversacionais orientados para o interlocutor, do tipo "né?", "viu?", "entende"?, etc. Expressões do sistema sintático ocupam a parte central da transcrição, compreendendo as sentenças, seus conectivos e sua estruturação sintagmática.

3) Particularmente com respeito ao sistema sintático, a transcrição permite identificar as sentenças esboçadas (como "e ha-

via...") e as sentenças canônicas, realizadas com dois argumentos (como "a cultura do café exigia muitos braços"), ou com um argumento, com verbo fronteado (como "tinha café").

Vejamos agora algumas características gerais da LF.

I.2 - CARACTERISTICAS GERAIS DA LINGUA FALADA

A literatura pertinente consigna uma grande variedade de convicções sobre o que é a LF, misturando-se argumentos pragmáticos aos argumentos gramaticais. Givón 1979: 223-31, por exemplo, destaca a dependência da LF em relação à situação de fala, afirmando que ela é o *"modo pragmático da linguagem"*, enquanto que a LE é o *"modo sintático"*. Evidentemente há um risco em alinhamentos automáticos desse tipo, visto que em qualquer dessas modalidades encontramos fenômenos pragmáticos e fenômenos sintáticos, e se alguma diferença houver, será matéria de ênfase. Para um elenco de conceituações, v. Akinnaso 1982, Berrutto 1985, Marcuschi 1992a.

De todo modo, há duas características gerais da LF que gostaria de destacar: o fato bastante óbvio que ela resulta de um diálogo em presença, e o fato de que ela documenta os dois momentos fundamentais da linguagem: o momento de planejamento e o momento de execução verbal.

I.2.1 - LF como diálogo em presença

A linguagem humana é fundamentalmente dialógica, mesmo em sua modalidade escrita. Mas na LF os actantes do discurso estão em

presença, e a construção do enunciado se ressente de maneira acentuada da interação que aí se desencadeia. Uma das óbvias consequências é que na LE é necessário explicitar as coordenadas espaço-temporais em que se movem as personagens, ao passo que na LF tais coordenadas já estão dadas pela própria situação de fala. A LE, portanto, tem uma explicitude que é desnecessária na LF. Tanto assim que a leitura de transcrições de LF tem causado em alguns certa impressão de afasia, ou pelo menos de fragmentação.

Estas constatações banais apontam, entretanto, para processos dialógicos que geram consequências formais muito importantes, tais como a organização dos turnos e dos pares adjacentes, o sistema de reparação e correção, e a ampla utilização de diferentes classes gramaticais, denominadas coletivamente "marcadores conversacionais": Marcuschi 1988.

Fixando a atenção apenas nas estratégias de manutenção, passagem consentida e assalto ao turno, fica evidente o esforço dos interlocutores no acompanhamento e na avaliação constantes dos rumos da conversação. Decorre daqui a importância da modalização do enunciado, em que os interlocutores ora enfatizam, ora atenuam o que vai sendo dito. A modalização é, portanto, um processo gramatical de muita importância na LF, movimentando um conjunto de recursos, parte dos quais serão examinados no Cap. III desta tese.

A modalização na LF tem suscitado diversos estudos. Akinnaso 1982 destacou a frequência dos *"termos indicativos de opinião,*

do tipo "eu sei", "eu acho", "eu penso", "eu creio", etc. Em meu trabalho sobre as unidades discursivas, entendi que tais verbos ocupam a margem esquerda, e as sentenças que se lhes seguem têm autonomia semântica apesar da dependência sintática: Castilho 1987a.

I.2.2 - LF como planejamento e execução simultâneos

Conforme fiz constar em I.0, é habitual reconhecer a existência de duas fases constitutivas da linguagem: uma fase de planejamento, ou fase cognitiva, em que selecionamos o que vai ser dito e analisamos as condições da interação para a veiculação do que vai ser dito, e uma fase de execução, ou fase verbal, em que codificamos através do léxico e da gramática as idéias consideradas adequadas àquele ato de fala, dando-lhes uma representação fonológica. Uma vez engajada a conversação, procedemos constantemente a ajustes sociopragmáticos no planejamento anterior.

Ora, na LF essas fases de planejamento e execução ocorrem simultaneamente, no tempo real. Elas se dão numa situação discursiva plena, isto é, com todos os actantes em presença, o que interfere diretamente na organização e na execução dos atos de fala. Já na LE, a "audiência" tem uma atuação muito discreta, com pouca probabilidade de interferir nessa organização. Nessa modalidade, como observa Pécora 1980: 80, *"a primeira pessoa é obrigada a desdobrar-se na segunda"*. Em consequência, na LF tudo "vai para o ar", por assim di-

zer, fazendo dessa modalidade um excelente meio para refletir sobre os processos constitutivos da língua, ao passo que na LE o leitor não tem acesso nem controle sobre as estratégias de preparação do texto, tais como o plano geral, as diferentes versões, etc. Quer dizer, em contraste com a LE, na LF nada se apaga, nem mesmo a própria maquinaria da linguagem, permitindo uma inspeção privilegiada.

Uma das características da LF que denunciam a simultaneidade do planejamento e da execução é a grande quantidade de segmentos epilinguísticos que aí encontramos. Isso se deve à alta reflexão sobre a linguagem que vai sendo construída, o que dá lugar às negações "de dicto", às paráfrases lexicais e a determinados marcadores conversacionais.

I.2.2.1 - As negações "de dicto", raras na LE, apresentam-se de diferentes maneiras:

1) Nega-se o argumento do verbo, como em

(3) ela está com três anos e pouco e ainda não fala...
então ela faz reeduca/
reeducação não
exercícios (D2 SP 360)

2) Nega-se o verbo que foi selecionado:

(4) *eu soube*

que também *provocou uns certos ciúmes*

isso *eu soube* *não*

eu vi

lá *eu senti um certo ciúme (D2 SP 360: 757).*

3) Assim como se determina um N não verbalizado, nega-se um N não verbalizado, como neste exemplo de negação psicopragmática:

(5) L1 - *que te aconteceu ontem à noite ?*

L2 - bem... *não*

um ladrão me ameaçou com o revólver.

I.2.2.2 - As frequentes paráfrases lexicais ou definições por meio da estrutura "N é N" são outros tantos segmentos epilinguísticos por meio dos quais o falante, por assim dizer, abandona momentaneamente o universo do discurso e se concentra no universo da língua, fornecendo precisões ao seu interlocutor:

(6) *o terreiro (...) é:: um::*

como poderia chamar?

um chão

(DID SP 18: 177).

I.2.2.3 - No exemplo (6) aparece outro segmento epilinguístico, que é a interrogação *"como poderia chamar ?"* Expressões desse tipo, e ainda marcadores conversacionais tais como *"digamos*

assim", "vamos dizer", "por outras palavras", "ou melhor", "melhor dito", "aliás", de documentação abundante na LF, denunciam igualmente a confluência entre planejamento e execução:

(7) *já há um processo...*
seria melhor dito... já um processo de análise
já há um exame (EF POA 278: 268).

Neste item **I.2** enumerei algumas características do sistema discursivo da LF. Nos itens **I.3-4** concentro-me num programa de descrição do sistema semântico-sintático da LF. Tais sistemas, obviamente, não são excludentes, e assim tais características devem ser entendidas como "maiormente" discursivas, ou semânticas, ou sintáticas.

I.3 - LINGUA FALADA COMO CONSTRUçÃO

A construção é um processo discursivo central, mas sua codificação gramatical não é a mesma na LF e na LE. Através desse processo constituímos as unidades discursivas (e, portanto, o texto) e as sentenças em sua estruturação funcional e sintagmática. Da constituição das unidades discursivas ocupei-me em Castilho 1987a. Neste item, tratarei apenas da construção do Tema e do Rema sentenciais.

De um ponto de vista formal, a sentença organiza-se em duas estruturas na LF: a estrutura de "fundo" e a estrutura de "figura". O "fundo" é a estrutura argumental desencadeada pelo verbo. A "figura" são os adjuntos, as pausas e os elementos discursivos que descontinuam a estrutura argumental. Para uma elaboração sobre essa percepção da sentença na LF, v. Tarallo, Kato et alii 1989. Em trabalhos subsequentes, esses autores analisaram com controle quantitativo os lugares prediletos de inserção dos elementos descontinuadores, constatando uma frequência maior de ruptura da adjacência no segmento antes do sujeito, e entre este e o verbo: Tarallo, Kato et alii 1990.

De um ponto de vista funcional, a teoria da articulação tema-rema desenvolvida pela Escola Linguística de Praga vê na sentença uma estrutura informativa, postulando que

> *"todo ato de comunicação bem sucedido consiste em duas realizações: (i) destacar um objeto de predicação, (ii) predicar sobre esse objeto": Ilari 1986: 36.*

Dito de outra maneira,

> *"toda oração serve para realizar duas ações básicas e irredutíveis, que descrevemos na linguagem de todos os dias mediante os predicados "falar de" e "dizer que": o primeiro desses predicados capta o papel de tópico, e o segundo o papel de foco (= Rema). Toda sentença envolveria, em suma, dois "atos de fala", cada um dos quais obedece a condições específicas" (ibidem: 42).*

Continuando a rastrear a interpretação de Ilari, vê-se que

> *"conquanto, nessa análise de atos de fala, as duas expressões 'falar a respeito de' e 'dizer que' devam ser consideradas como primitivas (no sentido de que não se deixam definir por outras expressões mais básicas), cabe perguntar que tipo de ação verbal representam: trata-se num caso de uma 'ação de referência', e no outro, de uma 'ação de asserção ou informação'" (ibidem: 178).*

cf. pg. 104

tema | vs | background

A identificação desses dois momentos na construção da sentença se reveste da mais alta importância quando observamos as estratégias de seleção do tópico (ou Tema) e do comentário (ou Rema) na LF.

I.3.1 - A construção do Tema

Examinei a construção do Tema na entrevista D2 SP 333, publicada em Castilho-Preti Orgs. 1987: 239-242. Considerei, com Halliday 1967: 212 e 1985: 39-45, que o Tema sentencial é *"aquilo que vem primeiro"*, é *"o ponto de partida da mensagem"*. Analisando os dados acima a partir desse ponto de vista, constatei que no início das sentenças predominam os sintagmas nominais (52%, 76% dos quais nucleados por pronomes), anáforas zero (24%), sintagmas preposicionados (11%), sintagmas adverbiais (6%) e sintagmas verbais monoargumentais (7%). Esses constituintes assumem as funções sentenciais de Sujeito (74%), Adjunto Adverbial (17%), Verbos Apresentativos (7%) e Objetos Diretos (2%): Castilho, em andamento. Essa análise mostra, entre outras coisas, a assimetria entre o sistema discursivo e o sistema sintático, pois uma função sintática frágil como a da adjunção pode ser selecionada pelo sistema discursivo para encabeçar uma sentença.

A LF documenta os seguintes processos gramaticais de construção do Tema: (1) sondagem psicopragmática do Tema, (2) seleção do

Tema e sua codificação como tópico sentencial, (3) seleção do Tema e sua codificação como sujeito sentencial, o qual poderá ser anteposto ou posposto ao V. Passo a exemplificá-los.

I.3.1.1 - Sondagem psicopragmática do Tema.

Nos segmentos pouco planejados, encontram-se frequentemente Determinantes de um N não verbalizado, como em

(8) agora o::

o::

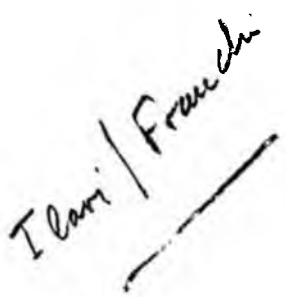
eu não sei bem

porque que chamavam colonos (DID SP 18: 65)

Em exemplos como (8) o falante está determinando um N não verbalizado. Esse fato levaria a modificar o conceito de determinação tal como definido, por exemplo, em Lyons 1977:454-455:

> *"os determinantes são modificadores que se combinam com os nomes para produzir expressões cuja referência é determinada em termos de identidade do referente".*

Seria necessário postular uma sorte de "determinação psicopragmática", aplicável a um tópico que se está buscando configurar, no quadro do programa de estudos que vem sendo desenvolvido por Dascal 1984, 1987. Bacelar do Nascimento 1987: 78 e ss. dá outros



exemplos de constituição "tentativa" do sintagma nominal.

I.3.1.2 - Seleção do Tema e sua codificação como tópico sentencial.

As contruções de tópico têm sido alvo de muito debate nas duas últimas décadas. Li & Thompson 1976 apud Pontes 1987 propuseram que as línguas do mundo integram quatro tipos: (i) Línguas de sujeito proeminente, cuja estrutura é de sujeito-predicado, como em *"o menino bateu no amigo"*; a tradição gramatical nos acostumou a dispor a língua portuguesa neste tipo. (ii) Línguas de tópico proeminente, cuja estrutura é descrita como de tópico-comentário, como em *"quanto a doces, eu prefiro goiabada"*; nas línguas de tópico, o falante fornece primeiramente um quadro de referência, a que se segue o comentário, composto pela estrutura sujeito-predicado, constituindo-se uma estrutura do tipo SN [SN SV], ou [SN SV] SN. (iii) Línguas tanto de tópico quanto de sujeito proeminente, cuja estrutura é de sujeito-predicado, em que há construções diferentes para cada estratégia. (iv) Línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico, em que os dois tipos se mesclaram.

Estudos sobre as construções de tópico no Português do Brasil tornaram-se muito frequentes, sobretudo após os trabalhos de Pontes 1987, que dispõe essa variedade entre as línguas tanto de tópico quanto de sujeito proeminente. Já a interpretação do tópico e do antitópico é matéria ainda a elaborar; Braga 1986 oferece uma série de explicações funcionais; Tarallo-Kato et alii 1990 preferem

definição de tema anterior.

e antitópico

uma explicação formal: o tópico seria o sujeito não-temático da S, e o antitópico, um predicador da S, então interpretada como "sentença-sujeito".

Nos materiais do Projeto NURC, o Tema se manifesta como uma construção de tópico, isto é, um sintagma nominal situado fora da sentença, mas retomado em seu interior por um pronome-cópia, co-referencial, situando-se antes da sentença, como em

(9) *a casa da fazenda*...
ela era... uma casa antiga...
tipo colonial brasileiro...
janelas largas... (DID SP 18: 8).

ou situando-se após a sentença, como um antitópico:

(10) já apronto o outro para ir à escola... o menorzinho (D2 SP 360: 140)

Transcrevendo-se de outro modo o segmento grifado de (10), nota-se que ele constitui com *"o outro"* um eixo paradigmático:

(10a) *já apronto o outro* *para ir...*
o menorzinho

A transcrição (10a) constitui "o menorzinho" como uma paráfrase do argumento interno de (10), sentença que, então, não pode-

ria ser representada pela estrutura [SN SV] SN. É bem evidente que esta manobra desloca o argumento da sintaxe para a semântica, visto que sintaticamente a cada função corresponde apenas um segmento, raciocínio que está na base da análise de *"o menorzinho"* como antitópico.

I.3.1.2 - Seleção do Tema e sua codificação como sujeito sentencial.

O sujeito nas sentenças da LF pode ocorrer como um único SN, ou como uma sequência de SNs, constituindo-se o "efeito-lista", em que o falante hesita:

(11) u::ma pessoa
um diretor lá da Folha certa feita me chamou
e me incumbiu de escrever
[sobre televisão
(D2 SP 333: 4)

Tal como na LE, o sujeito na LF pode antepor-se ou pospor-se ao V. Numa indagação-piloto, Castilho et alii 1986 encontraram nos materiais do Projeto NURC/SP 30% de sujeitos elípticos, 42% de sujeitos pronominais e 28% de sujeitos nominais. Destes, 60% figuraram na ordem SV e 40% na ordem VS. Procurando os fatores condicionadores da ordem apurada, e restringindo a observação aos sujeitos nominais, constatou-se que a ordem SV é favorecida pelo SN (i) foneticamente "leve", isto é, que contenha até 7 sílabas, (ii) sintatica-

mente construído com Especificadores dispostos à esquerda do núcleo, (iii) semanticamente não-específicos e agentivos, (iv) informacionalmente já conhecidos e (v) textualmente já mencionados. A ordem VS é favorecida pelo SN (i) foneticamente "pesado", isto é, que contenha mais de 7 sílabas, (ii) sintaticamente construído por Complementadores (SAdj, SP e relativas) dispostos à direita do núcleo, (iii) semanticamente específicos e não-agentivos, (iv) informacionalmente novos e (v) textualmente mencionados pela primeira vez.

I.3.2 - A construção do Rema

Parece haver alguns paralelismos entre a construção do SN Tema da sentença e a construção do SV Rema da sentença. Quer dizer, assim como "tateamos" o Tema através do determinante, podemos "tatear" o Rema, buscando o V mais adequado à situação discursiva e compondo em seguida o SV.

Quanto ao Verbo (ou Rema propriamente dito), constata-se nos materiais do Projeto NURC a predominância dos biargumentais (68,4 %), seguidos dos monoargumentais (24,5%, aqui incluídos os verbos apresentativos, atributivos, equativos, e intransitivos) e dos triargumentais (7,1%)

A LF exibe os seguintes processos gramaticais de construção do Rema" (1) escolha do V, operação correlacionada a certas ne-

seria predicativo ?

[illegible]

outra função

cessidades discursivas, (2) escolha da flexão do V e (3) constituição do SV mediante a subcategorização dos argumentos internos.

I.3.2.1 - Escolha do Verbo

Um fenômeno que as sentenças contextualizadas de nossas transcrições permite ver claramente é o da gênese do Rema. Vejamos o seguinte texto narrativo:

(12) *eu estive na... em Cumaná... é uma praia... é um lugar... um litoral muito bonito que aliás é muito parecido com o nosso litoral norte... sabe ? mas eu não conheço o nosso litoral norte..e:... fiquei lá durante três meses e nesse tempo todo eu conheci bastante (inaudivel) o povo de lá... que é bem diferente... e:... bem diferente de nós... (...) são por exemplo esses lá... é nessa praia que pertence à Universidade... como aqui na nossa Oceanografia também pertence à USP... e... toda a Universidade de- testa ir pra...(...) e todo o curso foi feito ali... inclusive nós saímos assim durante... fazer compras de material e tudo e... ah:: ... e conhecemos toda a região... sabe? (D2 SP 167: 7-30).*

A seleção dos Vs. numa narrativa como a de (12) correlaciona-se com as seguintes necessidades discursivas:

(?)

1) "Quem é X ?" Para responder a esse quesito, selecionam-se os Vs Apresentativos do tipo *"tem / existe / há N"*, como em *"é*

uma praia", "*é um lugar*", por meio dos quais se insere o Tema. Tem-se considerado nessas construções que o sujeito é um Expletivo Ø, e que o N seguinte é o complemento não-preposicionado, ou termo inacusativo. Na gramática tradicional, esse N ora é considerado sujeito (com o verbo existir), ora objeto direto (com o verbo haver), o que é uma explicação contra-intuitiva. As explicações disponíveis parecem tomar as sentenças nominativo-acusativas, isto é, as biargumentais como fundamento de sua argumentação. Como evidentemente não é esse o caso, o melhor seria postular uma função "absolutiva" para designar o argumento nominal dessas sentenças.

2) "Como é X ?" Para satisfazer a esse quesito, são selecionados os Vs Equativos de estrutura "*N é N*", como em "*Cumaná é uma praia*", e os Vs Atributivos de estrutura "*N é Adj*", como em "*o povo de lá é bem diferente*", por meio dos quais o Tema é qualificado.

3) "O que X faz ?" Selecionam-se os Vs biargumentais de Ação do tipo "*X faz Y*", como em "*nós fizemos o curso ali*", que apresentam o Tema numa forma dinâmica.

4) "O que aconteceu a X ?" Selecionam-se os Vs de Estado e do tipo "*X está Y*", como em "*fiquei lá durante três meses*" e os Vs. de Evento, do tipo "*X sabe Y*", como em "*eu conheci bastante o povo de lá*", que apresentam o Tema como um estado resultante de uma operação anterior, do tipo "*X viu Y*", portanto "*X conhece Y*".

5) "Como ficou X após ter feito Y ?" Selecionam-se os Vs Transobjetivos, do tipo *"X faz Y e Y está Z"*, como no exemplo criado *"os pesquisadores encontraram o povo doente"*.

Os SVs assumem diversas estruturas, de que os cinco arranjos acima representam apenas uma generalização. De acordo com DuBois 1983: 227, os Remas aqui numerados como 1 e 2 integram o "modo descritivo", ao passo que 3 e 4 integram o "modo narrativo". Segundo esse mesmo Autor, cada vez que se introduzem novas personagens numa narrativa, volta-se ao esquema representado em 1 e 2. Desnecessário dizer que as narrativas não sequenciam os Vs. na forma indicada, ordenando-os de diversas maneiras.

I.3.2.2 - Escolha da flexão verbal

A escolha do tempo do Verbo exemplifica igualmente que na LF o planejamento e a execução ocorrem simultaneamente, fato que abre caminho a interessantes hipóteses descritivas e heurísticas. Em (13) o "tateamento" é patente:

(13) a fazenda *era*
tinha
teria duas partes (DID SP 18: 30).

Em (13) o pretérito imperfeito de "tinha" fou substituído pelo futuro do pretérito, que é uma forma verbal recessiva, segundo constatou Bezerra 1978. Será necessário averiguar até que ponto a

seleção das formas raras não é favorecida pelos esquemas de repetição, como no exemplo acima. Outra interessante investigação será apurar se a hesitação e a repetição na escolha do Tema pode figurar num mesmo enunciado ao lado de idênticos processos de reconstrução na escolha do Rema. Os exemplos vistos até aqui mostram que tais processos aparecem em distribuição complementar. O estudo sistemático da face gramatical da reconstrução poderá ser de interesse para que se possa entender melhor como se gera a sentença na fase cognitiva da língua.

I.3.2.3 - Constituição do Sintagma Verbal

Não é incomum que o falante comece sua sentença por um Tema, que depois é transferido para o Rema e codificado como argumento interno do verbo:

(14) não...
tu vês
por exemplo
peixe
peixe aqui no Rio Grande do Sul
eu tenho impressão
[que se come peixe
[exclusivamente na
[Semana Santa

Uma diferente transcrição de (14) mostra o caráter dinâmico das categorias "Tema" e "Rema". Assim, se dispusermos peixe num eixo paradigmático, poderemos demonstrar que "peixe, peixe aqui no Rio Grando do Sul" pode ser interpretado como parte integrante do Rema. Com isto, uma sentença não seria definível apenas como um V que subcategoriza seus argumentos, mas também como um argumento à procura de um V:

(14a) não..
tu vês
por exemplo *peixe*
peixe aqui no Rio Grande
[do Sul
eu tenho imp.que se c. *peixe exclusivamente na*
[Semana Santa.
(D2 POA 291: 25-26).

Estas questões serão discutidas no item seguinte.

I.4 - LÍNGUA FALADA COMO RECONSTRUÇÃO

Sendo a LF um "diálogo em presença", segue-se que diferentes iniciativas pragmáticas são tomadas para alimentar a interação, reconstruindo-a interminavelmente. Focalizo aqui dois recursos que correspondem ao processo discursivo da reconstrução: a repetição, que é a recorrência das formas gramaticais, e a paráfrase, que é a recorrência do conteúdo.

I.4.1 - A repetição

A repetição é a reiteração do mesmo item lexical. Esse processo dota a LF de uma sintaxe vertical, como já se viu.

Neste item, procurarei dar um tratamento gramatical ao problema da repetição, hipotetizando que esse fenômeno tem regularidade na LF. Sejam os seguintes exemplos, transcritos segundo os critérios gramaticais já mencionados, restritos porém à sentença, marcando-se com M a primeira ocorrência do item, e com R sua repetição:

(8) **M** *agora o::*

R *o:: eu não sei bem (DID SP 18: 65)*

(15) **M** *é um*

R1 *um*

R2 *uma peça*

R3 *um*

mas essa 0 tinha tanta molecada (DID SP 234: 125).

(16) **M** *no caso do::*

R *do::*

bom... sei lá... entende ?

(17) **M** *o trabalhador recebe aquilo*

R *aquilo a que ele tem direito*

(D2 SP 250: 89)

(18) **M** *aí você tira a gravata...*

R *tira isso (D2 SP 62::: 37)*

(19) *porque o trem é assim... tem uma filha de uma... e nós duas aqui... nessa de duas... ele ficou lá perdido... né... porque ele tava de lá...*

M *minha tia gritando e ele não respondia...*

minha tia já imaginou o pior e eu não dava vontade gritar nada... fiquei pastel lá... minha tia em cima de mim... eu não podia nem levantar...

R *minha tia gritava e ele não respondia...*

não fazia nada... e o desespero que a gente só olhava pros outro... todo mundo machucado... todo sujo de sangue (Ramos 1984: 16).

(20) L1 - *tem outro tipo de diversão que ultimamente agora em Recife... aqui tá bom...*

M *é passear de metrô...*

L2 - **R1** *passear de metrô ?*

L1 - **R2** *passear de metrô éh: é delicio::so*

(Marcuschi 1992a: 5).

(14) **M** *peixe*

R1 *peixe aqui no Rio Grande [do Sul*

R2 *eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa.*

(21) **M** *olha trem...*

R1 *eu sou fã de trem*

R2 *eu acho trem assim*

R3 *eu escolheria o trem*

R4 *no trem eu acho que há o repouso [integral*

R5 *o trem não tem mobilidade.*

R6 *o trem é mais estável*

R7 *o trem tem a vantagem sobre o avião*

.....

R8 eu vou tomar o trem

R9 uma viagem por trem para mim sempre repousou
sempre foi repousante

(D2 SP 255: 239-257)

(2) quando eu ia ainda bem pequeno [à fazenda]
M aí tinha café
R1 bastante café (DID SP 18: 39)

(22) M a gente não enxerga por bloqueio
R e esse bloqueio tem de acabar
(EF RJ 251: 67)

(23) M só depende da temperatura
R mas a temperatura muda
(EF RJ 251: 176)

(24) M bom... a história é...é... começa com um camponês
apanhando peras
R1 eu acho que é pera mesmo
R2 pera é é verde
R3 apanhando peras e...
R4 então cai uma pera e...
(Dutra 1990: 3)

(25) M Já mora muita gente aqui na Cidade Universitária ?

R *aqui na Cidade Universitária já mora*
[muita gente.

(26) M funciona mal aquele negócio de
R *aquele negócio de limite de idade funciona*
[muito mal.
(D2 SP 360: 980).

Em (8), (15) e (16) o falante hesita na construção do constituinte frasal, produzindo fragmentos sintáticos, "tateando" seja um SN, seja um SP. Casos de hesitação como estes serão descartados, visto que meu objetivo é a busca de regularidades gramaticais, que só emergem em estruturas acabadas. Casos em que há recorrência de estruturas morfológicas, mencionados, por exemplo, em Tannen 1989 e Marcuschi 1992a: 56, serão igualmente descartados. A recorrência estrutural é um fenômeno tão geral, que não vejo como integrá-lo numa argumentação que busque identificar regularidades na repetição, necessariamente de itens lexicais integrantes da estrutura sintática.

Em (17) e (18) os segmentos repetidos estão contíguos ao segmento-matriz, ao passo que em (19) houve um distanciamento entre esses segmentos. Conclui-se que há repetições contíguas e repetições distantes. Esses exemplos mostram também que há uma repetição idêntica, como nos dois primeiros casos, e uma repetição modificadora, como em (19), em que se alterou a flexão do verbo.

R1 em (14) e R1 em (21) atribuem uma categoria sintática a M ("peixe" e "trem", respectivamente), que passam de construção de tópico a objeto direto e a complemento nominal. Em (2) a operação foi inversa: o termo inacusativo "café" passa a antitópico, descategorizando-se sintaticamente. Temos aqui, portanto, repetições sintaticamente categorizadoras e repetições sintaticamente descategorizadoras. Por outro lado, em (22) e (23) os segmentos matriz e repetido já dispunham de uma categoria sintática, que foi alterada de oblíquo para sujeito. Direi que houve uma repetiçao recategorizadora.

Finalmente, em (25) e (26) repetiu-se a sentença toda, dando surgimento à construção em quiasmo.

Existe uma considerável literatura sobre a R na LF, a qual toma em consideração os sistemas discursivo, semântico e sintático, com particular concentração no sistema discursivo.

1.4.1.1 - R no sistema discursivo

Ramos 1984 estudou narrativas de escolares, sustentando que as R ocorrem quando o falante deseja explicitar o tópico de uma sequência nova, ou enfatizar elementos da oração, ou sintetizar elementos do conteúdo ou, ainda, recolocar no foco os detalhes de um evento, considerados úteis para a recomposição do fio central da narrativa. Tannen 1987 mostra que a R promove maior envolvimento e participação dos falantes. Travaglia 1989 distingue "macro-causas" e "micro-causas" da R no discurso, destacando suas propriedades de

coesão e de coerência no discurso falado. Koch 1990, 1992 identifica na R as funções coesiva, argumentativa e interacional do texto, agregando que

> "*em termos de coesão referencial, a estruturação das cadeias coesivas se faz justamente por meio de recursos reiteradores, como: proformas (pronominais, verbais, adverbiais, etc.), elipses, recursos lexicais (sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, nominalizações, expressões nominais definidas,etc), repetição vocabular (reiteração de itens lexicais). Por outro lado, em se tratando de coesão sequencial, em suas duas modalidades frástica e parafrástica, verifica-se que esta última se realiza sempre através de algum tipo de recorrência: repete-se o mesmo item lexical, o mesmo tempo verbal, a mesma estrutura sintática (paralelismo), conteúdos semânticos similares (paráfrase), elementos fonológicos segmentais e prosódicos () e, na coesão frástica, a continuidade de sentidos no texto é assegurada, em parte, pelos recursos de manutenção temática, entre os quais se destaca a recorrência de itens de um mesmo campo conceitual ou lexical, muitas vezes também morfologicamente relacionados*": *Koch 1992: 4-5.*

Dutra 1990 retoma de certa forma Ramos 1984 ao tratar do papel coesivo das R nas narrativas, dela se afastando por estudar a R entoacional. Marcuschi 1992a produziu o trabalho mais extenso sobre esse fenômeno. Ele começa por fixar os seguintes domínios para a análise da R: (i) o discursivo (auto e hétero-repetições), (ii) o segmental (repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais), (iii) o distribucional (R contíguas, próximas e distantes) e (iv) o configuracional (R literais e R com variação do segmento). Ele afirma que a R tem funções textuais (coesão e formulação) e discursivas (auxílio à compreeensão, organização do tópico discursivo, argumentação, promoção da interação). Quanto aos tipos de R discursiva, ele comprovou que em 81.5% dos casos ocorrem as auto-repetições, e as hétero em 18.5%, o que atenuaria o argumento discursivo na explicação do fenômeno. Quanto aos segmentos repetidos, sua análise mostrou que os valores são muito próximos: 35% de R-lexicais, 34% de R-sintagmáticas e 31% das R-oracionais, embora, como se pode perceber, suas categorias se sobreponham, o que afeta a segurança desses resultados. As R próximas são as mais produtivas (71%, contra 28% de R distantes), equilibrando-se também as R literais (55%) e as que encerram uma variação de segmento (45%).

1.4.1.2 - R no sistema semântico

As R com "variação de segmento" remetem, na verdade, ao fenômeno da paráfrase, que será examinado no item 1.4.2, a seguir.

1.4.1.3 - R no sistema sintático

Aqui os estudos são mais raros, e com isto muitas perguntas sobre o estatuto sintático da R continuam sem resposta. O primeiro deles se deve a Casteleiro 1975. Esse autor trata da "redundância sintática e expressividade", enumerando casos em que a repetição dá lugar ao quiasmo sintático, à iteração verbal exocêntrica, como em

(27) *vendem camas de roupa, vendem lençóis, vendem colchas, tapetes, vendem tudo.*

à iteração quantificadora e à topicalização do objeto verbal, como em

(28) *precisávamos cá dum liceu, o liceu não temos cá.*

Perini 1980 sustenta que as repetições ocorrem quando o falante deseja reconstruir as estruturas fragmentadas da LF, para repor a estrutura canônica. Essa afirmação implica em que a apresentação canônica da S seja um fato crucial na LF, o que é um pouco difícil de comprovar-se, sobretudo se se tratar de diálogos simétricos, mais espontâneos, em que é expressiva a recorrência de fragmentos sintáticos.

Depois de Perini, Naro e Scherre (com. pessoal) notaram que as matrizes da repetição têm mais marcação morfológica de concordância do que as formas repetidas. Braga 1992 hipotetizou que o estudo da R pode levar à identificação do "sotaque sintático" mencionado por Tarallo, Kato et alii 1990, visto que em seus materiais se pode constatar que

> *"embora todos os falantes repitam, alguns o fazem mais contantemente, especializando a repetição, e restringindo-a a funções e contextos particulares".*

Creio que há lugar para um programa de pesquisas em que a R seja entendida como um processo gramatical contitutivo da LF. Minha hipótese maior é que R é um fenômeno regular, provido de classes e funções próprias, ocorrendo em lugares previsíveis. Se essa hipótese for comprovada, poder-se-á por meio do estudo da R inspecionar as estratégias de constituição da sentença na LF, revelando processos gramaticais que até aqui têm sido apenas catalogados, sem que se adiante uma explicação de caráter geral.

Este não é o lugar para desenvolver tal programa. Entretanto, a título de mera ilustração, creio que podem ser formuladas as seguintes hipóteses de trabalho, que elaborei mais em Castilho 1993:

(1) A R é um processo linguístico pelo qual o falante passa do sistema discursivo para o sistema sintático, atribuindo pro-

priedades sintáticas a segmentos discursivos. A R categorizadora acima referida comprova esta hipótese. Nesse processo, uma construção de tópico assume um papel argumental na sentença repetida, como em (14) e em (21). A análise dos dados poderia mostrar se o percurso inverso também ocorre, como em (2), e tais observações contribuiriam para o debate atual sobre a centralidade da sintaxe (hipótese formalista) ou do discurso (hipótese funcionalista).

(2) A R privilegia determinadas classes sintáticas. Retomando a conhecida distinção entre "modus" e "dictum" sentencial, pode-se hipotetizar que o "modus" é menos suscetível de repetir-se que os constituintes do "dictum". Incluem-se no "modus" os advérbios sentenciais e os marcadores conversacionais. Se confirmada esta hipótese, teremos uma nova evidência sobre a hierarquia mais alta dos "hiperpredicadores": Kato-Castilho 1991.

(3) A R privilegia determinadas funções sintáticas, assegurando, ademais, uma movimentação previsível dos constituintes portadores dessas funções no interior da sentença. Temos, portanto, duas hipóteses auxiliares: (i) A margem direita da S favorece a R, e a margem esquerda a desfavorece. O fundamento desta hipótese é de caráter funcional: concentrando-se na margem direita da sentença sua maior densidade informativa, é de esperar-se que seus constituintes sejam repetidos, de forma a reforçar a veiculação da informação. Isso implicará, igualmente, na predominância da R contígua, já comprovada empiricamente por Marcuschi 1992. Se se comprovar que a R é mais frequente à direita da sentença, poder-se-á afirmar que ela é

inversamente proporcional às rupturas da adjacência, descritas por Tarallo-Kato 1990, esp. pág. 47. Esses autores comprovaram que há maior frequência de rupturas no espaço entre Suj. e Flex, e menor frequência no espaço entre o Verbo e C0 e C1. Não se pode deixar de reconhecer uma harmonia nessa proporcionalidade. (ii) A R heterocategorizadora decorre da recategorização dos constituintes em sua movimentação da sentença M para a sentença R. Parece que a R recategorizadora transcorre nos quadros da seguinte hierarquia: Argumento Interno [OD, OI, OBL] > Adjunto > Argumento Externo. De novo um fundamento funcional pode ser invocado para justificar essa hierarquia, caso os dados a comprovem: uma vez bem fixados no fluxo da consciência, os constituintes assumem progressivamente uma posição marginal na sentença, deixando seu "núcleo duro", dado pelo verbo e pelos argumentos que ele subcategoriza, e caminhando para sua periferia. O exemplo (21) documenta essa hierarquia.

(4) Deve haver uma harmonia entre R de constituintes da estrutura funcional da sentença e R de constituintes do sintagma. Se esta hipótese for verdadeira, os constituintes à direita do núcleo sintagmático favorecem a repetição. Este exemplo de constituição do SN máximo (termo tomado de empréstimo a Lemle 1983 e Perini 1989) parece comprovar a hipótese:

(29) **M** *não é mais aquela pessoa assim admirável*

R *aquelas pessoas calmas*

tranquilas

que dificilmente perdem a calma

perdem o contro-
[le
falam
falam pausada-
[mente

(D2 SP 360: 121-126).

I.4.2 - A paráfrase

A paráfrase é a recorrência de conteúdo sem a repetição do item, como (4), que de novo transcrevo, e em (6):

(4) M *eu soube que também provocou uns certos ciúmes...*
P isso eu soube
não
eu vi...
eu senti um certo ciúme (D2 SP 360: 757).

Desde logo, é preciso entender que não há recorrência absoluta de conteúdo. Como observa Fuchs 1982: 49-50, ao se transformar progressivamente o "mesmo" no "outro", cometemos o paradoxo de acabar por dizer outra coisa, *"no termo de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis"*. A paráfrase tem, com efeito, muitas caras. Como fenômeno pragmático ela é utilizada nos processos de auto e hétero-repetição, que alimentam o diálogo. Como

fenômeno textual, ela tem um papel coesivo aditivo (no caso das paráfrases não adjacentes, o primeiro dos quais estudado por Fávero-Urbano 1989: 29). Finalmente, como fenômeno semântico ela serve para especificar/generalizar, expadir/sintetizar, atenuar/enfatizar os argumentos do texto. Assim, em (4) o falante vai parafraseando o verbo epistêmico "saber", primeiramente através de "ver", mais enfático, depois através de "sentir", mais atenuado, deslocando o comentário do campo intelectual para o campo sensorial. Já em (30) ele prefere trocar o verbo "sair" por "pedir demissão", que subcategoriza um sujeito mais controlador que o de "sair", numa estratégia que tem um efeito de preservação da face bastante óbvio:

(30) M então eu saí do:: ah

P pedi demissão do meu serviço (D2 SP 360: 1207).

Sobre a paráfrase no português falado, Hilgert 1989 consagrau um trabalho bastante extenso.

I.5 - LF COMO DESCONTINUAçÃO

Na LF, locutor e interlocutor assumem a coautoria do texto, que vai sendo gerado numa forma interacional, obrigando ambos a uma sorte de coprocessamento sintático. Esse fato já foi observado por Blanche-Benveniste 1986: 91. Uma das consequências disso é que o texto da LF é rico em descontinuações, e o interlocutor deve a todo momento preencher vazios, se é verdade que, para ser descodificada, a linguagem tem de ter a apresentação canônica habitualmente postulada nas reflexões gramaticais.

Diversas consequências formais decorrem da descontinuação: as unidades discursivas de tópico não lexicalizado, as sentenças de dupla autoria, as elipses, a perda da adjacência estrita e a ocorrência dos fragmentos sintáticos.

I.5.1 - Unidades discursivas de tópico não lexicalizado

(31) *L1 - mas como tá demorando hoje...hein?*

L2 - só:... e quando chega... ainda vem todo sujo... fedorento...

L1 - isso sem falar no preço... que sobe todo mês... sem nenhuma vantagem prá gente...

Em (31), dois conhecidos conversam sobre o serviço de ônibus da cidade. Como estão no ponto de parada, não há necessidade de lexicalizar o tópico conversacional, pois a situação supre essa necessidade. Transcrita e descontextualizada, diferentes sentidos podem ser atribuídos a essa unidade.

Outra situação muito peculiar é aquela em que a "categoria vazia", artifício teórico para descrever a estrutura morfológica, a estrutura sintagmática e a estrutura funcional da sentença, ocorre também no interior das unidades discursivas, que estudei em Castilho 1987a. Digo ali que os textos falados podem ser analisados do ponto de vista da progressão temática em unidades maiores que a sentença, e menores que o texto, dotadas formalmente de margens esquerda e direita e de um núcleo. Ora, nas interações bastante espontâneas, e mais fortemente vinculadas à situação, o núcleo da UD é vazio, e o interlocutor o preenche por si só, numa forma colaborativa:

(32) é o tal negócio...sei lá... 0 0 0 entende ?
(DID RJ 18)

Em (32) a unidade discursiva se esgotou nos marcadores conversacionais, faltando a sentença ou as sentenças que desenvolveriam o tópico conversacional, gerando-se um segmento em que predominou a função interpessoal, descontinuando-se a função ideacional.

I.5.2 - Sentenças de dupla autoria

(33) L1 - e o... o grão é é::

L2 - é:: espalhado ali

(DID SP 18: 184).

Em (33), L2 agrega o predicativo, e não outro constituinte qualquer, que poderia igualmente ter lugar ali, mas que não daria continuidade à narração iniciada por L1, como

*(33a) L2 - * da Bahia*

** uma semente, etc.*

I.5.3 - Elipse de constituintes

As transcrições de nossas entrevistas mostram uma enorme quantidade de descontinuações sintáticas, tais como a omissão da preposição, do núcleo do SN, do sujeito e do objeto.

(34) bom... a cozinha também 0 estilo moderno (DID SP 5: 97).

(35) nesses dias... a não ser 0 ir a Maguiné... realmente eu saía do hotel para o congresso (DID SP 11: 100).

(36) *e então entram essas máquinas grandes que limpam a terra tiram essas...0 e 0 formam ei/leiras...leiras...são...é o seguinte... eles empurram 0 e vão empurrando toda esta...essas plantações que tem (DID SP 93: 89-94).*

Em (34) e (35) há elipse das preposições em e para, respectivamente, e em (36) se elidiu o núcleo do SN, o sujeito e o objeto direto.

Observando o Português nos quadros de uma comparação inter-sistêmica, alguns pesquisadores têm notado que essa língua se inclui entre as de parâmetro "pro drop", distinguindo-se de línguas que não "deixam cair" argumentos sentenciais. E mesmo comparando-se o Português do Brasil com o Português de Portugal, tem-se notado que a localização da categoria vazia não é a mesma nessas duas variedades: no Brasil preenche-se mais a posição do sujeito que a de objeto direto, enquanto que em Portugal a relação seria inversa.

Galves 1984, 1988 tem dado uma interpretação gerativista a esse fenômeno, enquanto que Tarallo 1986, Omena 1978 e Duarte 1989 a abordam de um ângulo variacionista. Segundo Tarallo, há um apagamento de 34.4% do sujeito, contra 81.8% do objeto direto e 59.2% do objeto indireto. Resultados muito semelhantes foram alcançados pelas outras autoras.

Num pequeno estudo sobre as condições de apagamento do Sujeito, mostrei que a agentividade do sujeito favorece sua elisão,

enquanto que a não-agentividade favorece sua retenção, numa proporção de 63% para 37%, respectivamente: Castilho 1987b.

Também o verbo pode ser elidido, maiormente quando auxiliado, como se vê em

(37) Doc - agora () a terra como é que era preparada ?

Ø manualmente

ou mecanicamente?

Loc - bom até o::

bom Ø manualmente sempre

quer dizer Ø com enxada

(DID SP 18: 71-76).

I.5.4 - Perda da adjacência estrita

O problema da adjacência dos constituintes na sentença do PB foi inicialmente levantado por Kato 1987, a partir de sugestões contidas em Stowell 1981. A hipótese levantada por Stowell é a de que em línguas como o inglês não é possível inserir itens lexicais entre o verbo e o termo que dele recebe o caso. Kato supôs a possibilidade de uma ruptura nesse espaço sentencial, o que motivou dois estudos: Tarallo-Kato et alii 1989 e Tarallo-Kato et alii 1990. O primeiro estudo mostrou que em apenas 10.2% das sentenças houve ruptura no espaço entre o argumento interno e o verbo, número que cres-

ce quando se examina o espaço sujeito-verbo. No segundo estudo procurou-se verificar que elementos preenchem os espaços interfuncionais, constatando-se o seguinte: (i) em 62.8% dos casos, a pausa que separa as fronteiras intersentenciais não é preenchida por elementos lexicais de qualquer espécie; para ter um quadro da estrutura sentencial optou-se pela seguinte representação:

[...Top (...Suj...V+Flex...Co...C1...) Antitop...];

(ii) há mais preenchimentos antes do tópico e do sujeito [portanto na margem mais à esquerda da sentença] do que após o verbo; (iii) os elementos discursivos [marcadores conversacionais] e os adjuntos são os principais preenchedores das fronteiras; (iv) mulheres lexicalizam mais que os homens as pausas intersentenciais, o que permite falar num "sotaque sintático".

I.5.5 - Fragmentos sintáticos

Blanche-Benveniste 1987 mostrou que com frequência o locutor vai deixando para trás elementos não sintaticizados, aos quais ela denominou <u>bribes</u>. ou "restos". Ela chega a duvidar que a sentença seja uma unidade gramatical na língua falada, e prefere utilizar o termo "configurações" para denominar sequências de palavras sem articulação sintática clara.

Os materiais do Projeto NURC exemplificam esses fragmentos:

(38) olha... o preparativo para pôr as coisas dentro do carro
-- o H. é muito metódico...né... --
então ele quer distribuir tudo uniformemente (D2 SP 167: 794).

(39) cada um já fica mais ou menos responsável por si pelo menos
... por si... fisicamente né ? de higiene
de... trocar roupa...
todo esse negócio
(D2 SP 360: 531).

(40) partindo do princípio... digamos... que tanto eu como minha esposa temos curso superior... somos obrigados... digamos... a enfrentar os problemas... para solucionar os problemas profissionais... temos que atualizar... digamos... livros... então eu iria procurar comprar uma biblioteca (DID SP 5: 111-115).

Em (38) há todo um SN anacolútico que fornece um quadro de referência para as sentenças que se seguem. Em (39) temos dois SPs não governados pelo verbo anterior e uma expressão quantificada que "resume o que não precisa ser dito", e em (40) temos um SN nas mesmas condições. Em ambas as situações, o interlocutor tem de processar tais fragmentos a partir de uma instrução pragmática do tipo "o locutor abandonou o restante a dizer e eu devo completar o enunciado a partir de parâmetros contextuais".

Finalizando este capítulo, gostaria de lembrar que uma das questões mais intrigantes entre os pesquisadores da LF é saber até que ponto as pesquisas em curso vão interferir nas teorias gramaticais disponíveis. Já sabemos que a LF se afasta em mais de um ponto das propriedades gramaticais que estamos habituados a reconhecer e a descrever na LE. Mas é claro que o encaminhamento de uma resposta vai depender da posição teórica adotada.

Aparentemente, uma teoria formal tenderia a apagar as chamadas especificidades do oral, pois aí o que se busca são os princípios de uma Gramática Universal. Consequentemente, não há necessidade de um corpus, seja escrito, seja falado, e os dados trazidos à consideração são de natureza introspectiva.

Uma abordagem sociopragmática desloca o foco das questões do polo gramatical para o polo social, com toda a sua gama de questões mais etnográficas que linguístico-estruturais: intenções do falante, fluxo da informação, sistemas de correção e monitoramento da fala, etc. Não seria igualmente correto cobrar desta inclinação científica uma resposta ao problema aqui levantado.

É provável que a Gramática Funcional possa oferecer respostas mais instigantes, mesmo reconhecendo que há neste momento uma "*relativa incapacidade dos linguistas em acreditar numa Linguística que integra o oral*", como argumenta Francard 1990: 10. Penso num Funcionalismo que vá dos jogos interacionais para a constituição das significações, e destas para a sintaxe, sem cair na ingenui-

dade de supor relações biunívocas entre os sentidos e as formas. Mas requer-se um Funcionalismo em que haja espaço para trazer debaixo do olho os achados formais, num movimento dialético que vá da interação para a significação, desta para as formas, e das formas de volta para a significação. Este talvez fosse um bom programa de pesquisa, que deverá explorar temas tais como:

1) O problema das áreas de atuação na LF: correlação entre a Sintaxe e Fonologia, de um lado, e entre a Sintaxe e a Semântica, a Sócio e a Psicopragmática, de outro, focalizando, neste caso, o estudo da gênese das predicações verbais, e da determinação e da negação de itens não verbalizados, para limitar-me aos tópicos atrás mencionados.

2) Como integrar na argumentação sintática a sintaxe vertical ou paradigmática, dada pela repetição de constituintes, ao lado da sintaxe horizontal ou sintagmática, dada pelo sequenciamento dos constituintes ? A chamada estrutura canônica da sentença sustenta-se na LF ? A repetição pode concorrer para a identificação de propriedades da língua e de sua gramática?

3) O problema das unidades além da sentença: pode-se sustentar que as unidades discursivas reproduzem mecanismos sintático-sentenciais, ou será necessário configurar uma sorte de "macro-sintaxe" para dar conta desses recortes do enunciado ?

Estas e outras questões vêm assaltando a curiosidade dos estudiosos da LF, parecendo patente que em algum momento a teoria da linguagem e a teoria da gramática serão afetadas pelas descobertas em curso.

CAPÍTULO II - A PREDICAÇÃO ADVERBIAL

O PROBLEMA, O PONTO DE VISTA E A PROPOSTA

Apresento neste capítulo o Advérbio como o problema de que trata esta tese, a Sintaxe Funcional como o ponto de vista teórico esposado para sua descrição, e a predicação adverbial como o processo semântico-sintático que investigarei nos dados. Finalmente, exponho o programa de pesquisas e o corpus utilizado.

II.1 - O ADVÉRBIO COMO CLASSE POLIFUNCIONAL

A Gramática Tradicional do Português considera o Adv como *"fundamentalmente, um modificador do verbo"*: Cunha-Cintra 1985: 529. São apresentadas sete espécies de advérbios, em conformidade com o que postula a Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira:

(1) de afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente;*

(2) de dúvida: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez;*

(3) de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão;*

(4) de lugar: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto;*

(5) de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior e a maioria dos terminados em -mente;*

(6) de negação: *não, nunca, jamais;*

(7) de tempo: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde.*

A estes, a Nomenclatura Gramatical Portuguesa acrescentou os

(8) de ordem: *primeiramente, ultimamente, depois.*

(9) de exclusão: *exceto, salvo.*

(10) de designação: *eis.*

Já Moraes Barbosa 1803 tinha alertado para o fato de que o Adv não é um modificador apenas do V, e sim do "verbum", isto é, de qualquer palavra. Por outro lado, é acertado identificar na modificação o traço forte dos Adv, mas dificuldades várias se levantam se tentarmos explicar por esse processo a totalidade dos tipos arrolados nessa classe.

Sejam os seguintes exemplos, nos quais consideramos tanto os Adv (isto é, itens que integram uma classe morfologicamente configurada) quanto os Adverbiais (isto é, as locuções adverbiais, constituídas por Sintagmas Nominais ou por Sintagmas Preposicionados que assumem as funções dos Adv):

(1) <u>*Provavelmente*</u> *hoje vai chover.*

(2) *Muitas vezes repeti que este assunto não era fácil.*

(3) *Discutiu francamente seu problema.*

(4) *Cheguei aqui anteontem.*

(5) *um médico era só médico o engenheiro era só engenheiro... pelo menos naquela altura (D2 SP 360: 1546).*

(6) *Expliquei, sim, que não aceitaria aquele encargo.*

(7) *não é bem restaurante... é lanchonete mesmo (DID RJ 328: 647).*

(8) *a coisa mais fácil é comprar qualquer coisa... agora... sustentar (...) é que são elas (D2 SSA 98: 1387).*

O caráter modificador dos advérbios só pode ser comprovado nas sentenças de (1) a (3), em que provavelmente, muitas vezes e francamente modificam, respectivamente, toda a sentença (tornando duvidoso seu conteúdo), o verbo (quantificando-o) e de novo o verbo (qualificando-o). Na lista acima, também os Adv de intensidade, os de modo e alguns em -mente incluídos entre os de afirmação e dúvida podem modificar a classe sobre que incidem. Pelo mesmo critério não passam os advérbios grifados nas sentenças de (4) a (7).

Em (4), os Adv de tempo e de lugar indicam as circunstâncias em que se deu o estado de coisas descrito pelo verbo; eles são decididamente dêiticos, e melhor se disporiam entre os pronomes. Em (5), só inclui os médicos e os engenheiros em determinado conjunto, sem que se altere o sentido desses itens. Em (6), sim afirma e não nega o conteúdo verbal, tornando uma sentença como *"expliquei que aceitaria aquele encargo"* totalmente inconsistente com (6). Em (7) bem focaliza o referente do N que se lhe segue. Finalmente, em (8) agora funciona como um conectivo textual, promovendo a ligação de dois subtópicos, retomando o anterior e anunciando o seguinte. Em nenhum desses casos se deu uma modificação da extensão ou das propriedades intensionais da classe-alvo. Bonfim 1988 e 1991 traz outras observações de interesse para uma avaliação crítica da descrição dos Adv na língua portuguesa.

As análises linguísticas sobre os advérbios são relativamente recentes. Farei uma breve menção a esses trabalhos, sem nenhuma preocupação de exaustividade.

Jackendoff 1972: 47-107 desenvolve uma abordagem semântica, propondo três classes de advérbios: (i) os de modo, que modificam a significação do verbo e funcionam como predicadores de um predicador, (ii) os advérbios orientados para o sujeito, que funcionam como predicadores de dois argumentos, e (iii) os advérbios orientados para o falante. Bellert 1977 faz um interessante comentário sobre o texto de Jackendoff, e propõe que os ad-

vérbios orientados para o falante sejam desdobrados em quatro subclasses: os advérbios de avaliação (como "felizmente, supreendentemente"), os modais (como "provavelmente, possivelmente, certamente") e os de domínio (como "logicamente, matematicamente").

Bartsch 1976 procedeu ao estudo mais rigoroso do ponto de vista lógico-semântico. Ela identificou quatro classes: advérbios sentenciais, relacionais, de modo e de grau.

Quirk et alii 1985 distinguem os advérbios disjuntos ou de sentença, os adjuntos ou de constituinte, e os conjuntos, estes tendo mais de um ponto de contacto com as preposições e as conjunções.

Este e outros estudos deram uma inegável contribuição ao estudo das propriedades sintáticas do Adv, deixando para um segundo plano suas contribuições semânticas à sentença. Assim, no interior de cada tipo sintático aparecem as diferentes classes semânticas, obscurecendo, a meu ver, o que há de mais importante nessa classe, que são essas contribuições.

Nesta tese, retomo Ilari et alii 1989, num trabalho preparado para o Projeto de Gramática do Português Falado.

Esse texto foi produzido coletivamente. Discutimos nele "*os limites imprecisos da classe dos advérbios*", examinando os critérios morfológico, sintático e nocional, concluindo pela

existência de vários itens que, sendo inequivocamente adverbiais, não atendem aos critérios tradicionais, mostrando-se bastante produtivos na língua falada:

(9) espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos assim ... um diálogo bem aberto... sabe? (D2 SP 360: 51).

(10) mas a cadeia de supermercados aqui é do Recife (D2 REC 05: 1180).

(11) [espero] ter exatamente nove ou dez filhos (D2 SP 360: 310).

Para dar conta desses e de outros casos, optamos por reconhecer nos Adv não uma classe homogênea, mas

> *"pelo menos [como um] conjunto de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante": Ilari et alii 1989: 78.*

De maneira bastante intuitiva, percebemos duas

> *"dimensões para a classificação das expressões tradicionalmente reconhecidas como advérbios: a primeira dimensão é a dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica (...) e a segunda dimen são é a das 'funções' que os chamados advérbios desempenham".*

O grupo desistiu, assim, de reunir todos os advérbios sob a função única da modificação.

A dimensão semântica implica em reconhecer que os Adv desempenham dois papéis semânticos, o da predicação (ou modificação), em que o Adv dá uma contribuição ao sentido da classe-alvo, e o da não-predicação, em que essa contribuição não ocorre. Foram propostos como advérbios predicativos os Qualitativos, os Intensificadores, os Modalizadores e os Aspectualizadores. Como não-predicativos, os de Verificação de re (Afirmação, Negação, Inclusão/Exclusão e Focalizadores), de dicto (Denegação, Afirmação, Focalização) e os Circunstanciais (de Lugar e de Tempo). Alguns exemplos:

(12) comer bem; buzinar brabamente [Qualitativos].

(13) fala muito; procurar bastante [Intensificadores].

(14) precisa realmente estar convencido; felizmente essa fase ainda não começou [Modalizadores].

(15) normalmente eles se divertem aos sábados [Aspectualizador].

(16) põe um ou mais tomates, não mais do que isso [Negação].

(17) [esse caminhão] sim passa... mas ocupa a estrada toda [Afirção de re].

(18) não passava mais ninguém; trabalhei só no início de casada [Inclusão]

(19) são autenticamente brasileiros; queria falar justamente a respeito disso [Focalizadores].

(20) os três primeiros... não... nos primiros meses daquele trimestre... [Denegação de dicto].

(21) acordar de manhã cedinho [Tempo].

A dimensão sintática implica em distinguir os Advérbios de Constituinte, que tomam por sujeito um constituinte sentencial, e por isso são passíveis de focalização por "é que", pela interrogação e pela clivagem, dos Advérbios de Sentença, que tomam por sujeito toda uma proposição, e por isso são passíveis de paráfrase por uma sentença com o verbo "ser" + o adjetivo que está na base do advérbio. Foram deixados de fora os Adv "de discurso", que funcionam como conectivos textuais.

Posteriormente a essa primeira investigação, sucederam-se estudos particularizados sobre os Circunstanciais de Tempo e Lugar (Neves 1990), os Focalizadores e os Aspectualizadores (Ilari 1990), os Modalizadores (Castilho e Moraes de Castilho 1990), os Delimitadores (Moraes de Castilho 1992), os Qualitativos (Oliveira 1990) e os de Inclusão e Exclusão (Possenti 1990). Logo depois, Mercedes S. Risso e Clélia Jubran descreveram os Adv tex-

tuais: v. Basílio Org. 1993.

Faltava um trabalho de conjunto sobre os Advs Predicadores, que fizesse avançar as reflexões desenvolvidas, apresentando dessa grande classe uma visão mais integrada. Esse é o objetivo desta tese. Para atingi-lo, apresentarei algumas idéias sobre o que é a predicação, e em seguida oferecerei um plano de pesquisas sobre a predicação adverbial.

II.2 - O PONTO DE VISTA: A SINTAXE FUNCIONAL

A polifuncionalidade e vagueza dos advérbios e as relações de gradiência que muitas vezes podem ser identificadas em suas diversas ocorrências recomenda selecionar um ponto de vista teórico capaz de operar com soluções categoriais intuitivas, híbridas.

Requer-se um modelo gramatical concebido como um conjunto de regras em que se correlacionem as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas. Esse modelo deve ultrapassar o limite da sentença, valendo-se de sentenças contextualizadas em textos extensos, apanhadas em situações concretas de fala. Acredito que a Sintaxe Funcional seja esse modelo.

A Sintaxe Funcional entende a língua como uma atividade social, e nisto afasta-se da Sintaxe Gerativa, que interpreta a língua como uma atividade mental, e da Sintaxe Estrutural, que interpreta a língua como um sistema: Castilho (em andamento). Como reconheceu Halliday 1974: 98 e ss., a Sintaxe Funcional concentra a atenção nos usuários e nos usos da língua, mediante uma valorização do receptor, do emissor e da variação linguística no quadro da reflexão gramatical.

Ao contextualizar os fatos gramaticais na situação de fala que os gerou, a Sintaxe Funcional toma como ponto de partida os sentidos, os significados e as significações das expressões linguísticas, para em seguida indagar como elas se codificam gramaticalmente. Recorrendo de novo ao entendimento da língua como um conjunto de sistemas, pode-se reconhecer que a Sintaxe Funcional toma os sistemas semântico e discursivo como inputs de que o sistema sintático é um output. Por outras palavras, postula-se que a língua exista não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em vista da necessidade de cumprir certas funções. Ora, a correlação não-biunívoca entre funções e estruturas explica a natural heterogeneidade das línguas. Como decorrência disto, um estudo funcionalmente orientado prejudica a busca imediata de generalizações que se encontram na comparação das línguas entre si, privilegiando o estudo empírico de uma dada língua.

A postulação funcionalista mais forte é a da gramática como um processamento das categorias pragmáticas e semânticas, de que resultam as estruturas sintáticas. A gramática, portanto, seria uma cristalização das formas discursivas mais produtivas, e a gramaticalização um dos processos mais interessantes para se observar.

Há pelo menos duas vertentes da Sintaxe Funcional assim entendida. O Funcionalismo radical, representado por Garcia 1979, enfatiza as pressões icônicas do discurso sobre a gramática, ne-

[Crítica da noção de generalização]

gando a existência da sintaxe. O Funcionalismo moderado defende a confluência de fatores estruturais e discursivos sobre a sintaxe, conferindo a este modelo certo poder explanatório. Integram esta vertente Givón 1979, 1983, 1984; DuBois 1980, 1985, 1987; Hopper-Thompson 1980, 1984; Thompson Ed. 1988; Dik 1978; Halliday 1985.

[Naro] [Sherre] [Perek]

Esta última vertente considera adequado identificar nas línguas naturais um campo de permanentes *"motivações em competição"*: DuBois 1985. Segundo esse autor, identificam-se aí, de um lado, as necessidades discursivas dos falantes, no quadro de um *"funcionalismo transparente"*, e de outro, as forças internas de um *"estruturalismo autônomo"*. Vistas as coisas desse ângulo, ganha corpo a caracterização do que seja a "gramaticalização", vale dizer, a passagem do discursivo para o estrutural.

Resulta do que ficou dito que uma gramática funcional se constitui de três componentes: o discursivo, o semântico e o sintático. Passo a enumerar sumariamente os tópicos ora em debate em cada um desses componentes, furtando-me a uma resenha minuciosa.

II.2.1 - O componente discursivo

Tem-se mostrado produtiva a análise dos seguintes processos discursivos, por apresentare, correlatos na sintaxe:

II.2.1.1 = Teoria dos atos de fala

São atos de fala as ações realizadas por um falante através de um enunciado, considerando-se suas intenções o os efeitos que ele buscar atingir em seu interlocutor. Austin 1962 postulou a existência de três atos de fala: o ato locutório, que é a produção de um enunciado, o ato ilocutório, que é uma ação realizada juntamente com o enunciado (como nas promessas e nas ordens) e o ato perlocutório, que é o efeito do ao ilocutório sobre o interlocutor. Searle 1969 reformulou as idéias de Austin, identificando quatro atos de fala: o ato de enunciação, o ato proposicional, o ato ilocutório e o ato perlocutóiro. Entre nós, Kanavillil Rajagopalan tem debatido o assunto: Rajagopalan 1992.

II.2.1.2 - O fluxo da informação e a organização tópica do texto

Chafe 1973: 210-233, Prince 1981 e Givón Ed. 1983 têm examinado as relações entre o fluxo da informação e a constituição do texto. No quadro do PGPF, Jubran et alii 1992 postularam que os *"tópicos discursivos"* são de natureza fundamentalmente interacional e não podem ser confundidos com os turnos conversacionais. Um tópico discursivo tem por propriedade primeira a "centração", que

> *"abrange os traços de a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados* -

implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem - pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida por seus elementos; c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem" (ibidem, pp. 361-362).

Diversas marcas formais delimitam os tópicos discursivos. Esses autores mostram que os tópicos discursivos exibem uma estrutura hierárquica.

II.2.1.3 - Definitude e indefinitude no discurso

DuBois 1980 e Lavandera 1984 mostraram que a representação das personagens numa narrativa se reflete na seleção do material linguístico. Esses conceitos são dinâmicos e se constroem no discurso, na dependência da fixação maior ou menor dos falantes em determinados participantes da ação. Assim, definido é o tema para o qual se *"abriu um arquivo"* no aparato cognitivo dos interlocutores, dada sua importância na interação. Os temas indefinidos não têm essa fixação.

II.2.1.4 - Fundo e figura no discurso

Autores que se concentraram nas condições de produção do texto mostraram que duas situações básicas a motivam: a necessidade de compartilhar experiências, impressões e opiniões, ou o desejo de informar, de narrar algo supostamente desconhecido pelo interlocutor: Benveniste 1959 e Weinrich 1964. Essas situações foram denominadas respectivamente de *"discurso"* (Benveniste) ou *"comentário"* (Weinrich), e *"história"* (Benveniste) ou *"narração"* (Weinrich), tendo-se repertoriado as marcas formais que lhe correspondem, sobretudo a questão da seleção dos tempos verbais.

II.2.2 - O componente semântico

Partir da semântica para a sintaxe não é um caminho fácil, porque ainda não dispomos de teorias semânticas razoavelmente estáveis. Bierwisch 1970: 163 enumera os quesitos que deveriam compor uma teoria semântica, e à pág. 178 recomenda que

> *"a análise semântica deve, por essa razão, começar com subsistemas pequenos, claros, desenvolvendo desse modo os conceitos básicos necessários".*

Katz 1972 opina que se deveria operar como na Física,

> *"reduzindo uma questão grande e geral [como a do significado] a questões menores e mais específicas"*,

de que ele enumera quinze, págs. 49-50, às quais se agregariam mais quinze questões sobre os "tipos de fenômenos que uma teoria tem que explicar", págs. 50-53. A leitura de Leech 1974, Lyons 1977 e Kates 1980 permite identificar três campos de atuação dessa disciplina: a Semântica Léxica, a Semântica Sentencial e a Semântica-Pragmática.

Entre outros, os seguintes processos semânticos têm correlatos no enunciado:

II.2.2.1 - A referência e a pressuposição.

II.2.2.2 - A predicação.

II.2.2.3 - A quantificação.

II.2.2.4 - A dêixis.

II.2.2.5 - A foricidade.

Penso dar uma pequena contribuição a esse componente, discutindo o problema da predicação adverbial. Não sei se esse é um *"subsistema pequeno"*, como aquele recomendado por Bierwisch

1970, muito menos se meu trabalho será *"claro"*. De todo modo, procurarei nesta tese apresentar informalmente algumas observações sobre os significados e as significações gerados pela incidência dos Adv Predicadores sobre constituintes sintáticos e sobre instâncias do discurso.

II.2.3 - O componente sintático

O componente sintático é visto numa gramática funcional como uma resultante dos processos pragmáticos e semânticos.

Os seguintes fenômenos sintáticos têm sido considerados:

II.2.3.1 - A identificação das classes: a Teoria dos Protótipos tem sido debatida no que diz respeito ao modo de categorizar as línguas naturais. Farei uma referência a ela no Cap. V.

II.2.3.2 - A organização funcional da sentença e a articulação tema-rema. Mencionei no Cap. I o interesse dessa perspectiva, bem representada no Brasil pelo trabalho de Ilari 1986.

II.2.3.3 - A ordem do ponto de vista funcional: têm sido oferecidas explicações funcionalistas sobre a disposição dos

argumentos sentenciais e as pressões discursivas, controladas, evidentemente, por aspectos de natureza estrutural. Em nosso país, questões relativas às construções de tópico, ao sujeito de verbos intransitivos existenciais e apresentacionais, entre outros temas, têm sido examinadas de acordo com essa ótica: Braga 1987, Pontes 1987, Pezatti 1991.

II.2.3.4 - A concordância nominal e verbal em sua correlação com a questão da saliência morfológica são temas versados em Lemle e Naro 1977, Rodrigues 1987, Scherre 1988.

Apesar das enormes dificuldades envolvidas pela abordagem funcionalista, deve-se reconhecer que algumas descobertas permitem visualizar a Sintaxe Funcional como uma perspectiva teórica que tem levantado questões intrigantes. Impossível deixar de reconhecer, também que ela é um programa em rápido andamento. É bem verdade que em dado momento se cometeram alguns exageros como, por exemplo, decretar a morte da sintaxe, vitimada pelo discurso. Um sociolinguista como Labov, cuja metodologia de regras variáveis suscitou uma grande quantidade de estudos funcionalistas, sentiu-se no dever de alertar para os riscos de um enviesamento antiformalista. Ele mostra que há setores nas estruturas linguísticas irredutíveis a aproximações com o discurso: Labov 1987. No Brasil, têm debatido esse assunto Votre-Naro 1989, Nascimento 1990, Dillinger 1991 e Naro-Votre 1992. Foge ao escopo deste capítulo uma resenha minuciosa dos argumentos aí expendidos.

II.3 - A PROPOSTA: A PREDICAÇÃO ADVERBIAL

Discuto aqui o problema da predicação, tendo em mira estabelecer um programa de pesquisas sobre os advérbios predicadores no português falado do Brasil.

Gostaria de tomar como ponto de partida uma intuição fundamental, devida a Apolônio Díscolo, gramático alexandrino do séc. I d.C. Apolônio Díscolo integrava os estudos gramaticais em três pontos: o som e a sílaba, a classificação das partes da oração, e a própria oração: Bécares Botas 1987: 32. Ele entendia que a oração se realiza num nível duplo, o semântico (a oração tem uma significação auto-suficiente) e o funcional ("os casos oblíquos se conectam com os retos por meio de um verbo inserido entre ambos, a ação do qual passa do nominativo <reto> para o oblíquo"): Apolônio Díscolo séc. I d.C.: I 137.

É precisamente sua concepção sobre os casos que tem importância para minha argumentação aqui. Para ele, os casos não designam formas, e sim relações sintáticas. Assim, o caso reto é o que está *"ordenado"*, ou está em *"ordem coincidente"* com a pessoa verbal (IV 46), codificado na gramática pela concordância do verbo com seu sujeito, ao passo que o caso oblíquo é o *"desviado"*, o não coincidente com a pessoa do verbo (IV 18), e então não há concordância, em línguas indo-européias como o grego e o português.

Ora, esta percepção permite identificar duas relações sintáticas de base, a predicação, que é a relação marcada pela concordância, e a complementação, que é a relação não marcada pela concordância. Tanto a predicação quanto a complementação implicam na atribuição de casos: nominativo à esquerda do verbo, no caso da predicação, acusativo, dativo ou ablativo à sua direita, no caso da complementação. Tais casos podem ter uma representação morfológica, como no grego clássico, ou uma representação abstrata, no caso do português. Tratando-se de uma classe invariável como a dos Adv, é evidente que a concordância perde a relevância de que dispõe na predicação verbal e adjetiva.

A predicação, portanto, pode ser tentativamente definida como a relação entre um predicador e seu sujeito, ao passo que a complementação é a relação entre o predicador e seus argumentos internos.

A predicação é um fenômeno bastante complexo, que envolve processos semânticos, sintáticos e discursivos. Aqui, mais do que nunca, deve-se evitar o "either-or-thinking" condenado por Jacobson 1988: 61:

> *"The pair syntactic/semantic is itself an example of the inadequacy of rigid either-or-thinking. Linguistic discussions abound in pair of terms which on closer inspection turn out to have a middle ground on transitional zone where it is*

impossible to draw a clear line of demarcation".

Conforme deixei anotado no Cap. I, a língua se compõe dos sistemas semântico, sintático e discursivo, os quais não apresentam necessariamente relações de determinação entre si. Essa percepção tem um alcance metodológico evidente, e permite na análise separar aquilo que vem reunido nos atos de fala, praticando-se o conhecido paradoxo da ciência. Essa tripartição de domínios permite lançar alguma luz sobre o complexo fenômeno da predicação.

Não apresentarei aqui um relato exaustivo do "estado da arte" sobre a predicação. Isso constituiria outro projeto, de alcance mais vincadamente teórico, que me afastaria do objetivo maior de oferecer contribuições ao preparo coletivo de uma gramática de consulta sobre o português falado. Além do mais, interessa-me aqui unicamente a predicação adverbial. Para maior comodidade, enumerarei os diferentes "polos da argumentação" sobre a predicação, correlacionando-os com os três sistemas linguísticos.

II.3.1 - Predicação e semântica

Segundo a lógica aristotélica, a designação é um processo de predicação, e assim, cada item lexical pleno de significado é um predicador. Os Nomes predicam (isto é, designam) os se-

*

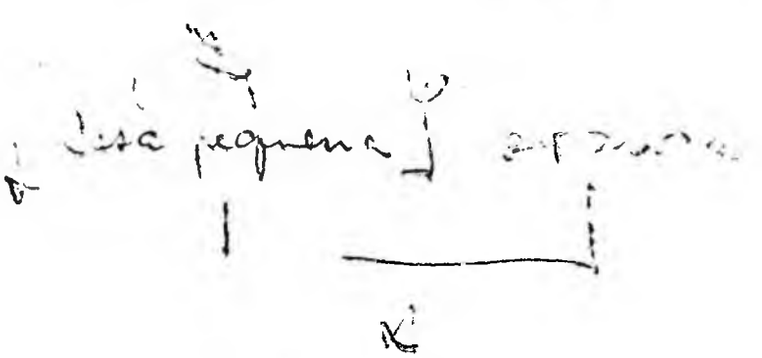
todo homem é mortal

$\forall x \left[\text{homem}(x) > \text{mortal}(x) \right]$

homem mortal

toda casa pequena é branca

$\forall x \left[\text{Casa}(x) \wedge \text{[illegible]}(x) \right.$ [illegible] $\left. \right]$



casa pequena [illegible]

* noção um pouco estranha de sentido/significado

res e as coisas; os Adjetivos, os estados; os Verbos, as ações e os eventos; as Preposições, as relações, e assim por diante. Aristóteles, naturalmente, cercou esta afirmação dos devidos cuidados, quando mostra que "os nomes são símbolos das coisas, mas a relação entre o conceito (nóema) e o sinal (semeîon) ou entre a coisa (prâgma) e o nome (ónoma) não é sempre de congruência. Não se cobrem sempre inteiramente conceito e palavra. O que está no som é símbolo do que está na alma, mas não necessariamente o conceito que está no som, o significado, é congruente com o conceito que está na alma, embora só sob as formas de linguagem possam ser apreendidos os conteúdos mentais": Moura Neves 1987: 64-65.

A predicação por designação gera o sentido, que decorre da relação entre o item e seu referente. Por este ângulo, cada núcleo de sintagma é invariavelmente um predicador. Este modo de ver as coisas corresponde ao sub-sistema referencial do sistema semântico mencionado em I.0. Ele não será tomado em conta nesta tese, em que a predicação será entendida como modificação.

Outra percepção semântica postula que a predicação é um processo gerador de significados não contidos no sentido dos itens lexicais envolvidos, e depende crucialmente da relação entre um item-predicador e um item-sujeito. Aqui estou utilizando "sentido" como o conteúdo do item lexical (isto é, como o somatório de seus traços semânticos) e "significado" como a resultante da combinação dos sentidos de dois itens lexicais relacionados

ver pg. 95 atenção

lembrar o velho Reidenbach.

Brutus matou César

a partida pro campeonato foi ganha

[Perspectiva] ?

sintaticamente. Por outras palavras, o predicador atribui a seu sujeito uma propriedade semântica não inscrita no sub-sistema referencial da língua, modificando (i) o valor de verdade da classe-sujeito, (ii) a extensão dos indivíduos designados pela classe-sujeito, ou (iii) as propriedades intensionais da classe-sujeito. Estas são, ademais, outras diferenças entre predicação e complementação, visto que na complementação o significado do argumento não é afetado pelo predicador.

Seja o seguinte recorte de enunciado:

(22) Realmente, jogador alto ganha fácil a partida no campeonato.

--------> S[ ]S

Em (22) temos as seguintes relações de predicação:

(i) "alto" predica o argumento "jogador", atribuindo um traço de dimensão;

(ii) "fácil" predica o predicador "ganha", atribuindo um traço de qualificação;

(iii) "ganha fácil" predica o argumento "jogador alto", atribuindo o papel temático de agentividade;

* compatibilidade entre predicados

(iv) "realmente" predica toda a sentença, atribuindo o modo asseverativo.

Essas quatro predicações resultam da relação entre os predicadores "alto", "ganha", "fácil", "realmente" e seus sujeitos "jogador", "jogador alto", "ganha" e "S", respectivamente. O exemplo (22) mostra que o predicador pode tomar por sujeito uma classe referencial ("jogador"), outra classe predicadora ("ganha"), ou toda uma S ("jogador alto ganha fácil a partida do campeonato"). Mas a predicação pode incidir sobre mais de um sujeito, como veremos a seguir. Em todos esses casos é patente que a classe-sujeito recebe uma contribuição semântica que não estava inscrita nas suas propriedades intensionais, tanto é certo que os jogadores não são necessariamente altos, não ganham necessariamente as partidas, ganhar partidas não é uma tarefa necessariamente fácil, nem a S acima deve ser necessariamente asseverada (e não sujeita a dúvida, por exemplo). Pode-se dizer que a predicação adicionou propriedades novas sem, contudo, alterar as propriedades pré-existentes. [Compatível]

Por outro lado, observando-se as *"direções da predicação"* representadas pelas flechas que acompanham o enunciado (22), nota-se que o movimento da direita para a esquerda é o mais habitual, não se excluindo o movimento da esquerda para a direita, identificada em (iv). ok.

?

Predicação propriamente dita

A Gramática Tradicional denominou de diferentes maneiras as predicações aí exemplificadas. Em (i) há qualificação (ou restrição, ou delimitação). Em (ii), modificação. Em (iii), predicação propriamente dita. Em (iv), modalização. Uma descrição mais econômica reuniria todas essas denominações numa só, a de predicação pura e simplesmente, para cujo estudo será necessário formular um plano de pesquisa, que será apresentado em II.3.

As hesitações da Gramática Tradicional evidenciam que é uma tarefa árdua teorizar sobre os significados gerados pela relação entre o predicador e seu sujeito. Neste particular, as indicações de Weinreich 1972 parecem-me de grande utilidade. Nas relações entre os signos, ele distingue dois processos básicos, o de encadeamento (= "linking"), e o de transferência (= "nesting"). Tal como nos casos anteriores, apresentarei uma leitura pessoal desse importante texto de Weinreich.

Acompanhando em parte esse Autor, direi que o encadeamento e a transferência representam distintas manifestações da predicação entendida como um fenômeno semântico. A estas acrescentarei a predicação por cancelamento.

No encadeamento há uma predicação composicional, em que o item-sujeito acrescenta às suas propriedades intensionais as que procedem do predicador. Os mecanismos descritos em (15) decorrem de uma adição.

* análise esquisita

Na transferência há uma predicação não-composicional, visto que o significado resultante não se encontra nos sentidos dos itens relacionados. Assim, em

(23) pôs-se a andar,

o primeiro verbo toma por sujeito o segundo, e a noção de inceptividade revelada pela paráfrase

(23a) começou a andar

não se encontra no estado de coisas descrito por "pôr" nem por "andar". Dizemos então que essa predicação gerou um significado novo. Segundo Ilari 1992, a não-composicionalidade gera as expressões idiomáticas. Assim, comparando "romance machadiano" com "elefante branco", ele argumenta que no primeiro sintagma há uma relação de intersecção entre as propriedades de "romance" e as de "machadiano", ao passo que no segundo "o sentido que atribuiríamos, no atual estágio da língua, a cada um dos constituintes, é irrecuperável".

Pode ser que a predicação composicional e a não composicional representem polos extremos no eixo da predicação, em que haveria graus intermediários de modificação do sujeito. Assim, em

(24) a casa está praticamente vendida,

Semântica componencial?

o advérbio grifado confirma alguns dos traços de "vender", apagando outros. Essa predicação por cancelamento parcial dos traços ficaria a meio caminho entre a composicionalidade e a não-composicionalidade.

No polo da composicionalidade estariam os Especificadores, a maior parte dos Adjetivos, Adv e Verbos absolutos e auxiliados. No polo intermediário do cancelamento estariam os Delimitadores. Finalmente, no polo da não-composicionalidade estariam alguns Verbos auxiliares e as expressões idiomáticas ou formas cristalizadas, constituídas pela associação de classes tais como V + N (por exemplo, em "dar-se conta", "ter tempo"), N + Adj (como em "elefante branco"), etc. Veremos mais além se estas formulações se sustentam.

É importante reter, de todo modo, que a S é uma espécie de "sopa predicativa", pois tanto entre os constituintes do dictum, quanto entre este e o modus, se desencadeiam diversos processos predicativos. Explicitando os ambientes em que eles ocorrem, teríamos:

II.3.1.1 - Predicação no espaço sintagmático da sentença, em que podem ser documentadas predicações por determinação, por quantificação, por delimitação e por atribuição, no caso do SN, e por modalização, no caso do SV. Detalhando um pouco:

* Aqui é que me separo completamente qdo distingo componente deitico-referencial do componente predicativo

** ñ falou nada da adjunção

*** - cf. pg. 106

(1) Os Especificadores tomam por sujeito o núcleo do SN. Com isto, os Artigos, os Demonstrativos, os Possessivos e os Quantificadores seriam entendidos como predicadores. A esses constituintes devem-se agregar os Delimitadores, analisados por Moraes de Castilho 1991.

(2) Os SAdj tomam por sujeito o núcleo do SN.

(3) Os SAdv tomam por sujeito os núcleos do SV, do SN, e do próprio SAdv.

II.3.1.2 - Predicação no espaço funcional da sentença: o V toma por sujeito o SN argumento externo; o Adj e o Adv tomam por adjuntos o SN, o SV e o SAdv.

II.3.1.3 - Predicação no texto: certos marcadores conversacionais tomam por sujeito o núcleo da unidade discursiva, constituído por um conjunto de sentenças centradas tematicamente: Castilho 1987a.

Quando o predicador toma por sujeito um item não predicador (como em "casa bonita"), temos uma predicação de primeira ordem. Quando o sujeito é outro predicador (como em "casa muito bonita"), temos uma predicação de segunda ordem. Para uma elaboração dessas relações, v. Jespersen 1924, cap. VII.

¥ TG. dr. P. Temistocles

II:3:2 = Predicação e sintaxe

No item anterior considerei a predicação como um processo semântico. Na sintaxe considera-se a predicação como a articulação de dois ou mais argumentos pelo verbo. Assim, a predicação é o correlato semântico da sentença, e o predicado é o correlato semântico do verbo: Leech 1974: 135. Ou, em termos mais técnicos,

> *"a oração é a projeção sintática das propriedades de subcategorização de um Verbo, em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo": Galves 1987: 1.*

O estudo da predicação no sistema sintático das línguas naturais concentra-se nessa "projeção das propriedades de subcategorização do V".

A teoria sintática da predicação confere um papel central ao verbo, interpretando a sentença como FLEX + Radical verbal. FLEX atribui o caso nominativo ao argumento da esquerda, e o Radical atribui os casos acusativo, dativo ou ablativo aos argumentos da direita. Essa teoria integra as relações da predicação e de complementação separadas na abertura deste Capítulo, abrindo caminho a uma sorte de "predicação ampla", também conhecida na literatura sintática não gerativista como a teoria da va-

*

Ver Napoli

lência: Busse e Vilela 1986.

Outros itens, além dos Verbos, têm a propriedade de estabelecer uma estrutura argumental, e no momento presente da sintaxe gerativa tem-se investigado esse aspecto. Dentre os Nomes, manifestam essa propriedade os deverbais (como "destruição", "descoberta") e os abstratos (como "saudade", "doença"), porém não os denominadores (como "casa", "sapato"). Dentre os Adjetivos, são argumentais os não-inacusativos (como "desejoso", "estudioso", "difícil", "simpático"): Guasti 1991: 326. Dentre os advérbios, os advérbios de sentença têm sido considerados como hiperpredicadores: Kato-Castilho 1991. Quanto às Preposições, Napoli 1989 separa igualmente as complementadoras, que atribuem um papel theta ao seu argumento, como

(25) Fulano está por dentro da política.
(26) Essas crianças estão na droga.
(27) Meu cunhado veio depois de minha esposa,

entre outras razões porque tais preposições podem funcionar como escopo de advérbios, como em

(25a) Fulano está muito / absolutamente / totalmente por dentro da política,

das não-complementadoras, que se reduzem a transmitir o papel temático já atribuído pelo Verbo, como em

(28) Cozinhou a carne <u>para</u> Fulano.

(29) Não confie <u>em</u> traduções.,

Finalmente, há Preposições que concorrem com o Verbo para a constituição do predicado, como em

(30) Borrifou a planta com água.
/Pac/ /Tema/

(31) Borrifou água na planta,
/Pac/ /Lugar/

pois ela arrazoa que (i) em "borrifar com X", <u>com</u> é um predicador, pois atribui papel theta a X, ao mesmo tempo que em "com água" essa preposição participa do estado de coisas descrito por "borrifar"; (ii) em "borrifar em X", <u>em</u> não é predicador, visto que "na planta" é mero adjunto, e não integra a grade temática de "borrifar": Napoli 1989: 51.

Verbos, Especificadores, Nomes, Adjetivos, Advérbios e Preposições constituem diferentes âmbitos da predicação, para os quais Lobato 1986 propõe as seguintes notações:

1) Relação Especificador - núcleo do sintagma, notada *"pi-X"*.

* También hasta que separo —
comp. "discursivas"

2) Relação Verbo - SN, notada *"pi - SN"*. Incluem-se aqui os verbos predicadores de dois ou três lugares. Quanto aos verbos de um lugar, só poderiam ser considerados predicadores os intransitivos. Assim, há sentenças intransitivas que não são predicadoras, como as equativas, as apresentacionais, e as que se reduzem a expressões de tempo e de lugar. O que temos aí são sentenças do ponto de vista sintático, mas não sentenças do ponto de vista semântico: Napoli 1989.

3) Relação sentença matriz - sentença encaixada, como em

(32) É necessário que todos saiam,

notada *"pi - S"*.

Ultimamente, esforços têm sido feitos para a "sintaticização" de categorias discursivas como o tópico e o antitópico, no quadro da teoria estendida da predicação que venho tentando caracterizar. Tarallo-Kato et alii 1990 consideram que os tópicos tomam a S como seu sujeito (e nesse caso, o tópico é o predicador), enquanto que os antitópicos funcionam como sujeito de S (e nesse caso, a S é o predicador). Nos exemplos desses autores, em

(33) Fulano bebe cerveja,

há uma predicação, de "bebe" sobre "Fulano", ao passo que em

(34) Cerveja, Fulano bebe,

ou em

(35) Fulano bebe 0, cerveja,

há duas predicações, a primeira idêntica à de (33), e a segunda, gerada pela ocorrência do tópico em (34) e do antitópico em (35), conforme mencionei acima.

II.3.3 - Predicaçao e discurso

Há situações em que o predicador toma por sujeito um termo não codificado no enunciado, mas que integra o discurso como um de seus participantes. Nesses casos, direi que a predicação afetou o sistema discursivo da língua.

Sejam os seguintes exemplos:

(36) essa turma seguramente entrará em G3 a não ser que se faça um esforço (EF POA 278: 213),

(37) nas feiras hippies as pessoas naturalmente compram bugigangas.

Em (36), se o sujeito de seguramente é a proposição, teremos um caso de possibilidade epistêmica, causada pelo tempo futuro, como se observa pelas paráfrases

(36a) eu acho que P

(36b) talvez P

(36c) é provável que P.

Mas se entendermos que seguramente pode simultaneamente tomar por sujeito o locutor, veremos que (36) significará

(36d) eu estou seguro que o conteúdo de P não é seguro.

Em (36d), o autor da S assume perante seu interlocutor a asseveração contida no item "seguramente", mantendo incerto o conteúdo proposicional. Houve, portanto, uma predicação discursiva, gerando-se uma significação não contida nem no sentido lexical nem no significado decorrente do relacionamento entre o predicador e seu sujeito.

Em (37), nota-se que a predicação desencadeada por naturalmente pode gerar mais de um significado:

(i) Se o interlocutor processa tal S tomando por sujeito do advérbio toda a S, provavelmente ele a parafraseará como

(37a) é natural que as pessoas compram bugigangas nas feiras hippies,

e o advérbio estará modalizando asseverativamente a sentença.

(ii) Se ele considerar que o predicador adverbial está incidindo sobre o verbo, provavelmente interpretará o enunciado como

(37b) é hábito comprar bugigangas nas feiras hippies,

e o advérbio estará quantificando o verbo.

(iii) Finalmente, se o interlocutor estiver passando por uma feira hippie, e ouvir (37) de seu parceiro de conversação, ele poderá interpretar que o sujeito do advérbio, além dos acima indicados, pode ser ele próprio, identificando-se um efeito perlocutório, parafraseável mais ou menos assim:

(37c) visto que é verdadeiro que as pessoas compram bugigangas nas feiras hippies, e isso é até mesmo um hábito, L1 está achando natural que eu lhe compre algo.

Nessa interpretação, o advérbio estará concorrendo para o desencadeamento de uma inferência conversacional, vale dizer, de uma significação que, à semelhança de (36d), não se encontra nem no sentido nem no significado de (37).

Em exemplos como (36) e (37) explorou-se a força ilocucionária da predicação adverbial, caracterizando-se um caso de predicação discursiva, ou pragmática.

As observações feitas neste e no item anterior permitim que se estabeleça um plano de pesquisas para os Adv Predicadores.

II.4 - UM PLANO DE PESQUISAS

O conjunto das observações formuladas até aqui mostrou que o advérbio é uma classe eminentemente polifuncional. Neste trabalho, vou restringir minhas observações aos Advs Predicativos, abordando-os do ponto de vista de um Sintaxe Funcional.

A partir dos componentes da Sintaxe Funcional, mencionados no item anterior, várias questões podem ser formuladas: (1) A predicação adverbial e o sistema discursivo. (2) A predicação adverbial e o sistema semântico. (3) A predicação adverbial e o sistema sintático. Obviamente, cada questão dessas se desdobra em diversos itens. Não será possível, no estágio atual de nossos conhecimentos sobre o Adv, dar uma resposta cabal a perguntas tão ambiciosas. E na verdade, um plano tão ambicioso não passa, neste momento, de um "obscuro objeto de desejo". Um enorme conjunto de estudos monográficos terá de ser preparado para que possamos ter, um dia, uma verdadeira gramática referencial dos Advs. Encaminho nesta tese algumas respostas, e se algum mérito houver nisto será o de ter "colocado as idéias no lugar", abrindo caminho para os mencionados estudos monográficos.

II.4.1 - Predicação adverbial e sistema discursivo

Esse componente permite propor as seguintes questões:

(1) O fluxo da informação e os Advs Predicativos. Hopper 1979 hipotetiza, na linha dos já mencionados Benveniste e Weinrich, que uma narrativa se compõe da *figura* (foreground) e do *fundo* (background). A figura é o conjunto de sentenças que verbalizam os eventos dinâmicos, essenciais à narrativa, iconicamente sequenciados. Os verbos dessas sentenças exemplificam o Aspecto Pontual, seu sujeito é altamente tópico (isto é, pressuposicional), tem sempre o mesmo referente, e figura maiormente posposto ao verbo. O fundo, ao revés, é o conjunto de sentenças que verbalizam os estados e os eventos não-dinâmicos, não sequenciados. Seus verbos vêm no Aspecto Imperfectivo ou no Iterativo, o respectivo sujeito é novo (isto é, não-pressuposicional, não-tópico), assumindo diferentes referentes. Hopper destaca que esta é uma hipótese comprovada em algumas línguas, mas que merece, naturalmente, ser melhor explorada.

(2) Predicação adverbial definida e predicação indefinida. Esta questão se prende à articulação discursiva "definida / indefinida", ou "pessoal / impessoal", que vem sendo descrita por Dubois 1980 e Lavandera 1984, entre outros. Aparentemente, certos Advs se somam a outros dispositivos gramaticais para atribuir aos textos um tom de especificidade ou um tom de genericidade. Os Quantificadores Aspectualizadores e os Qualificadores Aspectuali-

zadores Pontuais parecem funcionar como tais dispositivos.

(3) A predicação dos participantes do enunciado e as significações aí criada. Se o sujeito estiver na enunciação, teremos uma predicação do ato linguístico (ou predicação pragmática), gerando-se as significações examinadas em (36d) e (37c).

(4) O "controle" do locutor sobre seu interlocutor pode dar-se através de determinados Advs Predicativos, seja para que ele realize certas ações, seja para que ele entenda como descodificar a mensagem. Advs Aspectualizadores como "normalmente" e Aproximadores como "praticamente" desempenham esse papel.

(5) O papel coesivo dos Advs não-Predicativos. Estas questões ultrapassam o recorte praticado nesta tese. Um projeto interessado nesta interessante interface "Advs - Nexos" deveria descrever os "nexos textuais", como fez Risso 1992, Advs sequenciadores tais como (i) *agora... o processo nos Estados Unidos foi inicialmente lento (EF SP 153: 64)*; (ii) *um primeiro exame [dos filmes de longa metragem desse período] permite constatar () a linha literária... a linha religiosa... e a erótica respectivamente com Rosas de Nossa Senhora... e Messalina... (EF SP 153: 301)*; (iii) *então falarei primeiramente sobre X... num segundo momento sobre Y... e finalmente sobre Z.*

! atenção

* isto me parece equivocado

** um problema de escopo e não de ordem da predicação

II.4.2 - Predicação adverbial e sistema semântico.

Os quesitos devem concentrar-se aqui no sub-sistema predicativo, como é natural. As seguintes perguntas podem ser feitas:

(1) Estatuto semântico da classe predicada. Se a classe predicada é uma categoria lexical referencial, teremos uma predicação de primeira ordem. Isso ocorre quando o Adv incide sobre um N não deverbal. Se a classe predicada é uma categoria lexical predicadora (Adj, V, outro Adv), teremos uma predicação de segunda ordem. Se a classe predicada é uma sentença, teremos uma hiperpredicação, ou predicação de terceira ordem. 1ª e 2ª ordem

A hiperpredicação é entendida como a "predicação mais alta", o que a habilita a funcionar como "predicação mais baixa". Seja o seguinte exemplo:

(38) Realmente, o menino é alto.

Em (38) temos dois significados possíveis:

(38a) é real que o menino é alto,

e o Adv é um predicador de terceira ordem, pois tomou toda a sentença como sujeito.

(38b) o menino é muito alto,

e o Adv é um predicador de segunda ordem, tendo tomado alto por seu sujeito.

A recíproca não é verdadeira. Assim, um predicador de segunda ordem como muito, em

(39) aquele aluno é muito esperto,

não tem a mesma amplitude de ação. Não poderia, por exemplo, modificar toda a sentença, como um hiperpredicador:

*(39a) * Muito aquele aluno é esperto.*

O correlato sintático disso é que os predicadores de nível mais alto têm uma mobilidade sintática maior que os de nível mais baixo, como se pode comprovar movendo os Advs de (38) e (39).

(2) Número de classes predicadas. A quantidade de classes modificadas pelo Adv - e já observei que o mesmo Adv pode incidir sobre mais de uma classe - explica a natureza dos significados gerados. Se o advérbio predicar uma única classe, o significado gerado será unívoco, ou prototípico. É a partir dessa sorte de significado único derivado de um "sujeito único" que as gramáticas tradicionais e as descrições linguísticas propõem as diferentes designações para os Adv. Se o advérbio predicar mais

de um sujeito, o significado gerado será plurívoco, como em (38).

II.4.3 = Predicação adverbial e sistema sintático.

Os Advs Predicativos podem ser constituintes do sintagma ou constituintes da sentença. Os quesitos sintáticos levarão em conta a distribuição dos Advs e seu estatuto sintático.

(1) Se o sujeito do Adv é um constituinte sentencial, teremos o advérbio de constituinte (AdvC), que será identificado por ser focalizável por <u>é que</u> [estrutura "é (Adv) que"] ou por <u>inclusive, só</u> [estrutura "inclusive/só (Adv)"].

(2) Se o sujeito do Adv é toda a sentença, teremos o advérbio de sentença (AdvS), que será identificado pela admissibilidade de paráfrases do tipo "é um [N deadverbial] que P" / "é um [Adj deadverbial] que P" / "falanto [Adv] que P".

(3) Com respeito à sua distribuição, o Adv Predicativo pode inserir-se no interior do sintagma, com a seguinte distribuição:

P1: antes do núcleo do sintagma:

P2: depois do núcleo do sintagma.

ou pode inserir-se na estrutura funcional da sentença, com a seguinte distribuição:

P1: antes da S;

P2: depois da S;

P3: entre o sujeito e o V;

P4: entre o V e seu argumento interno.

As pré-análises apresentadas nesta secção, bem como a consideração dos quesitos enumerados, permitem a elaboração de um **quadro tentativo dos Adv Predicadores.**

Tomei como referência, até este ponto, o quadro proposto por Ilari et alii 1989, de que apresentei nos itens anteriores alguns exemplos. Estendendo entretanto a análise dos dados, e tomando em conta a teoria da predicação aqui perfilhada, convenci-me de que uma ordenação mais consoante com a teoria e com os dados aconselham o seguinte re-arranjo da grande classe dos Adv Predicadores:

(1) Predicação por avaliação da classe-sujeito: Advérbios Modalizadores.

(2) Predicação por quantificação da classe-sujeito: Advérbios Quantificadores.

(3) Predicação por qualificação da classe sujeito: Advérbios Qualificadores.

Nunca será demais insistir em que as designações acima não remetem a itens adverbiais únicos e distintos, e sim a processos semânticos não excludentes, não opositivos, não negativos. Conforme deve ter ficado claro, um mesmo item pode desencadear mais de uma significação, gerando outras tantas ambiguidades que tipificam as línguas naturais como produtos de situações sociais. Assim, o valor semântico apurado representa aquilo que para o autor representou uma significação mais saliente, mais relevante para a interação em curso. Apenas isso. O estudo de realmente é, a esse respeito, exemplar, pois esse item tanto pode modalizar quando qualificar. Lakoff 1982: 176 e tantos outros já lembraram que os conceitos humanos são multifacetados.

Esses processos serão descritos nos Capítulos III, IV e V, respectivamente.

III.5 - O CORPUS DE ANÁLISE

Conforme indiquei na Introdução, o presente trabalho se insere na agenda do Projeto de Gramática do Português Falado, o qual se serve do chamado "corpus mínimo" do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta do Brasil (Projeto NURC).

O corpus mínimo foi organizado em estrita adesão aos princípios que nortearam o levantamento do acervo do Projeto NURC, conforme tive a ocasião de detalhar em histórico desse projeto: Castilho 1990.

Vê-se ali que foram gravadas entrevistas de três tipos: elocuções em atitude formal (EF), diálogos entre o informante e o documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). Os registros foram recolhidos nas cidades de Recife (REC), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA).

Os dados em que se fundamenta esta tese provêm do mencionado corpus mínimo, assim organizado:

	POA	SP	RJ	SSA	REC
EF	278	405	379	49	337
DID	45	234	328	231	131
D2	291	360	355	98	5

Procedi ao levantamento mais exaustivo possível, fichando as ocorrências dos Advérbios Predicadores nas transcrições dos materiais acima. Os dados de São Paulo foram publicados por Castilho-Preti Orgs. 1986 [EF] e 1987 [D2] e por Preti-Urbano Orgs. 1988 [DID]. Os do Rio estão em curso de publicação: Callou Org. 1992, Callou-Marques Orgs. 1993. As demais transcrições, em cópias datilografadas, estão recolhidas no arquivo da disciplina de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. As Universidades Federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul dispõem de arquivos semelhantes.

A análise será maiormente qualitativa, não havendo preocupação com índices de frequência ou cálculos probabilísticos. Indicações estatísticas ocorrerão incidentalmente, sempre que isso for de interesse para a argumentação em desenvolvimento.

As citações levam em conta o tipo de entrevista, a cidade em que foi recolhida, o número da entrevista e o número da linha da transcrição em que ocorreu o fato abonado. Exemplo:"EF SP 405: 340" quer dizer, elocução formal número 405, gravada em São Paulo, linha 340.

CAPÍTULO III - A PREDICAcAO ADVERBIAL MODALIZADORA

Analiso neste capítulo os Advérbios Modalizadores, começando por algumas considerações sobre o que é a modalização, seguidas de uma pré-análise dessa classe de predicadores. Dessa pré-análise resultou a identificação das seguintes classes de Modalizadores: (1) Epistêmicos (Asseverativos e Quase-Asseverativos), (2) Deônticos e (3) Pragmáticos (Subjetivos e Intersubjetivos). Finalmente, analiso as ocorrências dessas classes no corpus, procurando responder aos quesitos formulados no Capítulo anterior.

Pensar isto duas possibilidades

~~Por isso~~ excluir? os modalizadores dos estritamente "predicativos"?

Isto é:

a) Se predicação e uma relação entre dois predicados compatíveis

b) nessa forma de predicação o modalizador estabelece uma relação entre a sentença/proposição e o falante

incluir - esclarecer a natureza desta predicação

provavelmente [X]

É verdade [X]

(proposição)

sentido?

referência?

III.0 - A MODALIZAçÃO

Diferentes indagações de interesse para uma teoria da linguagem têm destacado a importância do Modo na estruturação sintática e na interpretação semântica das sentenças.

Mencionei anteriormente que a Gramática Tradicional distinguia dois grandes componentes da sentença: o componente proposicional, constituído de sujeito + predicado, que é o dictum, e o componente modal, que é uma avaliação sobre o conteúdo e sobre a forma do dictum, que é o modus.

A avaliação sobre o conteúdo e a forma da proposição expressa-se de dois modos: (1) o falante apresenta o conteúdo de P numa forma assevertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade, ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo.

Designa-se habitualmente o processo (1) por modalidade, e o processo (2) por modalização. Do ponto de vista semântico, essa distinção não parece sustentar-se, pois de todo modo há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar,

interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo, etc. Já do ponto de vista sintático há um fundamento em tal distinção, visto que a partir das modalidades se pode estipular uma tipologia sentencial e até mesmo eleger uma delas como ponto de partida para a reflexão. Este tem sido, aliás, o caso das sentenças assertivas afirmativas, consideradas as menos marcadas sintaticamente. Ora, como neste trabalho o ponto de partida predominante é o semântico, não perfilharei tal distinção.

Ultimamente, diversos estudos sobre a modalização sentencial têm sido publicados. Não vou resenhá-los, tarefa aliás já realizada em Danon-Boileau Org. 1976, Lyons 1977: Cap. 17, Koch 1984: 74-88, etc. Estou pondo de parte as reflexões que tomam como ponto de partida as postulações lógico-formais num sentido estrito, dadas as conhecidas assimetrias entre a linguagem formal e as linguagens naturais, e dada a posição teórica aqui assumida.

A modalização movimenta recursos linguísticos provenientes dos diferentes níveis hierárquicos da língua.

1) Na Fonologia Suprassegmental, os alongamentos vocálicos e a mudança de tessitura. O Projeto NURC/SP tomou como critério transcrever os alongamentos por meio de dois pontos, e a mudança de tessitura por meio de letras maiúsculas, nos casos de ênfase, como em

(1) *trabalhei mui::to... mas muito MESmo...*

* cf. pg. 158

seriam predicações? no sentido estrito?

2) Na Morfologia Flexional, os modos verbais indicativo, subjuntivo e imperativo. ok.

3) Entre as Classes de Palavras, (i) os Verbos Auxiliares modais dever, poder, querer, e os verbos de opinião como achar, crer, acreditar, que constituem sentenças parentéticas, como em

(2) ele vem logo, eu acho, mas em todo o caso você pode passar amanhã,

ou mesmo subcategorizam sentenças encaixadas, estudadas por Kovacci 1972, Vogt-Figueira, em Vogt 1989: 165-210; (ii) os Adjetivos, em expressões como

(3) é possível / é claro / é desejável que P,

e (iii) os Advérbios de Predicação Modalizadora estudados neste Capítulo.

4) Na Sintaxe, (i) os Sintagmas Preposicionados, como

(4) na verdade / em realidade / por certo P,

aqui denominados "adverbiais", e (ii) as Sentenças subordinadas modais.

Vejamos inicialmente algumas ocorrências de advérbios e de expressões adverbiais suscetíveis de verbalizar a avaliação do falante sobre as significações contidas na proposição:

(5) *realmente... [os filmes] eram muito ruins (EF SP 153: 580).*

(6) *provavelmente esse [cara] de dez mil [cruzeiros] vai fazer mais diferença (EF SP 388: 288).*

(7) *toda e qualquer cirurgia... no campo médico... (...) implica obrigatoriamente em despesas (DID REC 131: 29).*

(8) *infelizmente Recife é uma cidade de mais de um milhão de habitantes (D2 REC 5: 1067.*

(9) *sinceramente... não consegui... não consegui entender (D2 SP 62: 1369).*

As sentenças (5) e (6) têm em comum o fato de que os advérbios em -mente aí utilizados explicitam a apreciação do falante com respeito à natureza epistêmica da proposição.

Em (5), realmente apresenta o conteúdo de S como um conhecimento, isto é, o falante sabe que os filmes eram ruins, e por isso lança mão desse advérbio para predicá-lo, assim como poderia ter-se valido de outros predicadores semelhantes, o que se constata por meio das paráfrases

(5a) eu sei que os filmes eram muito ruins

(5b) é certo que os filmes eram muito ruins

(5c) é claro que os filmes eram muito ruins

(5d) na verdade, os filmes eram muito ruins

(5e) os filmes eram muito ruins mesmo.

Estamos diante, portanto, de uma necessidade epistêmica, e o caráter modalizador de advérbios desse tipo gera sobre seu sujeito sentencial a significação de enfatização do conteúdo proposicional (captado pela paráfrase 5e), revelando um alto grau de adesão do falante em relação a P (donde as paráfrases 5a-d).

Em (6), provavelmente predica o conteúdo de S apresentando-o apenas como uma crença, isto é, o falante acredita na veracidade de que o salário de dez mil cruzeiros vai fazer diferença para o cara, mas não pode comprometer-se com isso, expressando sua dúvida. Trata-se de uma possibilidade epistêmica, como se verifica através das paráfrases

(6a) eu acho que esse de dez mil...

(6b) eu penso que esse de dez mil...

(6c) eu acredito que esse de dez mil...

(6d) é provável que esse de dez mil...

(6e) talvez esse de dez mil...

Vou chamar os advérbios de (5) e (6) de Modalizadores Epistêmicos, admitindo que eles se organizam em duas subclasses, a

dos Asseverativos (como 5) e a dos Quase-Asseverativos (como 6). A distinção dessas subclasses fundamenta-se na significação prototípica que se queira gerar, situação em que podem co-ocorrer itens da mesma subclasse, como se vê em

(5f) *realmente... os filmes eram ruins mesmo / sem dúvida / efetivamente.*

(6f) *provavelmente esse cara vai fazer falta... eu acho / eu acredito / eu suponho.*

Em (7) o advérbio predica o conteúdo de S gerando a significação de que o estado de coisas ali descrito é uma obrigação, tem de necessariamente acontecer, donde as paráfrases

(7a) *toda cirurgia tem de implicar em despesas*
(7b) *é obrigatório que toda cirurgia implique em despesas.*

Vou chamar os Adv assemelhados a (7) de Modalizadores Deônticos. A significação gerada por eles corresponde à função deiderativa da linguagem, donde a noção de futuridade que a acompanha, como se vê em

(7c) *toda e qualquer cirurgia implicará obrigatoriamente em despesas,*

fato já destacado por Lyons 1977: II, 750.

Finalmente, em (8) o sujeito do advérbio se alarga, de forma a incluir o próprio locutor, sem prejuízo de continuar "acertando" o conteúdo de S. A predicação do locutor pode comprovar-se através da paráfrase

(8a) eu fico infeliz por constatar que Recife é uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

e a predicação do estado de coisas descrito por essa S se evidencia por meio da paráfrase

(8b) é uma infelicidade Recife ser uma cidade de mais de um milhão de habitantes.

Segue-se que em (8) infelizmente é simultaneamente um predicador discursivo e um predicador sintático, isto é, um predicador que toma por sujeitos um participante da enunciação e um constituinte do enunciado. Essa ocorrência confirma a hipótese anotada em II.4.2 O fato da dupla incidência desse advérbio não afeta a significação prototípica por ele gerada, como se constata através das paráfrases acima. É muito provável que a significação plurívoca só se dê quando os dois sujeitos do advérbio predicador estiverem no enunciado.

Vejamos agora a sentença (9). Comparando-a com (8), constata-se que infelizmente e sinceramente têm em comum tomarem por sujeito o locutor, como se vê, para o caso de (9), através de

* Pragmática

(9a) eu estou sendo sincero [em reconhecer] que não consegui entender.

mas distinguem-se pelo fato de que o advérbio de (9) não pode tomar o conteúdo de S como sujeito, donde

*(9b) * é uma sinceridade [reconhecer] que não consegui entender.*

Vou valorizar o fato de que (8) e (9) sejam predicadores de participantes da enunciação para dispô-los numa só subclasse dos Modalizadores, aqui chamada de Modalizadores Pragmáticos. Não ignoro o risco de usar um termo de significado tão amplo como "pragmático" para designar um tipo de Modalizador. Afinal, não adotei termos tais como "semântico" ou mesmo "sintático" para etiquetar os demais advérbios. E como deixei implícito na **Introdução**, reconheço que "sintático", "semântico" e "pragmático" (ou discursivo) são descritores utilizados para representar toda a maquinaria linguística. Tanto assim que, em trabalho preliminar, adotei o termo "Afetivos" para designar os advérbios de (8) e (9). Este termo também não é feliz, pois pode induzir o leitor a supor que os Modalizadores Epistêmicos e os Deônticos nada encerrem de afetivo, vale dizer, de subjetivo, o que é igualmente difícil de sustentar-se. Entre um risco e outro, prefiro o de selecionar a "mega-etiqueta" Advérbios Modalizadores Pragmáticos, visto que os Epistêmicos e os Deônticos parecem codificar melhor as funções referencial e conativa da língua, enquanto que estes retratam com vivacidade maior a função interpessoal. Se isto serve de consolo, ao menos não estou só na escolha de "pragmá-

tico" como etiqueta. Como se pode ver em II.1, outros Autores se viram na mesma contingência.

Por outro lado, os adjetivos que estão na base dos advérbios aqui examinados integram classes semânticas diversas. Infeliz (e feliz) são referenciados ao locutor, ao passo que sincero (e franco) põem em relevo a relação entre o locutor e o interlocutor, pois enquanto alguém pode assumir individualmente a qualidade de ser feliz ou infeliz, a qualidade de ser sincero ou franco só pode ser assumida em relação a outrem. Tais restrições seletivas justificam a impossibilidade de (9b), em face de (8b). Com base nessa observação, subdividirei os Modalizadores Pragmáticos em Subjetivos (advérbios de 8) e Intersubjetivos (advérbios de 9).

Do exposto conclui-se que é possível formular o seguinte quadro para a descrição dos Advérbios Modalizadores no português falado:

1. Modalizadores Epistêmicos

1.1 - Asseverativos

1.2 - Quase-Asseverativos

2. Modalizadores Deônticos

3. Modalizadores Pragmáticos

3.1 - Subjetivos

3.2 - Intersubjetivos

Enquanto os Modalizadores Epistêmicos e Deônticos são orientados para o sistema semântico da língua, os Modalizadores Pragmáticos são orientados para o sistema discursivo.

III.1 - MODALIZADORES EPISTEMICOS

Os Modalizadores Epistêmicos, como a própria designação deixa ver, expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição.

Os Epistêmicos Asseverativos indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo de P, apresentada por ele como uma afimração ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica. Desse tipo de predicação decorre um efeito colateral, que é manifestar o falante um alto grau de adesão ao conteúdo sentencial, donde a significação enfática que igualmente aí se identifica. Este aspecto particular da modalização epistêmica asseverativa foi descrito por Hare 1970, apud Lyons 1977: II, 749.

Os Epistêmicos Quase-Asseverativos indicam que o falante considera o conteúdo de P quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por iso mesmo ele se furta "a toda responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade [da proposição]": Barrenechea 1969: 320. Através dos Quase-Asseverativos, avalia-se P como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo que está sendo verbalizado.

III.1.1 = Modalisadores Epistêmicos Asseverativos

Os Asseverativos podem ser representados pelo predicador "eu sei com certeza que P". A asseveração pode ser afirmativa ou negativa. Foram encontrados os seguintes advérbios e adverbiais Asseverativos:

III.1.1.1 - Asseverativos Afirmativos: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, obviamente, reconhecidamente, logicamente, seguramente, verdadeiramente, certamente, absolutamente, forçosamente, fatalmente, incontestavelmente, inegavelmente, indiscutivelmente, indubitavelmente, exato, claro, certo, lógico, pronto, na realidade, sem dúvida, mesmo.* Alguns exemplos:

(10) *eu tenho vontade de ir lá (...) porque realmente é um espetáculo bonito (D2 SSA 98: 811)*

(11) *evidentemente a ele caberá tomar a decisão (DID REC 131: 260).*

(12) *bem... naturalmente havia festa de formatura (DID SP 242: 253).*

(13) *e portanto... todos os serviços... que ele presta... aos seus associados são efetivamente de um valor... inestimável (DID REC 131: 85).*

(14) *logicamente eu gostaria de fazer (D1 RJ 355: 109).*

(15) *nosso produto nacional é... eu acho... sem dúvida nenhuma a mulata (D2 POA 291: 680.*

(16) *aí vieram três pajés e ficaram duas horas suando ali em cima... mas fazendo os maiores estardalhaços e tal... acabaram tirando uma pena de passarinho... uma galinha... um negócio assim... pronto sarou (D2 SP 343: 768).*

III.1.1.2 - Asseverativos Negativos: *de jeito nenhum, de maneira nenhuma, coisa nenhuma.*

Como se pode inferir dos exemplos (10) a (16), os Asseverativos Afirmativos não são os responsáveis exclusivos pela criação do sentido de asseveração. Outros meios linguísticos concorrem para tal, entre eles a entoação e o modo verbal empregado. Os Asseverativos reforçam esse sentido, de que resultam sentenças mais enfáticas quanto a esse particular.

Borillo 1976: 80 diz que a asseveração está associada à evidência (donde evidentemente), à ordem natural das coisas (donde naturalmente), à necessidade (donde forçosamente) e à irrefutabilidade (donde incontestavelmente). Esse mesmo Autor mostra que alguns Asseverativos Afirmativos trazem uma marca negativa: são os que expressam a dúvida (sem dúvida, indubitavelmente), o refutável (incontestavelmente, indiscutivelmente) e o inescapável (inevitavelmente).

Foram identificados 254 Asseveradores em nossos dados, sendo 95% Afirmativos (242 ocorrências), e 5% Negativos (12 ocorrências). Dentre os Afirmativos, realmente toma a dianteira, distribuindo-se os itens da seguinte forma:

realmente:	*123/242 - 50%*
exato, claro, certo, pronto, lógico:	*50/242 - 20%*
outros em -mente:	*37/242 - 15%*
evidentemente:	*24/242 - 10%*
sem dúvida, na realidade, mesmo:	*8/242 - 5%*

A seguir, detalho algumas características do uso de realmente, de acordo com o plano previamente traçado.

O lugar de figuração predileto de realmente é a estrutura funcional da S. Encontrei apenas 15 ocorrências no interior do sintagma (12,3%), contra 108 ocorrências na estrutura funcional (87,7%).

Com relação às posições sentenciais, era de esperar-se a predominância de P1 ou de P2, isto é, antes ou depois da S, mas os valores aí apurados são quase idênticos aos da distribuição intra-sentencial: 50 ocorrências em P1 e em P2 (46,2%), contra 58 em P3 e P4, isto é, entre o sujeito e o V, e entre o V e seu argumento (53,8%). Vejamos alguns exemplos das ocorrências "sentenciais":

Em P1 na sentença:

(17) realmente você vê que aqui você passa melhor (D2 SSA 98: 452).

(18) e agora realmente ele não gasta muito (D2 SP 360: 387).

(19) realmente eu nunca havia visto frutas assim.

Em P2 na sentença:

(20) [indústrias] aonde é capacidade de realizar a mão né? sem a máquina realmente (EF RJ 379: 54).

(21) porque eles comem bastante coisa realmente (D2 SP 360: 326).

Entretanto, fixando a atenção nas ocorrências em P1 e em P2, constata-se uma forte preferência pela posição antes de S, em que há 46 casos (92%) contra 4 em P2 (8%). Isto faz desse Adv um hiperpredicador, atuando como um AdvS, como se comprova por

(17a) é uma realidade P
(17b) é real que P

Em Kato-Castilho 1991 aparece uma argumentação distinta da que acabo de fazer; parte-se ali da hipótese da harmonia trans-sintagmática, que Kato 1982/1988 vem sustentando. Segunda essa hipóte-

se, que toma em conta a estrutura argumental do Adv, é possível encontrar propriedades comuns nos verbos, nos adjetivos e nos advérbios modais. Assim, os Adv Modalizadores seriam ergativos, e tomam a S como seu argumento interno único.

Por outro lado, a posição periférica desse Adv em relação à S permite a modalização de outros modalizadores já aí contidos, ocorrendo uma predicação de segunda ordem, como em

(22) realmente... deve ser uma delícia ter uma família gran/ (D2 SP 360: 63)

(23) então eu acho realmente 0 (DID RJ 328: 338)

(24) se ele não for eu não sei realmente (D2 SP 360: 359).

As sentenças (22) e (23) mostram a combinatória de Asseveração com a não-Asseveração, isto é, afirma-se que se tem certeza sobre a impossibilidade de ter certeza.

Internando-se esse Adv pela sentença, nas posições 3 e 4, produz-se uma significação agregada à significação prototípica de asseveração afirmativa, obtendo-se um valor plurívoco:

Em P3 na sentença:

(25) e o molho realmente tem usos (D2 POA 291: 303).

(26) chega a Grande Guerra com o Japão realmente sendo uma das grandes potências (EF RJ 379: 98.

Em P4 na sentença:

(27) eu tenho realmente muito cuidado (DID RJ 328: 308).

(28) uma definição... na qual mostra realmente 0 (EF REC 337: 280.

(29) os associados tratam... realmente como já disse das vantagens salariais (DID REC 131: 183).

Em (29) o Adv assume uma significação plurívoca. Pode ser interpretado como Asseverador:

(29a) é real que os associados tratam das vantagens salariais,

e como Focalizador:

(29b) os associados tratam exatamente / inclusive das vantagens...

Ilari 1989 trata a significação contida em (29b) como um caso de "verificação de coincidência com um protótipo".

A mesma plurivocidade ocorre quando esse Adv figura antes do núcleo (P1) dos seguintes sintagmas:

* parece que a "classe" sintática do sintagma "modificador" é irrelevante.

A) Sintagma Adjetivo:

(30) *é realmente parecido (DID RJ 328: 202).*

(31) *entrega um instrumento realmente científico (EF REC 337: 343).*

(32) *é o prolongamento realmente mais acentuado (EF SSA 49: 176).*

(33) *com toda sua população realmente excessiva (EF RJ 379: 170).*

B) Sintagma Preposicionado

(34) *com uma preocupação realmente de homem de ciência (EF REC 337: 352).*

C) Sintagma Verbal Composto, considerando-se como seu núcleo o V auxiliado:

(35) *espera-se que em algum tempo possa-se realmente reformularem (D2 POA 291: 1261).*

(36) *aquele que vai realmente prestar (DID REC 131: 240).*

(37) *eu não estou realmente familiarizado (DID REC 131: 157).*

(38) *a situação está realmente preocupando.*

Em (30) à significação asseverativa afirmativa agrega-se a significação graduadora intensificadora:

(30a) é real que é parecido,
(30b) é muito parecido.

O mesmo se pode dizer de (31) a (33), observando-se que em (32) co-ocorre com outro Graduador, mais.

Em (34) o valor agregado, tanto quanto em (29), é o de focalização:

(34a) com uma preocupação na verdade de homem de ciência,
(34b) com uma preocupação exatamente de homem de ciência.

Nas perífrases contidas nas sentenças de (35) a (38), o Adv afeta mais diretamente o V principal, desempenhando o papel de AdvC, como se vê em:

(35a) possa-se é realmente reformularem
(35b) possa-se somente reformularem,

desencadeando uma predicação de segunda ordem, e mantendo seu valor prototípico de asseveração:

(35c) possa-se na verdade reformularem.

Entretanto, comparando (36) com

(36a) aquele que realmente vai prestar

(36b) aquele que vai prestar realmente,

observa-se que a contiguidade do Adv com o V principal concentra a asseveração sobre o estado de coisas descrito por esse V, desviando-a da futuridade de (36), da possibilidade de (35), da resultatividade de (37) e da imperfectividade de (38), desencadeadas, respectivamente, pelos V auxiliares ir, poder, e estar. Isso quer dizer que em (36) se assevera a predicação expressa pelo V principal, ao passo que em (36a) e em (36b) assevera-se a futuridade do estado de coisas expresso por prestar, e assim por diante.

Nem sempre é possível identificar com segurança a posição ocupada por realmente. Em diversos enunciados ele parece flutuar entre duas Ss, funcionando como uma espécie de conector. Para fazer ressaltar esse duplo estatuto, adotarei um procedimento de transcrição distinto, como em

(39) *aquela tinta é uma tinta especial... quer dizer...*

realmente...

a...a...a fosforescência dela é muito intensa

(D2 SSA 98: 489).

Em (39) o Adv vem intercalado por pausas. Ele assevera que "aquela tinta é especial", e ao mesmo tempo abre caminho para uma

explicação mais detalhada sobre sua propriedade de fosforescência. Tal Adv, por assim dizer, "olha para trás" e "aponta para frente", numa dupla articulação, o que faz dele um Marcador Conversacional. Conforme aponta Marcuschi 1987, essa é uma das propriedades dos Marcadores, que entre outras funções servem para organizar o texto.

O polifuncionalismo dos Adv assume, assim, uma nova fisionomia, estendendo-se para o domínio do discurso e, por via de conseqüência, para o texto. Ele pode, por exemplo, reforçar a intenção de manter a interação, como se vê em

(40) L1 - (...) a nossa conversa está em torno de dinheiro... de inflação... de desvalorização da moeda... e eu acho que primeiro por incapacidade minha... despreparo em relação a mercado de capitais...e...a outros...

L2 - daí vamos fazer um curso...

L1 - <u>exatamente</u>... em outros campos de aplicação de dinheiro... eu acho... todo o dinheiro que eu ganhar... eu primeiro aplicaria sempre em obra de arte... (D2 RJ 355: 213).

Nota-se que em (40) o poder predicador de <u>exatamente</u> produz as seguintes significações:

(40a) concordo com Você em que o melhor será fazer um curso, visto que não estou sabendo encaminhar a conversa sobre dinheiro,

em que exatamente é um Asseverador da P de L2, e

(40b) quero continuar a conversa com Você e aceito sua correção,

em que exatamente assevera a intenção de L1 em manter a conversa.

Outros Asseverativos como exato, claro, certo, lógico e pronto têm enquanto Marcadores Conversacionais uma taxa de ocorrência significativa. Eles são construídos sobre uma base adjetiva, e Basílio 1989 caracterizou o estatuto gramatical desses itens, indubitavelmente adverbiais. Eles modalizam asseverativamente a fala do outro, frequentemente em situações de heterocorreção, e assinalam a intenção de manter o diálogo. No primeiro caso, desempenham o papel de predicadores do enunciado, e no segundo, desempenham o papel de predicadores do discurso:

(41) L1 - é a qualidade...

L2 - naturalmente...exato... qualidade... eu acho que a qualidade é um negócio sensacional (D2 POA 291: 78).

Uma significação aditiva é a fática, pois Asseverativos como certo sinalizam que se entendeu a estratégia discursiva do interlocutor, como neste exemplo, em que o Inf assegura ter entendido o alcance da pergunta que lhe foi formulada pelo Doc:

(42) *Doc - a senhora chega no cinema a senhora faz o quê ?*

Inf - *certo* *eu*

acho que antigamente o cinema (...) (DID SP 234: 542).

As propriedades semântico-pragmáticas desses Asseveradores permitem sua utilização como demarcadores das Unidades Discursivas, fato que assinalei em trabalho anterior: Castilho 1987. Secundariamente, evidencia-se que os Marcadores Conversacionais não são uma classe gramatical, acolhendo-se aí diferentes classes lexicais e mesmo não lexicais, conforme argumento no trabalho acima.

Algumas indagações, não contempladas nos quesitos enumerados em **II.4**, dizem respeito a uma possível correlação entre a presença dos Epistêmicos Asseverativos e a estratégia discursiva adotada, e consequente tipo de texto que está sendo produzido.

Chamou-me a atenção a desigual concentração desses Adv nas entrevistas. Assim, eles se ausentam por completo nas receitas de comida (D2 POA 291: 163-195, DID RJ 328: 385-455), nos relatos da vida familiar (DID POA 45) e nos momentos de "armação do raciocínio" (como no EF POA 278: 88-109). Percebe-se que os conteúdos não objetáveis dessas passagens dispensam o Adv. Em contrapartida, eles são altamente frequentes nos trechos em que se tiram consequências de um raciocínio (EF POA 278: 109-125), e nas entrevistas gnômicas, em que o nível de informatividade é baixo,como neste trecho:

(42) *normalmente... quando existe um presidente [de sindicato]... que: procure defender... os interesses da classe... que seja realmente dinâmico... no sentido amplo da palavra... o sindicato realmente sofre um processo... evolutivo... nós verificamos por exemplo que determinados sindicados realmente tomam... um passo... adiante (DID REC 131: 57-61).*

Nesta entrevista, ocorreram 107 advérbios em 429 linhas de transcrição, dos quais 48 são modalizadores. Pode-se reconhecer aqui mais uma evidência do "sotaque sintático" de que falam Tarallo et alii 1989. Constata-se ademais que ao primeiro realmente sucedem-se vários outros, num trecho escassamente informativo, em que o falante se entrega a uma estratégia de argumentação altamente previsível. É mais uma manifestação do "efeito-gatilho", que gera textos paralelísticos, já bem estudados no Português do Brasil, como se vê no balanço de Scherre 1988: 408-415. Confinados à camada proposicional da língua-cebola dascalina, será melhor não *"superestimar a eficiência"* significativa desses Adv, para parodiar Labov 1987: 329. Entretanto, se nos movermos para a camada pragmática, e ficarmos atentos à importância dos Asseveradores como operadores argumentativos, tais Adv ganharão outra importância. Parece que para acrescentar relevo a informações irrelevantes o locutor esforça-se por conferir um tom de autoridade à sua fala, recheando-a de Asseveradores.

Em outras situações, como destacou Rodolfo Ilari em comunicação pessoal, o Adv realmente presta-se a uma sorte de manobra do locutor, que se antecipa uma reação do interlocutor. Assim, num re-

lato de visita ao Norte do país em que se destaca a multiplicidade de frutas desconhecidas dos sulistas, o locutor detecta um momento de desconfiança por parte do interlocutor, em face de tanto exotismo junto. Para abortar uma intervenção, ou para preservar sua face, ele se sai com esta modalização:

(43) mas frutas realmente que eu nunca havia visto (DID RJ 328: 77).

Tanto em (42) quanto em (43) o que se assevera não é apenas o conteúdo de P, e sim a disposição do falante em sustentá-lo, associando-se a predicação pragmática à predicação sintática. De novo o Adv é um predicador de dois lugares, fenômeno já examinado anteriormente.

III.1.2 - Modalizadores Epistêmicos Quase-Asseverativos

Os Modalizadores Epistêmicos Quase-Asseverativos podem ser representados pelos predicadores "eu acho", "eu suponho", "é provavel que P". Foram identificados os seguintes itens com esse papel: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente*. Alguns exemplos:

(44) eufemismo besta... que se usa apenas... por assim um negócio histórico... afetivo (D2 REC 5: 1034).

(45) agora outro tipo de escola que talvez não tenha esse objetivo (DID SSA 231: 110).

(46) mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de de Recife ... provavelmente é superior a qualquer uma do país (D2 REC 5: 302).

(47) eventualmente eventualmente as linhas eróticas... e a religiosa se cruzam (EF SP 153: 302).

(48) e possivelmente passe essa fase (D2 SP 360: 226).

Foram encontrados 183 Quase-Asseverativos no corpus, com a seguinte frequência de uso:

assim	*132/183 - 72%*
talvez	*29/183 - 16%*
provavelmente	*10/183 - 5,5%*
eventualmente	*9/183 - 4,5%*
possivelmente	*3/183 - 2%*

A Gramática Tradicional considera assim um advérbio de modo, isto é, um Qualitativo, na classificação de Ilari et alii 1989: 21, nas construções em que esse Adv é Qualitativo Quase-Argumental, como em

(49) agindo assim você ainda acaba se dando mal.

Trato desse tipo de ocorrência no Cap. V. Não é evidentemente ao assim Qualificador que me refiro aqui. Trata-se de um Adv muito frequente na LF, o qual anuncia uma categoria sintática, seja um constituinte sintagmático, seja um constituinte funcional da S. No estudo citado acima, Ilari propõe a designação tentativa de "flag" para captar a função desse Quase-Asseverativo. Ele tem uma distribuição bastante regular, sempre após o núcleo sentencial (57% das ocorrências), ou antes ou depois do núcleo sintagmático (43% das ocorrências):

Em P4 na sentença, além de (44):

(50) vez por outra... vocês terão assim... um pouco ... da Sociologia... (EF REC 337: 250).

(51) a gente precisa...assim... de diversão.

Em P1, nos Sintagmas Adjetivo e Adverbial:

(52) hoje parece assim meio... incrível (EF SP 405: 360).

(53) eu não lembro mais... assim muito... (DID RJ 328: 197).

Em P2, no Sintagma Nominal:

(54) um olhar assim um tanto voltado à realidade (EF REC 337: 359)

(55) um potezinho assim com flores (DID POA 45: 36).

Sustento que em todos os exemplos acima esse Adv modaliza o conteúdo do constituinte à sua direita, prevenindo o interlocutor de que não há o compromisso de uma afirmação peremptória sobre "ter Sociologia" e "precisar de diversão", em (50) e (51), "ser incrível", em (52), "lembrar muito", em (53), e assim por diante. Note-se sua co-ocorrência com Qualificadores Graduadores e Aproximadores nesses exemplos, aos quais assim agrega um caráter quase-asseverativo.

A Análise da Conversação tem descrito esse Adv como um preenchedor de silêncio: por não saber o que dizer, o locutor "recheia" o vazio conversacional com esse item, evitando a perda do turno. Em primeiro lugar, é complicado sustentar que o locutor perde às vezes o domínio sobre sua fala. Por outro lado, a verdadeira questão será explicar por que, nessa situação, ele seleciona o item assim e não outro qualquer. Retomando a intuição de Ilari, podia-se identificar nas propriedades fóricas de assim seu licenciamento para os usos acima reunidos. Ele retoma o conteúdo do item anterior e anuncia alguma especificação que será verbalizada posterioremente, seja através do argumento do V, seja através do complemento do N, do Adj ou do Adv. Trata-se, portanto de uma classe simultaneamente fórica, algo como, em (55)

(55a) um potezinho... um potezinho com flores,

e predicativa, isto é

(55b) estou falando de um potezinho, acho que ele tem flores.

Essas paráfrases permitem avançar que do ponto de vista predicativo o Adv que vimos analisando tem um significado unívoco, atuando como predicador de primeira ordem. Não posso deixar de reconhecer, entretanto, que ao lado disso, o Adv assim afeta igualmente a fala, como uma sorte de operador metalinguístico, o que vem atestar uma vez mais o caráter polifuncional da classe.

III.2 - MODALIZADORES DEÔNTICOS

Os Modalizadores Deônticos predicam o conteúdo de P que passa a ser entendido como um estado de coisas que precisa ocorrer obrigatoriamente. Não é mais o valor de verdade de P que está em jogo, como na classe anterior.

Considerada amplamente, a modalização deôntica compreende a obrigação, a proibição, a permissão e a volição. Quirk et alii 1985 consideram-na como uma modalidade intrínseca (= há um controle humano sobre os eventos), ao passo que a modalização epistêmica é extrínseca (= não há esse controle).

Dada a natureza dos materiais do Projeto NURC, constituídos por entrevistas tematicamente orientadas, em que prevalece a função referencial da linguagem, não se criam as condições discursivas para uma larga emergência dos Deônticos. Afinal, são escassíssimas as situações de interação espontânea, em que o locutor precisasse atuar fortemente sobre o interlocutor. Disso decorrem resultados muito modestos, na verdade 8 ocorrências, sendo 7 de "necessariamente" e 1 de "obrigatoriamente". Exemplos:

(56) *toda e qualquer manifestação que a gente for procurar vai ter que estar necessariamente ligada a esta preocupação vital (EF SP 405: 101).*

(7) toda e qualquer cirurgia... no campo médico... (...) implica obrigatoriamente em despesas.

A posição preferida dos Deônticos foi a P1 sentencial:

(57) não que necessariamente ele precise saber que... (EF POA 278: 690.

(58) agora... para ele chegar à análise ele tem que ter passado pelo conhecimento... pela compreensão... mas não necessariamente 0 precisa aplicar (EF POA 268: 348),

mas os exemplos anteriores mostram uma distribuição sentencial P4 em (7) e uma distribuição sintagmática P2 em (56), neste caso co-ocorrendo com um V também deôntico.

Em qualquer uma dessas distribuições é patente que se trata de um AdvS:

(56a) é necessário que toda e qualquer manifestação (...) vai ter que estar ligada a esta preocupação vital.
(56b) é uma necessidade que P.

(7a) é obrigatório que toda e qualquer cirurgia implique em despesas.

Em todas essas posições, esses Adv preservaram seu valor semântico prototípico.

III.3 - MODALIZADORES PRAGMATICOS

Vimos nos subcapítulos anteriores que os Modalizadores Epistêmicos enquadram a proposição do ângulo de seu valor de verdade, enquanto que os Modalizadores Deônticos o fazem do ângulo da obrigatoriedade de sua ocorrência.

Os Modalizadores Pragmáticos deixam P num discreto segundo plano. Vou sustentar que eles predicam basicamente os participantes do discurso, verbalizando as reações do locutor (ou do locutor em face do interlocutor) diante do conteúdo proposicional. Em suma, eles são decididamente orientados para o discurso.

Eles exemplificam a função emotiva da linguagem e podem ser representados pelo predicador "eu sinto X (diante de Y) em face de P". Há dois tipos de Modalizadores Pragmáticos: os Subjetivos e a dos Intersubjetivos, mas os limites entre eles são muito frouxos.

III.3.1 - Modalizadores Pragmáticos Subjetivos

Os Pragmáticos Subjetivos põem em relevo os sentimentos que são despertados no locutor pelo conteúdo proposicional, e por isso podem ser parafraseados por "eu fico [Adj] que P" / "eu V

[deadverbial] por P"/ "é (um) N [adverbial] que P". Trata-se, portanto, de um predicador de segunda ordem. Ocorreram os seguintes itens dessa subclasse: *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, estranhamente.* Alguns exemplos:

(59) *felizmente ainda não começaram [aquela fase mais difícil] (D2 SP 360: 49).*

(60) *não existe preocupação no Brasil... ainda... lamentavelmente (D2 POA 291: 125).*

(61) *curiosamente... é nesse ano que os mineiros conseguem depois de anos de esforço... completar "O Calvário de Dolores" (EF SP 153: 580).*

Esses Adv são biorientados: eles predicam o locutor e o conteúdo da P, como ressalta destas paráfrases:

(59a) *eu fiquei feliz porque P*
(59b) *é uma felicidade que P*

(60a) *eu lamento que P*
(6ab) *é lamentável que P*

(61a) *eu fico curioso [ao constatar] que P*
(61b) *é uma curiosidade que P.*

As distribuições sentenciais P1 e P2 são quase categóricas (90%), mesmo nas incisas, como em:

(62) *o nosso con/ concurso felizmente para o nosso caso estendeu-se mais (D2 SP 360: 585),*

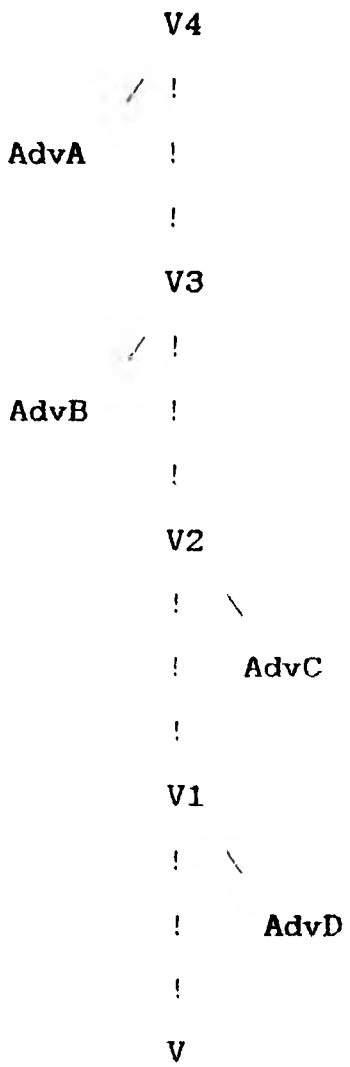
e não há dúvida que se trata de um AdvS. Aliás, o estatuto sintático desses Adv tem sido abundantemente examinado na literatura.

Jackendoff 1972 sustenta que estes Adv integram uma classe sintaticamente mais alta que a de todos os Modalizadores examinados até aqui. Para isso, ele argumenta que a S, sendo uma projeção da categoria lexical V, corresponde a um V3, que domina estes AdvS, as sentenças parentéticas e as relativas, o SN sujeito e o Auxiliar.

Nakajima 1982 retoma essas idéias, propondo antes uma classificação dos Adv segundo diferentes classes de dominância: Grupo A (*fortunately, happily, sadly, surprisingly, astonishingly*, que correspondem aos nossos Predicadores Pragmáticos); Grupo B (*probably, possibly, maybe, certainly, evidently, clairly*, que correspondem aos nossos Predicadores Modalizadores); Grupo C (advérbios restritivos de Lugar e de Tempo, Frequência e Instrumento, os dois primeiros dos quais correspondem aos Não-Predicadores Circunstanciais, segundo Ilari et alii 1989: 95, e o terceiro, aos nossos Predicadores Quantificadores Aspectualizadores); Grupo D, integrado pelos nossos Predicadores Qualificadores Quase-Argumentais. Como a cada classe corresponde um tipo de subcategorização, na ordem "de cima para baixo", isto é, de A para D, ele conclui ser necessário acres-

* Etudaw ist.

centar mais uma camada à proposta de Jackendoff, entendendo S como um V4, de acordo com a seguinte representação:



Os Adv dos Grupos C e D podem ocorrer sozinhos na posição de foco, e portanto são AdvC nos termos adotados em nossa análise sintática. Já os Adv dos Grupos A e B não podem ser focalizados, como se pode ver em

*(59c) * foi felizmente que ainda não começaram*

*(59d) * inclusive / só felizmente ainda não começaram.*

*(6g) * é provavelmente que esse cara vai fazer mais diferença.*

*(6h) * inclusive / só provavelmente esse cara vai fazer mais diferença.*

O Modalizador Quase-Asseverativo de (6) só se torna focalizável quando se toma por escopo também um argumento de S, como em:

(6i) é provavelmente esse cara que vai fazer mais diferença

(6j) inclusive provavelmente esse cara vai fazer mais diferença,

mas nesse caso (i) é o argumento de S que está sendo focalizado, e (ii) o Adv assume o valor agregado de Focalizador.

III.3.2 - Modalizadores Pragmáticos Intersubjetivos

Os Pragmáticos Intersubjetivos põem em relevo os sentimentos do locutor diante do interlocutor, em face do conteúdo de P, e por isso podem ser parafraseados por "eu sinto X diante de Você devido a P". Trata-se de um predicador de segunda ordem (sendo que, como predicador pragmático, ele toma por sujeito a primeira e a segunda pessoas), com escassa representação no corpus: identifiquei apenas "sinceramente" e "francamente"; "ingratamente" parece ser um

caso à parte. Exemplos:

(9) sinceramente... não consegui... não consegui entender.

(63) francamente ... os advérbios me desconcertam.

(64) não me recordo... não me recordo também... ingratamente não me recordo do apresentador do programa (DID SP 161: 481).

Esses Adv predicam o locutor, o interlocutor e o conteúdo de P, como se vê por estas paráfrases:

(9a) sou sincero com Você a propósito de P
(63a) sou franco com Você... os advérbios me desconcertam,

e a tríplice seleção de seu sujeito impede paráfrases do tipo

*(9b) * é uma sinceridade que P*
*(63a) * é uma franqueza que P.*

Sua distribuição é nitidamente periférica, embora pudessem figurar como P3 sentencial:

(9c) eu sinceramente não consegui entender
(63b) os advérbios francamente me desconcertam.

Na figuração P4 sentencial eles podem mudar de classe, tomando como sujeito apenas o V, e atuando como Qualificadores Quase-Argumentais, como em

(64) falei francamente sobre a dificuldade que os advérbios levantam,

isto é,

(64a) falei com franqueza sobre...

De todo modo, não ocorrem no interior dos espaços sintagmáticos, salvo se se tratar de SV.

Não é fácil identificar o estatuto sintático desses Adv, creio que devido à complexidade de sua propriedade predicadora. O teste (9b) mostra que não se trata de um AdvS - e o mesmo se pode dizer de "francamente". Seriam então AdvC ? Também não:

*(9c) * é sinceramente que não consigo entender.*
*(9d) * só sinceramente não consigo entender*

O caso de "ingratamente" é ainda mais ingrato, pois aparentemente ele "passa" por todos os testes, o que é igualmente despistador:

(64a) é uma ingratidão que P,

logo, AdvS.

(64b) ? só ingratamente não me recordo

(64c) ? é ingratamente que não me recordo

logo, AdvC.

Talvez seja necessário retomar o princípio da harmonia trans-sintagmática, desenvolver análises dos adjetivos que estão na base desses Adv para retomar esta busca de seu estatuto sintático.

CAP. IV - A PREDICAÇÃO ADVERBIAL QUANTIFICADORA

Descrevo neste capítulo os Advérbios Quantificadores, começando por uma caracterização do que é a quantificação, seguida de uma pré-análise dos dados apurados no corpus. Dessa pré-análise resultou a identificação de duas classes de Quantificadores: (1) Aspectualizadores Quantitativos e (2) Delimitadores. As diferentes ocorrências são então analisadas, de acordo com o plano apresentado no Cap. II.

IV.0 - A QUANTIFICAÇÃO

A Predicação Quantificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificado sua extensão, isto é, sua propriedade de designar um conjunto de indivíduos.

O termo quantificacão é relativamente novo na Linguística, na qual veio a substituir o termo extensão, de largo curso entre lógicos e matemáticos: Pinto 1977: 42. Extensão aparece, por exemplo, na Lógica de Port Royal, por contraste com compreensão. hoje substituída por intensão:

> *"J´appelle compréhension de l´idée les attributs qu´elle enferme en soi, et qu´on ne peut lui ôter sans la détruire, comme la compréhension de l´idée d´un triangle enferme extension, figure, trois lignes, trois angles, et l´égalité de ces trois angles à deux droits, etc. J´appelle étendue de l´idée les sujets à qui cette idée convient, ce qu´on appelle aussi les inférieurs d´un terme général, qui à leur égard est appellé supérieur, comme l´idée du triangle en général s´étend à toute les diverses espèces de triangles": Arnauld et Nicole 1662: 166, apud Touratier 1989: 42.*

O par "compreensão/extensão" aparece, por conseguinte, numa gramática racionalista como a de Soares Barbosa, particularmente quando esse gramático trata dos adjetivos, que descreve em termos de "qualidades individuais" (= intensão) e de "quantidade de indivíduos" (= extensão):

> *"Os adjetivos determinativos aplicam aos nomes comuns e os determinam a um sentido individual de dois modos: ou caracterizando-os por certas qualidades individuais, ou contando-os e aplicando-os a certo número e quantidade de indivíduos". Moraes Barbosa 1803: 98.*

Para bem demarcar essas propriedades, alguns autores têm sugerido que os termos "extensionalidade" e "intensionalidade" sejam reservados à Lógica, e "extensão" e "intensão", à Linguística. A diferente sufixação desses termos é justificada por Touratier 1989: 43, que argumenta que a Linguística trata de entidades reais, ao passo que a Lógica trata de entidades virtuais, fora do enunciado. De todo modo, vou servir-me aqui desse par de conceitos para distinguir Advérbios Quantificadores, operadores da extensão, de Advérbios Qualificadores, operadores da intensão.

Ao codificar a quantificação, a língua movimenta diferentes níveis hierárquicos:

1) Na Morfologia Flexional, os morfemas de número, e na Morfologia Derivacional sufixos tais como -itar, -ejar e poucos mais.

2) Na Sintaxe, Sintagmas Nominais e Preposicionais cujo N disponha de certas propriedades intensionais caracterizadas adiante, e/ou sejam especificados por Quantificadores (Numerais, Pronomes Indefinidos, Expressões Partitivas); Sintagmas Adjetivais cujo núcleo seja um Adj Quantificador: Castilho e Moraes de Castilho 1993; Sintagmas Adverbiais, como aqueles examinados neste capítulo.

Ao conceituar a quantificação, não é incomum que a atenção se fixe numa dessas classes, particularmente na dos Nomes, como se pode ver nesta definição de Lyons, em que o conhecido semanticista procura distinguir "determinação" de "quantificação":

> *"The distinction between determiners and quantifiers may be drawn, informally but well enough for the purpose, as follows: determiners are modifiers wich combine with nouns to produce expressions whose reference is thereby determined in terms of the identity of the referent; quantifiers are modifiers which combine with nouns to produce expressions whose reference is thereby determined in terms of the size of the set of individuals or in terms of the amount of substance that is being referred to". Lyons 1977: 454-455.*

Neste Capítulo, pretendo demonstrar que além dos Nomes, também os Verbos, os Adjetivos e as Sentenças podem ser quantificados. Isto significa que um Quantificador será entendido como um predicador, fato reconhecido por Leech 1974: 171.

Sendo um predicador, e não um argumento, os Quantificadores (1) não podem ser graduados e (2) podem ser negados.

Sejam os seguintes exemplos:

(1) *uma vez por semana eu me dou o luxo de comer do::ces... sabe? (DID RJ 328: 47).*

(1a) *nenhuma vez por semana eu me dou o luxo de...*

(2) *agora... como muitas vezes o brasileiro tem a mania de se receitar... (D2 POA 291: 646).*

(2a) *não muitas vezes o brasileiro.../ raras vezes o brasileiro...*

(3) *no entanto não se usa [chapéu]... um ou outro que usa normalmente (D2 POA 291: 800).*

(3a) *? não normalmente um ou outro usa chapéu / excepcionalmente um ou outro usa chapéu*

(4) *está sempre emperrado aquilo lá (DID POA 45: 4).*

(4a) *nem sempre está emperrado aquilo lá*

(5) *você encontra fruta-de-conde a cada passo (DID RJ 328: 103).*

(5a) você encontra fruta-de-conde não a cada passo

(6) então eles seguido estão aqui (DID POA 45: 148).

(6a) eles não seguido estão aqui

(7) estamos pensando não ofi/ oficialmente não está encerrado [ter mais filhos] D2 SP 360: 79).

(8) geologicamente, a Serra do Mar é uma falha na crosta terrestre, não uma cadeia de montanhas.

(8a) a Serra do Mar é uma cadeia de montanhas de acordo com a percepção popular, não geologicamente.

(9) alguém mais quer dar palpites aí ? (EF POA 278: 248).

*(9a) * alguém não mais quer dar palpites ?*

(10) todo mundo vai ao cinema, menos você.

*(10a) * todo mundo vai ao cinema, não menos você.*

Nos exemplos acima, os Adv e Adverbiais grifados interferem na extensão das classes a que se aplicam.

Em (1) uma vez por semana modifica "dar-se o luxo de" para indicar que o estado de coisas descrito por essa expressão tem uma ocorrência singular, em contraste com (2) a (6), em que o estado de coisas descrito pelos respectivos predicados verbais têm uma ocorrência pluralizada. Pode-se reconhecer que a quantificação implicou

numa "restrição ou ampliação de extensão". Denominarei Aspectualizadores os Adv aí assinalados.

Em (7) e (8) a operação foi distinta. Circunscre-se agora a extensão de "estar pensando" aos limites dados pelo Adv oficialmente e geograficamente. Há uma "limitação de extensão", e assim o predicado verbal não ultrapassa o campo especificado por esse Adv. Chamarei Delimitadores de Domínio os Adv que desencadeiam esse tipo de modificação.

Caberia discutir se (9) e (10) exemplificam outros processos de predicação quantificadora. Parece que não, pois as expressões aí grifadas adicionam ou subtraem conjuntos. A diferença dos Aspectualizadores e dos Delimitadores, que trazem uma contribuição ao sentido da classe-sujeito, aspectualizando-a ou delimitando-a, em (9) e (10) o que temos são operadores de conjuntos inteiros, que são meramente adicionados ou subtraídos, sem qualquer contribuição semântica ao seu escopo. Essas expressões ilustram o processo não-predicativo de verificação de inclusão / exclusão, e por isso não podem ser negados.

As duas subclasses acima têm em comum, portanto, funcionarem como operadores de quantificação. A quantificação não parece interferir nos traços constitutivos do sentido das classes-sujeito. Ampliar a extensão (via Aspectualizadores) ou circunscrevê-la (via Delimitadores de Domínio), não implica em alterar o sentido lexical de base dos itens afetados.

A seguir, procurarei descrever cada um dos Adv de Quantificação identificados nesta pré-análise.

IV.1 - QUANTIFICADORES ASPECTUALIZADORES

Vou interpretar o Aspecto neste trabalho como uma categoria semântica por meio da qual (i) qualificamos o estado de coisas descrito por um predicador (= V, Adj, Adv ou N deverbal), retratando os graus de seu desenvolvimento ou os estados daí decorrentes e (ii) quantificamos o estado de coisas descrito por esse predicador, especificando o número de vezes em que ele ocorre.

O Aspecto é símbolo e representação, e portanto não depende do contexto enunciativo para ser depreendido. Ele adere às ações, aos eventos e aos estados por meio dos quais representamos a realidade. Para isso, o aspecto dispõe de um referente fixo, estável, dado pelo sentido contido no radical do item predicador (conhecido como o "modo da ação" [al. Aktionsart], no caso dos Vs), o qual interage com as flexões do tempo, os argumentos verbais, as propriedades dos Vs auxiliares, os adjuntos adverbiais e o padrão sentencial. Ao longo dessa interação, o sentido lexical de base pode ser mantido, ou pode ser alterado. Em suma, não dispondo de morfologia própria, o Aspecto tem um forte caráter composicional, ponto que venho sustentando há tempos: Castilho 1968, 1984c.

Algumas ocorrências permitem perceber como o Aspecto se organizou na língua portuguesa:

(11) *você primeiro arruma as malas... você já está na rua... a mala já está arrumada (D2 SSA 98: 1644).*

(12) *fecha os olhos e concentra-se: por que os vizinhos vivem dizendo tantas coisas sobre sua família ?*

(13) *pôs-se a citar de memória as dívidas de cada um de nós, calou-se por um momento e acabou de fumar o seu charuto.*

Cada um desses exemplos pode ser encarado de diferentes ângulos quanto à expressão de Aspecto.

Confrontando a totalidade dos predicados verbais dessas sentenças com "está arrumada" de (11), constata-se que aqueles representam a realização da ação em si, ao passo que este destaca o resultado da ação. Há portanto uma distinção entre "operação da ação" e "resultado da ação", o que permite identificar o Aspecto Operativo e o Aspecto Resultativo, como macrocategorias que ordenarão o quadro aspectual.

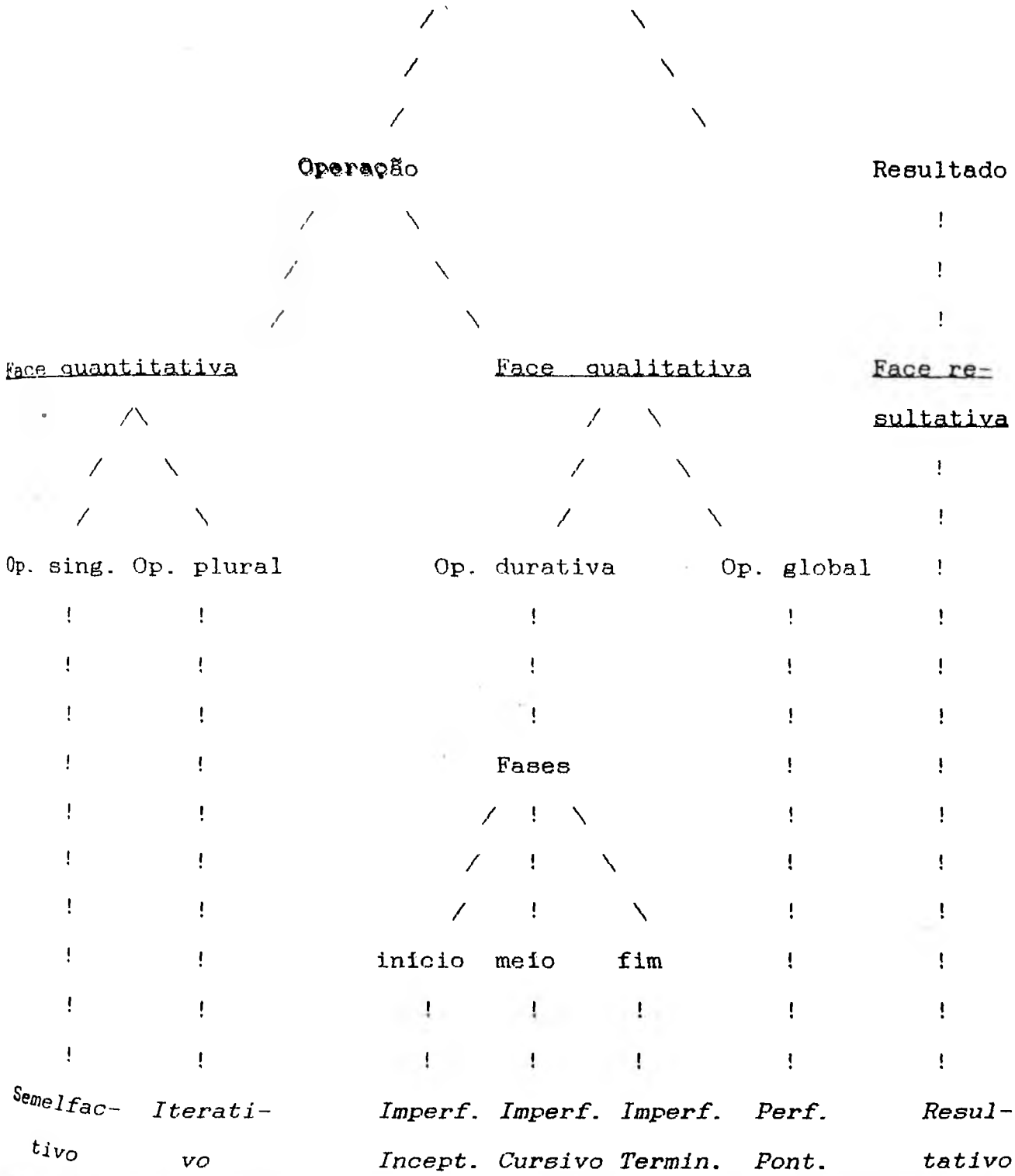
Em "fecha", "calou-se" representa-se uma ação télica, isto é, uma ação cujo começo coincide com seu desfecho, sem uma duração relevante. A ação télica ou global é aquela que tende inexoravelmente a um fim [gr. télos], sem o qual não se pode dizer que a ação foi operada. Este é o Aspecto Perfectivo. Em "calou-se + por um instante", o Adverbial compromete o traço de telicidade de "calar-se", e a resultante é durativa. Já em "arruma", "vivem dizendo", "pôs-se a

citar" e "acabou de fumar" representa-se uma ação atélica, isto é, uma ação que tem existência tão logo iniciada, sem necessidade de um desfecho. Este é o Aspecto Imperfectivo, no qual é possível reconhecer-se diferentes fases de processamento: uma fase inicial, dada por "pôs-se a citar" (Imperfectivo Inceptivo), uma fase medial, retratada em pleno curso de seu desenvolvimento, dada por "arruma", "vivem dizendo", "calou-se por um momento" (Imperfectivo Cursivo) e uma fase final, dada por "acabou de fumar" (Imperfectivo Terminativo). Constata-se que o Aspecto Operativo tem uma face qualitativa.

Em "arruma", "está arrumada", "fecha", "pôs-se a citar", "calou-se", "acabou de fumar", a operação da ação ocorreu uma única vez, ao passo que em "vivem dizendo" a ação de "dizer" ocorreu mais de uma vez. Constata-se que o Aspecto Operativo tem uma face quantitativa, distinguindo-se a ocorrência singular ou reiterada (Aspecto Semelfactivo) da ocorrência múltipla ou habitual (Aspecto Iterativo).

Seria um erro exercer, a respeito do Aspecto, o *"either-or thinking"*, pois cada ocorrência verbal assume simultaneamente mais de uma face, combinando-se os planos que separei acima. A variedade dos estados de coisas representados pela predicação verbal requer um quadro pluridimensional, e assim as subclasses de Aspecto não operam numa forma estanque, o que seria antifuncional. Mas como analisar é separar o que vem ligado, proponho a seguinte matriz do Aspecto, na tentativa de apreender essa variedade:

Modelo semântico do Aspecto



Buhler 1934 propôs a divisão dos campos linguísticos em símbolo e dêixis. Continuo sustentando que Aspecto e Tempo são categorias distintas. O Aspecto se inscreve no campo simbólico, e Tempo, no campo dêitico. Reconheço as dificuldades de explicitação dessa diferença numa língua como a portuguesa, em que o Aspecto não foi codificado pela Morfologia. Entretando, os argumentos favoráveis à diferenciação me parecem mais fortes. Vou elaborar um pouco esta matéria, antes de descrever os Aspectos Aspectualizadores.

O Tempo, como categoria dêitica, não tem referente fixo, e sua interpretação tem sempre de ser mediada pela Pessoa, que fornece um quadro de referências no qual se localiza o estado de coisas descrito pelo Verbo numa perspectiva anterior, simultânea ou posterior ao ato de fala. Entre as diversas teorias sobre o Tempo, vou concentrar-me na de Bull 1960, dada a influência que esse linguista exerceu nos que se lhe seguiram.

Bull começa por separar o "tempo público", que é uma consideração do tempo como uma realidade objetiva (que lembra, ademais, o "tempo cronológico" de outras vertentes teóricas), do "tempo pessoal", que é a interpretação humana dessa realidade (vale dizer, o "tempo linguístico"). Ele prefere partir do tempo público, que provê uma perspectiva mais rigorosa para a abordagem da matéria.

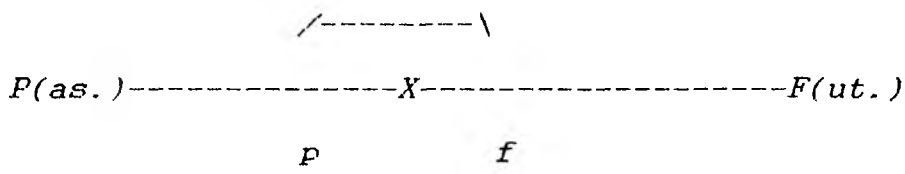
O tempo público se reveste de dois atributos básicos: (i) o tempo como <u>ordem</u>, isto é, como uma sequência de eventos dispostos num eixo de orientação, e o tempo como <u>intervalo</u>, isto é, como um

espaço que medeia entre um evento e outro no eixo de orientação.

Para desenvolver o conceito de ordem. Bull apresenta os seguintes argumentos: (1) O tempo é habitualmente concebido como uma linha reta, bidirecional e infinita *A<--->B*. Ela é bidirecional por que tanto podemos considerar os eventos de A para B, numa relação de posterioridade, como de B para A, numa relação de anterioridade. (2) Nessa representação gráfica do Tempo, os eventos deverão ser dispostos nessa linha, para o que precisaremos de pontos de referência. O presente, ou seja, o ato de fala, pode servir como um ponto primário de referência. Como o presente existe em função do passado e do futuro, e representa um ponto X no movimento do passado para o futuro, sua inserção na linha vai transformá-la num "eixo de orientação", isto é, a linha do tempo vai ser animada de uma direção, assimilando-se a um vetor. Representação gráfica: *A<---X--->B*. (3) Ao dispor os eventos no eixo de orientação, teremos de considerar a relação entre eles, visto que haverá eventos sequenciais, como nas narrativas cronológicas *(E1 + E2 E3...Ex)*, ou eventos simultâneos, quando ocorrem duas diferentes sequências de eventos, como, por exemplo, o evento em si e o "evento-ato-de-fala". Ao incluir em sua argumentação o ato de fala como um evento, Bull parece estar deixando o "tempo público" e ingressando no "tempo pessoal".

O conceito de ordem não é suficiente para dar conta dos atributos do tempo. Se o tempo é linear, e se os eventos se dispõem numa série na linha do tempo, isso implica em que há uma forma de relacionamento dos eventos entre si, isto é, há um intervalo entre

um evento e o outro. A própria concepção do presente como um "ponto primário" na linha do tempo já traz embutida em si a noção de intervalo. Afinal, o presente segundo Bull não é um mero limite entre o passado e o futuro; sendo um ponto nessa linha, e como o ponto não tem dimensão, como casá-lo com a linearidade típica do tempo ? O presente é, na verdade, um intervalo de tempo, pois é constituído de uma parte do passado e de uma parte do futuro, percepção que aparece em autores que antecederam Bull. Em princípio, o presente jamais seria apreensível, pois ao dizermos, por exemplo, "neste momento Fulano chega", o evento simultâneo ao ato de fala já se escoou, integrando-se no passado. Na esteira de Bull, Klum 1961: 59 elaborará mais esta teoria do presente, a qual não poderei reproduzir aqui. De todo modo, o último gráfico terá de ser re-elaborado para dar conta dessas reflexões:



X = ponto matemático presente, separando P e F

p-f = intervalo presente, constituído de uma amostra arbitrária de P e F: Klum 1961: 59.

Ordem e intervalo são, portanto, dois atributos básicos do tempo. Que consequências teóricas podem ser tiradas disso, e qual é sua importância no estudo dos adjuntos adverbiais?

Como já disse, o conceito de ordem dos eventos implica no de direção. Isto é, se os eventos podem dispor-se bidirecionalmente na linha do tempo, segue-se que qualquer ato de observação tem também ele uma orientação com respeito aos eventos observados. O observador *P* pode focalizar um evento simultâneo, que ele observa como se fosse um fenômeno "visto de dentro". Esse ponto de vista sobre o evento exclui a direção. Representando a direção dos eventos por meio do vetor *V*, diríamos que nesse caso o vetor é zero, *oV*. Se o evento é anterior a *P*, a direção é negativa, e o vetor é negativo, *-V*. Se o evento é posterior a P, a direção é positiva, e o vetor é positivo, *+V*. Isso quer dizer que qualquer direção de observação fixa pode ser considerada como um vetor, e todas as direções de observação possíveis a partir de *P* podem então ser expressas pelas fórmulas

E(P -V) *E (P oV)* *E (P +V)*

Estas são "fórmulas vetoriais" para a representação do tempo: Bull 1960: 14.

O conceito de intervalo leva ao de distância, isto é:

> *"entre dois eventos não simultâneos quaisquer há certa distância definível, que é um intervalo de tempo descobrível* ***x****, que será chamado* ***escalar****. isto é, uma quantidade que não tem direção e que, em termos de quaisquer séries, é bidirecional":*

Bull 190: 14.

A distinção entre vetor e escalar permite analisar diferente os advérbios de tempo - e, como veremos, também os Advs Aspectualizadores -. Assim, em *"cheguei aqui muito tempo antes de você"*, "antes" dá uma indicação vetorial, pois mostra que se focalizou um evento anterior ao ponto primário, ao passo que "muito tempo" dá uma indicação escalar, pois mostra que se focalizou a distância entre um evento e o outro. Analogamente, em *"cheguei aqui duas horas após"*, a função escalar está preenchida por "duas horas" (= intervalo sem direção), e a função vetorial está preenchida por "após".

Bull continua sua argumentação, propondo um construto que representa o sistema máximo das possibilidades temporais. Trata-se de um conjunto de fórmulas a que correspondem conjuntos de morfemas nas línguas naturais. Como é óbvio, nenhuma língua esgota as possibilidades abertas pela matriz de Bull, o que abriu à pesquisa que se seguiu um interessante veio para as comparações entre as línguas. Mas suspendo aqui a resenha, pois já disponho dos elementos para minha argumentação em favor de uma distinção entre Tempo e Aspecto.

Parece-me que toda a questão está em que a concepção do Tempo depende crucialmente do entendimento de que há um intervalo entre um evento e outro. Os calendários criados pelas diferentes culturas valem-se da noção de intervalo de tempo, calcando-se na observação de fenômenos naturais. Um dia é o intervalo entre a manhã e a noite. Uma semana, o intervalo entre a segunda-feira e o domingo,

e assim por diante. Ora, o intervalo é um conceito fundamentalmente simbólico, visto que por essa categoria representamos o estado de coisas em sua dimensão espacial, em seu desdobramento, em sua sucessão.

O Aspecto, em contrapartida, não depende, como o Tempo, da postulação de conceitos híbridos, procedentes, uns, do campo simbólico, como o intervalo, outros, do campo dêitico, como a inserção do ponto primário na linha do tempo. Bull deixa claro que o Presente é o tempo simultâneo ao tempo do falante, ao tempo da primeira pessoa do discurso. Quer dizer que o conceito de Aspecto é primordial, vale dizer, o Aspecto - mesmo tendo um inegável caráter composicional - tem a autonomia que lhe é dada pelo léxico da língua, em sua função de representar o mundo. Não é razoável nem necessário conceber o Aspecto como uma sorte de "tempo interno". Insisto em que Aspecto é símbolo, é um conceito auto-sustentado, independente da enunciação. Nas palavras de Hopper 1982, *"aspect depends on an absolute, observer-independent shaping of a state or action"*. Os estados de coisa duram ou não duram, e a pespectiva temporal em que isso se dá é irrelevante. Já o Tempo é dêixis, e depende da Pessoa do discurso, que fornece os parâmetros para que se entenda o que é anterior, simultâneo ou posterior, tanto quanto depende da noção de intervalo ou duração entre um ponto e outro. O Tempo pressupõe o Aspecto, mas este não pressupõe aquele. Não admira que na fase de aquisiçao da linguagem primeiro venha o Aspecto, como categoria primitiva, e depois o Tempo, como categoria derivada: Lemos 1987. Estes argumentos, que assentam num trabalho que escrevi em 1966 (Castilho 1968), vol-

tariam a ser debatidos em Comrie 1976: 5 e em Lyons 1977: II, 705. Mas parece que foi Jakobson 1957: 134-135 quem primeiro formulou com clareza as diferenças entre uma categoria e outra:

> *"Aspect characterizes the narrated event itself without involving its participants and without reference to the speech event. () aspects quantify the narrated event. Tense characterizes the narrated event with reference to the speech event. Thus the preterit informs us that the narrated event is anterior to the speech event".*

Que interesse tem essa discussão para a descrição dos Advs? É que há Advs escalares, que remetem à duração, e Advs vetoriais, que especificam os pontos no eixo do tempo. Esses Advs entretêm diferentes relações com o tipo semântico do predicador, compondo-se de diferentes maneiras. Aparentemente, Advs escalares + Vs atélicos confirmam a imperfectividade destes (como em *"andaram durante três horas"*); combinados com Vs. télicos, suscitam a iteratividade (como em *"caíram durante três horas"*). De outro lado, Advs. vetoriais + Vs atélicos especificam uma imperfectividade inceptiva (como em *"andaram às três horas"*, isto é, *"começaram a andar às três horas"*); combinados com Vs télicos, confirmam a perfectividade destes (cmo em *"caíram às três horas"*). Esta formulação precisaria ser amplamente testada, pois há incompatibilidades entre determinados Vs télicos e adverbiais escalares, como em *"* achei seu anel durante três minutos"*, que é uma sentença bloqueada, talvez, pelo tipo de

argumento interno.

Nesta parte do Capítulo IV, tratarei da face quantitativa do Aspecto, de acordo com o modelo semântico proposto acima.

Os Adv Quantificadores podem selecionar um único indivíduo do conjunto descrito pela classe-sujeito, ou mais de um indivíduo. Vamos chamar "Semelfactivos" aos Adv Quantificadores do primeiro tipo, e "Iterativos" aos do segundo.

Os dados exemplificam esses dois tipos de predicação aspectualizadora, com acentuada variedade de formas para a expressão dos Adv Quantificadores Aspectualizadores Iterativos.

IV.1.1 - Aspectualizadores Semelfactivos

Os Semelfactivos predicam quantitativamente um indivíduo:

(14) *[P1] e uma vez por semana eu me dou o luxo de comer do::ces... sabe ? (DID RJ 328: 47).*

(15) *[P2] quando chega em cima você espera... pega o trem novamente e desce (D2 SSA 98: 637).*

Em (14) e (15) selecionou-se apenas um indivíduo dos conjuntos "dar-se o luxo de comer" e "pegar o trem", isto é, o estado de coisas aí descritos foram apresentados como tendo ocorrido apenas uma vez.

IV.1.2 - Aspectualizadores Iterativos

Os Iterativos predicam mais de um indivíduo do conjunto. Pode-se observar que esses indivíduos vêm apresentados de uma forma indeterminada, não especificada, quando o Adv termina em -mente, ou são apresentados de uma forma determinada, especificada, quando o Adv, ou mais propriamente, o adverbial, (i) inclui a palavra "vez", (ii) é um SP quantificado de que se omitiu o núcleo. Finalmente, o Quantificador "sempre" é um pouco mais complicado, pois acrescenta à quantificação o conteúdo de permanência, ficando a meio termo entre os Quantificadores e os Qualificadores.

IV.1.2.1 - Advérbios em -mente

Expressam a Quantificação Aspectualizadora Iterativa os advérbios em -mente construídos a partir de Adjs em cujas propriedades intensionais se encontre o traço de frequência. Os exemplos apontam para uma posição sentencial P1 preferida, mas há ocorrências também no interior do sintagma:

A) Na estrutura sintagmática

(16) *[P2 no SN] então... quando tem ( ) uma jantinha... então se entra nos mínimos detalhes... um negócio <u>geralmente</u> com requinte... claro*
(D2 POA 191: 125)

(17) *[P2 num SN com vários complementadores] e.. eu mesmo... aqui...agora no gabinete de fotografia... <u>constantemente</u> de terno... não é... não dá! (D2 POA 291: 924)*

Os exemplos (16) e (17) levantam a questão da classe predicada pelos Quantificadores grifados. Seria contra-intuitivo admitir que os Advs grifados afetam apenas as classes manifestadas na superfície. A admissibilidade dessa análise nos levaria a restringir a quantificação adverbial ao constituinte que se segue: "geralmente com requinte", "constantemente de terno", o que seria, no mínimo, estranho. Uma interpretação mais adequada leva a postular que tais Adv predicam um Verbo elíptico:

(16a) *um negócio que geralmente se organiza com requinte*

(17a) *eu vivo constantemente de terno aqui no gabinete*

A escalaridade de "geralmente" e "constantemente" é indefinida, isto é, não se especifica o intervalo entre a organização de um negócio e a organização do próximo negócio. É necessário consta-

tar, ainda, que por meio desses Advs se quantifica o estado de coisas descrito pelos Vs respectivos, sem que se anule a face qualitativa de cada um deles. Estou tentando dizer que em (16a) e em (17a) temos a iteração de estados durativos. A iteração é dada pelos Advs escalares em questão, e a duração, pela atelicidade dos Vs.

B) Na estrutura funcional de S

(18) *[P1] o meu problema é doce... raramente eu como doce... (D2 POA 291: 551)*

(19) *[P1] geralmente essas ocasiões são muito breves... quando elas...se elas existirem (D2 POA 291: 1159)*

(20) *[P1] normalmente a gente tira exatamente o pedaço do livro (EF POA 278: 332)*

(21) *[P1] é... normalmente a gente tem que esperar (D2 POA 291:346)*

(22) *[P3] porque o que acontece mensalmente ou trimestralmente... né... é mais subdividido (D2 RJ 355: 160)*

(23) *[P2] bom... eu exijo sempre a salada... ahn... verdura... isso ... diariamente (D2 POA 291: 401)*

Os exemplos (18) a (21) quantificam seus sujeitos numa forma indeterminada, isto é, não se especifica o número de vezes em

que se dá o estado de coisas descrito pelo verbo. Isso decorre da escalaridade dos Advs utilizados. Já em (22) e (23) o tipo de Adjetivo que está na base desses Adv. implica numa quantificação determinada, especificada pelas regularidades do calendário. Temos aqui Advs vetoriais.

Outros exemplos de Aspectualizadores Iterativos em -mente: *ela sistematicamente não corresponde (D2 SP 255: 150); eu leio jornal habitualmente (D2 SP 255: 1172); [esses técnicos] são frequentemente aventureiros (EF SP 153: 254); esporadicamente há concertos de grandes orquestras (D2 SP 333: 333); [andava] constantemente de fraque (D2 SP 396: 29); repetitivamente predomina o mercado [de filmes] que eu chamo de lixo americano (D2 SP 333: 397); incluí aquele que nós comumente chamamos de verbo (EF SP 124: 372).*

IV.1.2.2 - Adverbial constituído de um SN tendo por núcleo vezes.

Sejam os seguintes exemplos:

(24) *[P1] tu viajas deixa o apartamento e muitas vezes essa segurança também pifa (D2 POA 291: 1382).*

(25) *[P1] ao rever os seus objetivos muitas vezes o professor se dá conta de que (...) (EF POA 278: 60).*

(26) *[P2] também nós ouvimos... muitas vezes (EF POA 278: 361).*

(27) *[P3] a tradução literal... palavra por palavra... muitas vezes não permite... (EF POA 278: 167).*

(28) *[P3] então uma mesma questão muitas vezes pode exigir... ãh... diferentes processos mentais (EF POA 278: 108).*

(29) *[P3] se usa muito o termo extrapolação (EF POA 278: 221].*

Outras combinações de "vezes":

(30) *[P2 no SN] a temperatura às vezes de 40 graus à sombra... o pessoal de gravata e calça comprida (D2 POA 291: 788).*

(31) *[P1] inúmeras vezes já vi professores [sem paletó e gravata] e eu mesmo já fui... (D2 POA 291: 894).*

(32) *[P1] o brasileiro come muito mal (...) às vezes... muitas vezes talvez seja o... o aspecto do... do poder aquisitivo de cada um...né ? (D2 POA 291: 19)*

(33) *[P3] não... não come [peixe cru] já se fez várias vezes... na tua casa mesmo (D2 POA 291: 50).*

(34) *[P1] algumas vezes já vi [essas danças] até já enjoei (DID POA 45: 478).*

(35) *[P2] mandavam a gente copiar a mesma lição uma porção de vezes (DID POA 45: 344).*

Os dados acima encerram um conjunto de fenômenos que poderiam ser assim examinados: (i) o sentido de vezes, (ii) a omissão desse item, e (iii) o tipo de quantificação desencadeada pelos adverbiais formados a partir dessa base.

IV.1.2.2.1 - Com respeito ao item vezes, Ilari 1992 discrimina vez_1, que expressa "a reiteração cíclica de eventos", construindo expressões que respondem à pergunta "quantas vezes ?", de vez_2, "ensejo", "ocasião", "oportunidade", que "intervém nas expressões "certa vez", "uma vez", "normalmente utilizadas para introduzir desenvolvimentos narrativos bastante amplos". Naturalmente é de vez_1, vetorial, que estou tratando aqui. Os exemplos mostram vetoriais indeterminados, mas poderíamos ter tido vetoriais determinados, como "trinta vezes", "milhões de vezes", etc.

IV.1.2.2.2 - É comum omitir o núcleo do SN constituído por vezes, restando apenas o Especificador Quantificador preenchido por muito, pouco, bastante, numa forma aparentemente neutra, preservada a noção de iteratividade:

(36) *esta comida se faz muito na China,*

isto é,

(36a) *esta comida se faz muitas vezes / habitualmente na China.*

(37) *eu que saio bastante (DID POA 45: 103).*

(37a) eu que saio bastantes vezes

(38) nós visitamos muito pouco (DID POA 45: 129).
(38a) nós visitamos muito poucas vezes

(39) se usa muito o termo extrapolação (EF POA 279: 221)
(39a) se usa muitas vezes o termo extrapolação
(40) a gente visita tão pouco (DID POA 45: 120)
(40a) a gente visita tão poucas vezes.

Esse processo de adverbialização dos Quantificadores Indefinidos (= Pronomes Indefinidos, na terminologia adotada pela NGB) lembra a adverbialização de Adj estudada por Basílio 1990.

Também um adjetivo participial pode sofrer o mesmo processo de omissão de vezes e recategorização da classe remanescente:

(41) então eles seguido estão aqui (DID POA 45: 148)
(41a) então eles seguidas vezes estao aqui.

IV.1.2.2.3 - A iteratividade representada pelos adverbiais que vimos examinando pode ser universal, partitiva ou distributiva.

(1) Na Iteratividade Universal, o Adv seleciona a totalidade dos indivíduos que compõem o conjunto descrito pela classe-sujeito:

(42) *síntese é toda vez que for produzida uma nova comunicação (EF POA 278: 360)*

(43) *chove em São Paulo todas as vezes que saio sem guarda-chuva.*

(2) Na Iteratividade Partitiva, o Adv seleciona uma parte dos indivíduos que compõem o conjunto descrito pela classe-sujeito, como em muitas vezes [exemplos (24) a (29)], poucas vezes, às vezes [exemplos (30) e (32)], inúmeras vezes [exemplo (31)], várias vezes [exemplo (33)], algumas vezes [exemplo (34)], uma porção de vezes [exemplo (35)]. A quantificação partitiva se acentua naqueles casos em que antes de vezes aparece a Prep de, como em a maior parte das vezes, a menor parte das vezes.

(3) Finalmente, na Iteratividade Distributiva o Adv seleciona alguns desses indivíduos, omitindo outros:

(44) *cada vez que chego à Universidade, lá está ele plantado na porta.*

(45) *esse meu orientando me procura umas vezes sim, outras vezes não, já estou ficando maluco por causa dos prazos.*

A tipologia de Adv Aspectualizadores que acabo de propor tem a vantagem de fundamentar-se nas estratégias de codificação da Quantificação. Creio que, por isso mesmo, é superior à tipologia de Molinier 1982, que alude a (i) Adv de frequência nula ("jamais"),

(ii) Advs de frequência fraca ("acidentalmente, episodicamente, excepcionalmente", etc.), (iii) Advs de frequência elevada ("frequentemente, muitas vezes, constantemente") e (iv) Advs de frequência neutra ("anualmente, semanalmente, semestralmente", etc.).

V.1.2.3 - A quantificação Aspectualizadora Iterativa é também expressa por adverbiais vetoriais formados por um SP quantificado, cujo núcleo preposicional foi omitido, sendo que o N tem por referente intervalos de tempo:

(46) *todo mês nós temos um jantar de diretoria (DID POA 45: 10)*

(47) *cada três meses também tem um jantar dançante (DID POA 45: 12)*

(48) *quase todos os anos tem aqui no Rio Grande do Sul (DID POA 45: 89)*

(49) *porque toda a hora é chá da Igreja aqui... chá do colégio ali (DID POA 45: 115)*

(50) *a gente todo o dia pegava com uma amiguinha (DID POA 45: 271)*

(51) *você encontra fruta-de-conde a cada passo que você dá (DID RJ 328: 103)*

(52) *confesso que fiz isso com muito mais frequência quando diretor do Instituto (D2 POA 291: 896)*

Não é difícil reconhecer nos exemplos acima os mesmos processos de quantificação universal, partitiva e distributiva mencionados em IV.1.2.2.3.

IV.1.2.4 - Sempre

Esse Quantificador Aspectualizador Iterativo ocorre no interior da estrutura sintagmática, separando o verbo auxiliar do auxiliado, ou na estrutura funcional da S, em P3 e P4. Talvez mais acentuadamente que os anteriores, ele quantifica sua classe-sujeito, sem apagar seu modo de ação imperfectivo ou perfectivo.

A) Na sintagma verbal, em P1

(53) *é a nossa opinião... é que as pessoas... ao... ao comerem ou ao saborearem um prato fiquem sempre perguntando como é... como foi feito. (D2 POA 291: 145)*

(54) *está sempre emperrado aquilo lá (DID POA 45: 4)*

(55) *ele vai sempre querer mais*

B) Na estrutura funcional da S

(56) *[P3] eu sempre vou a Caxias (DID POA 45: 107)*

(57) *[P3] todo o pessoal sempre faz... sorteio... alguma coisa*

(DID POA 45: 161)

(58) *[P3] eu aqui na minha família nós <u>sempre</u> nos tratamos todos por tu (DID POA 45: 505)*

(59) *[P4] alguns anos atrás uma professsora recém () ingressa na escola usava <u>sempre</u> () esse tipo de vestimenta (D2 POA 291: 936)*

(60) *[P4] a gente se encontra <u>sempre</u> todos os meses nesse jantar (DID POA 45: 124)*

Há usos mais acentuadamente durativos de <u>sempre</u>:

(61) *<u>sempre</u> é em função dessa sociedade que meu marido está (DID POA 45: 75)*

isto é,

(61a) *é permanentemente em função dessa sociedade...*

Teremos, aqui, deixado a órbita da Quantificação Aspectualizadora Iterativa e ingressado na da Qualificação Aspectualizadora Imperfectiva, de que tratarei no capítulo seguinte.

Tomados em seu conjunto, os Quantificadores Aspectualizadores confirmam em parte a hipótese de Hopper 1979, segundo a qual

os Iterativos ajudam a compor a "figura" nas narrativas. Ora, ele individualiza os Iterativos em face dos Imperfectivos, argumentando que estes concorrem para a caracterização do "fundo" narrativo - hipótese que não foi confirmada por meus dados: **v. V.3.** Creio que a correlação entre Aspecto e Discurso ficaria melhor examinada se deslocássemos o argumento das categorias discursivas de Hopper para aquelas de Dubois 1980 e Lavandera 1984. Isto é, há, sim, uma correlação entre Imperfectividade e Iteratividade e discurso genérico, não específico, impessoalizado, de um lado, e Perfectividade e discurso específico, pessoalizado, de outro. Os dados acima comprovam essa correlação.

IV.2 - QUANTIFICADORES DELIMITADORES

Sejam os seguintes exemplos:

(62) *economicamente o negócio... economicamente aquilo atingiu... (D2 POA 291: 977)*

(63) *porque a abelha biologicamente vive numa colméia... como a formiga num formigueiro... (D2 SP 255: 1519)*

(64) *oito mil anos... um período muito maior do que... o que nós conhecemos historicamente (EF SP 405: 22)*

(65) *tive oportunidade de fazer pesquisas sobre a maneira de falar do gaúcho... a maneira de falar do cearense... do baiano ()... a maneira de falar do amazonense... isto geograficamente tem uma importância muito grande... (D2 SP 255: 627)*

(66) *Oduvaldo Viana... partiu para a América... a fim de se documentar tecnicamente sobre o cinema falado (EF SP 153: 542)*

(67) *a gente ... teoricamente ... não tem controle rígico [sobre o computador] (D2 SP 343: 827)*

(68) *embora eu pessoalmente não gosto do nome Shangri-lá*

(D2 SP 255: 1144)

(69) então eu... <u>particularmente</u> eu aprecio muito o cinema nacional
(D2 SP 62: 1521)

(70) uma ceia de Natal é <u>tradicionalmente</u> composta com um peru, né?
(DID SP 235: 288).

Os exemplos (62) a (65) foram colhidos em Moraes de Castilho 1991: 50-55.

Não é pacífica a interpretação da contribuição semântica desses Adv à classe-sujeito.

Bellert 1977 toma como ponto de partida "logically", "mathematically", "morally", "aesthetically", argumentando que

> *"the speaker claims here that the proposition holds true in a given domain; he does not commit himself to the truth of the proposition in any other domain" (pág. 347).*

Essa análise destaca a feição modalizadora dos Adv mencionados, uma lição tacitamente acolhida em Ilari et alii 1989: 82 e 95, em que os "Hedges" aparecem como um tipo de Modalizadores, e em Moraes de Castilho 1991, que investigou mais a fundo a representatividade dos Hedges no corpus do Projeto NURC.

A posição de Casteleiro 1982 é bastante assemelhada à de Bellert. Mencionando itens como "psicologicamente", "literariamente", "politicamente", "esteticamente", etc., ele os denomina "advérbios setoriais", reconhecendo que eles

> *"restringem o valor de verdade da proposição contida na oração adjacente a um dado domínio ou setor das artes, da ciência, da técnica, etc., ou da vida em geral" (pág. 107).*

Casteleiro mostra que esses Adv podem vir acompanhados da forma gerundial "falando", anteposta ou posposta, podendo ser parafraseados por "do ponto de vista + Adj", "em termos + Adj".

Kovacci 1986 descreve-os como "advérbios limitadores de domínio nocional", com o papel de "delimitar el contenido semémico del dictum de una oración estableciendo el alcance con que deben ser considerados" (pág. 301). Finalmente, Carneiro 1989, na esteira de Quirk 1972, denomina-os "Advérbios Disjuntos de Concernência", com o papel de "delimitar o âmbito a que concerne o fato enunciado, restringindo sua abrangência" (pág. 135).

Como se vê por esta brevíssima resenha, teríamos uma enorme dificuldade em separar a face modalizadora destes Advs, de sua face quantificadora, caso estivéssemos raciocinando em termos do "*either-or-thinking*". A vagueza natural das expressões linguísticas a que não fogem os Advs, com sua polifuncionalidade nunca demais proclamada, nao recomendam, portanto, esse caminho analítico.

Assim, ao destacar neste trabalho o fato de que a operação delimitadora desses Advs afeta a extensão da classe-sujeito, estou apenas selecionando uma de suas caras. Argumentarei que, nos exemplos de (62) a (65), os indivíduos contidos nos estados de coisas afetados pelo Adv ficaram restritos à extensão dada pela moldura do conhecimento científico descrito pelo Adj que está na base dos Advs mencionados. Esses domínios do conhecimento são convencionados pela comunidade, que os organizou segundo o saber enciclopédico.

Já nos exemplos (66) e (67), a moldura se desloca do domínio científico para as formas de abordagem científica, estabelecendo uma sorte de classificação das operações necessárias à abordagem dos campos científicos. De (68) e (70), temos uma nova mudança do ponto de vista, que se desloca para a abordagem individual, para a perspectiva dada pelo falante, fora dos arranjos "oficiais" do conhecimento.

Por outro lado, gostaria de enfatizar que os Quantificadores de Domínio representam uma sorte de "tópico predicador"; como tópicos, pode-se aplicar a tais Adv a definição de Chafe 1976:

> *"what topics appear to be is to limit the applicability of the main predication to a certain restricted domain (...). Typically, it woul seem, the topics set a spatial, temporal or individual framework whithin which the main predication holds".*

Confrontamo-nos, assim, e uma vez mais, com o caráter hiperpredicador dos AdvS, já estudado no capítulo anterior, e novamente documentado pelos Adv Predicadores Quantificadores.

Uma última observação: a LF parece rejeitar as expressões nominais excessivamente sobrecarregadas de modificadores, procedimento comum na LE veicular, em que um Delimitador pode aplicar-se a um Adj, como em

(71) *Mantém-se seu propósito original de proceder, com a possível celeridade, a uma socialmente equitativa modernização da sociedade e do Estado. Hélio Jaguaribe, Folha de São Paulo, 19 de agosto de 1992.*

CAPÍTULO V - A PREDICAcÃO ADVERBIAL QUALIFICADORA

Descrevo neste capítulo os Advérbios Qualificadores, ençando por uma caracterização do que é a qualificação, seguida uma pré-análise dos dados apurados no corpus. Dessa pré-análi- resultou a identificação das seguintes classes de Qualificado- : (1) Qualitativos Quase-Argumentais, (2) Graduadores, (3) As- ualizadores Qualitativos, (4) Aproximadores e (5) Confirmado-

V.0 - A QUALIFICAçÃO

A Predicação Qualificadora é um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificando ou confirmando sua intensão, isto é, suas propriedades específicas, ou traços semânticos, ou "semas", na terminologia da Semântica Estrutural.

A qualificação é codificada gramaticalmente através dos Adj e Adv Predicativos, e dos adverbiais, geralmente um Sintagma Nominal ou um Sintagma Preposicionado. Os Adv Qualificadores operam sobre outros predicadores, tais como os Adjs, os Vs e os próprios Advs.

Sejam os seguintes exemplos:

(1) *eu posso representar graficamente uma comunicação...*
(EF POA 278: 198)

(2) *o brasileiro em princípio eu acho que come muito mal*
(D2 POA 291: 18)

(3) *vocês escolheram um péssimo entrevistado... porque eu sou um sujeito que gosto muito de falar muito pouco*
(D2 SSA 98: 87).

(4) *eles colocam melancia... pra mim eu acho <u>um pouquinho</u> indigesto (DID RJ 328: 315).*

(5) *no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou <u>um tempo</u> no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi <u>pouco tempo</u> (DID POA 45: 232)*

(6) *então surgiu () um movimento de vanguarda jovem () e claro () foi absorvido <u>imediatamente</u> (D2 POA 291: 740)*

(7) *os preços caíram <u>lentamente</u> demais para o gosto do ministro*

(8) *uma comida <u>praticamente</u> indiana... <u>tipicamente</u> indiana (D2 POA 291: 244).*

(9) *começa que <u>quase</u> nem comparecem [às assembléias] (D2 SP 360: 694)*

Nos exemplos de (1) a (6), constata-se que os Adv e os adverbiais grifados adicionaram à classe-sujeito um traço semântico não contido previamente nela. Em (7), o Adv substituiu o traço de telicidade de "cair" por traços atélicos. Em (8) e (9), os Advs cancelaram alguns traços, preservando outros. O segundo Adv de (8) confirmou os traços da classe-sujeito. Vejamos com detalhe cada caso.

Em (1) e (2) acrescentou-se uma qualidade. O comportamento dessas expressões adverbiais aproxima-se bastante do comportamento dos Adjs, como se pode ver pela correspondência entre essas expressões e os Sintagmas Nominais:

(1a) representação gráfica
(2a) comida má.

Restrições seletivas nem sempre perceptíveis nos demais casos parecem associar mais fortemente esses Advs às suas classes-sujeito, tanto assim que seria inaceitável transferir o Adv de (1) para (2):

*(2b) * o brasileiro em princípio eu acho que come graficamente,*

embora a recíproca seja possível, o que mostra que certos Advs Qualificadores têm uma combinatória maior, como se vê em:

(1b) eu posso representar mal uma comunicação.

Dada essa ligação mais forte entre os Advs e a classe que predicam, vou chamá-los Qualitativos Quase-Argumentais.

Em (3) e (4), acrescentou-se uma graduação a "gostar", "falar" e "achar". Essa graduação pode ser "para mais", em "gostar muito" e "para menos" em "falar pouco", "um pouquinho indigesto". Vou chamá-los Graduadores.

Em (5), os adverbiais acrescentaram uma duração maior a "jogar", e em (6) o estado de coisas descrito por "foi absorvido" é apresentado como pontual. Nos dois casos os adverbiais não afetaram o "modo da ação" dos verbos respectivos, apenas os reforçaram. Em (7), ao contrário, houve uma mudança de categoria semântica, pois "cair", que é um verbo télico, tornou-se atélico, graças ao Adv "lentamente". Vou chamá-los Aspectualizadores Qualitativos.

Nos exemplos (8) e (9), identifica-se um comportamento oposto ao dos casos anteriores. Em (8), o Adv "praticamente" cancela alguns traços do Adj "indiana", passando a significação de que nem todos os atributos de uma comida indiana estavam presentes. Em (9), "quase" funciona como "praticamente", abalando as propriedades intensionais de "não comparecer". Vou chamá-los Aproximadores, numa tradução tentativa do ingl. Hedges.

Finalmente, em (8) aparece "tipicamente", que opera no sentido oposto ao dos Aproximadores, confirmando os traços intensionais de "indiana", e reformulando, assim, o juízo do falante quanto à "indianidade" da comida. Vou chamar Confirmadores os Advs que desempenham esse papel.

Os processos de qualificação adverbial aqui identificados foram intuídos em nossas gramáticas, recebendo ali diferentes designações, tais como "modificação", "restrição" e "determinação". Este não é o lugar para se fazer uma "arqueologia" das

idéias gramaticais, entretanto não deixa de ser interessante constatar que a percepção do fenômeno deu-se lentamente até que, clareado o objeto, ocorreu seu "batismo" terminológico.

Nas primeiras gramáticas do castelhano e do português o termo "modificação" não vem expresso, embora seja patente sua percepção, como se pode ver por estas citações:

> *"llama se adverbio, por que común mente se junta y arrima al verbo para determinar alguna qualidad en él assi como el nombre adjectivo determina alguna qualidad en el nombre substantivo".*
>
> *"[el adverbio] es una de las diez partes de la oración, la cual, añadida al verbo, hinche, o mengua, o muda la significación de aquél, como diziendo bien lee, mal lee, no lee, bien hinche, mal mengua, no muda la significación deste verbo lee": Nebrija 1492: 197.*

A lição de Nebrija, que é acolhida aqui quando distingo Adv Quantificadores de Adv Qualificadores, reaparece nos dois primeiros gramáticos portugueses:

> *"e ele [o advérbio] é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo": Barros 1536: 345.*

> *"avérbio é ua das nóve pártes da òraçám que sempre anda conjunta e coseita com o vérbo () per éla se denota a eficáçia ou remissán do verbo, porque, quando digo: Eu amo a verdáde, demóstro que simplesmente fáço ésta óbra de amár; mas dizendo: Eu amo muito a verdáde, p[er] este avérbio muito denóto a cantidade do amor que tenho à cousa; e se dissér: Amo pouco a verdáde, com este pouco se diminui o muito de çima; e: Nam amo a verdáde, desfáço toda a óbra de amár; () assi que tem o avérbio este poder: acresçenta. deminuie e totalmente destruie a óbra do vérbo a que se ajunta, e ele é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo": Barros, 1536: 345.*

Aparentemente, os termos "modificação" e "determinação" começam a figurar a partir do século seguinte, mais particularmente nesta passagem da Gramática de Port-Royal:

> *"mais parce que ces particules se joignent d´ordinaire au Verbe pour en modifier et déterminer l´action, comme generosè pugnavit, il a combattu vaillament; c´est ce qui a fait qu´on les a appellez Adverbes": Arnault et Lancelot 1671: 94.*

Deste texto, deve o termo ter migrado para as gramáticas românicas mais sensíveis à postulação das línguas como uma

atividade mental, como se pode constatar em Jerônimo Soares Barbosa:

> *"O advérbio, pois, não modifica só os verbos () mas qualquer palavra susceptível de determinação, quais são também os appelativos, os adjectivos e os mesmos advérbios": Barbosa 1803: 235.*

As duas últimas citações parecem indicar que esses gramáticos viam na determinação um tipo particular de modificação. Flutuava assim o argumento entre as propriedades adverbiais de alterar a extensão (= determinação / delimitação / restrição) e alterar a intensão (= modificação, qualificação, explicação). Entretanto, não é possível assegurar-se disto, pois os exemplos aduzidos raramente são comentados, e assim não sabemos com precisão a que processo o gramático se refere. O fato é que na tradição gramatical esses termos viriam a conhecer certa especialização. "Modificação" emprega-se mais para captar o papel do Adv; "qualificação", "restrição" e "restrição", para o Adj (veja-se, por exemplo, Barbosa 1803); "determinação", para os Especificadores do Sintagma Nominal, como em:

> *"o determinativo ou limitativo relaciona-se diretamente com a extensão do substantivo, indicando alguma circumstancia externa, que determina ou limita os indivíduos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. este homem, alguns homens,*

dois homens, dois paizes, meu livro, etc.: Pereira 1933: 135.

Conclui-se que, de todo modo, estavam esses gramáticos tratanto da predicação, fenômeno bastante amplo que a tudo isso engloba, conforme espero ter deixado claro no Cap. II.

A seguir, tratarei de cada um dos subtipos identificados nesta introdução.

V.1 - QUALIFICADORES QUASE-ARGUMENTAIS

Poderá parecer contraditório abrir este capítulo sobre os Advs Predicativos Qualificadores com a descrição de uns Advs "quase-argumentais". Afinal, no Cap. II distingui os Advs Não-Predicativos dos Predicativos, entre outras propriedades porque aqueles podem ser argumentais, e estes não.

Sucede que determinados Advs Predicativos são redutíveis a uma expressão nominal, como já se demonstrou em Ilari et alii 1989, e essa propriedade tem de ser levada em conta. Pretendo neste item detalhar mais esta matéria.

Os Advs Qualitativos Quase-Argumentais são descritos na Gramática Tradicional como "advérbios de modo". Gary-Prieur 1982 mostra a inadequação dessa etiqueta, fundando-se na análise de gramáticas francesas. Segundo ela, é o termo mesmo "manière" que é ambíguo, pois ele tanto remete a *"circunstâncias ou modalidades ligadas a uma ação"* (e nesse caso os advérbios de modo serim distribuídos pelos Predicativos Modalizadores e pelos Não-Predicativos Circunstanciais, se se acolher a nomenclatura sustentada nesta tese), ou a *"qualidades específicas de um processo"* (conceituação suficientemente ampla para abrigar todos os nossos Qualificadores). Achei melhor designá-los por Qualitativos Quase-Argumentais, dadas as razões especificadas abaixo.

Os Qualitativos Quase-Argumentais encontrados no corpus compreendem certos Advs em -mente, os itens bem (e melhor), mal (e pior), assim e os adverbiais constituídos por determinados Sintagmas Preposicionados ou por Adjs recategorizados. Passo à exemplificação.

V.1.1 - Advs em -mente

(10) *ou a mulher se dedica inteiramente à carreira... () exclusivamente à carreira... ou () (D2 SP 360: 669)*

(11) *depois de estabelecido causa aí vai ser::... automaticamente necessário... uma atitude mais rápida (D2 SP 360: 567)*

(12) *ela está assumindo tarefas assim... muito precocemente... não é ? (D2 SP 360: 225)*

(13) *se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá (D2 SP 360: 134)*

(14) *a tendência sempre... consciente ou inconscientemente é copiar (D2 POA 291: 1011)*

(15) *afrouxa a gravata e abre o colarinho então ele está vestido adequadamente (D2 POA 291: 817)*

(16) *se a gente analisa objetivamente é que vê que vai se*

constituir numa análise... (EF POA 278: 296)

(17) se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse para co/ viver condignamente (D2 RJ 355: 105)

(18) o comer... sempre quando eu falo em comer... é um negócio que me atinge diretamente (D2 POA 291: 96)

Outros Quase-Argumentais em -mente: *atender rapidamente (D2 SP 62: 361), permanecer globalmente no campo (EF SP 153: 212), ele pode concretamente ver no animal (EF SP 405: 320), mudou completamente o clima de São Paulo (D2 SP 390: 619), ser regiamente tratado (D2 SP 255: 66).*

V.1.2 - Advs bem, mal, assim

(19) a expressão habilidades mentais cabe muito bem (EF POA 278: 117)

(20) mas correu tudo bem (DID POA 45: 72)

(21) eu acho que essa turma vai bem nessa disciplina (EF POA 278: 208)

(22) comer bem não é comer demais (D2 POA 291: 61)

(23) com bonito cenário gastronômico... [comer é] melhor

ainda ! (D2 POA 291: 95)

(24) cada qual quer fazer melhor que o outro (DID POA 45: 20)

(25) não faz mal o professor pode ficar confuso (EF POA 278: 306)

(26) esse jantar dançante é assim: () (DID POA 45: 15)

(27) vocês nem têm tantas [disciplinas] assim (EF POA 278: 200)

Em Ilari et alii 1989 identificamos um uso de assim bastante frequente na LF, em que esse item anuncia um constituinte da sentença: v. exemplo (9) do Cap. II, aqui reproduzido por comodidade:

(9) espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos assim... um diálogo bem aberto... sabe ?

O assim de (9) foi tentativamente denominado "flag", e distingue-se dos de (26) e (27) acima por não trazer uma contribuição semântica à classe-sujeito, e por não ser redutível a uma expressão nominal. Deve haver um correlato prosódico dessa diferença semântico-sintática: os flags são produzidos em "tom suspensivo", emparelhando-se à tessitura das expressões que o antecedem e o seguem, ao passo que o assim Quase-Argumental é produzido num tom descendente.

V.1.3 - Sintagmas Preposicionados

(28) *você deve de uma certa maneira também fiscalizar aquilo que entra na sua casa (D2 REC 5: 93)*

(29) *justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: [os filhos] vieram ao acaso (D2 SP 360: 14)*

(30 *uma boa casa () envolve exatamente essas coisas () calefação etc. e tal () que é pra tu ficar perfeitamente à vontade (D2 POA 291: 1584)*

(31) *nós usamos aí... é... mais ou menos... de maneira imprecisa () me faz um resumo de tal situação (EF POA 278: 365)*

V.1.4 - Expressões nominais adverbializadas

(32) *a Kombi dá pra fazer isso de modo que vou tranquilo (D2 SSA 98: 265)*

(33) *eu aproveito e vou junto (DID POA 45: 104)*

(34) *eu fiz o [registro] macrobiótico... cinco meses... mas não deu muito... vim ligeiro pra carne (D2 POA 291: 575)*

(35) *ontem eu estava esporte (D2 POA 291: 929)*

Voltemos à afirmação acima, segundo a qual esses Advs e adverbiais são redutíveis a expressões nominais, e por isso se

tornam fortes candidatos a operar como argumentos do V ou de outra classe predicativa.

De fato, tomados em seu conjunto, os Advs e os adverbiais exemplificados mostram as seguintes propriedades: (1) podem ser substituídos por um Adj, (2) podem ser substituídos por "de modo + o Adj" que está na base do Adv, e (3) podem ser substituídos por um Sintagma Preposicionado. Obviamente, tais testes são desnecessários se o adverbial já conta com uma base nominal:

(10a) dedicação inteira
(10b) dedicação de modo inteiro / integral
(10c) dedicação por inteiro

(11a) uma atitude automática e necessária
(11b) uma atitude necessária
(11c) uma atitude necessária por automatismo

(12a) assumindo tarefas precoces
(12b) assumindo tarefas de modo precoce
(12c) assumindo tarefas com precocidade

(13a) coisas calmas
(13b) de modo calmo
(13c) com calma

(19a) bom cabimento

(19b) de modo bom

(19c) ----------

(22a) comida boa

(22b) comer de modo bom

(22c) ----------

(26a) ----------

(26b) ----------

(26c) esse jantar é desse modo

(29a) vinda ocasional

(29b) vieram de modo ocasional

(32a) ida tranquila

(32b) ida de modo tranquilo

(32c) ida com tranquilidade.

Esses testes são às vezes perturbados por certas restrições seletivas ainda mal descritas, ou então pelo fato de que o Adv formou uma lexia complexa com sua classe-sujeito, como em:

(20a) correr bem

(21a) ir bem

(25a) fazer mal.

Interessante.

Oliveira 1990 mostra que estes Advs comportam-se como clíticos verbais. A possibilidade de se interromper o espaço entre a expressão "Predicador bem / mal" + seu argumento interno é tarefa que fica por descrever adequadamente. Em alguns casos isso parece impossível, ao passo que em outros o resultado é pelo menos duvidoso:

*(21b) * o aluno vai nessa disciplina bem.*

mas,

(24a) cada qual quer fazer a tarefa melhor que o outro

(36) ? o aluno faz a lição mal

(37) ? a criança comia o lanche bem

De todo modo, os testes de conversão em N + Adj evidenciam que o Adj que está na base do Adv Quase-Argumental preservou suas restrições seletivas. Ilari et alii 1989 argumentam que se admite "falar pausadamente", "proibir terminantemente", porém não "* falar terminantemente", nem "* proibir pausadamente". A observação desse fato evidencia o diferente comportamento dos Predicativos Quase-Argumentais em face dos Não-Predicativos Focalizadores, nos casos em que o mesmo item está sendo utilizado ora num, ora noutro processo. Assim, em:

(38) agi justamente com ele

temos um Qualificador, dada a admissibilidade de

(38a) ação justa,

(38b) agi com justiça

(38c) agi de modo justo,

em que o sentido lexical do Adj foi preservado. Já em:

(39) comi justamente três pratos

temos um Focalizador, dada a impossibilidade das paráfrases:

*(39a) * três pratos justos,*

*(39b) * comi três pratos com justiça*

*(39c) * comi três pratos de modo justo,*

Por outras palavras, os Quase-Argumentais são especificados pela classe que modificam. No Cap. II propus que se reconhecessem na sentença dois grandes processos sintáticos, o da predicação e o da complementação. Se essa hipótese for verdadeira, os Quase-Argumentais terão a esse respeito um desempenho anfibológico, pois ao mesmo tempo em que predicam uma determinada classe, são por ela subcategorizados. Com isto, os processos de predicação e complementação, que habitualmente envolvem três termos sentenciais, estariam sendo desenvolvidos por apenas dois termos.

A possibilidade de incidência dupla dos Advs, já discutida anteriormente, explica por que certas expressões podem dar margem a uma interpretação ambígua. Assim,

(40) peixe aqui no Rio Grande do Sul eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa

permite uma interpretação Qualificadora Quase-Argumental, se se entender que o Adv incide sobre "comer":

(40a) peixe é uma comida exclusiva da Semana Santa
(40b) se come peixe de modo exclusivo na Semana Santa
(40c) se come peixe com exclusividade na Semana Santa,

tanto quando uma interpretação Focalizadora, se se entender que o Adv incide sobre "Semana Santa":

(40c) se come peixe apenas na Semana Santa

Em suma, os testes apontam para uma dependência sintática do Adv em relação à classe predicadora, criando-se entre ambos uma ligação mais forte que nos outros casos. Esta constação leva a especificar o grau dessa dependência apurado, para então identificar sua função sentencial. Vou elaborar um pouco esta questão.

Embora redutíveis a expressões nominais, os Qualitativos Quase-Argumentais não comutam com pronomes, e isto dificulta a identificação de sua categoria funcional na sentença.

Tem-se reconhecido a dificuldade de abordar a transitividade de Vs e Ns deverbais e abstratos, Adjs e Advs, quando seus argumentos internos são expressos nominalmente. Com efeito, a descrição do Predicador + N traz para dentro da análise todas as complicações inerentes à significação do N e às restrições seletivas que se estabelecem entre ele e seu Predicador.

Creio que o primeiro linguista a expor com clareza essas dificuldades foi Alarcos Llorach 1968: 110, que preferiu descrever as relações entre o V e seus termos adjacentes à luz das possibilidades de pronominalização desses termos. Ele aproveitou, assim, a grande variedade de pronomes pessoais, que preservaram a expressão morfológica dos casos, permitindo uma identificação mais segura dessas relações. Ele postula que há cinco processos de transitividade: (1) Implementação: o termo adjacente é comutável por o. (2) Complementação: o termo adjacente é comutável por lhe. (3) Suplementação: o termo adjacente é comutável por preposição + pronome pessoal do caso reto. (4) Aditamento: o termo adjacente não é pronominalizável, vem normalmente preposicionado por a, de, com por, em, e mostra uma mobilidade maior em sua posição relativa ao V do que os implementos e os complementos. (5) Atribuição: o núcleo verbal tem uma comutação bastante limitada, constando apenas de Vs de ligação, concentrando-se a predicação

nos termos adjacentes, preenchidos por Sintagmas Adjetivos ou por Sintagmas Preposicionados.

Os Qualitativos Quase-Argumentais integrariam a categoria funcional de Aditamento.

O raciocínio de Alarcos Llorach parte do pressuposto de que os Pronomes são classes primitivas, e não classes de substituição. Blanche-Benveniste, van den Eynde et alii 1984 discutiram mais longamente a relação entre Ns e Pros, tendo em vista sua "abordagem pronominal da sintaxe". Eles sustentam que os Ns são verdadeiros "Propronomes", lembrando que com frequência tem-se insistido em que

> *"o elemento pronominal seria o resultado, explícito ou implícito, de um processo de pronominalização, fundado frequentemente numa argumentação pragmática. Apenas recentemente os inconvenientes dessa abordagem foram denunciados por diversos autores (). Nós deduzimos uma teoria inversa da teoria herdada: é o pronome - ou a unidade subjacente induzida a partir do pronome - que constitui a base linguística do enunciado. Os outros elementos podem ser apresentados como sendo o resultado do processo de lexicalização" (pág. 26).*

Em consequência dessa posição, há entre Pros e Ns uma relação de proporcionalidade, e não de substituição. Vistas as coisas deste ângulo, podem-se postular três graus de relação sintática entre o predicador e seu argumento:

1) Relação argumental forte: o termo adjacente é selecionado pelo predicador e é proporcional a um clítico. Identificamos um argumento interno.

2) Relação argumental fraca: o termo adjacente é selecionado pelo predicador, mas não é proporcional a um clítico, podendo ser parafraseado por um Sintagma Preposicionado ou por um Sintagma Adverbial. Identificamos um quase-argumento. Aqui se encontra o tipo de Qualificadores que venho descrevendo neste item.

3) Relação argumental nula: o termo adjacente não é selecionado pelo predicador, não é proporcional a um clítico, e raramente admite as paráfrases acima indicadas. Identificamos um Adjunto.

Finalmente, quanto à distribuição dos Qualitativos Quase-Argumentais, nota-se que eles são predicadores de segunda ordem, modificando o V e seus argumentos como um todo, seja quando se posicionam entre o V e seu argumento, como em (1), (5) e (10), seja quando figuram pospostos ao conjunto V + argumento, como em (12), (13), (16) e (18), seja, finalmente, quando figuram pospos-

tos ao V não-argumental, como na maioria dos casos: (2), (6), (7), (17), etc. É inexpressiva a distribuição no espaço entre o sujeito e o V, como em (14).

A distribuição intrassintagmática mostra que esses Advs podem separar o V auxiliar do auxiliado, como em (3) e (28), ou em:

(41) foi mal servido

Constata-se aqui outro paralelismo entre esses Advs e os Adjs, e que é colocarem-se após o núcleo sintático que modificam. Pode-se hipotetizar que a ordem de base é *X + Adv*, que se harmoniza com *N + Adj*. As anteposições correm à conta da necessidade expressiva de destacar o Adv, como observou Oliveira 1990. Comparem-se:

(42) falo mal / ando depressa / cheguei logo

a

(43) bem falo, melhor faço / a criança mal fala

tendo-se em vista:

(44) movimento rápido

(45) rápido movimento.

Este é mais um aspecto a ser cuidadosamente descrito numa forma comparativa, tomando-se os Advs e os Adjs Predicativos.

V.2 - QUALIFICADORES GRADUADORES

Os Qualificadores Graduadores são habitualmente denominados "Intensificadores" na literatura gramatical. O problema dessa designação é que ela supõe apenas uma "graduação para mais", ao passo que os dados apontam igualmente para uma "graduação para menos". Neste trabalho, reúno esses dois processos sob a denominação mais geral de Graduação, com dois subtipos: os Intensificadores e os Atenuadores.

Outra questão diz respeito ao estatuto semântico dos Graduadores. Gramáticas modernas como a de Luft 1976: 137 dispõem os Advs de Intensidade entre os "advérbios quantificativos". Preferi acompanhar as gramáticas dos sécs. XVI a XVIII, nas quais se distingue qualificação de quantificação. Minha contribuição está em desenvolver a argumentação aí implícita, investigando as diferentes possibilidades que se abrem ao falante, segundo interfira na extensão ou na intensão da classe modificada.

A Graduação codifica-se gramaticalmente através de sufixos derivacionais (prefixos como super-, sufixos como -íssimo), classes de palavras tais como certos Adjs e Advs, além de expressões preposicionadas tais como "de lascar" (em *"uma ingratidão de lascar"*), "de morrer" (em *"lindo de morrer"*), "pra chuchu" (em *"caro pra chuchu"*), etc, mencionadas por Matos 1982. Os Graduado-

res têm propriedades que os aproximariam dos Quantificadores Indefinidos, tanto que em alguns estudos, como Koch 1984, eles são alinhados nessa classe. De acordo com minha proposta, entretanto, os itens "muito", "pouco", "bastante", "bem", "mais" desencadeiam processos semânticos distintos. Em:

(46) falou muito / pouco, é muito / pouco loquaz

(47) falou bastante

(48) falou bem

(49) ela é mais elegante

os Advs grifados afetam as propriedades intensionais das classes sobre que se aplicam, acrescentando-lhes uma noção de graduação, ao passo que em:

(50) chegou muito / pouco povo

(51) chegou bastante / mais gente

(52) eram bem umas quinhentas pessoas

os Advs agem sobre a extensão, adicionando indivíduos aos conjuntos "povo" e "gente" em (50) e (51) e focalizando o conjunto quantificado "quinhentas pessoas" em (52). Isso quer dizer que

entendo como Predicativos os Advs de (46) a (49), e como Não-Predicativos Inclusivos os de (50) e (51), e Não-Predicativo Focalizador o de (52).

A combinatória rica desses itens pode gerar ambiguidade, sobretudo quando aplicados a Ns, como em:

(53) ele é muito homem

(54) ele é mais gente,

predicados

em que os Advs parecem suscitar as propriedades intensionais de "homem":

(53a) ele é muito viril

e de "gente":

(54a) ele é mais humano,

conforme Ilari et alii 1989.

O processo desencadeado pelos Graduadores é o de agregar um traço de grau inexistente nas propriedades intensionais de sua classe-sujeito. Ao utilizar um Graduador, o falante subsume que essas propriedades se dispõem numa escala socialmente estabelecida. Será necessário, então, selecionar um Graduador que

indique se a intensão está num ponto "normal" dessa escala (= Graduador "Normalizador"), se ela está acima da normalidade (= Graduador Intensificador), ou se está abaixo da normalidade (=Graduador Atenuador). É evidente que a escolha de determinado ponto nessa escala é de natureza pragmática, e vai depender de cada situação da enunciação, muito mais do que de valores absolutos da classe graduada. Esta observação elementar aponta para a vagueza natural das expressões linguísticas, questão que vem sendo elaborada por Ilari et alii 1993, no interior do Projeto de Gramática do Português Falado.

As classes preferidas pelos Graduadores são os Vs e os Adjs, que obviamente deverão exibir o traço /+graduável/. Há uma grande regularidade na ordem de figuração dos Graduadores: depois do V, ou antes do Adj / do Adv / do Sintagma Preposicionado que modificam.

Eles podem, ainda, funcionar como proforma:

55) *L1 - Ela é pontual ?*
L2 - <u>Muito</u> !

Encapsulados na estrutura sintagmática da sentença, esses Advs vêm frequentemente repetidos, o que é uma situação incomum entre os Advs Predicativos. Por outro lado, os Graduadores se aplicam sobre uma grande variedade de Advs:

1) Graduação dos Quase-Argumentais:

(56) *saiu muito silenciosamente / comeu muito bem*

2) Graduação dos Aspectualizadores:

(57) *saiu muito frequentemente, mas*

(58) * *saiu muito sempre.*

3) Graduação dos Modalizadores:

(59) *muito provavelmente chove hoje*

4) Graduação dos Não-Predicativos Circunstanciais:

(60) *saiu muito cedo*

(61) *faça isso mais do que agora, faça já !*

5) Graduação dos Não-Predicativos Focalizadores:

(62) *está aí bem exatamente a diferença (EF POA 278: 217)*

Graduadores Intensificadores, Atenuadores e "Normalizadores" ocorrem no corpus. Passo a descrevê-los.

V.2.1 - Graduadores Intensificadores

Os seguintes itens graduam "para mais" a intensão da classe-sujeito: certos Advs em -mente, muito, mais, demais, bastante, bem.

V.2.1.1 - Intensificadores em -mente

A) Em posição pós-verbal:

(63) *na maioria das vezes [as riscas no chão] estão todas apagadas... o que dificulta terrivelmente dirigir (D2 SSA 98: 476)*

B) Em posição pré-nominal:

(64) *depois o que eu li de Gabriel Garcia Marques achei extremamente fraco (D2 REC 5: 534)*

(65) *você traçando ali uma moqueca de... de peixe com uma cervejinha e tal... um negócio altamente boêmio... ouviu ? altamente boêmio (D2 SSA 98: 1346)*

(66) *outras taxonomias que () colocam em níveis completamente diferentes (EF POA 278: 259, também em D2 RJ 355: 51)*

(67) calefação... que é pra tu ficar perfeitamente à vontade (D2 POA 291: 1582)

(68) pode estar esporte... tremendamente esporte... simplesmente uma blusa e uma calça (D2 POA 291: 773)

(69) numa cidadezinha totalmente desconhecida (D2 POA 291: 1276)

(70) a divisão tem que ser absolutamente exata (D2 SP 360: 315)

Outros Intensificadores em -mente: *igreja extraordinariamente moderna (DID SP 242: 671), filmes incomparavelmente melhores (EF SP 153: 824), a televisão era infinitamente pior (D2 SP 333: 392), Carmem Miranda era imensamente popular (EF SP 153: 758), o que me revolta profundamente é o programa Cinderela (D2 SP 333: 1117).*

Observando-se esses exemplos, vê-se que a graduação procede da base lexical dos Advs, que retratam o mais alto grau de uma qualidade (extremo, alto, etc.), a completude dessa qualidade (completo, perfeito, total, absoluto, etc.) ou o impacto que o alto grau pode causar sobre o interlocutor (terrível, tremendo, etc.).

V.2.1.2 - Intensificadores muito / mais, demais / bastante / bem

A) Em posição pós-verbal:

(71) *eu gosto muito de verdura... gosto também muito de de carne (D2 POA 291: 584)*

(72) *olha... de folclore eu não estou muito a par (DID POA 45: 475)*

(73) *gostaria demais de ter tido... mais irmãos (D2 SP 360: 66)*

(74) *normalmente o que se come mais é sanduíche (DID RJ 328: 655)*

(75) *[os homens] penam... penam bastante (D2 SP 360: 722)*

(76) *então tira aquilo ali... limpa bem o camarão (D2 POA 291: 172)*

(77) *ele joga bem... sabe ? (D2 SP 360: 1339)*

(78) *ele falava tanto tanto tanto e eu o admirava muito (D2 SP 360: 1519)*

B) Em posição pré-nominal:

(79) *geralmente essas ocasiões são muito breves (D2 POA 291: 1159)*

(80) *ficamos todos muito sem jeito (D2 POA 291: 269)*

(81) olha... nós visitamos muito pouco (DID POA 45: 128)

(82) em contrapartida se torna cada vez mais rara a grande cultura (D2 REC 5: 84)

(83) [o motor diesel] não é mais simples... ele é menos complicado (D2 SSA 98: 951)

(84) tem umas pessoas que a gente tem mais intimidade (DID POA 45: 515)

(85) isso é bastante difícil (D2 POA 291: 673)

(86) [as pessoas] estão morrendo ali ao lado... aos pés da... duma vaca ou dum boi... inanição... bem complicado... bem complicado (D2 POA 291: 1663)

(87) ele tem um terreno bem... bem razoável... (D2 POA 291: 1397)

(88) aí nesse caso deixa de ser tão importante o fator idade (D2 SP 360: 1023)

(89) eu era tão pequenina sabe que eu já não me lembro (DID POA 45: 329)

V.2.2 - Graduadores Atenuadores

Os seguintes itens graduam "para menos" a intensão: ligeiramente, pouco, um pouco/pouquinho, mal.

A) Em posição pós-verbal

(90) o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos (D2 RJ 355: 199)

Em posição pré-verbal:

(91) sobre essa parte de preços... eu pouco posso dizer (DID RJ 328: 50)

B) Em posição pré-nominal

(92) então tinha que dormir com a cama ligeiramente inclinada (DID SP 208: 468)

(93) um quindim por quinze cruzeiros é... um pouco caro... (DID RJ 328: 270)

(94) eles colocam melancia... pra mim eu acho um pouquinho indigesto (DID RJ 328: 315)

(95) [eu como] só carne... impressionante... e mal passada

(D2 POA 291: 36)

A expressão de todo funciona como Intensificador numa sentença afirmativa:

(85a) isso é de todo difícil,

e como Atenuador numa sentença negativa:

(94a) melancia eu não acho de todo indigesto.

V.2.3 - Graduadores "Normalizadores"

São raros os Graduadores que identificam a normalidade na escala da intensão. Compare-se

(96) Temos uma justiça desanimadoramente morosa e assustadoramente cara

a

(97) Temos uma justiça normalmente cara,

em que, a par de uma "graduação zero", (97) promove também um efeito de Quantificação Aspectualizadora Iterativa.

Concluindo, vale a pena reconhecer que os Qualificadores Graduadores não são redutíveis a expressões nominais, e nisto eles se distinguem dos Qualitativos Quase-Argumentais. Bastará testar alguns dos exemplos acima:

*(64a) * fraco extremo,*
*(64b) * fraco de modo extremo,*

apesar de

(64c) fraco em extremo.

*(65a) * boêmia alta,*
*(65b) * boêmia com altura,*
*(65c) * boêmia de modo alto.*

V.3 - QUALIFICADORES ASPECTUALIZADORES

No capítulo anterior, item IV.1, tratei da face quantitativa da categoria de Aspecto. Neste item, vou discutir sua face qualitativa.

O Aspecto é uma categoria que depende crucialmente do tipo semântico do V, ou da classe modificada por um Adv ou um Adj aspectualizador. E como os Advs Qualificadores Aspectualizadores incidem sobre o V, é por aqui que iniciarei estas observações, não sem antes relembrar que o significado aspectual é de natureza composicional, pois resulta da interação do sentido lexical do V com (i) o tempo em que foi conjugado, (ii) seus argumentos, (iii) os adjuntos adverbiais e (iv) o padrão sintático em que o V está encaixado: Castilho 1968.

Com respeito às classes semânticas do V, consideremos inicialmente as sentenças:

(98) *A criança brinca no jardim.*

(99) *A criança caiu do balanço.*

Uma análise intuitiva do sentido dos Vs aí contidos mostra que em (98) não se requer o término da ação de "brincar"

para que ela tenha existência, sendo este um requisito obrigatório para a interpretação de (99). Por outras palavras, basta que uma criança comece a brincar para que exista o estado de coisas descrito por esse verbo, ao passo que, para existir, a ação de "cair" tem que ter um começo e um fim quase simultâneos.

Essas duas classes semânticas foram reconhecidas por muitos autores, os quais escolheram diferentes termos para sua designação: *verbos imperfectivos / verbos perfectivos* (Diez 1876: III, 186-187), *verbos permanentes* ["aqueles cujo atributo subsiste durando"] / *verbos desinentes* ["aqueles cujo atributo chegou à sua perfeição"] (Bello 1883), *verbos não-conclusivos / verbos conclusivos* (Jespersen 1924), *verbos cíclicos / verbos não-cíclicos* (Bull 1960: 45-46), etc.

O que unifica os Vs *imperfectivos / permanentes / não-conclusivos / não-cíclicos* é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. É razoável supor que em "brincar" haja um começo da ação, sua continuação e seu término. Não se pode dizer o mesmo de "cair", em que o começo e o fim da ação coincidem. Vistas as coisas por esse ângulo, entende-se por que Sten 1952: 25 se valeu dos termos *verbos de fase / verbos de ação global* para designá-los. O linguista dinamarquês agrega que os valores semânticos apanhados por tais classes são genéricos, visto que a língua pode deixá-los de lado em determinadas circunstâncias. Exemplificando seu raciocínio a partir dos Vs "jouer" e "se noyer", ele diz que diante de uma ocorrência

como:

(100) X se afogava, estava a ponto de afogar-se, mas felizmente uma pessoa o socorreu, de sorte que não se afogou,

qualquer falante, indagado sobre se se pode dizer que "X se afogava" responderá afirmativamente. Isto significa que um verbo habitualmente perfectivo como "afogar-se" pode receber na sentença uma interpretação imperfectiva.

Garey 1957 objetou que a matéria é mais complexa, pois a resposta à pergunta suposta por Sten dependerá do tempo verbal em que a pergunta foi formulada. Se se perguntar "X afogou-se?", a resposta será "não !", o que mostra que além das propriedades semânticas próprias aos Vs "em estado de dicionário", é preciso levar em conta as propriedades semânticas das diferentes flexões gramaticais. Assim, para pôr as idéias no lugar, ele propôs a realização do seguinte teste:

(101) Se alguém estava -ndo, mas foi interrompido quando -va/-ia, pode-se dizer que -ou ?

Se a resposta for afirmativa, o V examinado não precisa de um desfecho para ter existência, e por isso integrará a classe dos Vs atélicos, isto é, dos Vs que não tendem a um fim. Se a resposta for negativa, o V será télico. Portanto,

(102) Se alguém estava brincando, mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou ?

Sim, ainda que por pouco tempo - e o Tempo é irrelevante aqui, como atrás demonstrado -, logo "brincar" é atélico.

(103) Se alguém estava se afogando, mas foi interrompido quando se afogava, pode-se dizer que se afogou ?

Não, logo "afogar-se" é télico.

Uma forma abreviada de aplicar esse teste é restringir-se ao esquema adversativo contido nas sentenças acima. Se o teste construir uma sentença semanticamente aceitável, teremos um V télico, se não, um V atélico:

*(102a) * Ele brincava mas não brincou*

(103a) Ele se afogava mas não se afogou.

Em suma, não se pode fazer uma descrição semântica dos Vs se não se tomar em conta o tempo em que eles vêm flexionados. Parece que o pretérito perfeito simples não altera o tipo semântico do V, como se vê em:

(102b) Ele brincou

(103b) Ele se afogou,

em que ambos os Vs continuam, respectivamente, atélico e télico. Já o pretérito imperfeito e o gerúndio recategorizam o V, transpondo-o de télico para atélico:

(103c) Ele se afogava

(103d) Vi um menino se afogando.

Para os objetivos desta tese, importa investigar o papel dos Adv nessas relações de telicidade / atelicidade. Em nossos dados encontramos ocorrências de Advs que, à semelhança das flexões de tempo, ora confirmam o sentido de base dos Vs, os os alteram. Desde logo, vou separar os Aspectualizadores Imperfectivos dos Perfectivos.

V.3.1 - Aspectualizadores Imperfectivos

Alguns Advs em -mente, sempre e adverbiais constituídos por Sintagmas Preposicionados com ou sem o núcleo atuam como Aspectualizadores Imperfectivos:

(104) [fazer] uma dieta vegetariana () eu acho válido, mas não permanentemente (D2 POA 291: 598)

(105) porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer ... morre de vez... eu não gosto de morrer aos pedacinhos ... aos poucos (D2 SSA 98: 1569)

(106) ela teve escritórios durante... oito anos:: mais ou menos (D2 SP 360: 1163).

(107) essas coisas vêm apo... vêm vindo aos poucos (D2 POA 291: 1312).

(107a) essas coisas vêm vindo pouco à pouco / paulatinamente.

(109) observe um momentinho isso (EF RJ 251: 128)

(110) eu trabalho a maior parte do tempo sentada (DID RJ 328:40)

(111) eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora (D2 SP 360: 486)

(112) a gente vive de motorista o dia inteiro (D2 SP 360: 94)

(113) no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo (DID POA 45: 232)

(114) que ficava todo o dia jogando (DID POA 45: 179)

Observa-se nos exemplos acima a presença maciça de Advs e adverbiais escalares. Na maior parte das vezes, tais expressões apenas confirmam o "modo da ação" durativo dos Vs a que se aplicam, com exceção de (105), em que a telicidade de "morrer" foi comprometida por "aos pedacinhos... aos poucos".

Examinarei, a partir do exemplo (106), a hipótese de Hopper 1979 sobre a correlação "imperfectividade - figura", mencionada em II.4. Transcrevo para isso o texto maior de onde procede esse exemplo:

(106) Doc. *o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora ?*

L1 *não ele teve escritório no início da carreira... teve escritório durante... oito anos:: mais ou menos... depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a:: a profi/ o a advocacia do Estado né ?... e:... depois... é que ele começou a lecionar quando houve... a necessidade do regime de dedicação exclusiva... pela posição de DENtro da carreira... ele precisava optar pela:: dedicação // exclusiva () sabe ? então:... ele:::... começou a lecionar*

A pergunta do documentador desencadeia uma sequência narrativa, cujo fundo é dado pelos Vs *"teve escritório" / "começou a lecionar"*, e a figura, por *"tinha liberdade de advogar"/ "exercia a advocacia do Estado"/ "houve a necessidade do regime de dedicação exclusiva" / "ele precisava optar"*, predicados verbais irrelevantes para o avanço da narrativa. O que se nota é que as ações imperfectivas se espalham por toda a narrativa, seja no fundo, seja na figura (com a exceção de "houve a necessidade"), e assim, a correlação entre Aspecto e Discurso perde sua nitidez,

pelo menos no que toca ao Imperfectivo, se nos ativermos à hipótese de Hopper. Muito provavelmente, a Aktionsart de cada V tem aí um papel mais importante que o Aspecto. O locutor escolheu Vs atélicos para expressar os eventos centrais, e alguns télicos para os eventos marginais, o que contraria a predição de Hopper.

V.3.2 - Aspectualizadores Perfectivos

Os adverbiais perfectivizadores atribuem aos Vs a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação, que se torna, assim, pontual, não-durativa. Por assim dizer, a face pontual desses adverbiais neutraliza qualquer duração acaso contida no "modo de ação" do V, a menos que ele já integrasse a classe dos télicos.

Há, portanto, duas situações: (i) o V já é télico, e o adverbial apenas reforça sua perfectividade: este é o caso de (115), (116), (119) e (120); (ii) o V é atélico, mas o Aspectualizador transforma-o num perfectivo pontual: (117) e (118).

Vejam-se os seguintes exemplos:

(115) e claro... pronto... quer dizer... [o cabelo comprido] foi absorvido imediatamente (D2 POA 291: 740)

(116) e põe o camarão naquele refogado... rapidamente... só mexe o camarão (D2 POA 291: 169)

(117) ajeitou os cabelos de_um_golpe

(118) corre de_repente a notícia de que o dólar ia subir

(119) você acha que ele ainda vai fixar essa idéia ? já fixou !
[resultativo]

(120) você chegou tarde... agora eu já autorizei a saída.

Os Aspectualizadores Perfectivos se mostraram mais raros no corpus do que os Imperfectivos. Ambos têm em comum apresentar a narrativa numa forma "pessoalizada", altamente específica. Quero com isso retomar o que deixei anotado em IV.1, a saber: a face quantitativa do Aspecto dá um sabor de genericidade ao discurso, ao passo que sua face qualitativa, aqui examinada, especifica-o, pessoaliza-o. Acredito que esta hipótese tem um poder de generalização superior à de Hopper 1979, resgatando uma importante correlação entre Aspecto e Discurso.

V.4 - QUALIFICADORES APROXIMADORES

Em seu tratamento das classes de palavras, a Sintaxe Funcional deixou de lado a teoria clássica, segundo a qual as classes são discretas e dotadas de propriedades inerentes, substituindo-a pela teoria da categorização natural (ou teoria dos protótipos), segundo a qual as classes têm limites imprecisos ("fuzzy edges") e os itens que abrigam possuem diferentes graus de integração. No nosso caso, será necessário reconhecer (i) que alguns Advs são operadores da imprecisão (vou chamá-los de "Aproximadores"), e (ii) que haverá Advs "mais adverbiais" e Advs "menos adverbiais".

Lakoff 1975 propôs o termo "hedges" para designar determinadas palavras e expressões

> *"whose job is to make thinks fuzzier or less fuzzy" (pág. 234).*

Ele lista como tais as expressões "kind of", "sort of", "more or less", "relatively", entre outras.

Em outro texto, Lakoff 1982 disserta longamente sobre as duas fontes da categorização linguística: a categorização clássica, elaborada por Aristóteles e retomada pela Semântica de

Frege e pela Gramática Gerativa, e a categorização natural, elaborada por Wittgenstein e elaborada a partir dos anos 80 pela Psicologia, pela Antropologia e pela Linguística Cognitiva.

Givón 1986 confronta o ponto de vista platônico, segundo o qual as "categorias de expressão são discretas, absolutas e pristinas, sejam elas

> *"God-given as Plato or Descartes would have it, neuro-genetically wired in as Chomsky or Bickerton would have it, representing the stable features of The Real World as Russell, Carnap and other positivists would have it, or made out of atomic unit of perception as the classical empiricists would have it" (pág. 77).*

Ele confronta essa tradição com as observações de Wittgenstein 1953, que sustentava que as categorias não são discretas e absolutas, mas, no lugar disso, são incertas e mal delimitadas, sendo que muitas relações podem ser reconhecidas entre os membros das diferentes categorias. Entre esses extremos, Givón propõe uma solução híbrida, uma solução de compromisso, a que denomina Teoria do Protótipo.

A Teoria do Protótipo postula que alguns membros de uma categoria compartilham todos os traços ou propriedades dessa categoria. Esses membros seriam seu protótipo. Outros, compartilham

apenas alguns traços, exemplificando diferentes graus de prototipicidade.

Os Aproximadores são operadores de não-prototipicidade, bastando examinar os seguintes exemplos para dar-se conta disso:

(121) a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque quase sempre ela é procurada pelos alunos (D2 SP 360: 1242).

(122) e nós fazemos um tipo de frequência... né? () a frequência isso é relatório (DID SSA 231: 450).

(123) mas o exame de mestre era muito mais complicado () o de arrais é uma espécie de exame de curso infantil (D2 SSA 98: 1084).

(124) o público assim em geral eu acho que vai ao cinema mesmo (DID SP 234: 469).

(125) basicamente ele está pensando na condução amanhã... no táxi... na gasolina... amanhã (EF SP 388: 324).

(126) "Coisas Nossas" passou praticamente em todas as grandes cidades brasileiras (EF SP 153: 530).

Os Aproximadores afetam as propriedades intensionais da classe-sujeito, apagando algumas e mantendo outras. Em (121), a iteratividade de "ser sempre procurada" ficou comprometida. Em (122), o falante está inseguro sobre se o item "frequência" representa adequadamente o documento que ele está procurando denominar. Em (123) se diz que o exame de arrais não é precisamente um exame com o que se pode entender por essa palavra. E assim por diante.

Ao comprometer a prototipicidade da classe-sujeito, os Aproximadores desempenham na esfera do discurso o importante papel de "controlar" a descodificação da mensagem. Por meio deles, passamos ao nosso interlocutor instruções sobre como ele deve acionar os mecanismos linguísticos da significação. E como as instruções que eles passam implicam numa ação sobre o interlocutor relativamente ao entendimento desejado do "dictum", esses Advs foram denominamos "metacomunicativos" por Bartsch 1976 e "pragmáticos" por Bellert 1977. No caso mais particular das conversações, Fraser 1980 mostrou que tais "palavras evasivas" podem contribuir para um abrandamento do que está sendo dito.

Os inquéritos do Projeto NURC/BR elegeram "quase" como o Aproximador mais frequente. Ele pode ocorrer no interior do SN e do SV duplo, como se vê em:

(127) minhas filhas conhecem o Brasil <u>quase</u> todo (D2 REC 5: 947).

(128) sei lá... não tenho quase assistido filmes né ? (DID SP 234: 429).

Com respeito à sentença, quase ocorre em P1, como em (121), em P3:

(129) eu... quase não vou ao cinema (DID SP 234: 4),

e em P4:

(130) eu estudei mas não me apresentei quase nada (DID SP 234: 296).

Trata-se de um AdvC, que pode incidir, para além das classes constantes, também sobre os Circunstanciais:

(131) a manga do casaco dava quase aqui (D2 POA 291: 860)

sobre Quantificadores Definidos, ou Numerais:

(132) homem que tinha... já quase quarenta anos de rádio (DID SP 208: 401)

e até mesmo sobre outros Aproximadores

(133) então eu vivo assim quase que praticamente em constante regime (DID RJ 328: 7).

O Aproximador "quase" promove um mecanismo semântico oposto ao dos Focalizadores, pois enquanto estes destacam o conteúdo da classe-sujeito, os Aproximadores o diluem, esbatendo seus contornos. Os Aproximadores em -mente não funcionam como um hiperpredicador da sentença, repelindo paráfrase como:

*(126a) * é prático que "Coisas Nossas" passou em todos os cinemas.*

Uma última observação com respeito a tipo. Postulo que há um tipo 1, cujo alcance é quantificar a classe-sujeito, restringindo-a a determinada classificação, como em (134):

(134) Rhesus é um tipo de macaco.

Em (134), o núcleo do SN é "tipo", ao passo que "de macaco" é seu complementador.

Já em

(135) entrei no mato e vi um bicho assim... tipo macaco,

temos tipo 2, que é um Aproximador. Em (135), o último SN tem por núcleo "macaco", e "tipo" é seu Especificador.

Em suma, tipo 1 age sobre a extensão, e tipo 2, sobre a intensão.

V.5 - QUALIFICADORES CONFIRMADORES

Os Qualificadores Confirmadores desempenham na produção dos significados um papel oposto ao dos Aproximadores.

Enquanto aqueles generalizam o sentido de sua classe-sujeito, apresentando-o como não-prototípico, os Confirmadores especificam o sentido, selecionando todas as propriedades intensionais da classe sobre que se aplicam. Em consequência, os Confirmadores são operadores de protipicidade.

Sejam os seguintes exemplos:

(136) me convidou para esse negócio... comendo uma comida <u>tipicamente</u> indiana... mas que foi adotada na China (D2 POA 291: 244).

(137) nós aqui ficamos mais <u>autenticamente</u> brasileiros (D2 REC 5: 1238).

(138) são derivados de conceitos... que... radicam vamos dizer que... saem... se não se se não são <u>totalmente</u> determinados são em grande parte determinados... por... hábitos linguísticos (EF SP 124: 122).

(139) *rigorosamente seria provavelmente um negócio desse jeitão aqui... certo ? (EF SP 338: 191).*

(140) *minhas viagens de avião eram mesmo por negócio... estritamente (D2 SP 255: 88).*

(141) *ele simplemente nunca viu aquilo... certo? (EF SP 377: 40).*

(142) *quer dizer..., cenário é puramente secundário... o principal é a interpretação... é o valor do artista (DID SP 161: 605)*

(143) *se [a firma] não puder fazer isso ela vai à falência... pura e simplemente (DID SP 250: 341)*

(144) *a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... (D2 SP 360).*

(145) *não vai se guiar a rigor... só acompanha-se a moda (D2 SP 291: 311).*

Alguns desses Advs são claramente Quase-Argumentais: (137), (138), (140) e (141). Os demais não têm as mesmas propriedades dos Quase-Argumentais. Tomados em seu conjunto, provocam um efeito de sentido confirmador tão evidente, que achei melhor dispô-los numa classe semântica própria.

A "vocação sintática" dos Confirmadores é maiormente pré-nominal, aderindo em geral a um Adj. Certos itens, como "totalmente", mostram uma mobilidade maior, funcionando também após o V:

(146) [o teatro] atingia totalmente as massas... em Roma... na Grécia (DID SP 161: 601).

Essa mobilidade maior talvez se explique pela dupla incidência desse Adv: tomando por sujeito o V, como um predicador qualificador de segunda ordem, ele confirma as propriedades de *"atingir"*; tomando por sujeito o N *"massas"*, como um quantificador de primeira ordem, ele seleciona todos os sujeitos contidos no conjunto *"massas"*.

Outros confirmadores, como (139), (140) e (143) são hiperpredicadores, e qualificam toda a proposição. Também estes Advs merecem uma análise monográfica, para que se possa identificar sua potencialidade de gerar significados.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Este trabalho se inscreve na agenda de pesquisas do Projeto de Gramática do Português Falado, mais particularmente em seu Grupo de Trabalho de Sintaxe das Classes Gramaticais e Lexicais. O Projeto prevê a discussão coletiva do ponto de vista que norteia as atividades e da agenda a desenvolver, e do trabalho individual de seus pesquisadores na execução das tarefas assim acordadas.

Achei conveniente começar a tese explicitando minhas percepções sobre a LF como um objeto científico. Antecipo, dessa forma, questões em que certamente se envolverão os pesquisadores do PGPF, uma vez vencida sua trabalhosa agenda, prevista para esgotar-se em 1995. Após situar o estado da questão, hipotetizei que as propriedades discursivas, semânticas e sintáticas da LF se organizam em três processos constitutivos: a construção, a reconstrução e a descontinuação. Examinei, a título meramente ilustrativo, algumas questões envolvidas por esse amplíssimo projeto de indagações.

No Cap. II, tratei brevemente do Adv como uma classe polifuncional e explicitei meu entendimento sobre a predicação como um processo semântico-sintático, selecionando os Advs Predi-

cativos como objeto empírico desta tese. Como objeto teórico, expus meu entendimento sobre a Sintaxe Funcional, formulando um plano descritivo, centrado nos seguintes quesitos:

(1) Os Advs Predicativos no sistema discursivo: (i) Adv e organização da informação; (ii) Adv e articulação definida / indefinida do texto; (iii) Adv e predicação dos participantes da enunciação; (iv) Adv e força ilocucionária; (v) Papel coesivo dos Advs.

(2) Os Advs Predicativos no sistema semântico: (i) Advs de primeira, segunda e terceira ordem; (ii) Número de classes predicadas e produção do significao unívoco ou prototípico, e do significado plurívoco ou derivado.

(3) Os Advs Predicativos no sistema sintático: (i) Advs de Constituinte; (ii) Advs de Sentença; (iii) Distribuição dos Advs no enunciado.

Procedi então a uma pré-análise dos dados, testando diferentes estratégias descritivas, até fixar-me naquela que, reconhecidamente, permitisse apresentar os Advs Predicativos num plano ordenado e abrangente. Surgiu daqui a tripartição "Advs Modalizadores", "Advs Quantificadores" e "Advs Qualificadores". Com esses objetivos em mente, não pude, como é óbvio, realizar uma descrição de detalhe, que esgotasse todas as perspectivas abertas pelo plano acima. Estou convencido, entretanto, que estudos mo-

nográficos mais verticalizados poderão ser agora realizados, pois já se dispõe de uma percepção mais clara dessa classe difícil. Em suma, reconheço que no estágio atual de nossos conhecimentos sobre o português falado não temos ainda uma grande gramática dos Advs, embora suas bases estejam lançadas.

A seguir, darei um balanço nas observações feitas nos Caps. III, IV e V desta tese. Começo por reunir num quadro matricial os itens estudados, distribuídos pelas classes dos Modalizadores (Md), Quantificadores (Qt) e Qualificadores (Ql), segundo tenham figurado no corpus como advérbios de sentença (AdvS) ou como advérbios de constituinte (AdvC).

1. Advs não-derivados	*Md*	*Qt*	*Ql*	*AdvS*	*AdvC*
assim	+	-	+	-	+
mesmo	+	-	-	-	+
talvez	+	-	-	-	+
sempre	-	+	-	-	+
mal / pior	-	-	+	-	+
bem / melhor	-	-	+	-	+
quase	-	-	+	-	+
mais	-	-	+	-	+
demais	-	-	+	-	+
menos	-	-	+	-	+
já	-	-	+	-	+
2. Advs derivados em -mente					
absolutamente	+	-	+	+	+
certamente	+	-	-	+	+
efetivamente	+	-	-	+	+
evidentemente	+	-	-	+	+
fatalmente	+	-	-	+	+
incontestavelm.	+	-	-	+	+
indiscutivelmente	+	-	-	+	+
indubitavelmente	+	-	-	+	+
inegavelmente	+	-	-	+	+
logicamente	+	-	-	+	+
naturalmente	+	-	-	+	+
obviamente	+	-	-	+	+

realmente	+	–	+	+	+
reconhecidamente	+	–	–	+	+
seguramente	+	–	–	+	+
verdadeiramente	+	–	–	+	+
provavelmente	+	–	–	+	–
possivelmente	+	–	–	+	–
eventualmente	+	–	–	+	–
necessariamente	+	–	–	+	–
obrigatoriamente	+	–	–	+	–
(in)felizmente	+	–	–	+	–
lamentavelmente	+	–	–	+	–
curiosamente	+	–	–	+	–
surpreendentem.	+	–	+	+	–
espantosamente	+	–	+	+	–
estranhamente	+	–	+	+	–
diariamente	–	+	–	–	+
sistematicam.	–	+	–	+	+
habitualmente	–	+	–	+	+
frequentemente	–	+	–	+	+
esporadicamente	–	+	–	+	+
constantemente	–	+	–	+	+
repetitivamente	–	+	–	+	+
comumente	–	+	–	+	+
sinceramente	+	–	–	–	+ *(?)*
ingratamente	+	–	–	+*(?)*	+ *(?)*
francamente	+	–	+	+	+
novamente	–	+	–	–	+
geralmente	–	+	–	+	+
constantemente	–	+	–	+	+
raramente	–	+	–	+	+
normalmente	–	+	+	+	+
mensalmente	–	+	–	–	+
trimestralmente	–	+	–	–	+
economicamente	–	+	–	–	+
biologicamenete	–	+	–	–	+
historicamente	–	+	–	–	+
tecnicamente	–	+	–	–	+
teoricamente	–	+	–	–	+
pessoalmente	–	+	–	–	+
tecnicamente	–	+	–	–	+
particularmente	–	+	–	–	+
tradicionalmente	–	+	–	+	+
graficamente	–	–	+	–	+
inteiramente	–	–	+	–	+
automaticamente	–	–	+	–	+
exclusivamente	–	–	+	–	+
precocemente	–	–	+	–	+
calmamente	–	–	+	–	+
(in)conscientem.	–	–	+	–	+
adequadamente	–	–	+	–	+
objetivamente	–	–	+	–	+
condignamente	–	–	+	–	+
diretamente	–	–	+	–	+
rapidamente	–	–	+	+	+

globalmente	–	–	+	–	+
concretamente	–	–	+	–	+
completamente	–	–	+	–	+
plenamente	–	–	+	–	+
regiamente	–	–	+	–	+
imediatamente	–	–	+	–	+
lentamente	–	–	+	–	+
tipicamente	–	–	+	–	+
terrivelmente	–	–	+	–	+
extremamente	–	–	+	–	+
altamente	–	–	+	–	+
completamente	–	–	+	–	+
perfeitamente	–	–	+	–	+
tremendamente	–	–	+	–	+
totalmente	–	–	+	–	+
absolutamente	–	–	+	–	+
extraordinariam.	–	–	+	–	+
incomparavelmente	–	–	+	–	+
infinitamente	–	–	+	–	+
ligeiramente	–	–	+	–	+
desanimadoramente	–	–	+	–	+
paulatinamente	–	–	+	–	+
imediatamente	–	–	+	–	+
basicamente	–	–	+	–	+
praticamente	–	–	+	–	+
autenticamente	–	–	+	–	+
rigorosamente	–	–	+	–	+
estritamente	–	–	+	–	+
simplesmente	–	–	+	–	+
puramente	–	–	+	–	+

3. Expressões nominais adverbializadas

certo	+	–	–	+	–
claro	+	–	–	+	–
exato	+	–	–	+	–
coisa nenhuma	+	–	–	–	+
lógico	+	–	–	+	–
pronto	+	–	–	+(?)	–
(X) vez (X)	–	+	–	–	+
muito	–	+	+	–	+
(X) pouco/-inho	–	+	–	–	+
bastante	–	+	+	–	+
(X) hora/dia/mês ano...	–	+	+	–	+
tranquilo	–	–	+	–	+
junto	–	–	+	–	+
ligeiro	–	–	+	–	+
esporte	–	–	+	–	+
(um)(pouco)(a maior parte do) tempo	–	–	+	–	+
tanto, tão	–	–	+	–	+
pouco a pouco	–	–	+	–	+

um momentinho	-	-	+	-	+
(um) tipo (de)	-	-	+	-	+
(uma) espécie(de)	-	-	+	-	+

4. Sintagmas Preposicionados em função adverbial

sem dúvida	+	-	-	-	+
de jeito nenhum	+	-	-	-	+
de maneira nenh.	+	-	-	-	+
de certa maneira/ de maneira (X)	-	-	+	-	+
a cada passo	-	+	-	-	+
com (X)frequência	-	+	-	-	+
na realidade	+	-	+	+	-
ao acaso	-	-	+	-	+
à vontade	-	-	+	-	+
aos pedacinhos	-	-	+	-	+
aos poucos	-	-	+	-	+
durante (X) horas/ dias/meses...	-	-	+	-	+
em geral	-	-	+	-	+
no fundo	-	-	+	-	+
a rigor	-	-	+	-	+

O quadro acima dá lugar a algumas observações:

1) Os Advs Predicativos compreendem ocorrências muito diferenciadas, do ponto de vista de sua estrutura morfossintática. Os Advs em *-mente* ocupam 67% dessas ocorrências, as expressões nominais adverbializadas 14%, os sintagmas preposicionados 11% e os Advs não-derivados apenas 8%.

2) A tabela mostra que vários itens podem distribuir-se por mais de uma classe semântica. Estudando-se sua distribuição por essas classes, constata-se a preponderância dos Qualificadores, que totalizam 52% das ocorrências, contra 28% de Modalizadores e 20% de Quantificadores. Esses resultados apontam para o significado qualificador como o que mais caracteriza os Advs Pre-

dicativos, o que os aproxima bastante dos Adjs. Eles mostram, igualmente, que a LF dá preferência menor aos Advs para codificar a modalização e a quantificação das classes-alvo. De novo saem na frente os Advs em *-mente*, 49,5% dos quais atuam como Qualificadores.

3) Os itens Modalizadores podem atuar também como Qualificadores, mas o inverso não ocorre. Os Quantificadores são, a esse respeito, os mais individualizados, pois com exceção de *normalmente*, não encontramos no corpus um Quantificador que também atuasse nos demais processos de predicação adverbial. Essa constatação permite postular uma hiperclasse associando os Modalizadores e os Qualificadores.

4) Nessa linha de raciocínio, observa-se que os Modalizadores mostram uma mobilidade maior no enunciado. A grande maioria dos Modalizadores pode atuar como AdvS ou como AdvC, ao passo que os Qualificadores (tanto quanto os Quantificadores) exibem uma mobilidade menor, limitando-se a gravitar ao redor do núcleo verbal, ou do núcleo nominal, como AdvC. Isso dá razão a Dascal, quando hipotetiza que a camada modal envolve a camada proposicional, numa hierarquia mais alta.

5) A menor mobilidade de Qualificadores e Quantificadores parece neutralizar-se quando se trata de Advs em *-mente*. Se esse fato for verdadeiro - e uma quantificação mais cuidadosa poderia verificá-lo - o sufixo *-mente* assume de fato um estatuto

gramatical diferenciado, conforme Kato-Castilho 1992.

À margem dos comentários à matriz acima, gostaria agora de encerrar estas Primeiras Conclusões com uma crítica ao meu trabalho.

Considero-o ainda bastante exploratório, e concordo em que nem todas as questões levantadas em II.4 tiveram aqui uma resposta cabal.

Fiz uma análise qualitativa, sem uma exigência permanente de exaustividade, ao longo da qual identifiquei os tipos mais produtivos de Adv Predicativos, concentrando-me maiormente nos aspectos semântico-sintáticos, com uma atenção desigual aos aspectos discursivos envolvidos, e sem nenhuma incursão no campo da prosódia. Creio que outras hipóteses poderiam ser agora formuladas, refinando-se os quesitos iniciais.

Sem dúvida, muita coisa deve ainda ser feita:

1. Quanto às relações entre o Adv e as características da LF, notei que o papel maior dos Advs Predicativos concentra-se no componente de Construção. Seu papel é o de qualificar, modalizar e quantificar o enunciado, agindo numa linha auxiliar aos Vs e aos Adjs. Aparentemente eles são inexpressivos no que toca à Reconstrução e à Descontinuação da LF, mas estes componentes foram apenas aflorados.

2. Papel discursivo dos Advs. Toquei nessa perspectiva apenas incidentalmente, dando prioridade maior à esfera semântica de sua atuação. Não me arrependo da estratégia. Creio que a análise semântica deve preceder a discursiva, mormente numa classe tão rica quanto a dos Advs.

De todo modo, constatei que os textos altamente informativos, em que se trata de matéria não sujeita a objeções, inibem a emergência dos Advs. Ao revés, textos de baixa informatividade e alta previsibilidade favorecem sua emergência, pois através dos Advs o locutor procura conferir certo relevo às suas afirmações. Deve ser por isso que a literatura específica registra para os Advs propriedades tão vagas quanto "expressividade", "ênfase", etc.

A hipótese de Hopper sobre a correlação entre Aspecto e fundo e figura nas narrativas não foi confirmada. Em lugar disso, hipotetizo que a especificidade ou a genericidade dos textos é que suscitam a emergência dos Advs Aspectualizadores, Perfectivos e Imperfectivos no primeiro caso, e Iterativos no segundo. A matéria merece um exame mais acurado, que encontra ressonância no estudo dos Adjs. DuBois 1980 mostrou que a adjetivação é mais abundante nas descrições do que nas narrativas. Ora, as descrições são em geral assinaladas por um tom de genericidade, visto que as propriedades dos objetos são mais estáveis, a-históricas. As narrações são mais específicas, por tratarem de eventos únicos em si, dotados de historicidade. Isto reforça, igualmente, a

questão da harmonia categorial entre Advs e Adjs, hipótese tematizada em Castilho-Moraes de Castilho 1993. Outro paralelo é o uso do presente do indicativo, mais frequente nos textos baixamente informativos: Castilho 1984e. Finalmente, há a questão dos Advs mais decididamente orientados para o discurso, como os Modalizadores Pragmáticos. Menciono essa questão no item a seguir, por estar relacionada com a questão da incidência de umas classes sobre outras.

3. Papel semântico dos Advs. Defrontei-me com uma questão delicada, que é a da incidência do Adv sobre sua classe-sujeito. A questão da incidência espera ainda por uma teorização adequada, o que tem sido reconhecido pelos tratadistas. Ao indagar sobre as classes em que os Advs incidem, penso que dei uma resposta à questão dos significados gerados por eles. Os que tomam por sujeito apenas uma classe, engendram os significados unívocos, de base, e isto ocorre na maior parte das vezes. Aqueles que tomam por sujeito mais de uma classe dada no enunciado, engendram os significados plurívocos, o que implica em seu arranjo em mais de uma das grandes classes predicadoras aqui propostas. Tal é o caso de *realmente*, que pode ser Modalizador Epistêmico Asseverativo ou Qualificador Graduador. *Justamente* pode ser Qualificador Quase-Asseverativo ou Focalizador. O mesmo se dá com *exclusivamente* e *bem*. Estudos monográficos sobre outros itens poderiam agregar novas evidências a este tipo de explicação. Finalmente, os Advs que incidem sobre os participantes do discurso (isto é, os predicadores de dois lugares) ultrapassam o sistema

semântico e ingressam no sistema discursivo, liberando a força ilocucionária dessa classe, e complicando a análise mais propriamente sintática. Foi o que se viu no caso dos Modalizadores Intersubjetivos, que resistem à argumentação sintática disponível. Ainda com respeito à incidência, deve-se levar em conta o estatuto semântico da classe-sujeito, e suas consequências sobre o estatuto semântico dos Advs. Notei que a incidência sobre classes referenciais gera uma predicação de primeira ordem, ao passo que a incidência sobre classes predicativas gera predicações de segunda e de terceira ordem. Sobre isto se assenta a diferença entre Modalizadores, de largo espectro predicador, quanto comparados aos Qualificadores e aos Quantificadores, de alcance predicador mais pobre.

Outra questão semântica é a da composicionalidade entre os Advs e sua classe-sujeito. Os dados mostraram uma relação maiormente composicional (ou de "linking", na terminologia de Weinreich 1972). Pode-se, com segurança, afirmar que a contribuição semântica maior dos Advs Predicadores é a de adição de traços intensionais. Mas registraram-se também relações não-composicionais, seja nos casos de apagamento parcial de traços (os Qualificadores Aproximadores), seja nos casos de apagamento radical de traços (os Qualificadores Aspectualizadores).

Particularmente quanto ao Aspecto, a tese oferece elementos ao continuado debate que o assunto tem suscitado. Como se sabe, os estudos de Aspecto percorreram três momentos: (i) um mo-

mento semântico-lexical, quando se identificaram as "Aktionsarten" como um conceito distinto do "Aspekt"; esse momento ocorreu no século passado e começo deste, quando essa categoria foi identificada; (ii) um momento semântico-sintático, quando se buscou identificar o Aspecto nas relações composicionais desencadeadas pelo sentido lexical codificado no radical do verbo e os "acidentes" sentenciais, tais como flexão temporal, pluralização dos sintagmas nominais argumentais, ocorrência de adjuntos adverbiais, padrão sentencial em que ocorria o verbo; (iii) um momento textual, que ora estamos vivendo, no qual se tenta correlacionar a articulação discursiva com a emergência de determinados Aspectos. Ainda que com ênfase diferenciada, todos esses momentos foram considerados nesta tese, na descrição dos Advs Aspectualizadores.

4. Papel sintático dos Advs. A tese demonstrou que a predicação adverbial de primeira ordem se codifica sintaticamente através dos AdvC, ao passo que a predicação de segunda e de terceira ordens se codifica através dos AdvS. A distinção entre uns e outros nem sempre é demonstrável por meio de testes sintáticos,

> *"o que só pode ser feito, em última instância, com o uso da intuição do falante sobre os escopos semânticos destes advérbios"*,

como acertadamente observa Oliveira 1993: 105, que dedicou à questão um oportuno ensaio-crítico.

Quando à relação argumental entre os Advs e sua classe-sujeito, constatei a existência de (i) relação de hiperpredicação, maiormente desempenhada pelos Modalizadores, (ii) relação de adjunção, ocorrente na maior parte dos casos, quando não se identificam especificações sobre o Adv, e (iii) relação de quase-argumentalidade, entre alguns tipos de Qualificadores. Essas relações são assimétricas: o Adv subordina a classe-sujeito em (i), não desenvolve relações de dependência em (ii) e é dependente dela em (iii). Comparem-se o N e o Adv neste particular, e de novo se comprovará a enorme complexidade desta classe

Muitos mistérios guardam os Advs! Mas é chegada a hora de convidar mais pesquisadores, pois há muito ainda por fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS (*)

Akinnaso, F.N. 1982. On the differences between spoken and written language, Language and Speech 25: 97-125.

Alarcos Llorach, E. 1968. Estudios de Gramática Funcional del Español. Madrid, Gredos, 1970.

Apolonio Díscolo séc. I d.C. Sintaxis. Introdución, traducción y notas por Vicente Bécares Botas. Madrid, Gredos, 1987.

Arnauld e Lancelot 1671. Grammaire générale et raisonnée. Preface de Michel Foucault, nouvelle édition. Paris, Republications Paulet, 1969.

Austin, J.L. 1962. How to do things with words. Oxford, Oxford University Press.

Barbosa, J. S. 1803. Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, 7a. ed. Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências, 1881.

Barrenechea, A.M. 1969. Operadores pragmáticos de actitud oracional: los adverbios en -mente, in Juan M. Lope Blanch Org. Estudios sobre el Español Hablado. México, UNAM, 1982, pp. 313-332.

Barros, J. de 1536. Gramática da Língua Portuguesa. 4a. ed. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.

Bartsch, R. 1976. The Grammar of Adverbials. Amsterdam, North Holland.

Basílio, M. 1990. Flutuação categorial de base adjetiva no Português Falado, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 81-98.

--- 1991. Conversão adjetivo/advérbio em Português: um estudo de classes de palavras, Boletim da ABRALIN 11: 143-152.

--- Org. 1993. Gramática do Português Falado, vol. III. Campinas, Editora da UNICAMP.

Bécares Botas, V. 1987. Introducción, in Apolonio Díscolo séc. I d.C., pp. 9-70.

Bellert, O. 1977. On semantic and distributional properties of sentencial adverbs, Linguistic Inquiry 8 (2) 337-350.

Bello, A. 1883. Gramática de la Lengua Castellana. Santiago, Universidad de Chile.

Benveniste, E. 1959. Les rélations de temps dans le verbe français, Problèmes de langage. Paris, Gallimard, 1966, pp. 237-250.

Berruto, G. 1985. Per una caratterizzazione del parlato: l´italiano parlato ha un´altra grammatica?, in G. Holtus e E. Radtke (Eds.) - Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart. Tubingen, Narr, pp. 120-153.

Bezerra, A. M. C. 1978. A Forma Verbal em -ria no Português Culto de São Paulo. Mogi das Cruzes, UMC, Diss. de Mestrado.

Bierwisch, M. 1970. Semântica, em Lyons Org. 1970, pp. 161-178.

Blanche-Benveniste, C. et alii 1979. Des grilles pour le français parlé, Recherches sur le francais parlé 2: 163-205.
--- 1986. L´oralité, Boletim de Filologia 31: 87-95.
--- 1987. Place des analyses grammaticales dans le français parlé, com. ao Romanistentag, Freiburg, mimeo.
---, Deulofeu, J., Stefanini, J. et van den Eynde, K.1984. Pronom et syntaxe. L´Approche pronominale et son application à la langue française. Paris, SELAF.
--- et Jeanjean, C. 1987. Le Francais parlé. Paris, Didier.
--- Org. 1990. Le Francais parlé: études grammaticales. Paris, CNRS.

Bonfim, E.R.M. 1988. Advérbios. São Paulo, Atica.
--- 1991. Advérbios e pseudo-advérbios: aspectos relativos à sua posição na frase, Boletim da ABRALIN 11: 153-164.

Borillo, A. 1976. Les adverbes et la modalisation de l´assertion, Langue Francaise 30: 74-89.

Braga, M.L. 1986. Construções de tópico do discurso, in Naro Org. 1986, pp. 393-446.
--- 1990. A repetição na língua falada, comunicação ao Seminário sobre a Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.
--- 1992 - Sentenças clivadas e reiteração, comunicação ao Encontro Anual da ABRALIN, São Paulo, julho de 1992, ms.

Buhler, K. 1934. Teoria del Lenguaje. Madrid, trad. esp. de Julián Marías, 2a. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1961.

Bull, W. 1960. Time, tense and verb. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.

Busse, B. e Vilela, M. 1986. Gramática de Valências. Coimbra, Almedina.

Callou, D.M. I. Org. 1991. A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/FUJB, vol. I, Elocuções

Formais.
--- e Marques 1993. A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ/CAPES.

Carneiro, I. 1989. Um Recorte dos Advérbios em -mente. Contribuição para o estudo dos modalizadores sentenciais em Português. Assis, ILPHA/UNESP, Diss. Mestrado, mimeo.

Casteleiro, J.J. 1975. Aspectos da Sintaxe do Português Falado no interior do país, Boletim de Filologia 14 (1-4): 57-74.
--- 1982 - Análise gramatical dos advérbios de frase, Biblos 58: 99-110.

Castilho, A.T. 1968. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. Marília, FFCL, coleção de Teses.
--- 1978. A dimensão textual do verbo, Estudos Linguísticos [Anais do GEL] 2: 125-140.
--- 1981. O Projeto NURC e a sintaxe do verbo, in Estudos de Filologia e Linguística. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo, TAQ/EDUSP, pp. 269-288.
--- 1983. Variedades Conversacionais, Boletim da ABRALIN 5: 40-53.
--- 1984a. O presente do indicativo na oração e no texto, Actas del VII Congreso Internacional de ALFAL (Santo Domingo, Rep. Dominicana, 1984). Santo Domingo, Universidad Nacional Pedro Henríquez Ureña, 1987, vol. I, pp. 389-404.
--- 1984b. Ainda o Aspecto Verbal, Estudos Portugueses e Africanos 4: 9-36.
--- 1987a. Para o estudo das unidades discursivas no Português Falado, in Ataliba T. de Castilho Org. 1989, pp. 249-280.
--- 1987b. A elipse do sujeito no Português Culto Falado em São Paulo, Estudos Linguísticos 14: 32-40.
--- 1988. Para uma gramática do Português Falado, Revista Internacional de Língua Portuguesa 1: 1989, 37-48.
--- Org. 1989. Português Culto Falado no Brasil. Campinas, Editora da UNICAMP.
--- 1990. O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil, em D. Preti e H. Urbano Orgs. 1990, pp. 141-202.
--- 1993. Abordagem gramatical da repetição. X Congresso Internacional da ALFAL, Vera Cruz, México, ms. inédito.
--- Org. 1990. Gramática do Português Falado, vol. I, A Ordem. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990; 2a. ed., 1991.
--- (em preparação). Linguística Portuguesa.
--- (em andamento). Língua Falada e Ensino da Gramática.
--- et alii 1986. A Ordem do Sujeito Nominal no Português Falado de São Paulo. Campinas, ms. inédito.
--- e Preti, D. Orgs. 1986. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. I, Elocuções Formais. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.
--- e Preti, D. Orgs. 1987. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. II, Diálogos entre dois Informantes.

São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1990. Advérbios Modalizadores, em R. Ilari Org. 1992, pp. 213-260.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1993a. Adjetivos Predicativos. Letras 5: 122-141.
--- e Moraes de Castilho, C.M. 1993b. Adjectival Hedges in Brazilian Spoken Portuguese, em I.G.V. Koch und B. Schlieben-Lange Eds. - Linguistik in Brasilien, no prelo.

Chafe, W. 1970. Meaning and the Structure of Language. Chicago, The Chicago University Press.
--- 1976. Giveness, contrastiveness, definitiness, subjects and points of view, in C. Li Ed. 1976, pp. 25-55.
--- Ed. 1980. The Pear Stories. Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects of Narrative Production. Norwood, Ablex.

Chomsky, N. 1986. Knowledge of Language. Its nature, origins and use. New York, Praeger.

Cole, P. Ed. 1981. Radical Pragmatics. New York, Academic Press.

Comrie, B. 1976. Aspect. Cambridge, CUP.

Craig, C. Ed. 1986. Noun Classes and Categorization. Amterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.

Cunha, C. e Cintra, L.-F. 1985. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

Danjou-Flaux, N. & Gary-Prieur, M.-N. Orgs. 1982. Adverbes en -ment, manière, discours. Lille, Presses Universitaires de Lille.

Danon-Boilaeu, L. Org. 1976. Langages 43 [Modalités].

Dascal, M. Org. 1982. Fundamentos Metodológicos da Linguística. Campinas, edição do organizador, vol. III, Semântica; vol. IV, Pragmática.
--- 1984. Towards Psycho-Pragmatics, Investigaciones Semioticas 4: 145-159.
--- 1986. A relevância do mal-entendido, Cadernos de Estudos Linguísticos 11: 199-217.
--- 1987. Language and reasoning: sorting out socio-pragmatic and psychopragmatic factors, in J.C.Boudreaux, B.W. Hamil and R. Jernigan (Editors) - The Role of Language in Problem Solving 2. Amsterdam, Elsevier, pp.183-196.
--- 1991. Language use in jokes and dreams: sociopragmatics vs. psychopragmatics, mimeo.

Diez, F. 1876. Grammaire des langues romanes, 3ème. éd., trad. française. Paris, F. Vieweg Libraire-Éditeur.

Dik, S. 1978. Gramática Funcional. Madrid, Soc.Gen. Española de Librería SA, 1986.

Dillinger, M. 1991. Forma e função na Linguística, DELTA 7 (1): 395-407.

Dirven, R. and V. Fried Eds. 1987. Functionalism in Linguistics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

Duarte, M.E.C. 1989. Clíticos acusativos, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil, in F. Tarallo Org. 1989, pp. 19-34.

DuBois, J. W. 1980. Beyond definitiness: the trace of identity in discourse, W. Chafe Ed. 1980, pp. 203-274.
--- 1985. Competing Motivations, em J. Haiman Ed. 1985, pp. 343-365.
--- 1987. The discourse basis of Ergativity, Language 64 (4): 805-855.

Ducrot, O. 1980. Princípios de Semântica Linguística. São Paulo, Cultrix.

Dutra, R. 1990. A repetição oracional como elemento de coesão nas narrativas orais: estrutura e entoação, com. ao Seminário sobre Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.

Enkvist, N. 1982. Notes on valency, semantic scope and thematic perpective as parameters of adverbial placement in English, in N. Enkvist and V. Kohonen Eds. 1982 - Approaches to Word Order. Abo, Abo Academi, pp. 51-74.

Fávero, L. e Urbano, H. 1989. Perguntas e respostas na conversação à luz dos materiais do NURC/SP, Estudos Linguísticos 20: 1991, 438-445.

Francard, M. 1990. Le français parlé des corpus oraux, com. ao Colóquio "Données orales et théorie linguistique", Gand, 17-18 de maio de 1990, mimeo.

Franchi, C. 1976. Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. Campinas, UNICAMP, Tese de Doutoramento, mimeo.
--- 1981. Relatório de Atividades de Pós-Doutoramento na Universidade da Califórnia em Berkeley. Mimeo.
--- 1991. Concepção de E-Gramática, conferência pronunciada no Dep. de Linguística da UNICAMP, 26.9.1991.

Fraser, B. 1980. Conversational mitigation, Journal of Pragmatics 4: 341-350.

Fuchs, C. 1982. La Paraphrase. Paris, PUF.

Galves, C. 1984. Pronomes e categorias vazias em Português do Brasil, Cadernos de Estudos Linguísticos 7: 107-136.
--- 1988. Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do Português do Brasil, DELTA 4 (2): 273-290.

Garcia, E. 1979. Discourse without syntax, em Givón Ed. 1979, pp. 23-49.

Garey, H. B. 1957. Verbal aspect in French, Language 33: 91-110.

Gary-Prieur, M.-N. 1982. Adverbes de manière: que signifie cette étiquette ?, em Danjou-Flaux & Gary-Prieur Orgs. 1982, pp. 13-24.

Givon, T. 1979. On Understanding Grammar. New York, Academic Press.
--- Ed. 1979. Discourse and Syntax, Syntax and Semantics, vol. 12, New York, Academic Press.
--- 1981. Logic vs. Pragmatics, with natural language as reference, Journal of Pragmatics 6: 81-133.
--- Ed. 1983. Topic Continuity in Discourse: a qualitative cross-language study. Amsterdam, John Benjamins.
--- 1984. Syntax: a functional-typology introduction. Amsterdam, John Benjamins, vol. I.
--- 1986. Prototypes: between Plato and Wittgenstein, Colette Craig Ed. 1986, pp. 77-102.

Gleason, H.A. 1955. Introduction à la linguistique, trad. francesa de F. Dubois-Charlier. Paris, Larousse, 1969.

Guasti, M.T. 1991. La struttura interna del sintagma aggetivale, em L. Renzi e G. Salvi Org. 1991, pp. 321-340.

Grimes, J. 1975. The Thread of Discourse. The Hague, Mouton.

Haiman, J. Ed. 1985. Iconicity in Syntax. Amsterdam, John Benjamin.

Halliday, M.A.K. 1966-1967. Notes on transitivity and theme in English, Journal of Linguistics 2: 1966, 37-81; 3: 1967, 199-244; 3: 1968, 179-215.
--- 1974. Os usuários e os usos da língua, em M. A.K. Halliday, A. MacIntosh e P. Strevens - As Ciências Linguísticas e o Ensino de Línguas. Petrópolis, Vozes, pp. 98-135.
--- 1985. An Introduction to Functional Grammar. London, Edward Arnold.
--- and Hasan, R. 1976 Cohesion in English. London, Longmans.

Harris, Z.S. 1951. Structural Linguistics. Chicago, The University of Chicago Press, 1969.

Hilgert, J.G. 1989. A Paráfrase. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento, mimeo.

Hockett, C.F. 1958. - Curso de Linguística Moderna, trad. esp. de Emma Gregores y Jorge Alberto Suárez. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

Hopper, P.J. 1979. Aspect and foregrounding in discourse, Syntax and Semantics 12: 213-241.

--- Ed. 1982. Tense-Aspect: Between Semantics & Pragmatics. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.

Hopper, P.J. and Thompson, S.A. 1980. Transitivity in grammar and discourse, Language 56: 251-299.

--- 1984. The discourse basis for lexical categories in Universal Grammar, Language 60 (4): 703-752.

Ilari, R. 1986. Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa. Campinas, Editora da UNICAMP; 2a. ed., 1992.

--- et alii 1989. Considerações sobre a posição dos advérbios, in A.T. de Castilho Org. 1990, pp. 63-142.

--- 1990a. Sobre os advérbios focalizadores, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 151-192.

--- 1990b. Sobre os advérbios aspectuais, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 193-212.

--- Org. 1992. Gramática do Português Falado, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP.

--- 1992. Propriedades extensionais e intensionais dos adjetivos, VI Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, mimeo.

--- et alii 1993. Adjetivos e substantivos: uma ou duas classes ? Com. apresentada ao VII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado, mimeo.

Jacobsson, B. 1977. Adverbs, prepositions and conjunctions in English: a study in gradience, Studia Linguistica 31 (1): 38-64.

Jakobson, R. 1957. Shifters, verbal categories and the Russian verb, Selected Writings. The Hague, Mouton, vol. II, 1971, pp. 130-147.

Jackendoff, R. 1972. Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, MIT Press.

--- 1990. Semantic Structures. Cambridge, The MIT Press.

Jespersen, O. 1924. La Philosophie de la grammaire. Paris, Les Éditions de Minuit, 1971.

Jubran, C.C.A.S. et alii 1992. Organização tópica da conversação, em Ilari Org. 1992, pp. 359-439.

Kates, C.A. 1980. Pragmatics and Semantics. Ithaca, Cornell University.

Kato, M. 1982. A ordem Adj+N e a harmonia transcategorial. Comunicação apresentada no VII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, PUCRJ, publicado em Letras e Letras 4, 1/2: 205-214.

--- 1987. A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em Português, Estudos Linguísticos 15: 213-221.

--- 1989. Mini-orações em português. Comunicação apresentada ao III Encontro da ANPOLL, São Paulo.

--- e Castilho, A.T. 1991. Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador ?, DELTA 7 (1): 409-424.

--- Org. em andamento. Gramática do Português Falado, vol. IV.

Katz, J. 1972. O Escopo da Semântica, em Dascal Org. 1982, vol. III, pp. 43-61.

Kay, P. 1983. Linguistic competence and folk theories of language: two English Hedges, em Proceedings of the Ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley, pp. 128-137.

Klum. A. 1961. Verbe et adverbe. Stockholm, Almqvist & Wiksell.

Koch, I.G.V. 1984. Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez Editora.

--- 1990. Reflexões sobre a repetição, com. ao Seminário sobre Repetição, Belo Horizonte, dezembro de 1990, ms. inédito.

--- 1992. A repetição como mecanismo estruturador do texto falado. Campinas, Dep. de Linguística da UNICAMP, ms. inédito.

Kovacci, O. 1972. Modificadores de modalidad, Romanica 2: 177-190, republicado em Estudios de Gramática Española. Buenos Aires, Hachette, 1986, pp. 89-102.

Labov, W. 1972. Sociolinguistics Patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

--- 1987. The overestimation of Functionalism, in R. Dirven and V. Fried Eds. 1987, pp. 311-332.

Lakoff, G. 1975. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts, in Papers from the Eigth Regional Meeting. Chicago, Chicago Linguistic Society, pp. 183-227.

--- 1982. Categories: an essay in Cognitive Linguistics, em Linguistics in the Morning Calm. Selected Papers from SICOL-1981. Seoul, Hanshin Publishing Co., pp. 139-209.

Lavandera, B. 1984. Tensión entre el personal y el impersonal en la organización del discurso, em Variación y Significado.

Buenos Aires, Hachette, pp. 101-124..

Leech, G. 1974. Semantics. Harmondsworth, Penguin Books.

Lemle, M. 1984. Análise Sintática. São Paulo, Atica.
--- e Naro, A.J. 1977. Competências Básicas do Português. Rio de Janeiro, MOBRAL.

Lemos, C.T.G. 1987. Ser and estar in Brazilian Portuguese with particular reference to child language acquisition. Tubingen, Gunter Narr.

Levinson, S. 1983. Pragmatics. Cambridge, CUP.

Li, C.N. Ed. 1976. Subject and Topic. New York, Academic Press.

Lobato, L.M.P. 1986. Sintaxe Gerativa do Português. Belo Horizonte, Vigília.

Lobato, L.M.P Org. 1977. A Semântica na Linguística Moderna. O Léxico, seleção, introdução e revisão técnica. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.
--- 1989. Advérbios e preposições, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, DELTA 5 (1), 101-120.

Luft, C.P. 1976. Moderna Gramática Portuguesa. Porto Alegre, Editora Globo.

Lyons, J. Org. 1970. Novos Horizontes em Linguística. São Paulo, Editora Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
--- 1977. Semantics. London, Longmans, 2 vols.

MacLennan, L.F. 1962. El Problema del Aspecto Verbal. Madrid, Gredos.

Marcuschi, L.A. 1986. Análise da Conversação. São Paulo, Atica.
--- 1987. Marcadores conversacionais do português brasileiro, in Ataliba T. de Castilho Org. 1989, pp.281-321.
--- 1988. Análise da Conversação e análise gramatical, Boletim da ABRALIN 10: 1991, 11-34.
--- 1992a. A Repetição na Língua Falada. Formas e Funções. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Tese para Concurso de Professor Titular.
--- 1992b. O tratamento da oralidade no ensino de língua, comunicação ao Encontro Anual da ABRALIN, São Paulo, ms. inédito.

Matos, F.G. de 1982. A Descrição e o uso de intensificadores no ensino de Português, ms. a sair em Hispania.

Mira Mateus, M.H. et alii 1983. Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra, Almedina; 2a. ed. rev. e aum., Lisboa, Caminho, 1989.

Molinier, C. 1982. Les adverbes de fréquence en français, em Danjou-Flaux & Gray-Prieur Orgs. 1982, pp.91-104.

Monteiro, J.L 1991. - O Pronome Pessoal no Português Falado. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutoramento, mimeo.

Moraes de Castilho, C.M. 1991. Os Delimitadores no Português Falado no Brasil. Campinas, UNICAMP, Dissertação de Mestrado, mimeo.

Morris, C.W. 1938. Foundations of the Theory of Signs. Chicago, The University of Chicago Press.

Nakajima, H. 1982. The V4 system and bounding category, Linguistic Analysis 9 (4), 341-378.

Napoli, D.J. 1989. Predication Theory. A case study for indexing theory. Cambridge, CUP.

Naro, A. J. Org. 1986. Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Censo à Educação. Relatório final à FINEP. Rio de Janeiro, UFRJ, 3 vols., mimeo.

--- e Votre, J.S. 1992. Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma, DELTA 8 (2) 285-290.

Nascimento, M.F.B. do 1987. Contribuição para um Dicionário de Verbos do Português. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

--- et alii 1984-1987. Português Fundamental. Lisboa, INIC, Vol. I, Tomo 1 [Vocabulário], 1984; vol. II, Métodos e Documentos, Tomo 1 [Inquéritos de Frequência], 1987, Tomo 2 [Inquéritos de Disponibilidade], 1987.

Nascimento, M. do 1990. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua, DELTA 6 (1): 83-98.

Nebrija. A. de 1492. Gramática de la Lengua Castellana. Edición preparada por Antonio Quilis. Madrid, Editora Nacional, 1980.

Neves, M. H. M. 1987. A Vertente Grega da Gramática Tradicional. São Paulo, Hucitec/Editora da Universidade de Brasília.

--- 1990. Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo, in Rodolfo Ilari Org. 1992. pp. 261-296.

Nolke, H. 1983. Les adverbes paradigmatisants: fonction et analyse. Copenhague, Etudes Romanes de l'Université de Copenhage.

Ochs, E. 1979. Planned and unplanned discourse, Syntax and Semantics 12: 51-80.

Oliveira, F. D' 1536. A "Grammatica" de Fernão D'Oliveira. Texto reproduzido do da 1a. ed. por Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro, s/ed., 1954.

Oliveira, G. J. 1993. Os Advérbios sentenciais e os testes sintáticos, Letras 5: 101-121.

Oliveira, M.A. 1990. Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no Português Falado, in Rodolfo Ilari (Org. 1992), pp. 297-304.

Omena, N. 1978. - Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: formas variantes na função acusativa. Rio de Janeiro, PUC-RJ, Diss. de Mestrado, mimeo.

Pécora, A.A.F. 1980. Problemas de Redação na Universidade. Campinas, Editora da UNICAMP

Pereira, E.C. 1933. Grammatica Historica. 8a. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Perini, M. 1980. O papel da repetição no reconhecimento de sentenças, Ensaios de Linguística 3: 111-123.
--- 1989. Sintaxe Portuguesa. São Paulo, Atica.

Pezatti, E. G. 1992. A Ordem de Palavras em Português: aspectos tipológicos e funcionais. Araraquara, UNESP, Tese de Doutoramento, mimeo.

Pinto, E.P. Org. 1978. O Português do Brasil: Textos Críticos e Teóricos. São Paulo, EDUSP, vol. I: 1920-1930.
--- Org. 1981. O Português do Brasil: Textos Críticos e Teóricos. São Paulo, EDUSP, vol. II: 1930-1945.

Pinto, M.J. 1977. Análise Semântica de Línguas Naturais: Caminhos e Obstáculos. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Pontes, E. 1987. O Tópico no Português do Brasil. Campinas, Pontes.

Possenti, S. 1988. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo, Martins Fontes.
--- 1990. Ordem e interpretação de alguns advérbios do Português, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 305-314.

Preti, D. e Urbano, H. Orgs. 1988. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. III, Diálogos entre o informante e o documentador. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.
--- Orgs. 1990. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. IV, Estudos. São Paulo, T.A.Queiroz/FAPESP.

Prince, E. 1981. Toward a taxonomy of given-new information, em P. Cole Ed. 1981, pp. 223-256.

Quirk, R., Greembaum, S, Svartvik, J. and Leech, G. 1985. A Comprehensive Grammar of the English Language. London, Longman.

Rajagopalan, K. 1992. A insustentável seriedade da leveza: uma análise desconstrutivista de J.L.Austin, DELTA 8 (2): 291-302.

Ramos, J. 1984. Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições do Estilo Falado. Belo Horizonte, UFMG, Diss. de Mestrado, mimeo.

Renzi, L Org. 1988. Grande grammatica italiana di consultazione. Bologna, Il Mulino, vol. I.

Renzi, L. e Salvi, G. Org. 1991. Grande grammatica italiana di consultazione. Bologna, Il Mulino, vol. II.

Rodrigues, A.C.S. 1987. A Concordância Verbal no Português Popular de São Paulo. São Paulo, Universidade de São Paulo, Tese de Doutoramento, mimeo.

Saussure, F. 1917. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Cultrix, 1972.

Scherre, M.M.P 1988. Reanálise da Concordância Nominal em Português. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutoramento, mimeo.

Searle, J.J. 1969. Speech Acts: an essay in the Philosophy of Language. Cambridge, CUP.

Silva, W.A. e Faccio, L. 1978. O pronome pessoal no português culto de São Paulo, Estudos Linguísticos 4: 198-221.

Souza, C.N.R. 1990. Reiteração e paráfrase em estruturas paralelas. Belo Horizonte, Seminário do GT de Análise da Conversação da ANPOLL, ms. inédito.

Sten, H. 1953. Les temps du verbe fini (Indicatif) en francais moderne. Kobenhavn, Det Kongelige Danske Videnskabernes Selkab.

Tannen, D. 1987. Repetition in Conversation: toward a poetics of talk, Language 63: 574-605.

--- 1989. Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in conversational Discourse. Cambridge, CUP.

Tarallo, F. 1983. - Relativization Strategies in Portuguese. Philadelphia, University of Pennsylvania, Ph.D. Thesis.

--- Org. 1989. Fotografias Sociolinguísticas. Campinas, Pontes.

--- , Kato, M. et alii 1989. Rupturas na ordem de adjacência canônica no português falado, in Ataliba T. de Castilho Org. 1990, pp. 29-62.

--- , Kato, M. et alii 1990. Preenchedores em fronteiras de constituintes, in Rodolfo Ilari Org. 1992, pp. 315-356.

Touratier, C. 1989. Signification et structure du SN, Travaux [Cercle Linguistique d´Aix-en-Provence] 7: 39-56.

Travaglia, L.C. 1989. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação, Letras & Letras 5 (1 e 2): 5-61.

Vogt, C. 1977. O Intervalo Semântico. São Paulo, Atica.

--- 1989. Linguagem, Pragmática e Ideologia. 2a. ed. São Paulo, Hucitec.

Weinreich, U. 1972. Pesquisas em teoria semântica, in L.M.P. Lobato Org. 1977, pp. 165-273.

Weinrich, H. 1964. Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. Madrid, Gredos, 1967.

Welke, D. 1986. La semi-interpretativité dans les transcriptions en Analyse Conversationnelle et Pragmatique Linguistique: travaux américains et allemands", DRLAV 34/35: 195-213.

(*) As entradas tomam em conta a data de redação do documento, sempre que foi possível identificá-la. Nesse caso, a data da entrada pode diferir da data de imprenta.

Marantz – Grammatical
Relations, 1984 (π ind. comple)

cf Wolkenstein